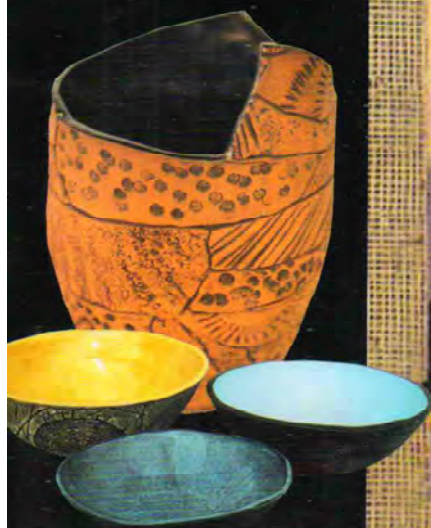


água da fonte

Edição especial
150
PASSO FUNDO 1857-2007



Água da Fonte. V.1 (2003) - - Passo Fundo
Academia Passo-Fundense de Letras, 2003 -

Semestral.

ISSN 1980-2986

1. Literatura. I. Academia Passo-Fundense de Letras (Passo Fundo, RS).

CDD 800



Fundada em
7 de Abril de 1938

Av. Brasil Centro, 792 - Sede Própria
99010-001 Passo Fundo, RS

Presidente:

Antônio Augusto Meirelles Duarte

Vice-presidente:

Paulo Domingos da Silva Monteiro

Secretária geral:

Santina Rodrigues Dal Paz

Tesoureiro:

Welci Nascimento

Membros efetivos:

Alberto Antonio Rebonatto

Alori Batista Castilhos

Ana Carolina Martins da Silva

Antônio Augusto Meirelles Duarte

Carlos Alceu Machado

Carlos Roberto da S. Hecktheuer

Craci Teresinha Ortiz Dinarte

Dilse Piccin Corteze

Daniel Viuniski

Edgar Oliveira Garcia

Elisabeth Souza Ferreira

Euripedes Facchini

Francisco M. Garcia (Xico Garcia)

Getulio Vargas Zauza

Gilberto Rocca da Cunha

Helena Rotta de Camargo

Hugo Roberto Kurtz Lisboa

Irineu Gehlen

Jabs Paim Bandeira

Jorge Alberto Salton

Jurema Carpes do Valle

Luiz Juarez Nogueira de Azevedo

Marco Antonio Damian

Milton Guimarães da Silva

Ney Eduardo Possapp d'Ávila

Osvandré Lech

José Antonio Machado (Pablo Morenno)

Paulo Domingos da Silva Monteiro

Pedro Ari Veríssimo da Fonseca

Ricardo José Stolfo

Rogério Sikora

Romeu Carlos Alziro Gehlen

Santina Rodrigues Dal Paz

Santo Claudino Verzeleti

Selma Costamilan

Welci Nascimento

Editorial

O reconhecimento da literatura local

Quando a Academia Passo-Fundense de Letras desenvolve as comemorações do seu 70º aniversário, que transcorre no dia 7 de abril de 2008, cabe uma reflexão sobre a importância do próximo jubileu.

Em 1938, Passo Fundo reivindicava a criação de uma universidade. A idéia vicejou no seio do sodalício, como testemunha um amarelado telegrama do Ministério da Educação e Cultura, durante o último governo de Getúlio Vargas, guardado nos arquivos da Academia, o qual abria o processo de criação da Universidade de Passo Fundo. O Movimento Tradicionalista Gaúcho também nasceu entre as velhas paredes da Avenida Brasil, que abrigam os “imortais de Passo Fundo”.

Ali vicejaram e vicejam tantas idéias e iniciativas, seguindo uma tradição que vem do século 19, com o “Clube Amor à Instrução”.

Colunas em jornais, programas de rádio, anuários, revistas e, agora, até um programa de televisão, em parceria com a Câmara Municipal, materializam iniciativas práticas, ao longo de quase sete décadas. Iniciativas que, modestamente, contribuíram para manter, estimular e fortalecer o amor ao que os latinos de Quintiliano definiam como *litteratura*.

A Academia Passo-Fundense de Letras continua cumprindo suas funções precípuas, divulgando a literatura local, abrindo sua sede para o lançamento de obras, inclusive de autores regionais, proporcionando espaços para que os escritores se tornem conhecidos da população. E tem-se constatado que os li-

teratos da Capital Nacional da Literatura nada ficam a dever aos escritores de quaisquer pontos do país.

“A literatura é o conjunto da produção escrita” é um chavão que perpassa os manuais de teoria literária. E, em sendo admitido como verdadeiro, a “produção literária” passo-fundense é rica e variada. Poetas, romancistas, contistas, cronistas e autores especializados de todo o jaez vivem e produzem suas obras na terra das Jornadas Literárias. Temo-los de todas as idades, como documenta a leitura da *Água da Fonte*, a revista da Academia Passo-Fundense de Letras.

O que falta à literatura local é exatamente o que os acadêmicos têm procurado suprir: divulgação. As novas técnicas de impressão facilitam a publicação de livros. Urge que os autores locais sejam conhecidos; que a produção literária chegue aos leitores.

A XXª Feira do Livro de Passo Fundo, no final do ano passado, testemunhou o que afirmamos. Mesmo sem divulgação institucional, escritores locais, pela primeira vez, desbancaram autores, por motivos óbvios, consagrados pelos grandes meios de comunicação e mega-eventos culturais.

Autores independentes, editoras privadas e instituições, como a Embrapa, a UPF, a FAPLAN, o IMED e o IFI-BE estão conseguindo visibilidade para os escritores locais. E a Academia Passo-Fundense de Letras, no alvorecer dos seus sessenta e nove anos de existência, pode orgulhar-se de contribuir para a pujança literária da terra de Manuel José das Neves.

ISSN 1980-2986

Água da Fonte, Passo Fundo, v. 4, n. 5, jun. 2007

Revista da Academia Passo-Fundense de Letras

Editores: Gilberto R. Cunha e Paulo Monteiro

Conselho editorial: Getulio Vargas Zauza, Helena Rotta de Camargo, Jurema Carpes do Valle, Pedro Ari Veríssimo da Fonseca, Santana R. Dal Paz, Santo Claudino Verzeleti e Welci Nascimento.

Arte-final e diagramação: Everaldo Siqueira

Capa: Mara de Castro

Tiragem: 1.000 exemplares

A Academia Passo-Fundense de Letras não se responsabiliza pelos conceitos e opiniões emitidos em textos assinados.



Academia na Televisão

Uma parceria estabelecida entre a Câmara Municipal de Passo Fundo e a Academia Passo-Fundense de Letras criou o programa Literatura Local, que está sendo levado ao ar pela NET, Canal 16, TV Câmara.

No programa estão sendo apresentadas entrevistas com escritores e intelectuais passo-fundenses, divulgando a produção literária da cidade reconhecida como "Capital Nacional da Literatura".

A apresentação está a cargo de integrantes da Academia Passo-Fundense de Letras e são entrevistados pertencentes ao quadro do sodalício e também não integrantes da Academia.

O objetivo do programa *Literatura Local* é o mesmo da revista *Água da Fonte*: cumprir os objetivos estatutários da Academia, divulgando a literatura passo-fundense.

Ao que se sabe, *Literatura Local* é o único programa produzido por uma Academia de Letras, o que valoriza a função social da TV Câmara.

Revolta dos Motoqueiros

Leandro Dóro, colaborador da revista *Água da Fonte*, é autor da *Revolta dos Motoqueiros*, novela inspirada num dos mais graves incidentes da história passo-fundense.

A partir da morte de um motociclista, por uma patrulha da Brigada Militar, em 1979, ocorreram manifestações de massa, que acabaram resultando em mais duas mortes de civis, em plena Avenida Brasil.

Leandro Dóro reconstrói, ficcionalmente, os incidentes e seus desdobramentos, num livro que está agradando aos leitores.

Biblioteca Pública



A Biblioteca Pública Municipal realizou e abrigou, durante a Semana do Município, de 1ª a 7 de agosto/2006, uma série de eventos culturais.

Entre eles podem ser destacados uma exposição de sombrinhas intitulada *Memórias Guardadas*, da artista Cleci da Silva, passo-fundense residente em Cruz Alta; e a de cartões postais mandados imprimir pelo escritor João Simões Lopes Neto, o maior regionalista brasileiro. Também foi realizado um sarau artís-

tico-cultural, com a presença de escritores locais; ainda houve uma exposição de parte do acervo do Museu do Imigrante, organizada e apresentada pelo acadêmico Santo Verzeletti.

Oito escolas de Passo Fundo e Coxilha levaram seus alunos para conhecer as exposições. O livro de presenças registrou assinaturas de 3.642 visitantes, muitos vindos de outras cidades, especialmente para conhecer os objetos expostos.

Errata

Revista *Água da Fonte*, ano 3 – n.º 4 – abril de 2006.

Na página 95, no artigo "Preservando a memória dos marcos históricos do Pulador", o correto é:

"Na referida batalha se chocaram as forças de **Gumerindo Saraiva** e as de **Prestes Guimarães**, pela parte dos revolucionários, contra os soldados do **General Lima, Firmino de Paula e Coronel Santos Filho**, representando as forças do governo."

Viagem no Tempo



A passo-fundense Zélia Vasconcellos Machado, neta do ex-intendente (prefeito) Pedro Lopes de Oliveira (coronel Lólico) escolheu a

sede da Academia Passo-Fundense de Letras para o lançamento do livro *Viagem no Tempo - Da Europa aos primórdios de Passo Fundo*, editado pela Razão Bureau Editorial, de Porto Alegre.

Combates da Revolução Federalista em Passo Fundo

Depois de seis anos pesquisando os combates travados no município de Passo Fundo durante a Revolução Federalista (1893/1895), o acadêmico Paulo Monteiro publicou *Combates da Revolução Federalista em Passo Fundo*.

A repercussão do livro foi intensa, tanto que foi o mais vendido durante a XX Feira do Livro de Passo Fundo. Pela primeira vez um autor local conseguiu essa proeza. Distribuidoras da Capital se interessaram pelo livro e uma delas chegou a solicitar cinquenta exemplares de uma única vez.



Jabs Paim Bandeira



O acadêmico Jabs Paim Bandeira está se destacando nos meios literários passo-fundenses, ao publicar, num hiato de poucos meses, dois livros. O primeiro

deles foi *Fazendo Amor Falado*, reunindo poemas líricos que o autor escreveu nos últimos anos. O segundo, *A Batalha do Pulador*, é uma coletânea de textos sobre a mais sangrenta batalha da Revolução Federalista, que foi travada em solo de Passo Fundo, no dia 27 de junho de 1894, onde aquele conflito foi decidido.

A partir da Batalha do Pulador, o que se viu foi o mais combativo exército revolucionário, já sob o comando

dos generais Gomercindo Saraiwa e Antônio Ferreira Prestes Guimarães, em busca desesperada da Fronteira para emigrar.

Xico Garcia

O acadêmico Xico Garcia lançou o CD *Reflexos da Vida*, reunindo diversas composições, todas de sua própria lavra, como *O Tempo* e *Mãe e Terra Querência*. O sucesso é de tal intensidade que ele está com a agenda superlotada para vários meses.

Picanhas

Hilton Luiz Araldi, que, junto com seus companheiros do Grupo Cultural e Tradicionalista Cavaleiros do Planalto Médio, sempre tem prestigiado a Academia Passo-Fundense de Letras, lançou *Picanhas*, livro com uma centena de receitas de picanha, uma das carnes mais nobres e procuradas nas churrascarias. A obra atesta a diversidade da produção em livro pelos autores locais.

História da Faculdade de Medicina

O médico Carlos Antonio Madalosso e o jornalista Ivaldino Antonio Tasca publicaram, pela Aldeia Sul Editora, *Medicina da UPF: Apontamentos sobre sua trajetória*. O livro historia a luta pela instalação e registro da Faculdade de Medicina da Universidade de Passo Fundo, que hoje é referência em termos educacionais, não apenas no Brasil, como no exterior.

Alori Castilhos

Integrante da nova safra de acadêmicos, Alori Castilhos estreou em livro com *Causos de um Serrano*, onde reúne uma série de causos publicados na imprensa de Passo Fundo.

Alori Castilhos garante que todos os causos são verídicos e que apenas trocou os nomes de pessoas, para não ferir suscetibilidades.

O autor preferiu não fazer um lançamento formal do livro, mas a repercussão e aceitação dos *Causos de um Serrano* têm sido muito grandes. Também é muito grande a cobrança para que o autor enfeixe em volume os outros "causos", que já estão escritos, alguns dos quais já divulgados na imprensa.

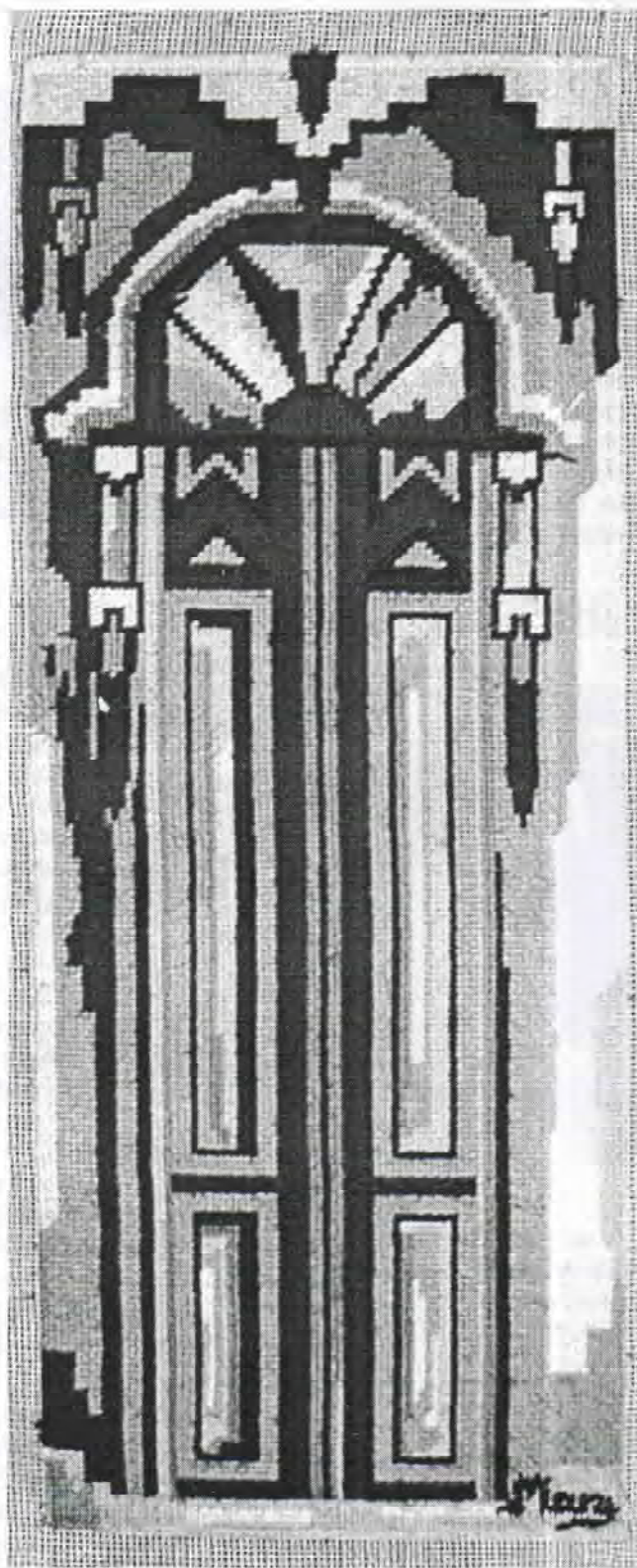
Livro sobre o sesquicentenário

Causou verdadeira mobilização entre a comunidade passo-fundense o projeto intitulado *Os Cento e Cinquenta Momentos Mais Importantes da História de Passo Fundo*, que vai resultar num livro, reunindo os acontecimentos considerados mais representativos ocorridos no território passo-fundense, nos último cento e cinquenta anos.

Os momentos ou fatos foram obtidos mediante questionário distribuído a pessoas da comunidade, escolhidas pelos membros da Academia Passo-Fundense de Letras.

Sumário

Editorial	1
Informe acadêmico	2
O centenário do maior poeta gauchesco de Passo Fundo	5
A casa tomada: uma aula de psiquiatria	9
Deus e o Diabo no caminho de Woo Suk Hwang	10
Alady Berlese de Lima: um homem singular	12
Numa certa esquina	18
Destaques da literatura local em 2006	20
Os Messias no Império Romano	24
O livro das mil e uma traduções	28
O mito do amor romântico	30
Ontem e hoje	31
Maria Pequena, a Mata Hari passo-fundense	32
A caneta e o microfone	33
A lenha	34
O humano feminino: evolução e degeneração	36
Mara de Castro Tasca e a arte do cotidiano	37
Arquivos do fim	38
Os 69 anos da Academia de Letras	39
O bondoso Dorival Guedes	40
O lutador e a vida	45
O professor "Casquinha"	46
Meu amor pela Feira do Livro	47
O presente	48
Ginástica engorda	49
A escolha	50
Can e Gati	51
Luz e treva	51
O mundo inquietante e a família	52
A revolução sexual: uma fábula sobre a relatividade dos conceitos	53
Acarício a pele do vidro	54
Os 150 momentos mais importantes da história de Passo Fundo	56
Antonina Xavier e Oliveira: vida e obra	58
A ilha da paz	58
O romance de um romance	60
Cientistas no divã	62
Passo Fundo acolhe os alemães	64
Impermanência	65
A musa da emoção	66
Lembranças da escola	67
A poesia lírica de Jane Pimentel	68
O patriarca esquecido	69
A crise na educação e no ensino	70
Dados biográficos do Dr. Telmo Ilha	71
A aposentadoria espontânea	72
Majestade perdida	73
Bussunda: esta não foi engraçada!	74
Entrevista com Paulo Giongo	75
O "matemático" Jorge Luis Borges	79
Passo Fundo e sua vocação para o turismo	80
Noite caudalosa	81
Antes que a carroça retorne	82
Pausa para meditação	83
A poesia popular de Xiko Garcia	84
Ode aos 150 anos de Passo Fundo	86
A educação do sentimento	90
Uma questão de saúde pública e educação	92
Menção à Campanha da Fraternidade	95
Poesia na Feira do Livro	96
Desabafo no reino da vassoura	97
De mulher para mulher	99
Pindaro Annes: santo de casa também faz milagre	100
Contexto histórico-cultural da Batalha do Pulador	103
Somos diferentes?	106
Vida e obra de Euclides da Cunha	108
Comício de espíritos	110
Revolução Federalista ao alcance de todos	112
Istambul – a pérola de dois continentes	116
Roda d'água	118
A esperança na sarjeta	119
O ensino da história: preocupação com uma história revisada	120
Eu vi o Diabo	122
Educação brasileira: alguns dos caminhos percorridos	126
Machado de Assis um mestre da literatura	130
Rio Pardo heróico	134
Metamorfoses da luz	138
O número 88	140
Revolta dos Motoqueiros	145
O professor e o menino burrinho	146
Que é um intelectual?	152



Porta da Academia Passo-Fundense de Letras (tapeçaria)
Mara de Castro

1906-2006: O centenário do maior poeta gauchesco de Passo Fundo

PAULO MONTEIRO

Tenebro dos Santos Moura é uma unanimidade. Todos o consideram o mais importante poeta gauchesco de Passo Fundo, apesar de aqui não ter nascido. Autor de um único livro de poemas, *Querência*, que mereceu duas edições, em 1985 e 1987 - embora a segunda tenha saído com data da anterior - ambas pela Editora Berthier, de Passo Fundo. Pretendia publicar um livro com pequenos contos regionais, muitos deles baseados em fatos verídicos, que receberia o título de *Histórias de Galpão*.

O seu centenário de nascimento passou despercebido. Nada mais injusto, pois ele, durante quase meio século, foi a presença viva da poesia gauchesca em Passo Fundo. Falar em poesia crioula ou poesia gauchesca era falar em Tenebro dos Santos Moura. Esse esquecimento, porém, já se processava em vida. Era convidado para recitar seus inconfundíveis poemas em reuniões políticas. Mas esses seus "admiradores", ao passarem por repartições públicas que tinham dinheiro para editar seus poemas, não o fizeram. Honra se faça aos bicheiros de Passo Fundo, que patrocinaram e entregaram ao poeta todos os volumes das duas edições de seu livro. Isto que Passo Fundo sempre se considerou a "Cidade Mais Gaúcha do Estado" e hoje é a "Capital Nacional da Literatura"...

O poeta nasceu em Palmeira das Missões, a 21 de março de 1906, filho de Vicente Martim de Moura e Maria Cândida dos Santos Moura. Em 1924, fez parte das forças que, combatendo o Tenentismo, ocuparam a cidade de São Paulo. Pertenceu ao Partido Li-



Tenebro, o brigadiano

bertador (PL), herdeiro político do velho federalismo de Gaspar da Silveira Martins. Em 1930, participou do movimento que culminou com a posse de Getúlio Vargas na Presidência da República.

Naquele ano, em São Paulo, nas trincheiras das forças rio-grandenses-do-sul, escreveu seu primeiro poema, *Palmeira*. Inspirou-lhe a saudade, sentimento que, segundo Napoleão Mendes de Almeida, um dos maiores gramáticos brasileiros de todos os tempos, apenas pode ser expressado através da palavra que é um idiotismo, porque só existe na língua portuguesa. Eis os versos escritos sob o fogo das tropas paulistas:

Palmeira

(Para meu velho amigo e
conterrâneo Max Teixeira)

*A Saudade é o chimarrão
Que hoje longe do pago
Vou sorvendo trago a trago,
Pra aliviar o coração.
Amargo que eu acho doce,
Vício de guasca, distante,
Que não esquece um instante
O seu amado torrão.*

*Tenho saudade de tudo
Que lá tão longe deixei,
Das coisas lindas que amei
De tudo o que o pago encerra,
Do grito do quero-quero
Anunciando o viajante
E do gemido da fonte,
Que sai da boca da serra.*

*Dos campos verdes, amenos,
Sombreados de capões
Onde os pássaros, canções
Alegres vão modulando;
E a gralha o grito estridente
Solta se passa o campeiro,
Algum boizito "matreiro"
Pelo rastro procurando.*

*Do canto da seriema
Profundamente magoado
Que um dia triste, nublado,
Muitas vezes escutei,
Do som dolente da gaita,
Misto de mágoa e alegria,
De prazer, vida e agonia
Que bem definir não sei.*

*Quanta coisa a gente lembra
E o pensamento vagando
Imagens mil vai criando
Do sonho na imensidade;
Num mundo irreal vivemos
E a gente então, por instante,
Vê coisas que estão distantes,
Com os olhos da saudade.*

*Pinheiros, taças erguidas
De esmeraldas verdejantes,
Campinas, canhadas, fontes,
Vejo sonhando acordado;
Ipês cobertos de flores,
Umbus que resistem ao "rudo"
Sopro do Minuano, tudo
Que vi e que tenho amado.*

*Vejo gaúchos que passam
Ao tranco de seus cavalos,
Chamo-os, quero abraçá-los,
Mas a ilusão se desfaz.
Me lembro então do meu pingo,
Do meu lombinho, do laço.
Ah! Patrícios! Eu montado
No meu cavalo picaço,
Vos juro, eu era um pedaço
Do meu Rio Grande do Sul.*

O poema segue o padrão tradicional de toda a poesia popular brasileira e latino-americana, desde o século XIX, profundamente marcada pelo romantismo poético. Nessas primícias de Tenebro dos Santos Moura, ecoam *A Canção do Exílio*, de Gonçalves Dias, e os *Meus Oito Anos*, de Casimiro de Abreu, bebidos na velha *Seleta em Prosa & Verso*. Ali, porém, estão, a gralha, o pinheiro, o 'boizito "matreiro"', marcas serranas que farão dele um caso único na poesia gauchesca.

Mais do que a saudade da "querência", a saudade da mulher amada é que deve ter chamado o poeta de volta ao Rio Grande. Pouco tempo depois, mesmo se lhe apresentando promissora carreira, deixou a Brigada Militar, e casou-se com Maria José de Ávila Machado. Foi ser professor primário em Almirante Tamandaré e Igrejinha, localidades então pertencentes a Carazinho.

Sua esposa morreu aos 24 anos, em 1941, deixando seis filhos pequenos: Elmo, já falecido, Gil, Éster, Rosa, Antônio e Álvaro, que morreu exatamente seis meses depois da mãe. Gil, que é representante comercial em Passo Fundo, conta que ele e seus irmãos ficaram sob a guarda dos avós maternos, Álvaro Ávila Machado e Orlandina, mas que Tenebro sempre foi um excelente pai, apesar de ter enviuvado bastante moço.

Tenebro dos Santos Moura continuou, pelo resto da vida, um ativo participante das lutas políticas e sociais. Assim, em 1952, já em Passo Fundo, participou da fundação do Centro de Tradições Gaúchas Lálau Miranda, o primeiro da região, e foi ampliando sua produção gauchesca.



(FOTOS: ARQUIVO PAULO MONTEIRO)

Tenebro

Funcionário público municipal. Trabalhou na Biblioteca Pública de Passo Fundo, o que lhe permitiu ler os melhores poetas da Língua Portuguesa e clássicos universais, consolidando sua formação autodidata. De todos os poetas que leu - e não foram poucos - sempre confessou admiração pelo português Guerra Junqueiro. Quem fizer uma leitura comparada entre o poeta de *Os Simples* e o de *Querência*, encontrará profundas afinidades entre os mesmos.

Ao longo de sua vida, o poeta recebeu múltiplas influências, mas a de Guerra Junqueiro foi a mais marcante. Tenebro não escreveu apenas poemas gauchescos, como vemos no poema *Olhos verdes*, escrito em 11 de janeiro de 1969. O poema transpira o lirismo lusitano, transparecendo a influência do grande poeta português. O tema é universal, a começar pelo título, mas o poeta imprime o estilo inconfundível da nossa poesia regional e das quadras populares, que lhe eram familiares, tanto pelas leituras quanto pela convivência com a vida campeira.

Olhos verdes

*Olho o mar e penso em ti,
A incerteza, o perigo!...
A inconstância das ondas
Tudo o que penso não digo.*

*No mar a cor dos teus olhos...
E continuo a pensar
Que mora em teus olhos verdes
A inconstância do mar.*

*Pensando bem não confio
Em ti, mas sou teu amigo.
Sei o que quero dizer,
Mas fico quieto, não digo.*

Tenebro dos Santos Moura exerceu suas funções junto ao gabinete do Prefeito e na Secretaria Municipal de Obras e Viação, sempre se destacando pela probidade administrativa. Contribuiu para a consolidação do atual Sindicato dos Funcionários Públicos Municipais e para a fundação de uma cooperativa de consumo, que alguns corruptos, cujos nomes estão imortalizados em logra-



Tenebro entre Arthur Ferreira Filho e Túlio Fontoura



Tenebro entre tradicionalistas e políticos

douros públicos, levaram à falência.

O autor de *Querência* fez parte dos quadros da Academia Passo-Fundense de Letras, onde teve intensa atuação. Dotado de respeitável memória, a maior parte dos poemas que fazem parte do livro, ele os sabia de cor.

Como já expus no prefácio que escrevi para a segunda edição, datilografei todos os poemas do livro, sobre originais manuscritos pelo Autor. Também lhe emprestei o *Vocabulário Sul-Rio-Grandense* (Editora Globo, 1964), reunindo contribuições de diversos dicionaristas. Tenebro notou as diferenças entre as mesmas palavras, quando empregadas na Fronteira e na Serra, elaborando um vocabulário com os termos regionais por ele empregados.

Conhecedor profundo dos homens do campo rio-grandenses, Tenebro dos Santos Moura era useiro e vezeiro em salientar as diferenças entre os fronteiriços e os serranos. Essas diferenças foram, posteriormente, comprovadas pelo pesquisador passo-fundense, Pedro Ari Veríssimo da Fonseca, em obras que deveriam constar como leitura obri-

gatória de todos os candidatos a peão farroupilha, primeira prenda ou padrão de centros de tradições gaúchas. E constam em livros como *Formação do Gaúcho* (1982), *Gaúcho Serrano, Usos e Costumes* (1994) e *Tropeiros de Mula* (2005).

Tenebro dos Santos Moura faleceu em 29 de agosto de 1994, de parada cardíaca, deixando viúva, Maria de Lourdes Moura, com quem era casado em segundas núpcias, e que lhe deu as filhas Maria Cândida, Ângela Maria e Maria Isabel. Morreu praticamente cego, sem deixar de visitar os amigos e participar das reuniões da Academia Passo-Fundense de Letras, conduzido pelas mãos generosas de suas filhas mais novas.

O lirismo literário, tipicamente romântico, foi uma das marcas de sua obra poética. A mistura dos regionalismos lingüísticos (china, teatino, gaudério e pajador), como vemos no poema abaixo, é que confere a tonalidade gauchescas dos seus poemas. Tire-se-lhes as expressões regionais e o poeta fica reduzido a um simples imitador dos clássicos do Romantismo. Ao contrário, porém, da mai-

oria dos poetas gauchescos contemporâneos (que são, na verdade, meros cometedores de versos), o vocabulário crioulo encaixa-se espontaneamente nos poemas de Tenebro dos Santos Moura.

Três são os motivos que tornaram Tenebro dos Santos Moura um marco do regionalismo: a sua própria vocação poética, pois como já diziam os romanos: "O poeta nasce; o orador faz-se"; o domínio da linguagem regional, porque a conheceu no dia-a-dia do meio rural onde nasceu, empregada em seu contexto originário mesmo; e, por último, a vivência no próprio espaço em que o gaúcho serrano autêntico vivia.

Quando Tenebro dos Santos Moura solicitou que eu escrevesse o prefácio para a segunda edição de *Querência*, procurei, por todos os modos, fugir à insistência do poeta, mas curvei-me a ela, ante um argumento que, hoje, sem falsa modéstia, me orgulha muito: "O senhor (eu tinha idade para ser seu neto!) conhece meus versos palavra por palavra, letra por letra..."

Exemplo do que escrevi acima é seu poema *Última china* que, gravado com nome de outrem, por conhecido conjunto passo-fundense, há vários anos, fez muito sucesso.

Última china

*Reuniram-se em ti os encantos
Das chinas todas que tive
Tua presença revive
O meu mundo de ilusões,
Amores, ciúmes, cuidados
E alguns caprichos tiranos,
Dissabores, desenganos,
Prazeres, desilusões.*

*Mas não quiseste escolher
Entre o amor e a amizade.
E a mim não basta bondade,
Se me palpa o desejo.
Não quero um gesto de pena
E nem forçar o destino.
Prefiro seguir teatino,
Tão bem solito me vejo.*

*Este mundo de ternura
Fica no tempo parado
E eu vivendo a teu lado
Como se longe vivesse;
Constante na indiferença
Não quiseste meu afago,
Perdeste tudo que trago,
Como se nada perdesse.*

*Serás não sei até quando
A china do meu desejo.*

*Apenas senti teu beijo
Sem provar o teu amor.
Mas viverás no meu verso
Até que a sorte ferina
Com golpe me corte a sina
De gaudério e pajador.*

Repito: Tenebro, como todos os poetas gauchescos autênticos, era um romântico. Mesmo quando cantava a temática terrunha, ou mais precisamente por cantá-la, era um romântico. Isto não o impedia de escrever poemas satíricos, alguns dos quais inéditos. Lembremos um que circulou com o pseudônimo de Zé Povoeiro.

Lacerda - 65

*Uns guris em vão tentaram
Teimando, sem conseguir,
Pôr no ar uma pandorga
Que não podia subir.*

*Mas um dos guris falou,
O mais esperto e sabido:
Esta pandorga não sobe,
O rabo é muito comprido.*

*Lembrei-me do candidato
Que o povo mais repudia:
Entre a pandorga e o Lacerda
Encontrei analogia.*



Tenebro entre os então vereadores Ullisses Camargo e Adirbal Corralo

*É por isto que ele grune,
Rosna, late e fica brabo.
Não adianta esta pandorga
Não sobe, tem muito rabo...!*

A presença da sátira em sua obra poética é o que torna Tenebro dos Santos Moura um autêntico poeta passo-fundense, pois a sátira é uma característica de muitos dos nossos poetas mais representativos.

A propósito, lembro-me de um episódio ocorrido em fins de 1979. O poeta publicou uns versos satirizando a entrevista de um conhecido advogado local, onde assegurava que a água tratada por uma empresa, acusada de poluir o rio Passo Fundo, era limpa, a ponto de servir para tomar banho. O poeta pu-

blicou, no Diário da Manhã, uns versos satirizando a entrevista, fazendo um trocadilho entre o sobrenome do bacharel e a qualidade da água. O doutor procurou outro causídico para responsabilizar criminalmente o poeta. O contatado, amigo e admirador de Tenebro, após dar belas gargalhadas, conseguiu com que o colega desistisse da desforra jurídica. Pelo menos foi a história que circulou nos bares e cafés de Passo Fundo, naquela época. Mas esta já é outra história...

(Paulo Monteiro pertence à Academia Passo-Fundense de Letras, à Academia Literária Gaúcha e a diversas instituições culturais do Brasil e do exterior.)

Seu Nequinho Curandor

TENEbro DOS SANTOS MOURA
In memoriam

Naquele tempo, para a maioria dos rio-grandenses, era Deus no céu e o Dr. Borges na terra. Deus no céu, porque o povo tinha diversão; todos aprendiam que foi Deus que fez esse mundo velho e continua a mandar em tudo. O Dr. Borges na terra, porque os cidadãos eram habituados a respeitar autoridades e estavam cansados de saber que o Dr. Antônio Augusto Borges de Medeiros não tinha feito o Rio Grande do Sul, mas era governo em nosso Estado a ..., nem sei quantos anos. Eu era piá e vinha regressando dumas férias em casa de parentes que moravam na boca da Picada da Fortaleza. Quando descia para o Passo Grande, reparei que o sol estava só a umas duas braças acima do alto

da coxilha. Pensei: vou chegar em casa já de noite. Bati na marca do Rosilho e dali a um pouco estava descendo pelo caminho fundo e barento do Passo. Meu cavalo foi entrando e foi indo água acima. Só parou no lugar mais fundo. Eu estava descalço. Desestrivei e estiquei as pernas para refrescar os pés na água corrente. Meu cavalo bebeu, bebeu, levantou a cabeça e enxaguou a boca e deu de rédea por si.

Quando surgiu de entre os barrancos, do outro lado do arroio, vi, na várzea verde, pastando, encilhado com o freio no pescoço, o lubuno velho do seu Nequinho Curandor. Parei para verificar o que estava acontecendo. Em seguida enxerguei seu Nequinho, logo acima do Passo. Estava saindo de trás das touceiras espinhentas de branquilha que margeavam a restinga. Aproximou-se. Trazia, pendurado na mão,

segura pelo meio, uma mala de pano encardido. Verifiquei, depois, que estava topoetada de raízes, cipós, cascas e folhas de plantas medicinais, tudo bem acondicionado em manojos amarrados com fiapos de fibra tirados da casca de imbirá. Eu sabia que ele gostava muito que chamassem de Doutor. Cumprimentei lisonjeiro:

- Boa tarde, seu Nequinho!

Respondeu afável:

- Boa tarde, moço! Vai indo pra Vila?

Sem me dar tempo de prosseguir, respondeu:

- Bueno, então bamos batendo estribo, pra bem de encurtar o caminho!

Largou a mala de remédios, junto a uma moita de carqueja, arrancou um galho da planta e mostrou-me, explicando:

- Carqueja, da miudinha, é um santo remédio pra os estâmo, e pros figo é um porrete!

(Do livro inédito: Histórias de Galpão, com data de "Passo Fundo, 15 de maio de 1989".)



A casa tomada: uma aula de psiquiatria

JORGE ALBERTO SALTÓN

Em *A casa tomada*, Júlio Cortazar descreve um curto momento da vida de um irmão e de uma irmã que moram sozinhos em Buenos Aires, na velha casa herdada de seus pais (Bettiário, Edibolso, 1977). O escritor cria um surrealismo que toca a realidade.

Publicado em 1951, chamou a atenção do mundo literário da época. Jorge Luis Borges afirmou: "O conto *A casa tomada* de Cortazar pode ser considerado como uma das maravilhas do realismo fantástico". Podemos lê-lo sob vários prismas, e vou optar por um.

O irmão principia a ouvir ruídos que vem de uma parte da casa. Isola aquela parte e comunica a irmã que "tomaram" aquele pedaço. A irmã quer saber se ele tem certeza. Ele tem. Ela aceita como verdadeira a interpretação do irmão. Aos poucos, vão perdendo mais e mais quartos que estão sempre sendo tomados por alguém ou algo que nunca aparece no relato. Os irmãos lastimam perderem os objetos que vão ficando nos cômodos perdidos. Finalmente, só lhes resta o hall de entrada. No final, perdem a casa toda. Na rua, jogam a chave num boeiro: "Estávamos com o que tínhamos no corpo. Lembrei-me dos quinze mil pesos na guarda-roupas do meu quarto. Agora era tarde. Como me sobrava o relógio, vi que eram onze horas da noite. Cingi com meu braço a cintura de Irene (acho que ela estava chorando) e saímos assim à rua.

Antes de nos afastar tive pena, fechei bem a porta da entrada e joguei a chave no bueiro. Não fosse algum pobre-diabo resolver roubar e entrar na casa, a essa hora e com a casa tomada".

Cortazar, em entrevista a Omar Prego, publicada no livro "O fascínio das palavras" (José Olympio, 1991) revela: "Eu sonhei aquilo. A única diferença entre o sonho e o conto é que, no pesadelo, eu estava sozinho. Estava numa casa, que é exatamente a casa descrita no conto, e via tudo com muitos detalhes, e num dado momento ouvi ruídos vindos da cozinha, fechei a porta e voltei." (...) "Era pleno verão, e eu acordei encharcado por causa do pesadelo. Já era de manhã - a máquina de escrever ficava no meu quarto - e nessa mesma manhã escrevi o conto inteiro, de um tirão".

O conto é uma aula de psiquiatria, na qual observamos a forma como se difunde uma idéia delirante, que começa pequena e vai ocupando toda a mente do indivíduo. A idéia delirante tem esta característica, inicialmente o indivíduo se ocupa pouco com ela, depois mais, mais e, finalmente, quase só pensa nela.

Uma idéia delirante consiste numa falsa crença não corrigida pela confrontação com a realidade. Tende a se expandir no interior do indivíduo e ocupar um espaço muito grande em seu pensamento. As idéias delirantes mais comuns são de perseguição e de grandeza (para ler mais a respeito: www.saltón.med.br).

De forma bem simplificada, uma pessoa está psicótica, louca, no chamar lei-

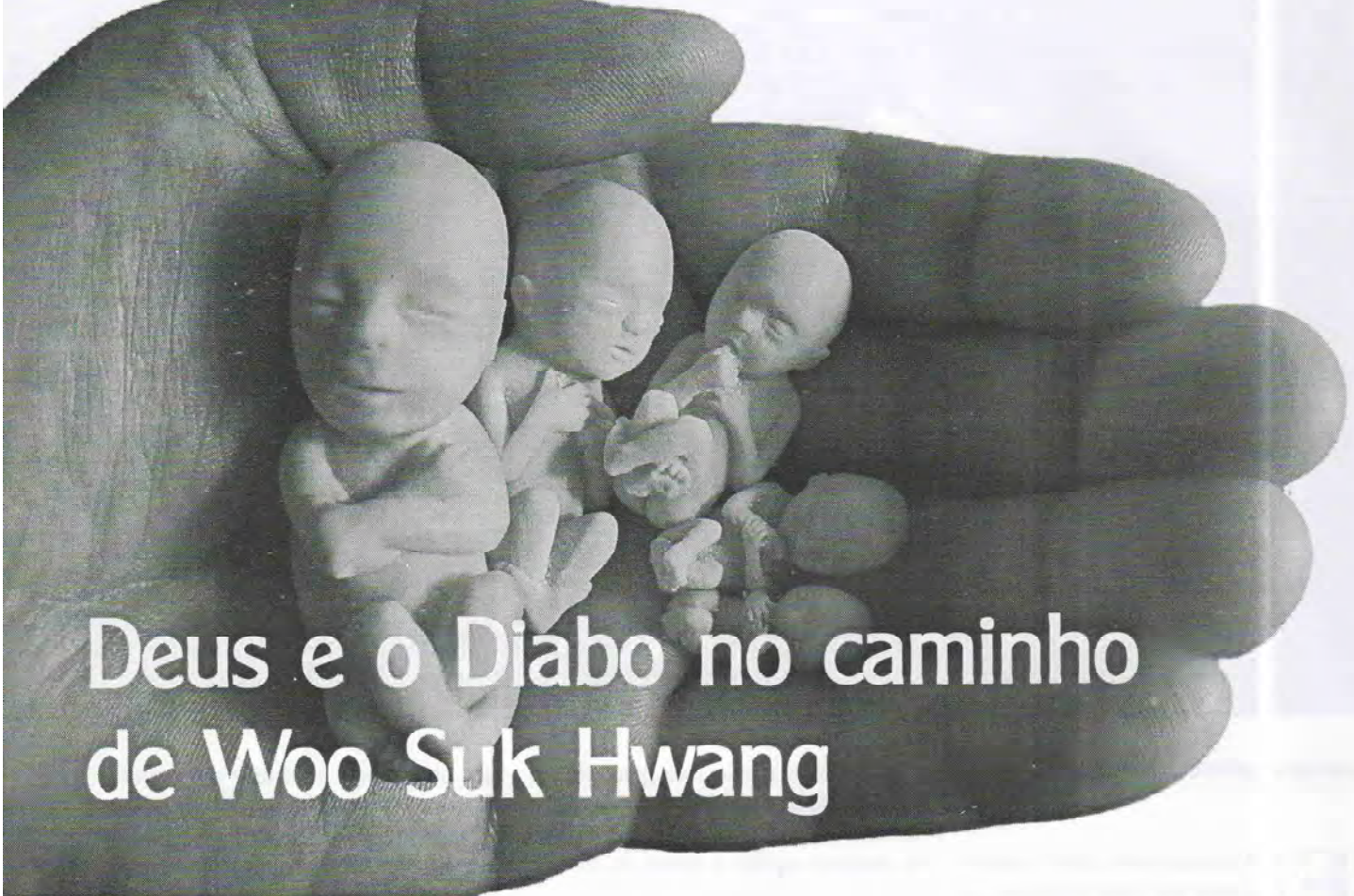
go, quando ela confunde seus pensamentos, imaginações ou fantasias com a realidade. Normalmente sabemos distinguir. Por exemplo, um sonho à noite, é um sonho. O sonhar acordado de que ganhamos na loteria, noutro exemplo, não significa para nós que isso realmente aconteceu. Há uma fronteira. Quando perdemos esta fronteira, estamos psicóticos.

O estado psicótico pode se apresentar, ao mesmo tempo, em duas pessoas que convivem. Podem desenvolver o quadro por problemas internos de cada uma, que se manifestam ao mesmo tempo na forma de uma idéia delirante semelhante. Ou apenas um desenvolve o quadro e "contamina" o outro, no sentido de submetê-lo a suas falas-crença.

No conto de Cortazar, o irmão desenvolve a idéia delirante, a irmã acaba o acompanhado, "dançando a música dele". Trata-se de uma psicose a dois, por "contaminação".

O texto, um dos melhores contos da literatura mundial, também aborda outro tema: os dois viviam "um simples e silencioso casamento de irmãos"; nas palavras do escritor. Uma relação incestuosa que poderia ser exclusivamente afetiva, sem a presença de relações sexuais. Tal tema requer outra crônica. Mais longa.

(Jorge Alberto Saltón é psiquiatra, escritor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Deus e o Diabo no caminho de Woo Suk Hwang

GILBERTO R. CUNHA

Pouco importa se é Deus ou o Diabo (ou um f.d.p. qualquer) que está no detalhe. Ou, ainda, se significam a mesma coisa a famosa frase atribuída a Gustave Flaubert (ou ao arquiteto Le Corbusier, a Michelangelo, a Ludwig Mies van der Rohe, etc.), “le bon Dieu est dans le détail”, e a versão que ganharia notoriedade em inglês como “the Devil is always in the details” e, no idioma pátrio, algo tipo: “o diabo das pequenas coisas”. Mas, o fato é: existe o detalhe. E, não raro, o detalhe faz a diferença. Vejamos, por exemplo, o caso da farsa protagonizada pelo cientista coreano Woo Suk Hwang e seus colegas da Universidade Nacional de Seul e do MizMed Hospital que, no começo de 2006, trouxe à tona a fragilidade de um dos mais caros valores da comunidade científica internacional: o sistema de revisão pelos pares (“the peer review system”).

Woo Suk Hwang era (e talvez ainda seja) uma referência mundial nas pesquisas com células-tronco. Nos últimos dois anos, ele e seus colegas publicaram um conjunto de artigos sobre este

assunto ou temas conexos, em pelo menos nove importantes revistas científicas (*Science*, *Nature*, *Molecules and Cells*, *Stem Cells*, *Reproduction*, *Biology of Reproduction*, *Molecular Reproduction and Development*, *Theriogenology*, etc.). Dois deles, que saíram na revista *Science*, tiveram grande repercussão. O primeiro relatando a produção inédita de células-tronco clonadas a partir de células adultas de pacientes sadios (de fevereiro de 2004), e o segundo (de maio de 2005) sobre a criação de células-tronco embrionárias originárias de material genético de pessoas doentes. Parecia ser o começo do fim de um dos principais riscos desse tipo de terapia: a rejeição. Infelizmente, isso ainda vai ter de aguardar mais um tempo, pois esses artigos foram declarados fraudulentos, em 10 de janeiro de 2006, por uma comissão de investigação instaurada na Universidade Nacional de Seul, onde Woo Suk Hwang era professor titular e dirigia o World Stem Cell Hub, um consórcio internacional de pesquisas e produção de células-tronco. Para os editores de *Science* não restou alternativa que não a retratação pública. E assim o fizeram. O fato reverberou e os editores de outras revistas que publicaram artigos de

Woo Suk Hwang e seus colaboradores também deram início a investigações para apurar a veracidade das informações que divulgaram.

Apesar do escândalo, a equipe de Hwang, indiscutivelmente, fez progressos no assunto e notáveis feitos científicos: o primeiro cachorro clonado do mundo, por exemplo. O artigo publicado na revista *Nature*, em agosto de 2005, divulgando o nascimento de Snuppy, um clone da raça “afghan hound”, mostrou-se legítimo (Snuppy é um clone). Há quem diga, inclusive, que clonar um cachorro seria mais difícil que um humano. Também ficaram evidentes que, apesar da falsificação de resultados dos artigos publicados e da manipulação no uso de imagens duplicadas em diferentes revistas (além da suposta elevada eficiência dos métodos utilizados, que se mostrou falsa), os avanços conseguidos por Woo Suk Hwang e seu grupo na clonagem de células-tronco embrionárias de seres humanos não podem ser desconsiderados totalmente.

Para um melhor entendimento dessa questão, cabe destacar que a publicação de um trabalho numa revista científica passa por várias etapas. Começa, depois do recebimento do artigo, com

um editor designando os chamados revisores *ad hoc*, que são especialistas no assunto e analisam a adequação do tema para publicação, o ineditismo das informações, a metodologia empregada, a apresentação e a discussão dos resultados e a pertinência das conclusões. O problema é que toda a análise se baseia em dados fornecidos pelos autores do estudo, o que possibilita a falsificação de informações. Não obstante, a necessidade de revisão e avaliação crítica dos resultados de estudos apresentados para publicação em revistas especializadas é algo indiscutível na comunidade científica. As exceções não servem para generalizar um padrão de comportamento de cientistas (e de quem quer que seja), nem podem definir a regra.

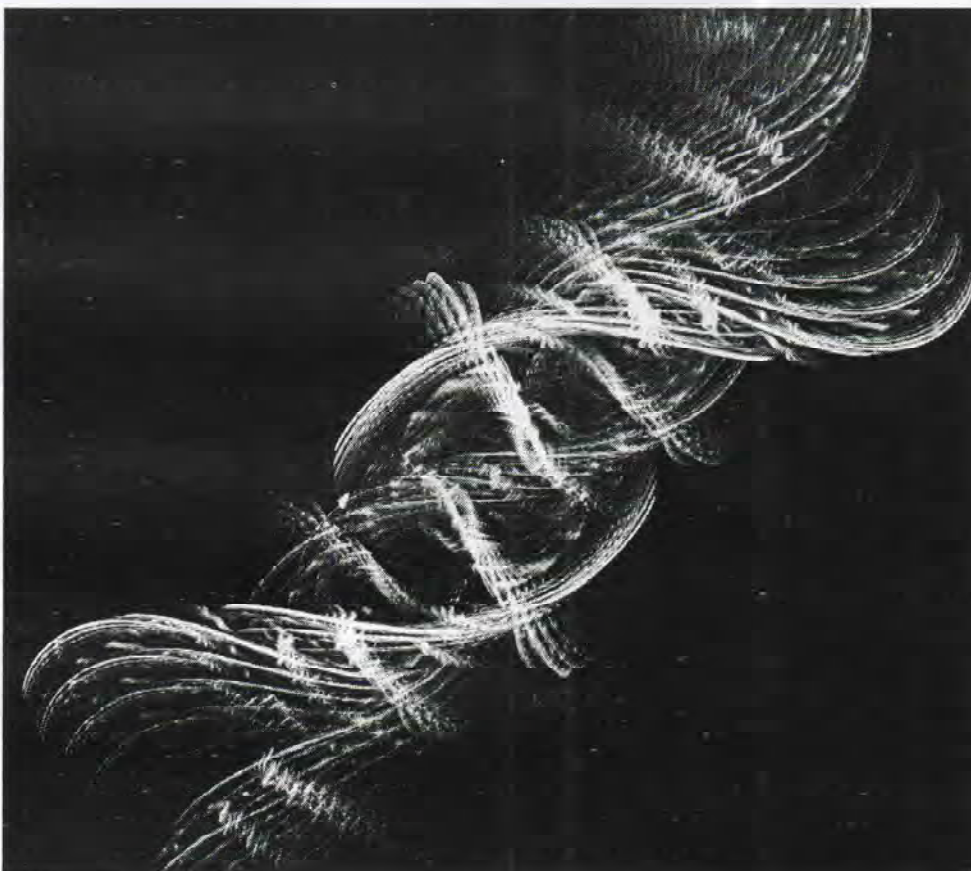
O sistema de revisão pelos pares ("the peer review system") não pode ser visto como uma panacéia nem está imune a falhas. Isso pode ser observado em artigos que são publicados em renomadas revistas científicas e que, apesar de terem um título interessante, são pobremente escritos, sem qualquer desenvolvimento lógico, deixando mais questionamentos do que propriamente dando respostas. Além de particularidades, como hipóteses mal formuladas ou pobremente testadas, quando não, ignorando (por má fé ou desconhecimento de causa) um pressuposto básico do método científico: a rejeição (nunca a aceitação) das hipóteses que estão sendo experimentalmente avaliadas. Entre as críticas ao sistema, destacam-se: o processo de escolha dos revisores, o tratamento dado aos trabalhos submetidos por cientistas renomados frente ao que é dispensado aos iniciantes, a lentidão do processo, a preocupação com a possibilidade de plágio de idéias pelos revisores, o favorecimento pelos revisores de manuscritos que estão de acordo com o seu pensamento, a falta de aceitação de idéias não ortodoxas, além da dificuldade de manutenção do anonimato dos autores e dos revisores. Todavia, apesar do exposto, ainda não se inventou um sistema melhor (ou mais confiável).

A divulgação em revistas que mantêm corpo editorial, são internacionalmente indexadas e praticam o "peer review system" é o diferencial de credibilidade das informações científicas. Paralelamente, vem ganhando cada vez mais espaço (e importância também), especialmente após o advento da Internet (e suas múltiplas possibilidades de associar texto,

som e imagens), o sistema conhecido por "Grey Literature". Na categoria de "grey literature", em formato eletrônico ou impresso, se enquadram publicações tipo "newsletters" (informativos), "reports", relatórios, anais de eventos, boletins, etc., produzidos tanto por entidades públicas quanto privadas (sem interesse comercial na área editorial, quase sempre). Os defensores da "grey literature" advogam vantagens como a rapidez de

área de divulgação científica. Há quem vislumbre (o autor deste artigo está entre eles) que o espaço da "grey literature" tenderá a aumentar cada vez mais, pois, no mundo em que vivemos, a necessidade de acesso rápido e sem burocracia, pela sociedade de maneira geral, a novas informações, deverá ser cada vez maior.

No caso de Woo Suk Hwang, Deus e o Diabo se travestiram nos detalhes das



divulgação, a flexibilidade, o surgimento de novos espaços para conteúdos que não se enquadram (em tamanho e formato) no sistema tradicional, a disseminação de informações para uma audiência maior, etc. Destaca-se, também, que esse tipo de literatura pode servir para ampliar a compreensão e a visão de determinados assuntos, subsidiando a produção de artigos que serão submetidos para publicação nos veículos convencionais da comunidade científica (nas mais diferentes áreas de interesse). A "credibilidade" das informações disponíveis no sistema "grey literature", particularmente na Web, exige visão crítica do usuário (vale o mesmo para o "peer review system", sem qualquer dúvida). Não se discute: existe espaço (e ambos são importantes) para "peer review system" e "gray literature", na

denúncias dos colegas que, imbuídos de bons sentimentos ou inveja, o acusaram de usar óvulos doados por suas assistentes (possivelmente sob coação, apesar das suas negativas. O cientista americano Gerald Schatten, que era parceiro de Hwang em publicações e delatou o fato, também foi alvo de investigação na Universidade de Pittsburg, onde leciona, nos EUA, para apurar responsabilidades nas fraudes) e na disputa dos milhões de dólares da indústria farmacêutica. Mais que cuidar de animais, o veterinário coreano parecia estar de olho nos "Serejs" humanos (embora o valor dos seus feitos científicos não possa ser ignorado).

(Gilberto R. Cunha é pesquisador da Embrapa Trigo e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



(FOTO: ARQUIVO ON)

Redação de O Nacional na década de 40: Carlos de Danilo Quadros, Múcio de Castro e Alady Berlese de Lima, Musa Xavier e Oliveira e Antonina Xavier e Oliveira

Alady Berlese de Lima: um homem singular

GEISA LIMA BENEVENUTI

Pediram-me que escrevesse uma espécie de biografia resumida de meu pai. Verifiquei que isto não estaria de acordo com minhas condições de saúde, limitações e estilo. Este trabalho, portanto, não alimenta pretensões científicas ou históricas. Não será fruto de pesquisas, mas das memórias e de muito amor – um tipo de crônica familiar. Optei por tratar do jornalista, do profissional, do líder, do homem, do amigo e da plêiade de figuras ilustres que, junto com ele, enriqueceram a história e a cultura de Passo Fundo.

Clima tenso em todo orbe. Agitação, insegurança, movimento inusitado de idéias, pessoas e grupos humanos. Notícias desencontradas pelo rádio e jornais, tropas de soldados em prontidão.

É 20 de março de 1914. Na Europa, parece iminente a eclosão de uma primeira Guerra Mundial.

E, em Getúlio Vargas, lugarejo interiorano do Rio Grande do Sul (segundo alguns, ainda distrito de Passo Fundo), nasce um menino que se chamará Alady Berlese de Lima, filho de Argemiro de Miranda Lima e Josephina Berlese de Lima (descendente direta de imigrantes italianos).

Ele acompanhará o clima da época durante toda sua vida: dinâmico, criativo, controverso, surpreendendo com suas idéias e atos – um dínamo. Por outro lado, detentor de uma calma tantas vezes inesperada, de uma tranquilidade benfazeja, frente à necessidade de resolver certos problemas ou aconselhar um filho ou amigo.

A família Josephina e Argemiro de Miranda Lima morou durante bastante tempo nesta localidade e, além de Alady, teve mais quatro filhos: Walda de Lima Souza, professora estadual aposentada e viúva do ex-diretor do BANRISUL, Leonorino Souza; Adônes de Miranda Lima, já falecido, ex-funcionário

graduado do BANRISUL; Darcy de Miranda Lima, falecido no Amazonas, onde atuava como desembargador, e ex-integrante da FEB, com a qual participou da II Guerra Mundial. Avas Berlese de Lima, ex-gerente da Cervejaria Antártica, também falecido.

Aos doze anos, o pai fugiu de casa pela segunda vez. Mas o avô Argemiro, já de sobreaviso, conseguiu evitar o seu embarque para São Paulo.

Quando entraram em casa, ambos vinham sérios, fechados, cada um com a sua razão de divergência.

Ao encontrar-se com a mãe, no entanto, ela sorria, já aliviada, porque o filho regressara são e salvo. Abraçou-o efusivamente.

Aí o menino teve uma reação inesperada: afastou-se tenso, revoltado, julgando que a mãe estava "gozando" com ele. – "A senhora está rindo de mim, vendo que eu fracassei, deu tudo errado. Mas, da próxima vez, pode ter certeza que vai dar certo!".

E, feliz ou infelizmente, deu mesmo certo, porque, numa outra tentativa, ele desembarcou na capital paulista.

Anos depois, comentando o acontecido, a "vó" Josepha tornava a garantir, emocionada, que não tivera nenhuma intenção de rir do filho, mas sorria feliz, unicamente, por tê-lo reencontrado vivo e são. E ele, meio rindo e meio sério, ainda respondia - "Toma, mãe. Deus queira que tenha sido só por isso!"

O adolescente Alady transpirava saúde e autoconfiança. Embora não fosse alto, sua coragem e vigor físico impunham-no em qualquer ambiente.

Espírito indômito, faminto de aventuras, pleno de idéias, ideais e força interior, somente conseguia realizar-se através da ação, da evolução, da mudança. Por isso atuou em duas lutas armadas, combatendo na linha de frente - na revolução de 30 (1930) e 32 (1932). E era tamanha a sua determinação de juntar-se às tropas rio-grandenses que subiam para São Paulo e Rio de Janeiro, que a primeira providência tomada por ele foi adulterar a sua certidão de nascimento de 1914 (ano real) para 1913 - no anseio de, com um ano a mais (16 para 17), ser admitido em um daqueles contingentes da Brigada Militar.

Meus pais eram primos em segundo grau. Encontravam-se, junto com outros jovens, na cozinha dos avós que tinham em comum, da parte do avô Argemiro. Sentavam-se próximo ao fogão, conversando, comendo pinhão na chapa, aquecidos pelo calor do fogo e da reunião.

Papai e mamãe começaram a se gostar. Então ele, afoito como era, resolveu "comparecer" na casa do avô João, para pedir mamãe em casamento.

Feito o pedido, veio a resposta direta e fria, segundo hábito do interlocutor nestes casos:

- O senhor vive de quê?

- Sou soldado da Brigada.

- E acha que, com o seu salário, poderá sustentar devidamente uma família?

O pretendente pensou um pouco, e respondeu com sinceridade e esperança:

- Acho que, ainda, não. Mas logo vou poder.

- Pois bem, seu Alady, quando o senhor estiver em condições, volte aqui.

Correram os meses. "Seu Alady" munuiu-se de coragem e apresentou-se, outra vez, diante do pretendido sogro.

O vô, sem delongas, foi direto à pergunta-chave:

- O senhor já se acha em condições de



(FOTOS: ARQUIVO GEISA LIMA BENEVENUTI)

sustentar uma família?

- Agora, sim - respondeu o interpelado, todo eufórico.

- E o senhor trabalha mesmo em quê?

- Sou... Sargento da Brigada - disse o pai, já com certo receio.

O avô João demorou um pouco, medindo a situação... Finalmente, deu-se por vencido.

- Bem... sendo assim, não vejo nenhuma pressa. Mas, se a Mosa também gosta do senhor, eu dou o meu consentimento.

Algum tempo depois, meus pais casaram. Desta união advieram duas filhas: a narradora da crônica em andamento, professora estadual aposentada, e a mana Sônia - Sônia Gonçalves de Lima, que, durante um bom tempo, atuou como juíza titular da 25ª Vara do Trabalho na capital e, ao aposentar-se, estava na direção do Fórum Trabalhista de Porto

Alegre. Hoje, ainda lá reside com sua família.

Eu deveria ter uns três anos ou talvez menos, quando iniciaram as andanças e viagens para o interior do Estado, onde meu pai ia tratar de alguma reportagem especial, ou lançar as bases de algum jornal, ou desempenhar uma atividade congênere.

Um dia, ele pediu à mãe que arrumasse nossas malas, porque iríamos a Santa Catarina. Papai havia sido chamado a Chapecó, para "ver se impulsionava" um jornal recém fundado, que não estava dando certo.

Lá chegando, alojamo-nos em um pequeno hotel, que era "o maior da cidade".

O lugar não tinha nem calçamento.

Após uns quinze ou vinte dias, não nos sentíamos muito bem. O pai, então, que trabalhava o dia inteiro no dito jor-

nal, à noite começou a passar mal.

Ele sempre contava que, desde os oito anos, era espírita, embora o resto de sua família fosse católica. E, quando a gente perguntava se ele já se comunicara, de fato, com alguma entidade espiritual, ele respondia:

- Desde menino, falo com os nossos irmãos do espaço do mesmo jeito como estou falando com vocês - e os vejo de forma tão nítida quanto enxergo qualquer pessoa aqui da Terra.

Pois bem, enquanto permanecemos em Chapecó, o pai se manteve constantemente em contato com espíritos conhecidos dele - e também com outros desconhecidos, que muito o prejudicaram.

Agüentamos o quanto deu. Finalmente, regressamos a Passo Fundo. O pai definhava dia-a-dia.

Chegando em nossa cidade, ele procurou os centros espíritas Bezerra de Menezes e Dias da Cruz, onde se tratou, trabalhou com dedicação e fez parte da mesa de evangelizadores (palestrantes). Foi melhorando, até curar-se, isto é, até a crise passar.

Recordo bem que, uma tarde - eu era muito pequena, ainda - o pai chegou em casa entusiasmado. Ele e a mãe confabularam, e decidiram arrumar as malas, pois nós iríamos para São Paulo.

Não poderia deixar de dizer alguma coisa sobre minha querida mãe; Noêmia Gonçalves de Lima (Mosa) foi uma pessoa corajosa e verdadeiramente sincera; tão espontânea e franca, que, às vezes chocava a quem não a conhecia bastante. Mas tinha uma extraordinária capacidade para a renúncia e a ajuda ao semelhante, acima de tudo às filhas e netos.

Voltemos à nossa viagem, ou melhor, mudança. Na capital paulista, o pai fez parte do departamento de redação do Correio Paulistano, possivelmente o maior diário de São Paulo, na época.

Seu desempenho trouxe-lhe reais satisfações. Ele sempre falava emocionado que, naquele ambiente, privava com grandes talentos da nossa literatura e da imprensa em geral, como, por exemplo, se não me engano, Monteiro Lobato, Oswald de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, e outros poetas e prosadores, de cuja "pena" e palavra (conversa) brilhantes muito aprendera.

Saiu-se tão bem naquela capital, que concorreu a um vestibular e foi aprovado, com elevada pontuação - ele, que só estudara regularmente até a 4ª série (4º livro)!



À cabeceira, Alady e sua esposa Elci

Não ingressou na tal Faculdade (universidade paulista) porque não tinha à sua disposição nenhum certificado de conclusão do antigo ginásio, muito menos do segundo grau (ou equivalente).

Mas filiou-se ao Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo.

Com tão pouca idade, seria difícil para eu distinguir um tempo do outro. Sei, porém, que moramos em São Paulo pelo menos por duas ocasiões.

Mas a quota paulistana esgotara-se, e voltamos para o Sul. A saudade dos demais familiares, de seu fiel círculo de amizades e desta terra, que o pai tanto amou, foram também pesos determinantes de nosso retorno. E em boa hora, pois o amigo e diretor de O Nacional, o jornalista Múcio de Castro, meu saudoso padrinho, precisava entregar a outro profissional de sua confiança a direção do jornal, isto durante o tempo de seu mandato de deputado estadual. Assim que, ao chegarmos, não demorou muito, e papai assumiu o dito cargo.

Durante esse período, tomou parte ativa em algumas polêmicas desenvolvidas com professores, jornalistas, e outros homens de letras. Temas exponenciais foram enfocados, como a nossa política - que "deveria encaminhar-se, sempre, em busca dos interesses da população, do povo, de todas as camadas sociais, mas acima de tudo daquelas cujos componentes são os mais sofridos e deficitários."

Sobre o enfoque do ensino público, quando o pai se debate em defesa de uma maior abrangência, verdadeiramente objetiva e direta das classes mais pobres, seu oponente é o ilustre professor Paulo Maria. Confrontaram-se acerca de um assunto muito discutido na ocasião - bases e diretrizes da educação nacional.

Abró aqui um parêntesis para confes-

sar que tive a sorte de ter sido aluna do Irmão Paulo Maria, exemplo de educador e de homem. Foi meu professor no Curso de Letras, quando essa faculdade ainda funcionava em algumas dependências do Colégio Conceição. Graças aos valores e dons de sua personalidade, dignidade e inteligência, ele se impôs como um oponente à altura de Seu Alady. Assim, podem ter certeza de que essa polêmica desenrolou-se num clima constantemente elevado e saudável, prestando inegáveis esclarecimentos à comunidade passo-fundense.

O Sindicato dos Jornalistas de Passo Fundo também surgiu graças ao denodo de um grupo de dinâmicos profissionais, e lá estava a figura de nosso Alady, segundo pudemos entender, liderando o movimento. Seu primeiro presidente foi um amigo incondicional de meu pai, o jornalista Danilo de Quadros.

Após, coube a papai assumir a direção do Sindicato. Logo em seguida participou ativamente do VI Congresso dos Jornalistas Profissionais do Estado. Nele apresentou um trabalho de fôlego, que só poderá ter sido resultado de muitas pesquisas técnicas, além de uma inata capacidade para a argumentação e desenvoltura vocabular. Versava sobre "a importância da construção da Estrada da Produção."

Alady atuou igualmente nas rádios Passo Fundo e Municipal, onde conviveu com comunicadores da envergadura de Benhur Silva, Meirelles Duarte e Guilherme Boor. Este último, seu colega por longos anos, no jornal Diário da Manhã.

Há uma mulher que flutua pelas minhas lembranças, meio anjo, meio gente, quase uma figura mística. Por ela sempre cultivei enorme admiração, simpatia, afeto. Foi uma grande jornalista, dona de esmerada educação; colega de trabalho e religião (espiritismo) de meu pai,

uma de suas maiores amigas – a minha estimada madrinha Antonina Xavier e Oliveira, filha do famoso jurista e inesquecível vulto histórico passo-fundense, Antonino Xavier e Oliveira.

E agora, emerge-me à lembrança que o nosso Alady e a minha madrinha Antonina aparecem também como pioneiros no surgimento e evolução do jornal espírito “O Orientador”.

Bem, meus pais separaram-se seis vezes. Como pareciam amar-se, não obstante as desavenças, voltavam a reconciliar-se.

Na sétima vez, no entanto, a ruptura parece ter sido mais profunda, porque foi a última. Quatorze anos de atribulada convivência.

Um ano após a separação de mamãe, o pai constituiu uma nova família. Sua segunda esposa, Elci Niederauer de Lima, era uma pessoa dinâmica, batalhadora, dotada de grande disposição para auxiliar o próximo. Foi uma companheira “sempre presente” junto de meu pai. Trabalhava também no Diário da Manhã. Jornalista, datilógrafa, publicitária incansável. Dessa união nasceram três filhos: Jorge Luís Niederauer de Lima – jornalista, professor de Português, advogado, atualmente, aposentado como escrivão do Poder Judiciário. Alady Berlese de Lima Filho (o mano Quico), formado em Medicina Veterinária, na Universidade Federal de Pelotas, e pós-graduado (Mestrado) em Bioquímica, pela Universidade Federal de Pernambuco; atuou durante muitos anos como pesquisador da Embrapa, nos estados de Rondônia e Amazonas; hoje reside com sua família aqui em Passo Fundo. André Niederauer de Lima, formado em Educação Física pela UPF, conhecido juiz de futebol de salão e organizador de eventos esportivos em nossa cidade, aqui também residindo com sua família.

Quando o Partido Comunista era ilegal no Brasil, e seus adeptos, perseguidos pela justiça, “Seu Alady” foi dirigente do núcleo aqui em Passo Fundo. Durante a Revolução de 31 de março (1964), ele foi preso e levado para o quartel da Brigada Militar. Todos os parentes e amigos estávamos, evidentemente, preocupados com a sua situação – “E agora, meu Deus, o que vai acontecer?”

Aí ele chegou. Vinha satisfeito, ousar-se-ia dizer até “realizado”. “Vejam só! O comandante tinha sido meu companheiro na Revolução de 30! Bebemos uns bons whiskies, conversamos e recordamos muitos fatos verdadeiramente curi-



Alady e dois de seus bisnetos



Antonina Xavier e Oliveira

osos ou interessantes, e alguns quase inacreditáveis.”

Comove-me lembrar da figura carismática, tranqüila, que a gente encontrava, quase sempre, logo ao entrar naquela saudosa sala de esquina do Diário, rodeado de companheiros e solicitadores. (E que paciência era necessário ter, diante de tantos pedidos! Ainda bem que esta, a tolerância, constituía um dos seus mais fortes atributos.) Homem sagaz, talentoso e versátil, emocionava-nos o jeito simples e hospitaleiro com que nos acolhia e convidava a sentar e a fazer parte da roda de “mate” que, naquela enorme cuia, passava de mão em mão. – Este era Túlio Fontoura, o diretor do Diário da Manhã.

Um dia, lá pelos anos cinqüenta, ele chamou o pai e propôs entregar-lhe a direção do Jornal durante um certo tempo. Parece-me que esse afastamento foi

motivado por problemas de saúde.

O pai assumiu a incumbência e levou sua família para morar na casa onde antes residiam seu Túlio com a esposa e filha – na mesma onde funcionava O Diário, na esquina da Coronel Chicuta com a Rua Independência (hoje ergue-se ali um elevado prédio, ainda em construção).

Agora me surgem na memória as imagens de meu pai e da Elci, desdobrando-se em tarefas e realizando promoções e festas, como, por exemplo, a do Dia do Jornaleiro.

Após um espaço de tempo, que não consigo determinar com precisão, vejo papai e a família novamente em sua casa.

Ele, como de costume, sentado atrás da inseparável escrivaninha, sempre lendo ou escrevendo, ou atendendo alguém. Ali muitas cartas de recomendação e pedidos de emprego foram “batidas a máquina”, bem como vários discursos para políticos, principalmente em época eleitoral. E, por incrível que pareça, o pai, que só era um autodidata, ministrava “aulas” sobre os mais diversos assuntos, para quem lhe fosse pedir; ajudava na conclusão de tarefas escolares, e mesmo redigia trabalhos inteiros para alunos de ginásio, II grau e até da faculdade – e sem cobrar nada.

De repente, no meio de tantas lembranças singelas e ternas, aparece-me a do cachorrinho Joli, que andava atrás do pai por todos os lugares. Uma noite, em concorrido banquete, quando ele

(Alady), já acalorado por um bom vinho, estava no meio de seu discurso, o cãozinho saiu, inesperadamente, debaixo da cadeira do próprio dono, atraindo a atenção geral. E então... (meu paciente leitor, o que você acha que ele fez?) é simples: "Mestre Alady" deixou as coisas se acomodarem. Depois, disse um gracejo, e concluiu naturalmente o seu pronunciamento.

Para aliviar-se dos labores intelectuais, papai gostava muito de lidar com "a mãe terra". Cultivava espaçosos canteiros de verduras e outras plantas, como cenouras, beterrabas, pimentões. Mas a preferida dele era a "radiche pão-de-açúcar", que ele comia "às baciadas".

Meu pai chorava fácil, era muito emotivo - mas não em velórios e enterros. Por ocasião do falecimento da Elci, sua companheira de tantos anos, contudo, ele não conseguia, às vezes, conter as lágrimas.

O tempo, no entanto, tudo modificava. Cerca de dois anos após, começou a frequentar sua casa uma jovem chamada Neusa, finalista de II Grau e espírita, como ele. Encontraram-se, várias vezes, conversaram, entenderam-se, e resolveram casar. Ele, com aproximadamente setenta e sete anos,

e ela, na faixa dos vinte.

A maioria das pessoas conhecidas pensava que tal união não poderia dar certo, que era absurda. Mas eles casaram.

E, como o pai deve ter sido "um privilegiado", todas as suas companheiras foram boas. - Esta última fechou o ciclo, confirmando tal assertiva.

Neusa da Silva de Lima, hoje formada em Pedagogia e trabalhando em duas escolas, foi para o nosso querido velho uma companheira, amiga, mulher, enfermeira. Permaneceu com ele até o último suspiro.

Mas há um fato importantíssimo, ainda, a revelar: quando o pai estava quase com oitenta, e a Neusa, parece-me, com vinte e cinco anos, nasceu o Afonso, atualmente com uns onze anos.

Hoje, decorridos seis anos de seu falecimento, com infinito respeito e ternura, reflito melhor sobre o que ele costumava responder quando lhe perguntávamos:

- Poderia citar alguma outra qualidade básica, por meio da qual o ser humano possa alcançar as virtudes já consagradas?

- Sem nenhuma pretensão de ser inovador, sim. Pois é sob as luzes da doutrina

do Mestre dos mestres que se pode verificar, no decurso da própria vida, o valor de um dom, um talento especial: a coerência, o equilíbrio - afirmava o pai - porque os seres dotados deste alicerce espiritual certamente serão também humildes, generosos, justos; amarão ao Criador e ao próximo, viverão em paz e harmonia.

Este homem maravilhoso, cujo perfil tentamos delinear, teve também os seus deslizos e defeitos, como todos nós. Mas a sua passagem pelo Planeta não foi em vão: pois a força vital que fluía dele, a luz de sua sabedoria, a simplicidade com que enfrentava problemas aparentemente graves, a energia do ânimo empreendedor; a coragem de cair, mas levantar-se, e nunca desistir de seus princípios; a fé com que perseguiu sempre um alvo eterno; a generosidade de sua paciência e aceitação do semelhante - todo este manancial de humanidade poderá, ou melhor, deverá ser sempre campo fértil para nossos espíritos.

(Geisa Lima Benevenuti é professora aposentada, filha do jornalista Alady Berlese de Lima e residente em Passo Fundo/RS.)

Lição de Mestre

ALADY BERLESE DE LIMA,

In memoriam

O brigado, Meirelles, pela bela e comovente página em que faz alusão à minha caminhada pela imprensa, desde 1º de abril de 1938, quando fui acolhido, àquela época, pela equipe intelectual de O NACIONAL, por seus diretores, drs. Herculano Araújo Annes e Múcio de Castro e a gerente do órgão, então, a ilustre passo-fundense Antonina Xavier e Oliveira.

Caro Meirelles, eu o conheço desde jovem, provindo de uma família nobre e cristã, e acompanhei seu digno esforço de ser útil e servir Passo Fundo e sua laboriosa comunidade, escudado em atos e fatos que são sobejamente reconhecidos pelos seus conterrâneos.

Prossiga, pois, nessa valiosa trajetória e você terá, em futuro bem próximo, a justa recompensa, graças à sua fonte fértil e incessante de trabalho, que lhe confere, cada vez mais, o inegável prestígio pessoal e político.

Permita-me uma ligeira digressão: o verdadeiro e compenetrado jornalista profissional deve estar a serviço do bem comum, com seu pensamento claro, na informação verdadeira, na exatidão e honestidade de seus editoriais e na observação atenta em suas publicações e o respeito à dignidade humana.

O jornalista digno e consciente não se compraz na crítica ferina para não macular a verdade.

Tenho profundo respeito e veneração pelos dois mais antigos jornais que circulam em Passo Fundo, nos quais exerci, também, minha atividade de jornalista profissional.

Prossiga em seu positivo propósito de apresentar, semanalmente, através do mais velho órgão da imprensa cidadina, em forma ilustrada com curiosas e interessantes fotos, à base de documentação e do seu incomum e apreciável comentário, com uma apologia séria e realística de elementos biografados, que no pretérito se destacaram na Capital do Planalto Médio, por suas iniciativas e realizações, constituindo, ainda, mais um complemento de indubitável valia para o fiel registro da história de Passo Fundo.

Do Alady Berlese de Lima

Nota dos Editores: A carta acima enviada ao jornalista Antonio Augusto Meirelles Duarte, presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, foi publicada na edição de O Nacional, de 5 de março de 1998, com o seguinte título: Jornalista Alady Berlese de Lima agradece matéria divulgada sobre sua vida profissional. É um verdadeiro "testamento jornalístico", pelas afirmações sentenciosas que encerra.

Tiradentes

Manhã de abril,
Luminosa, céu azul,
Manhã que prenuncia festa.
Haverá festa?

Rufam os tambores.
Ressoam os clarins e as cornetas.
Há alvoroço na multidão.
D. Maria I, está contente.
Dará ao povo brasileiro
uma lição de legalidade,
mostrando que a pena capital
é o castigo para os que ousam
sonhar com a Liberdade.

Soam oito horas,
da porta da cadeira
ei-lo que surge:
alto, mago, pálido,
olhos profundos,
barbas longas, grisalhas.
Contempla o céu que há três anos
ele não fitava.
O céu é azul,
a manhã é luminosa, fascinante,
mas é hora de partir..
Levam-no para o pedestal da força.
Seguram um crucifixo às mãos algemadas.
O olhar é sereno.
Sobe um a um,
os degraus que conduzem ao patíbulo.
Ei-lo no vigésimo-quarto degrau:
"Creio em Deus Padre todo poderoso..."
Tiradentes reza,
com voz plangente.
Seu olhar se perde no Infinito.

O carrasco o empurra para a morte.
Os tambores rufam.
As cornetas e os clarins ressoam.
Os sinos dobram.
A multidão se agita.
No ar paira tristeza.
Tiradentes está morto.

A pena capital foi fielmente executada,
com toda a pompa, com todo o aparato.
Tiradentes jaz, D. Maria I,
mas seu sonho de Liberdade,
de Independência,
este transcende a força,
é imperecível.

Ressurreição

Veio para salvar.
Que recebeu?
Apenas isto:
Calúnias, injúrias.
Revoltou-se?
Não. Viera para salvar.
Às calúnias, às injúrias
Aliaram-se os açoites.
Mas era pouco, era preciso eliminá-lo.

Por quê?
Apenas por isto:
Ele agitava as multidões,
Despertava consciências,
Mostrava valores que eram desconhecidos.
Dizia que além da matéria havia algo mais,
Algo que não era palpável,
Mas que existia.
Foi acusado,
Condenado.
E, finalmente, executado.
Por quê? Por quê?

Brada-se hoje:
O maior erro judiciário da História.
Os tempos passam
Mas as incompreensões continuam.
O Cristo que ontem morreu na cruz,
Hoje seria eletrocutado.
E amanhã,
Quem sabe?

Mas as verdades eternas
Que ele trouxera para semear
Cresceram, frutificaram,
Apesar de tudo.
E Cristo ressurgiu dos mortos
Para a Glória Eterna
E com Ele ressurgirão
Todos aqueles que O seguirem.



Numa certa esquina

(FOTOS: ARQUIVO RB E GL)

RAUL BOEIRA e GERSON LOPES

A Música Popular Brasileira experimentou nos anos 70 um dos seus períodos de maior riqueza e diversidade. Os festivais realizados na década anterior abriram caminho para que novos compositores se fizessem no cenário musical. As gravadoras tinham interesse em divulgar a produção musical que surgia das mais diversas vertentes e propostas, cumprindo, assim, seu papel cultural. Desse modo, os anos 70 consolidaram o prestígio e a popularidade de criadores como Chico Buarque, Caetano Veloso, Edu Lobo, Gilberto Gil. Os anos 70 presenciaram a chegada ao centro do país da música do pessoal do norte e nordeste, via Belchior, Ednardo, Alceu Valença e os Novos Baianos. Deram as boas vindas a Gonzaguinha, Ivan Lins, João Bosco e Djavan. Testemunharam a força do cantar de Elis Regina, Gal Costa e Maria Bethânia. O samba de raiz se modernizou com Paulinho da Viola. O rock nacional encontrou seu lugar nas paradas, com Rita Lee, Secos & Molhados e Raul Seixas. Tim Maia surge com o seu "soul" brasileiro. Enfim, o que se ouvia pelas ondas sonoras das rádios de todo o país passava muito além da padronização e massificação que tomou conta do cenário a partir dos meados da década seguinte.

Influenciados por essa riqueza musical, um grupo de passo-fundenses começa a se encontrar numa certa esquina da Vila Cruzeiro. Esses encontros, que se iniciaram lá por 1973, se mantiveram até os primeiros anos da década seguinte.

E apesar da informalidade dessas rodas de viola, da ausência de uma noção ou intenção de se criar ali um movimento musical e da quase completa indiferença por parte do grande público local, esses encontros acabaram por criar uma "escola violonística" interessante e bastante incomum para os padrões então vigentes no meio musical do Rio Grande do Sul. Diferentemente dos músicos da geração anterior, que foram influenciados basicamente pela jovem guarda e pelos bailes, a nova safra local seguia a trilha sonora do violão moderno de João Gilberto. Os acordes, a batida, o repertório, tudo o que se ouvia naquela esquina estava sintonizado com o que de mais contemporâneo se vinha criando no centro do país. Até hoje músicos de outras partes do Brasil se surpreendem pelo fato de Passo Fundo ter gerado uma safra de tantos sambistas.

Muitos nomes bateram ponto ali. Músicos que já estavam iniciando na profissão e amadores interessados naquele som. Alguns conseguiram construir carreira sólida em nível nacional e

internacional, como Alegre Corrêa, que hoje toca com Joe Zawinul e na Vienna Art Orchestra; Dudu Trentin, arranjador da Rede Globo; Ronaldo Saggiorato e Guinha Ramires, do grupo Dr. Cipó. Outros, apesar de não terem se profissionalizado, não se afastaram da música e prosseguem produzindo e atuando amadoristicamente. Todos têm um elo em comum: a esquina do Grigolo, mais adiante conhecida como a esquina do perfume. Rua Coronel Pelegrini esquina com Plácido de Castro.

Hoje é possível comprovar que aqueles caras, embora inconscientemente, estavam deflagrando um movimento cuja importância cultural não foi percebida pela comunidade local e somente hoje vem sendo reconhecida, senão pelo prestígio musical de seus principais protagonistas, pela quantidade de descendentes musicais que gerou.

Todavia, para muitos moradores dos arredores da Vila Cruzeiro, aquilo não passava de "um bando de vagabundos". Realmente, naqueles tempos, ter um filho músico era razão suficiente para o desespero de mães e ira de pais. Hoje, a história é diferente. Os próprios pais patrocinam a compra de equipamentos, emprestam a garagem para os ensaios das bandas dos filhos, pagam cursos de música aos talentos caseiros.

Pois bem, essa esquina vai ser o personagem central da publicação de um

livro que estou preparando em parceria com o compositor Raul Boeira. A intenção é revelar a aventura musical daqueles vagabundos que tiveram a coragem de apostar no samba, na bossa nova e no baião. Que descobriram, mais tarde, que era possível jogar tudo isso num caldeirão e, adicionando jazz, música latino e centro-americana, preparar uma grande sopa de sabor universal. Que aprenderam música praticamente sem recursos, sem facilidades, distantes dos ambientes acadêmicos, dividindo o mesmo violão, na batalha. Num tempo em que raras eram as revistas de acordes cifrados, quanto mais "songbooks" ou métodos de jazz importados. Num tempo em que não havia teatro na cidade, nem bares com música ao vivo.

O período focalizado será de 1973, ano em que Alegre Corrêa e Itamar Arnold começaram a aprender os primeiros acordes, até 1983, quando o grupo Água de Cheiro (formado por Alegre, Ronaldo Saggiorato, Dudu Trentin, Sergio Florão, Juarez Ferreira e outros) realizou o show Encontro com a Arte Atual, no Clube Caixerai. Ali, pela primeira vez, depois de dez anos na contra-mão, aquele grupo mostrou um espetáculo que continha uma proposta de valor realmente artístico, dentro de um nível de produção que, até então, não havia sido alcançado por nenhum outro músico ou grupo musical da cidade. Mas ao mesmo tempo em que o show confirmou a qualidade, a capacidade e a modernidade daqueles músicos, foi a prova definitiva de que a sua estatura estava acima dos padrões locais, que a única alternativa era apostar suas fichas nos grandes centros. E foram. Porto Alegre, Florianópolis, Rio, Viena. Mas aí começa uma outra história.

Acompanhará o livro um CD com canções de alguns dos músicos que passaram pela esquina. Serão 10 ou 12 composições, com arranjos que terão o violão como peça central, preservando-se, assim, o clima de "roda de viola", característica principal daqueles encontros. As pesquisas e as entrevistas já estão em andamento. Naturalmente, a segunda e mais difícil fase do projeto, que é a edição do livro e a produção do CD dependerá de recursos financeiros e de apoio de parceiros culturais. Aliás, quando o assunto é música, a parceria é fundamental.

Raul Boeira, funcionário público federal é "músico amador"; Gerson Lopes é jornalista

Personagens da esquina



Alegre Corrêa

Violonista, guitarrista, compositor e arranjador. Nasceu em 1960, em Passo Fundo-RS. Começou tocando em conjuntos de baile. No início dos anos oitenta viveu em Florianópolis e Porto Alegre, realizando um trabalho voltado para a música instrumental com sotaque brasileiro. Em novembro de 1988, Alegre Corrêa aterrissou em Viena, onde vive até hoje e lançou nove discos. Membro da Vienna Art Orchestra, a mais importante "big band" da Europa e do grupo de jazz Fusion Zawinul Syndicate.

Ronaldo Saggiorato

Nasceu em Passo Fundo. Baixista com uma sólida carreira, mora entre o Brasil e a Europa há mais de dez anos. Respeitado internacionalmente, tocou entre outros, com Renato Borghetti, Alegre Corrêa, Izabel Padovani e tem um longo trabalho com o grupo de música instrumental Dr. Cipó.



Ita Arnold

Compositor, violonista, cantor, nasceu em Passo Fundo em 1959. Entre seus parceiros estão Silastoin Silva, Bira Azevedo, Giovanni Mesquita, Dinho Oliveira e Rosane Arostegui. Está preparando o seu primeiro CD.

Guinha Ramires

Violonista natural de Carazinho. Durante 10 anos, foi baixista do grupo de Renato Borghetti. Tocou com Alegre Corrêa, Yamandú Costa, Elisah e com o lendário baterista Nenê, entre outros. Fez apresentações em Nova York, Viena, na Suíça e na Alemanha. Integrou a Banda Sinfônica de Santa Catarina como violonista e coordenador da banda de basê. Lidera o importante grupo de música instrumental Dr. Cipó.



Paulinho Saggiorato

Guitarrista, cantor e compositor. Iniciou aos 18 anos, influenciado pelo irmão Ronaldo. Fez parte dos grupos Quarteto Brasil, Porto Velho, Opus Trio, Trio Ângulo e acompanhou diversos intérpretes importantes. Vive em Florianópolis há 10 anos, onde desenvolve um trabalho de música instrumental com a banda Cabeça de Fósforo.

Dudu Trentin

Marauense, começou tocando escaleta na banda marcial. Passou a tocar órgão na igreja e depois foi músico de baile. Em Porto Alegre, tocou com Vitor Ramil, Nei Lisboa e com o Grupo Cheiro de Vida. Em 85 se mudou para o Rio e em 87 para Viena, onde estudou guitarra jazz. Mas decidiu se dedicar ao piano. Vive no Rio. Trabalhou com Pepeu Gomes, Leo Gandelman, Gabriel Pensador, Ed Mota, Sandra de Sá, João Bosco e outros. Hoje atua nos grupos de Marina Lima, Paula Morelembaum e Kleiton & Kledir. Lançou o CD Wherever I Go, apenas com temas instrumentais de sua autoria.



Destaques da literatura local em 2006

MEIRELLES DUARTE

Comemorados festivamente os 68 anos da Academia de Letras

Os 68 anos de fundação da Academia Passo-Fundense de Letras foram comemorados com várias solenidades, todas desenvolvidas na sede do sodalício e prestigiadas por um seletó público. Os trabalhos foram dirigidos pelo presidente Meirelles Duarte e contaram, como primeiro momento, no lançamento de mais uma edição da

nossa revista "Água da Fonte", com uma exposição feita por um dos editores, acadêmico Paulo Monteiro, com a distribuição de vários exemplares. Aos novos acadêmicos, empossados em 2006, foram entregues os respectivos diplomas de membros da Academia, com familiares presentes, prestigiando o ato. Na ocasião, vários

brindes foram entregues à presidência, inclusive um jogo de medalhas históricas, iniciativa da Agência Consular Italiana, na pessoa de sua titular, senhora Eloy Bertoldo Alessandri. O ato foi prestigiado pela quase totalidade dos acadêmicos que, na mesma noite, promoveram uma confraternização num concorrido coquetel.



(FOTOS: ARQUIVO MD)

Os acadêmicos, em grande número, presentes nos festejos dos 68 anos da Academia.

Na Academia de Letras o lançamento da biografia do professor Cláudio Wagner

Um dos mais queridos professores de Educação Física que trabalharam nestes últimos 50 anos em Passo Fundo, o professor Cláudio Wagner, popularmente conhecido por "Casquinha", é um dos mais queridos e reúne a mais longa e brilhante carreira de mestre e amigo dos jovens de várias gerações. Professor Casquinha teve no historiador e acadêmico Marco Antônio Damian, com as colaborações de Cláudio Joaquim Paiva Wagner e Maria Luiza Wagner Camargo, importantes colaboradores na elaboração da biografia e na coleta e seleção de fotos. Tudo aconteceu no dia em que o professor recebia, na Câmara de

Vereadores, das mãos do vereador Zenóbio Magalhães, o pomposo título de Cidadão Honorário de Passo Fundo, pelos relevantes serviços prestados nos meios educacionais de Passo Fundo. Um número seletó de ex-alunos, de personalidades dos meios educacionais, inclusive da Universidade de Passo Fundo, foram à Câmara de Vereadores, seguindo após até a Academia de Letras para o lançamento da obra. Foram momentos de grandes emoções. Na oportunidade fez a apresentação da obra o acadêmico Osvandré Lech, que disse da vida maravilhosa do homenageado e das gerações que se beneficiaram dos seus

conhecimentos, do seu carinho e dedicação. Após falou o presidente Meirelles Duarte, recordando dos tempos em que, como repórter da Rádio Passo Fundo, vivia o dia-a-dia dos trabalhos do professor, nos meios esportivos e educacionais de Passo Fundo. Falou, no final, muito emocionado, o professor Cláudio Wagner, dizendo do seu amor por Passo Fundo, sua gente, agradecendo tudo o que conseguiu nesta cidade para si e sua família, dizendo que o título de cidadão passo-fundense foi a maior honraria que recebeu em sua vida. Após os convidados participaram de um coquetel nas dependências da Academia.

Acadêmicos acompanham obras de reforma

O velho e histórico prédio da Academia Passo-Fundense de Letras sofreu uma profunda reforma, com um trabalho elogiável promovido pelo atual governo do município, tendo à frente o prefeito Aírton Dipp. Foi feita nova pintura interna, segurança para a própria Academia, mudança no piso, entrada totalmente modernizada e ampliada, além de instalações de mais banheiros e um elevador. Mesmo durante as obras, os acadêmicos, aos finais de semana, compareciam no local para avaliar tudo que estava sendo feito, oferecendo sugestões e colaborando com os construtores. Foi uma demonstração de interesse que muito colaborou com o andamento das obras. Hoje, faltando somente a colocação das cadeiras do grande auditório, quase tudo estará em seus devidos lugares, para orgulho de todos, não só acadêmicos, mas de todos os passo-fundenses.



Acadêmicos vistoriando as melhorias na sede do sodalício: Xiko Garcia, Welci Nascimento, Santina Dal Paz, Jurema do Valle e Meírelles Duarte.

Jane Pimentel encanta Passo Fundo com sua declamação

Depois de mais de 30 anos ausente de sua cidade, a consagrada declamadora brasileira Jane Pimentel retornou à sua terra natal para lançar sua mais recente obra, *Velas ao Vento* com poesias de sua autoria e de autores consagrados. Reunindo mais de uma centena de convidados, Jane apresentou-se com várias declamações que encantaram o grande público. Demonstrou toda a sua personalidade que a consagrou por onde se apresentou ao longo de sua brilhante carreira artística. Foi saudada pelo presidente Meírelles Duarte que a conheceu desde os tempos de estudante em nossa cidade, quando já nas olimpíadas estudantis brilhava como ninguém nas disputas de declamação. Meírelles lembrou seus familiares da numerosa família Pimentel, que muito contribuiu para o desenvolvimento de Passo Fundo em várias áreas, desde a agrícola, do comércio, da indústria e também dos meios intelectuais, na pessoa da própria Jane. Velhos amigos, ex-



Jane com membros da Academia, Jurema do Valle, Paulo Monteiro, Paulo Giongo, Meírelles Duarte, Santina Dal Paz e o editor da recente obra de Jane, Charles Pimentel

professoras, como o caso de Santina Dal Paz e Jurema Carpes do Valle, prestaram homenagem à ilustre declamadora. Jane vive hoje em Porto Alegre junto aos filhos e

netos, mas é ainda muito solicitada para exhibições, que continua com grande sucesso, nos mais consagrados meios intelectuais do Brasil.

Acadêmico Alberto Rebonatto fala de seu patrono

Dando seguimento à manifestação dos novos acadêmicos, recém-empossados na Academia de Letras, coube a Alberto Antonio Rebonatto falar do seu patrono, Machado de Assis. Sua palestra, que contou com grande número de acadêmicos e convidados especiais, foi muito aplaudida, pois teve ele o cuidado especial de fazer um relato que pintou com cores bem vivas a figura do grande patrício. O palestrante promoveu uma pesquisa de grande profundidade, o que representou o seu interesse em oferecer um trabalho à altura, ao ponto de ter sido incluído nos arquivos da Academia, à disposição de historiadores, pesquisadores e estudiosos. O trabalho foi tão perfeito e completo que não ficou dúvida alguma, da parte dos acadêmicos e demais interessados, sendo, por esta razão muito cumprimentado por todos. O presidente Meirelles Duarte, ao final, enalteceu o trabalho do acadêmico Alberto Rebonatto, afirmando que os anais da Academia, com sua exposição, ficaram substancialmente enriquecidos.

Lançada na Academia de Letras a obra “Uma luz em terras africanas”

A Academia Passo-fundense de Letras viveu, na noite de 13 de dezembro de 2006, um momento inédito, de grandes emoções, num atestado do valor da amizade e reco-



A autora, Elisabeth Souza Ferreira, Irmã Emília Welter e, no centro, professora Lisene Moroso

nhecimento de uma gigantesca obra social, tudo resumido num livro muito bem escrito e que reflete com fidelidade os seus desejos e objetivos. Foi lançado o livro *Uma luz em terras africanas* de autoria da acadêmica Elisabeth Souza Ferreira. Trata-se de uma justíssima homenagem à religio-

sa, Irmã Emília Welter, da Congregação de Nossa Senhora, Irmãs de Notre Dame. É um relato do trabalho missionário da religiosa em Moçambique, durante quase 7 anos.

Educando, dando a indispensável assistência social, Irmã Emília Welter, que viveu sua maior parte como religiosa no colégio de Passo Fundo, onde residem alguns dos seus parentes, teve na autora, Elisabeth Souza Ferreira, uma de suas mais brilhantes alunas, nascendo desta convivência uma amizade que perdura até os dias de hoje. Os salões da Academia foram tomados por ex-alunas da Irmã Emília, por religiosas, inclusive pela superiora, Irmã Aracy Ludwig que, ao se manifestar para os órgãos de imprensa presentes, disse do valor e do alto significado do gesto da autora que, como ex-aluna do Notre Dame, acompanhou a obra

da Irmã Emília, tomando conhecimento de sua grande obra social que está refletida na própria obra lançada. A autora, como a homenageada, foram muito cumprimentadas e o livro teve grande aceitação na numerosa família Notre Dame, membros da Academia e intelectuais da cidade.

Revista “Espaço Design” lança edição na Academia de Letras

Dentre as publicações mensais, que enriquecem os meios de comunicação de Passo Fundo, a revista “Espaço Design” é hoje uma das mais modernas. O modernismo da revista deve-se não só ao seu conteúdo, mas também a sua qualidade gráfica, que pode ser comparada com as melhores que possuímos. A família Stolfo é a grande responsável, e o jovem arquiteto Ricardo Magno Stolfo, seu principal editor e redator. Por ocasião de sua última edição, foi escolhido para o lançamento o salão de festas da Academia Passo-Fundense de Letras, com o prestígio da presença do presidente Meirelles Duarte e de todos os demais integrantes da entidade. Falaram o Dr. Ricardo Stolfo, pai do arquiteto, membro e ex-presidente da Academia. Também o arquiteto Ricardo Magno



Dr. Ricardo Stolfo, quando fazia a exposição da revista, vendo-se ainda o arquiteto Ricardo Magno Stolfo, Meirelles Duarte, Santina Dal Paz e Jurema do Valle.

Stolfo fez uma exposição do conteúdo de mais esta edição. Ao final, coube ao presidente Meirelles Duarte cumprimentar os promotores, enaltecer a qualidade da revista, estimulando seus responsáveis a continu-

arem nesta trilha, valorizando sempre mais os meios de comunicação da cidade. Após a solenidade, todos os presentes, em grande número, foram recepcionados com um corrido coquetel.

Acadêmico Welci Nascimento lança “Sonhos Vicentinos”



Welci, com familiares e vicentinos no lançamento do seu livro

Entre os membros da Academia de Letras, que maior número de obras já lançou, nestes últimos anos, Welci Nascimento pode ser colocado em primeiro lugar. Todas as suas obras têm grande aceitação, pois sempre representam algo ligado a Passo Fundo, sua gente e sua história. Depois de *Ruas de Passo Fundo*, lançou, recentemente *Sonhos*

Vicentinos, que fala da Sociedade São Vicente de Paulo, de Passo Fundo, e do trabalho dos vicentinos em nosso meio. O lançamento aconteceu na nova sede dos funcionários do Hospital São Vicente de Paulo e contou com um público numeroso e seleto. Em mais esta sua obra, Welci fala desde o surgimento do movimento vicentino, suas conquis-

tas e sua presença, hoje nos meios sociais e benemerentes de Passo Fundo. Refere-se muito ao Hospital São Vicente, pelo que ele representa de mais significativo dentre as grandes obras vicentinas, desde os grandes momentos vividos com o saudoso Bispo Dom Cláudio Colling até hoje, com os seus sucessores, Urbano Allgayer e Ercílio Simon. Fala do valor dos jovens, em seus retiros, em suas atuações sempre cheias de entusiasmo e muita vibração. Welci destaca o trabalho voltado aos idosos, onde se encontra um dos pontos altos do movimento vicentino. No lançamento da obra, o autor falou com muita emoção, vendo o quanto foi aquele ato prestigiado, tendo o Canal 20 da NET realizado um programa especial, com entrevistas junto às personalidades presentes. Esta mais recente obra de Welci Nascimento teve grande procura e aceitação, não só na cidade, como em várias outras onde os vicentinos atuam.

Cristo só não andou pilchado por não existir CTG na época

Quando Teixeira compôs a música “Querência Amada”, um dos inúmeros sucessos do seu riquíssimo repertório, disse: “Deus é gaúcho/ de espora e mango/ foi maragato ou foi chimango”. A canção me inspirou essa opinião, levando pelos momentos que o 13º Rodeio Internacional de Passo Fundo nos proporcionou e que jamais esqueceremos.

O valor do tradicionalismo gaúcho, um privilégio que Deus nos consagrou com exclusividade, hoje é cultuado nas principais capitais européias e nas mais importantes cidades norte-americanas, além dos países do Sul e da América Central. Um dos fatores que mais nos leva a admitir que o tradicionalismo é uma dádiva divina, pois prega a manutenção da dignidade, do respeito e do amor que os partidários dessa corrente têm, quer seja em seus “galpões”, sede dos seus CTGs, quer seja na própria vida íntima de cada família.

O tradicionalismo conseguiu superar a chamada “evolução dos costumes”, que jogou nossa mocidade na mais condenável libertinagem, alimentada e estimulada por novelas, revistas pornográficas e principalmente pela ausência dos pais. Muitos filhos, por isso, levam namorada ou namorado para con-

viver intimamente, por uma temporada, e contrariam o sublime princípio do matrimônio, que se constitui na formação de famílias e da própria sociedade. O tradicionalismo inspira respeito, desde a infância, com meninos pilchados e meninas com seus vistosos vestidos de chita. O amor à arte, música, canto e dança. O amor à natureza, convivendo com animais, florestas, rios, tudo dentro de um princípio que jamais foi superado ou desvirtuado.

Cada vez mais me convenço de que Teixeira tinha razão ao afirmar, nos seus versos, que Deus realmente é gaúcho. Sou sócio remido do CTG Lalau Miranda, que vi nascer quando para cá retornei, em 1952.

Meus pais, o Tenente Delmar Duarte e a acordeonista Zaida Meirelles Duarte, a primeira acordeonista de um CTG, são fundadores, dentre os poucos que existiam em todo o Estado. Minha irmã, Josenia, na adolescência, foi da invernoada de danças. Por esse verdadeiro milagre que é a resistência do movimento tradicionalista do estado às condenáveis mudanças de costumes e agir, é porque realmente Deus é gaúcho. Meu caro e saudoso Teixeira, com certeza fará com que força alguma desvirtue esse

abençoado movimento. Tentativas já aconteceram – com pseudogaúchos de brinco na orelha, acessórios que longe estavam do modelo autêntico.

Felizmente, tudo rechaçado e condenado, evitando assim o desvirtuamento dos nobres costumes gauchescos. A delegada Cláudia Cristina Santos da Rocha, que foi ao Rodeio com seu vistoso vestido de chita, de um vermelho bem semelhante ao das consagradas camisas do Internacional, mostrava, orgulhosa, a foto de sua filhinha de três anos, também vestida bem aos moldes da mãe, com um vestido de chita rosa. “Assim quero minha filha, vivendo nossas tradições, para garantir um futuro promissor”. Pensando no significado de nossas tradições – tão bem refletidas no Rodeio que tivemos –, chego à conclusão de que Cristo, em sua passagem terrena, só não andou pilchado por não existir um CTG na época. Fica, como a canção do Teixeira, apenas a dúvida: que lenço iria usar, o dos maragatos ou dos chimangos?

(Antonio Augusto Meirelles Duarte é jornalista, advogado e presidente da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Os Messias no Império Romano

SANTO CLAUDINO VERZELETI

Sobre a aridez do deserto, proliferaram os Messias contra a política romana de outrora. Desde o início dos tempos, sempre houve divindades que atendessem aos anseios do povo mais humilde.

Mesmo que os impérios homologassem alguma vantagem, ela só servia aos grupos dominantes que exerciam o poder.

Todavia, surgiram, através da história, pessoas revestidas de divindade, pregando aos mais pobres leis básicas de vida e de salvação.

Muitos com credibilidade, enquanto outros sucumbiram através da espada ou da expulsão do país.

Segundo a nossa visão, arrolamos alguns nomes que obtiveram êxito através dos tempos. São eles: Apolônio de Tiana, Simon Magos (ou Simeão), Simon Barcoba, Mitra (ou Mithra), Ísis, João Batista, Santa Helena, Constantino e Jesus Cristo.

Cada um em sua época impôs regras de comportamento espiritual ou material. Todos pregaram a paz, o amor e a liberdade. E todos foram divisores do tempo.

Apolônio de Tiana

Personagem retocada pela lenda. Nasceu em Tiana, na Capadócia, e morreu no fim do século I, provavelmente em Éfeso. No século II acoimaram-no de mágico, de adivinho. No século III, Filostrato publicou a *Vita Apollonii*, apresentando-o como sábio, taumaturgo e deus.

Na ânsia de aprender os mistérios explicativos do mundo e da vida, teria peregrinado pela Babilônia e por Nínive, pela Índia e Grécia, por Éfeso e Roma, pelas Gálias e Espanhas, por Alexandria e pelas terras altas do Nilo. Por toda a parte, haveria pregado a sabedoria e o bem.

No ano III d.C., foi adversário de Jesus Cristo e de diversos líderes religiosos adversários dos romanos, como Cristo, embora também pregasse a paz e o amor, espalhando seu poder e operando milagres.

Falava somente a pequeno número de pessoas (Jesus foi o pregador das multidões). E era inimigo dos romanos.

Por fim, em Éfeso, ao som de um coro

de virgens, teria subido ao céu, e de lá vindo para doutrinar céticos sobre os destinos eternos da alma.

O Apolônio de Tiana figurado por Filostrato é a construção do sincretismo religioso dos tempos do imperador Sép-timo Severo. E há nele elementos de tanta inspiração cristã, que chega a parecer uma réplica pagã de Jesus Cristo. Daí a interferência da *Vita Apolonii* nas controvérsias acerca das suas origens cristãs.

Já no fim do século III, Hioroclês opôs Apolônio a Jesus. Rebateu-o Eusébio da Cesaréia, no *Contra-Hioroclem*. O cepticismo do tempo da Renascença, o deísmo do século XVIII, o cristianismo bíblico da Escola de Tubíngia, com Bauer, todos se têm aproveitado de Apolônio de Filostrato para tentar corroer e desgastar a figura de Cristo.

Apolônio foi o Messias do seu tempo. Como muitos outros, porém, sem o apoio oficial do Estado Romano.

Simon Magos (ou Simeão)

O povo dizia que Simon Magos tinha o poder de Deus, que era ele o Messias.

O número de seus seguidores abrangia desde a Samaria até Roma. Foi adversário político de Pedro, o apóstolo. Teve influência política maior que Cristo. Até o ano 300 d.C. ainda havia adoradores de Simon.

Constantino, nessa época, impôs por lei o Cristianismo, em todo o Império Romano. A espada falou mais alto. E a história foi escrita pelos vencedores.

Simon Barcoba

Adorado e Messias do povo, salvador dos pobres e oprimidos, lutou contra os romanos e o sistema político de então.

Era descendente do Rei Davi.

Organizou e lutou com grupos em sistema de guerrilha, chegando a extinguir uma legião romana.

Simon Barcoba era melhor pregador

que Jesus e ungido como Messias. Houve até pedido de renúncia dos cristãos em seu favor. Figura ímpar e íntegra, até moedas foram cunhadas em sua homenagem.

O exército que organizou conseguiu derrotar os romanos de Israel. Por essa razão, recebeu o título de príncipe de Israel.

Mas em 135 d.C., os romanos destruíram o exército formado por Barcoba e 138 de seus seguidores acabaram por aderir à doutrina de Jesus Cristo.

Mitra (ou Mithra)

Também nasceu de uma virgem, em 25 de dezembro.

Antiga divindade dos povos arianos, ligados especialmente ao princípio da luz e da vitalidade que essa condição divina transmitia aos homens, inclusive no exercício da justiça e da verdade.

Na religião dos Vedas, Mithra é um deus importante, associado a Varuna. E, na religião do Avesta Zaratustra, considerado como enviado de Ahura, para trazer à humanidade os vários benefícios da luz.

O culto de Mithra foi-se constituindo gradualmente como forma religiosa independente (mitraísmo), passando à

Ásia Menor e a Roma, já sob o aspecto de religião. Além de poderoso mensageiro da luz, apresenta Mithra como mediador e protetor dos homens, na defesa contra as trevas, e acompanhando o espírito do homem na sua viagem ao além-túmulo.

A partir do século II d.C., seu culto foi levado pelos legionários a todos os confins do Império Romano. Tinha as características de deus viril, fiador da verdade, com total difusão entre os militares de Roma. Todavia, é certo também que a vitória do cristianismo retirou a especial ajuda que os imperadores davam à adoração de Mithra, o que o fez decair no século IV.

Em todos os santuários de Mithra existia, como regra, a sua representação como jovem guerreiro, de barrete frígio e abatendo um touro, cujo sangue, símbolo das energias primordiais agora dominadas, fecundava a Terra e dava origem a toda fertilidade. Todos os romanos o adoravam. E só homens entravam em seu grupo.

Os pormenores conhecidos da iniciação dos devotos *mistos* no culto de Mithra incluíam o *taurobólio*, ou imolação de um bezerro, cujo sangue devia escorrer sobre o devoto, enquanto era iluminado pela luz zodiacal.

Antes de morrer, Mithra ainda fez uma refeição e, após a morte, subiu ao céu. O pão e o vinho integravam o culto a essa divindade.



Ísis

É pela lenda osiriana que conhecemos Ísis, a imagem mais familiar do panteão egípcio. Irmã e esposa do deus Osíris, era ela que recolhia o corpo defunto e lhe dava o sopro vital que o trazia de novo à existência.

Da sua união com Osíris nasceu Hórus, que Ísis criou no delta. Figura muito popular, Ísis é o tipo da esposa fiel e da mãe devotada. O seu poder mágico, e em especial a proteção que dava às crianças, fazia aumentar cada vez mais o número dos seus devotos e admiradores.

Era muito venerada em todo o Egito, erguendo-se na localidade de Filas seu principal santuário. No tempo dos ptolomeus e dos romanos, o seu culto estendeu-se para além das fronteiras do Egito. Em todo o mundo romano havia templos, festas, sacerdotes e mistérios em seu louvor. Isso personificou sua imagem como deusa universal.

Calígula construiu um grande templo em sua homenagem, venerada que era como a Virgem Maria, e filha de Deus.

Grandes procissões ocorriam em adoração a Ísis. À sua semelhança, os cristãos também adotaram Maria amamentando uma criança.

Após 500 anos d.C., seus templos foram esquecidos e transformados pelo catolicismo.

Sua representação consiste numa mãe carregando uma criança ao colo.

João Batista

João Batista, Santo da Igreja Católica, aparece-nos como uma das figuras mais destacadas de toda a história da salvação. Foi anunciado por um mensageiro celeste, antes de sua concepção, e era filho de um sacerdote de nome Zacarias.

Enquanto este oferecia no templo o sacrifício do incenso, no cumprimento de sua missão sacerdotal, apareceu-lhe, à direita do altar, o anjo Gabriel, anunciando-lhe que sua esposa, Isabel, lhe daria um filho, embora fosse estéril e de idade avançada. Informou-o, ao mesmo tempo, da futura missão e da grandeza desse filho.

Diante do prodígio anunciado pelo mensageiro celeste, Zacarias duvidou e pediu um sinal. Foi-lhe dado, mas, como castigo, iria ficar mudo até se cumprir o prometido.

A realização da promessa do anjo seria inundada pelo Espírito Santo, desde o ventre da mãe. Foi um chamamento profético, revestido de um ambiente sobrenatural e acompanhado de fatos miraculosos.

Quando Isabel consultou o marido sobre o nome que se deveria dar à criança, este respondeu-lhe: "*João é seu nome!*"

O menino foi criado pelos pais de acordo com os princípios religiosos daquela época.

Sua primeira educação fundamentou-se no temor de Deus e no conhecimento dos livros sagrados.

Assim, no ano III d.C., nascia uma figura carismática, um messias, um profeta. Na Turquia, onde não se conhecia Jesus, ele foi adorado, ao reunir multidões para anunciar a boa nova, isto é, a vinda do verdadeiro Messias, o Cordeiro de Deus, não como figura a ser esperada, mas já presente a atuante no meio do povo.

A missão de João Batista consistia em preparar os caminhos do Senhor e apresentá-lo a Israel. Entretanto, acabou por tornar-se rival de Jesus, pela semelhan-

ça nas pregações.

Estando João às margens do Rio Jordão batizando seu povo, apareceu aquele que também foi enviado como salvador, e o batizou. Eram dois messias no mesmo lugar, e com os mesmos propósitos e missão. Os primeiros discípulos de João Batista também o foram de Jesus Cristo.

João morreu vítima de sua missão. Pois mais tarde, no tempo de Herodes, embora a contragosto, o rei mandou degolá-lo, a pedido da filha.

Entretanto, João Batista, o primo de Jesus, foi adorado em toda a Roma e por toda a cristandade. E é festejado em todo o mundo até os dias de hoje.

Santa Helena

Mãe do imperador Constantino Magno, chamava-se Flávia Júlia Helena Augusta.

De condição modesta, era a esposa de Constâncio Cloro, quando este, nomeado *César*, em 293, por motivos políticos, trocou-a por Teodora. Assim que subiu ao trono (em 306), seu filho Constantino chamou sua mãe à corte, tornando-a *augusta*, com todas as prerrogativas régias.

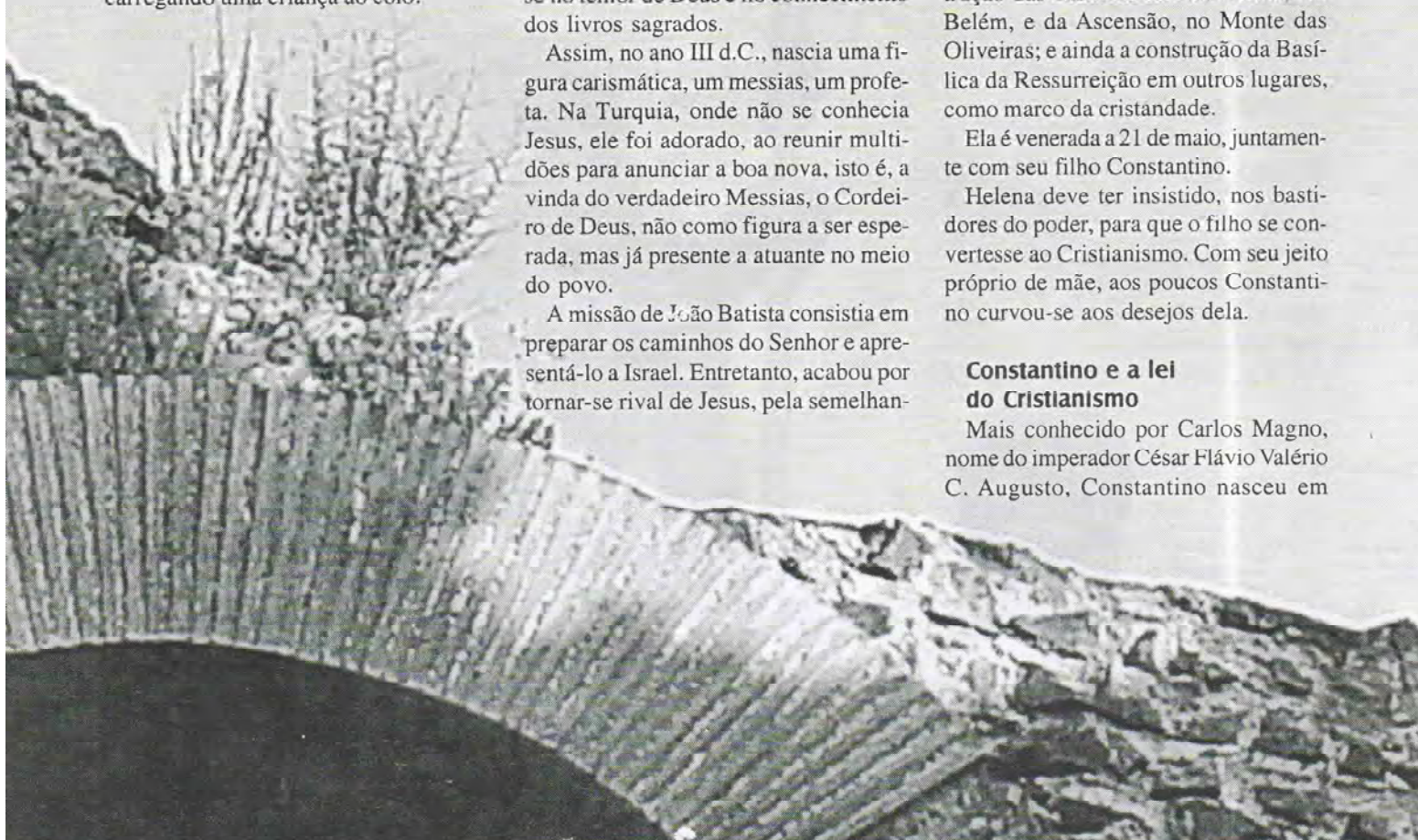
Helena aproveitou para praticar obras de misericórdia. Não se tem notícia de quando se tornou cristã. Em 326, empreendeu uma viagem aos lugares santos da Palestina, tendo promovido a construção das basílicas da Natividade, em Belém, e da Ascensão, no Monte das Oliveiras; e ainda a construção da Basílica da Ressurreição em outros lugares, como marco da cristandade.

Ela é venerada a 21 de maio, juntamente com seu filho Constantino.

Helena deve ter insistido, nos bastidores do poder, para que o filho se convertesse ao Cristianismo. Com seu jeito próprio de mãe, aos poucos Constantino curvou-se aos desejos dela.

Constantino e a lei do Cristianismo

Mais conhecido por Carlos Magno, nome do imperador César Flávio Valério C. Augusto, Constantino nasceu em



Naiço, Mésia superior, em fevereiro de 282 ou 288, filho de Constâncio Cloro e Helena.

Foi aclamado imperador pelas tropas, em 25.07.306. Residiu em Tréveros e governou a Gália, a Bretanha e a Espanha.

Depois de muitas lutas e intrigas, guerras e acordos, conseguiu unificar o Império em 324. E, em 20.05.325, assistiu à abertura do Concílio de Nicéia, onde os vencedores escreveram a história cristã. De julho a setembro de 326, permaneceu em Roma, sendo batizado em 23.05.337 por Eusébio, bispo da Nicomédia.

Em 312 d.C., Constantino teve um sonho (talvez de tanto a mãe encher o saco dele e também por lembrar a história de assassinatos de cristãos por seus antecessores).

Nessa noite, véspera da batalha de Ponte Milvio, teve duas visões. Na primeira, sonhou com o lábaro da cruz. E na segunda, ainda durante o sono, teve a promessa da vitória contra Maxêncio, se mandasse gravar na bandeira e nos escudos dos soldados o anagrama de Cristo.

Assim, em 313, Constantino começou a aderir às idéias cristãs, motivado pela histórica batalha, na qual sagrou-se vencedor. Após este feito, dispôs-se a favorecer o Cristianismo, até a paz definitiva em Milão. E com a paz na Igreja, abrandaram-se as perseguições religiosas.

A partir de 313, o Imperador publicou várias determinações (ou leis), em favor dos cristãos, as quais culminaram com o Editto de Milão, preparado no encontro com Licínio, nesta cidade, e publicado por este em nome dos dois imperadores, em Nicomédia (13.06.313).

Por esta lei dava-se liberdade religiosa a todos os súditos do Império; aboliram-se as leis contra os cristãos, restituindo-lhes os lugares de culto, sem obrigação de qualquer pagamento, se não estivessem em mãos particulares. Neste caso, o Estado indenizaria. A legislação modificou-se no sentido cristão. Em todo o Império Romano praticava-se uma só religião, a cristã, invertendo-se o uso da espada e da crucificação.

Nos trezentos textos legislativos promulgados em seus 25 anos de mando, Constantino estabeleceu um regime de justiça e equidade, que triunfou sobre o

legalismo. Protegeu os fracos, órfãos, viúvas e escravos. Criou leis sobre o pudor, a castidade e a virgindade; abrogou as leis de Augusto contra o celibato, impôs leis contra o concubinato, para dificultar o divórcio; implantou o repouso dominical e tantas outras práticas de inspiração cristã. Julgava que a política de tolerância favorecia a união do Império e o regresso dos cismáticos e hereges.

Uniu, dessa forma, todo o Império Romano, numa base sólida.

O mundo virou cristão por força de Lei e pelas benesses do Poder. Por um sonho de uma noite mal dormida e por imposição de uma mãe zelosa de seu filho. E o sonho deu certo. Se é de Lei, cumpra-se até os dias de hoje. Por Lei, todas as religiões foram reunidas em uma, e com isso se manteve o Império unido e oficializou-se o Cristianismo.

Teodósio I, o Magno

Imperador romano de 379 a 395. Entre diversas expedições de guerra, foi proclamado *Augusto*, em Sirmium. Protegeu a monarquia visigótica contra as ambições de Clóvis, convencendo o rei Atanarico a entrar para seu serviço, na qualidade de *federado*.

A partir de 381, proclamou o Cristianismo como religião oficial e entregou aos cristãos os templos pagãos.

Com mais um canetaço contra os pagãos do Império Romano, determinou que lá todos eram cristãos, inclusive os gnósticos. E que não se duvide disso!

Jesus Cristo

Nasceu na Judéia, quando esta região era província romana.

Aos trinta e poucos anos, reuniu um pequeno grupo de seguidores, começando a realizar pregações, a exemplo de outros Messias citados anteriormente.

Por divergir da política romana, foi condenado à crucificação, durante o governo do Imperador Tibério.

Os ensinamentos de Jesus foram divulgados por seus apóstolos, que fundaram a Igreja Católica e lançaram as bases de uma das principais religiões da história.

Os relatos sobre sua vida foram reunidos em quatro livros: os Evangelhos. Entre os princípios de sua doutrina, podemos citar:

- a fraternidade entre os homens;
- o perdão das ofensas e o amor ao inimigo;
- a renúncia de si mesmo;
- a condenação da cobiça e da hipocrisia;
- a ressurreição dos mortos para uma outra vida.

O sucesso da doutrina de Cristo deve-se aos apóstolos e discípulos que acompanhavam suas pregações, especialmente Paulo (convertido ao Cristianismo), que viajou para a Grécia e Ásia Menor, até chegar a Roma, no começo do século I d.C.

Jesus promoveu milagres e curas em seu curto reinado, a exemplo dos demais Messias.

Aos poucos, a religião do Império Romano aderiu ao Cristianismo, apesar das perseguições movidas por diversos imperadores. Os primeiros cristãos formavam pequenas comunidades, e assimilavam os ensinamentos de Jesus, pela palavra dos apóstolos e seus sucessores. Mais tarde, o Cristianismo tornou-se a religião oficial, por Lei do Império. E, para sua organização, contribuiu o trabalho persistente de Santa Helena, que fez edificar, em cada lugar santo, um capitel. Mais tarde, por sua insistência com o filho Constantino, e pelas visões que este teve em sonhos, com os símbolos de Jesus, o Imperador mandou gravar o anagrama de Cristo, na bandeira e nos escudos dos soldados romanos.

Estava criada assim a religião mais poderosa do Império Romano, sob o fogo da espada.

Outro apóstolo que oportunizou a ampliação da Igreja foi Pedro, escolhido por Jesus para ser seu sucessor na Terra. Foi o primeiro bispo de Roma, ou seja, o primeiro Papa, firmando-se sobre todos os demais bispos da Igreja, por meio desta teoria chamada de *Sucessão de Pedro*. No ano 455, o Imperador Valentiniano III determinou que todos os bispos do Ocidente se submetessem à autoridade do Sumo Pontífice.

Os demais Messias não tiveram a mesma sorte de usufruir de uma Lei que os amparasse perante o sistema político.

(Santo Claudino Verzeletti é membro da Academia Passo-Fundense de Letras e da Academia de Ciências Contábeis do RS; Coordenador do Grupo Pró-Memória de Passo Fundo.)



O livro das mil e uma traduções

manhã seguinte. Mas eis que surge Sherazade, que, para dar cabo do triste fim da degola das mulheres do reino, vai entretenendo o sultão com contos e enigmas até que se passam mil e uma noites e ela lhe mostra um filho. Essa é a essência da obra, de forma muito simplificada. Nos entremeios, surgem príncipes encantados, formosas princesas e fadas benfazejas, a par de gênios satânicos, feitiços demoníacos e malfeitores de toda ordem.

GILBERTO R. CUNHA

Poucos sabem (ou se dão conta) que por detrás das histórias do “Livro das mil e uma noites” e seus personagens, de fato, estão também as visões dos seus tradutores, que, vertendo do árabe para línguas faladas no Ocidente, trouxeram passagens do mundo oriental do século 13 até os nossos dias. Além de que, para muitos de nós, a leitura do *Livro das mil e uma noites* foi a responsável pela formação da consciência de que existe o Oriente (não raro, um Oriente distorcido pelo mundo das fábulas). Por isso, não é possível o entendimento do *Livro das mil e uma noites*, quando dissociado daqueles que levaram as suas fantasias para além das fronteiras da língua árabe. Entender um pouco da motivação e da história de vida dos seus tradutores é o objetivo destas notas, que são assaz simplificadas. Cada tradutor tem a sua versão. E é isso que torna essa obra infinita e intrigante.

Foram homens como Antoine Galland, Edward Lane, Richard Francis Burton, Dr. Joseph Charles Mardrus, Enno Littmann e o brasileiro Mamede Mustafa Jarouche, por exemplo, que, traduzindo o *Livro das mil e uma noites* do árabe para idiomas dominados no Ocidente, nos permitiram conhecer as desventuras do sultão que fora enganado pela esposa e, para evitar que tal acontecimento se repetisse, resolveu casar com uma mulher a cada noite e matá-la na

manhã seguinte. Este manuscrito foi usado por Galland para a sua primeira tradução, que interrompia a narrativa na 282ª noite. Com o sucesso, ele incorporou outras fábulas árabes obtidas de fontes diversas, alterando a ordem dos contos e adequando-os ao estilo então em voga na corte de Luiz XIV. Foi aí que surgiram as aventuras de *Simbad, o marujo*, *Ali Babá e os 40 ladrões* e *Aladim e a lâmpada maravilhosa*. Galland morreu em 17 de fevereiro de 1715, aos 69 anos.

O livro das mil e uma noites não é um simples livro de contos para crianças, como alguns supõem. Muitas histórias objetivavam o entretenimento de um público adulto, seguindo uma tradição oral dos contadores de histórias do Oriente (não havia aldeia que não tivesse o seu contador de histórias). Galland adaptou os textos (até suprimindo passagens) aos valores e à cultura europeia do século 18, dando uma falsa impressão de se tratar de uma obra infantil. Pela versão de Galland, que inclusive serviu de base para traduções do francês para o árabe, há quem critique que o Oriente nada mais seria que uma criação do Ocidente.

Contrapondo-se a Galland, surgiu a tradução francesa do Dr. Joseph Charles Mardrus (1868-1949), que é considerada uma das mais verazes, não ocultando as passagens de erotismo e de lascívia que foram deixadas de lado (ou atenuadas) por Galland. O Dr. Mardrus era árabe de nascimento e francês de nacionalidade. Ele nasceu na Síria e viveu no Egito. Estudou Medicina e viajou pelo mundo árabe, tendo adquirido muitos

Antoine Galland nasceu em 1646. Filho de pais pobres, conseguiu, com a ajuda do cônego de Nyon e de outros sacerdotes, ter uma educação nos primeiros anos de escola, que lhe permitiu saber um pouco de latim, grego e hebraico. Empreendeu algumas viagens para o Oriente (entre 1692 e 1697), aprendendo a fundo o árabe, o turco e o persa. Com o apoio de Foucault, foi admitido pelo rei na Academia das Inscrições e como professor de língua árabe no Colégio Real. Antes de empreender a tradução das “mil e uma noites”, escreveu um dicionário numismático (explicando os termos das medalhas antigas, gregas e romanas) e um tratado sobre o café. Em 1701, Antoine Galland recebeu de um amigo sírio os três volumes escritos a mão, contando as histórias reunidas sob o título “mil e uma noites”, datados do século 15 (provavelmente histórias originárias da Índia e transmitidas aos árabes pelos per-



manuscritos que serviram de base para a sua obra. Empreendeu sua tradução das mil e uma noites, a partir destes manuscritos e das histórias que ouviu na infância e presenciou nas praças do Cairo, nos cafés de Damasco e em Bagdá, procurando ser fiel à tradição oral. Sua obra em francês foi publicada de 1898 até 1904, sendo vertida para o inglês por Powys Mathers.

No inglês, a tradução do livro das mil e uma noites de Edward William Lane (1801-1876), as famosas *Arabian Nights*, segue o padrão de Galland, exagerando no puritanismo. Por sofrer de tuberculose, Lane viajou para o Egito em 1825. Neste país, estudou literatura e os costumes locais, adotando os hábitos dos nativos. Quando retornou para a Inglaterra,

em 1828, tratou de publicar (com dificuldades para encontrar editores) suas obras sobre o Oriente. Entre 1838 e 1840, publicou os vários volumes da sua *Thousand and One Nights*, que se transformaram em grande sucesso popular. Retornou ao Egito, em 1842, para se dedicar a um dicionário árabe, ficando naquele país até 1849. Voltou à Inglaterra e trabalhou nessa empreitada até a sua morte (sendo a obra completada por um sobrinho e publicada em 1893).

No idioma inglês, destaca-se também a versão antropológica (com algumas passagens obscenas) feita por Richard Francis Burton (1821-1890), o capitão Burton e o seu *Book of the thousand nights and a night* (Livro das mil noites e uma noite). Sir Richard F. Burton, explorador e orientalista, foi o primeiro europeu a sair com vida de Harar, a cidade proibida dos muçulmanos. Falava 25 línguas (além de 40 dialetos), incluindo-se o português (foi cônsul em Santos/SP por quatro anos, tendo escrito, em 1869, *The highland of Brazil*). Aos 21 anos foi para a Índia, onde pesquisou os costumes dos muçulmanos. Tratou de temas controversos, que abalaram sua reputação militar, como o homossexualismo e o canibalismo. Verteu para o



inglês gente como Camões e Catulo. Traduziu e mandou publicar manuais eróticos da literatura oriental, caso do Kama Sutra, não se permitindo censurar na versão das "mil e uma noites". Quando foi nomeado cônsul em Trieste, em 1872, considerou o fato como um degredo. Deixou uma obra constituída de 43 volumes sobre viagens de exploração e 30 traduções. Não obstante há quem considere o Capitão Burton uma farsa.

Para o alemão, a obra foi vertida por Enno Littmann (versão considerada literal e sem maiores encantos), Gustavo Weil (bibliotecário israelita), Max Henning e Félix Paul Greve (derivada de Burton). Essas versões alemãs não tiveram maior influência no Brasil, não servindo de origem a traduções para o português. De fato, nós brasileiros, até 2005, quando se começou a publicar a

1ª tradução direta do árabe para o português, de Mamede Mustafa Jarouche, sempre cultuamos a versão de Galland (a partir do original francês), quer através de edições publicadas em Portugal, com tradução de Eduardo Dias, nos anos 1940, ou, em tempos mais recentes, dos livros editados pela Ediouro no Brasil, com tradução de Alberto Diniz e apresentação de Malba Tahan.

Nas suas diferentes edições, os tradutores das mil e uma noites dão sinal que travavam uma "espécie de luta": Lane traduziu com vistas a suplantar Galland, e Burton parecia querer suplantar Lane. E assim por diante, até os nossos dias, com Mamede Mustafa Jarouche, seguiu o destino dos tradutores do livro das mil e uma noites.

As principais edições árabes do "Livro das mil e uma noites" são cinco: edição de Calcutá (1814-1818); edição de Breslau (1825-1843), sendo esta a primeira completa, ou seja, com 1001 noites; edição de Bulaq (1835); segunda edição de Calcutá (1839-1842) e a edição de Leiden (1984). A edição em português, de Mamede Mustafa Jarouche, programada para sair em cinco volumes, tem como referência o ramo sírio (os dois primeiros volumes), o ramo egípcio antigo e o ramo egípcio tardio (os três últimos volumes).

Algo que intriga na obra de Galland é a história de "Aladim e a lâmpada maravilhosa", que, segundo os estudiosos, não existiria nos originais, podendo, por ser superior em relação às demais, ter sido uma espécie de licenciosidade e criação do próprio Galland (fato não confirmado).

Que Jarouche suplante Galland!

(Gilberto R. Cunha é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)





O mito do amor romântico

MARIA LUCIA BANDEIRA VARGAS

Tendo relido recentemente *O Morro dos Ventos Uivantes*, de Emily Brontë, e encontrado novamente um grande prazer em sua leitura, me dispus a examinar possíveis razões para a apreciação continuada, ainda hoje, desse livro ambientado nas charnecas inglesas da primeira metade do século XIX. Quero crer que a primeira, e talvez mais atraente, razão para se gostar de *O Morro dos Ventos Uivantes* é o fato de a história tratar do mito do amor romântico e de o fazer de forma desbragada. Segundo Renato Janine Ribeiro, o Romantismo é um exemplo de "história de sucesso" pelo tempo que perdura. O Romantismo é um movimento literário, artístico e filosófico, que surge ao final do século XVIII e domina boa parte do século XIX. Esse movimento tem algumas características próprias, muito desenhadas em certos círculos da intelectualidade contemporânea, que, no entanto, resistem ao tempo.

Em primeiro lugar, nos diz Janine Ribeiro, o movimento romântico se baseou

na idéia de que só o coração revela a verdade. A premissa é simples como aparenta ser. No embate razão versus emoção, a última é a única capaz de dar a conhecer a felicidade à humanidade. Imbuído da crença de uma verdade maior que se sobrepõe às demais, o Romantismo crê que a sociedade, cuja organização seria baseada em leis e normas racionais, em *convenções* criadas pelo cérebro humano, é falsa e ilusória. Diz o autor: "o romântico é um rebelde. Ele desafia a sociedade. Na intimidade, encontra uma verdade subversiva. É impossível ser verdadeiro e, ao mesmo tempo, obedecer às leis vigentes."² O ímpeto do Romantismo é contestar a ordem estabelecida, os valores socialmente impostos, pois aqueles não provêm do coração, são maquinações da ordem da razão, portanto, ilusões no caminho da verdade.

Por que essa obsessão com a verdade? Porque sob a tutela da verdade estaria a verdadeira felicidade. A concórdância – vinda do coração, portanto, verdadeira – para com a realidade a que somos expostos é que pode nos fazer verdadeiramente felizes. Aquilo que o

coração rejeita não é digno de crédito e, conseqüentemente, de sacrifício em prol de sua realização. Aí entra o mito do amor romântico. O amor, como vivência arrebatadora dos sentidos, é compreendido como a grande experiência na direção da verdade. Tal crença nos desígnios do coração é parcialmente justificada por uma visão roussoniana – também chamada de romântica – do ser humano. Rousseau acreditava na existência de uma bondade intrínseca ao ser humano que se faria mostrar caso esse pudesse deixar aflorar, pelas vias da emoção, sua verdadeira natureza.

Dessa crença compartilham nossos heróis do *Morro dos Ventos Uivantes*. Embora caprichosos e cruéis, sua verdadeira natureza é boa, tudo se justifica e é redimido na figura do grande amor, que não pode ser vivido em sua plenitude, prisioneiro de convenções sociais. Por que isso nos atrai até hoje? Não temos certeza, mas é possível que uma parte da psique humana, ou pelo menos da psique dessa humanidade ocidental, contemporânea, que tem um pé na derrocada do projeto moderno, embora ainda não possa abrir mão completamente

de seus valores, e outro pé na pós-modernidade, onde consegue fazer a crítica do anterior, mas que a magoa justamente pela falta de projeto "messiânico" ao qual se agarrar, precisa do mito do amor romântico.

Em última instância, o amor romântico é aquele que nos salva da morte. Não da morte física apenas, mas da morte psíquica, que é o abandono, o não-reconhecimento pelos outros. Sartre disse que "o inferno são os outros" (*L'enfer c'est les autres*), mas, em certo sentido, os outros são também a salvação do nosso ego, porque são eles que nos reconhecem, nos dão importância, nos constituem através de seu gesto e de seu olhar. O amor romântico seria o paroxismo desse reconhecimento. Através desse amor, que é representado como sendo único na vida, encontraríamos no outro uma completude e estaríamos restituídos à forma original, quando éramos um só, ou seja, ao útero. Como o tipo de

aceitação e segurança, em que nos encontramos no útero, nunca mais pode ser alcançado após o nascimento, compete ao amor romântico o milagre de sua realização.

Naturalmente, nesse anseio de reconhecimento, que implica a busca pelo olhar do outro, a vida afetiva ficou representada no órgão cuja reação podemos sentir com mais evidência, quando as emoções tomam conta de nós: o coração. O coração ficou gravado no imaginário coletivo como sendo o órgão que na verdade origina e controla as emoções, ao invés de ser controlado por elas, e com frequência é mencionado em romances como sendo o responsável por desatinos dos mais variados.

É curioso observar como, no caso da substituição do líder palestino, Yasser Arafat, por ocasião de sua doença e posterior falecimento, líderes religiosos foram mostrados à época, no noticiário da TV, insistindo que sua fé não permiti-

ria a eutanásia e que, portanto, na sua concepção, o líder palestino estaria vivo, embora se informasse que o mesmo tivesse sofrido morte cerebral. Ora, se o cérebro está morto, o coma é irreversível, o simples fato de o coração bater não significa que haja vida no corpo. Mas o coração não é visto, nesse caso, como um órgão que permanece funcionando por reflexo e sim, na visão mítica, como aquele que origina a vida, a quem consultamos sobre questões afetivas e que determina que rumo tomarmos, conhecedor profundo da verdade interior dos homens, ou seja, de sua natureza narcisista.

Referências

- 1- RIBEIRO, Renato Janine. O mito do amor romântico. *Viver - Mente e Cérebro*. São Paulo, n. 141, p. 70-74, out. 2004.
- 2- RIBEIRO, R. J. Op. Cit.

(Maria Lucia Bandeira Vargas é Mestre em Letras - Estudos Literários pela UPF.)

Ontem e hoje

HELENA ROTA DE CAMARGO

Havia um mundo de possibilidades trepando a escada da nossa meninice. Uma cesta transbordante de expectativas, quando não fornida de ilusões. Desejo de subir. Impulso de descer. Brincadeiras sem consistência. Obediência cega.

Mocozeados sob o patamar (havia ali uma portinhola secreta), uns poucos pedaços de bons propósitos. Como o estímulo a ser uma boa menina. A observar as ordens. A falar a verdade, mesmo que doesse a língua.

A educação – que mais tarde descobri, nos cursos de magistério, como um penhor e uma salvaguarda – se apresentava entremeada de proibições. De motes incompreensíveis. Verdades absolutas. Uma

ferrenha inimiga.

De boa família, a criança devia respeitar as regras. Não escutar conversa de adulto. Não espiar atrás da porta. Não falar de boca cheia. Não dormir com os pés sujos.

E ainda, manter as orelhas bem limpas. Certamente, para que as repreensões encontrassem passagem livre...

Tantas negativas e reprimendas, sem nenhum convencimento, trucidavam a personalidade em formação. Afinal, seria o mundo tão áspero, a ponto de inibir o entusiasmo, condenar o que parecia atraente e exigir sempre o mais custoso?

Na escola, reafirmavam-se os conceitos familiares. Um mar de obrigações, sem nenhuma trégua. Nem um naquinho sequer de liberdade. Intransigente a educação, nas primeiras décadas do século XX. Para as crianças mais afoitas, de temperamento extrovertido, quase uma mordada a rigidez das normas.

Enérgicos os pais. Severos os mestres. Isso que não vivi o tempo da palmatória, que eles nos descreviam como um eficaz recurso educativo.

As crianças de hoje, com suas mo-

chilas transadinhas, seus minicelulares enlouquecidos, seus estranhos piercings e tatuagens, cada vez mais prematuros, sequer conseguem imaginar a carranca dos costumes que cunhou a infância de seus avós.

Pai, mãe, mestre: figuras quase sobrenaturais que ninguém contestava. Tinha que querer bem, demonstrar respeito e obediência. A razão estava sempre com eles. E a gente se submetia, porque assim se processava o enredo da vida, a história do povo.

Afinal, não era isso que estava escrito no catecismo? Nos livros de histórias infantis que amedrontavam os pequenos leitores?

Desobedeça, para ver no que vai dar!

Tem bruxa traícoeira. Tem lobo mau. Madrasta sem coração e raposa disfarçada de boazinha.

Uma blindagem quase total, que fazia a criança temer a revelação de seus dotes e pendores.

Oh! meus meninos! Se vocês apenas vislumbrassem a nossa mortificação, naquelas eras de preceitos arraigados, como entenderiam as minhas preocupações de agora!

Por que será que os homens têm uma atração fatal pelos extremos?

(Helena Rotta de Camargo, Academia Passo-Fundense de Letras.)





Maria Pequena, a Mata Hari passo-fundense

HUGO ROBERTO KURTZ LISBÔA

Durante a Primeira Guerra Mundial, que não foi primeira nem mundial, Mata Hari, uma bailarina holandesa, enfeitiçou os homens da época. Dormiu com franceses e alemães e, acusada de passar informações para os dois lados, foi julgada espiã e fuzilada na França, em 15 de outubro de 1917.

Bem antes disso, em 28 de novembro de 1893, durante a Revolução Federalista, Maria Meireles Trindade, mais conhecida por Maria Pequena, foi assassinada com três facadas e degolada no bairro onde hoje é a Vila Santa Marta, por um piquete dos maragatos. Isto me foi contado pelo Sr. César Melo, um grande passo-fundense e conhecedor da história da cidade, o qual nasceu em Uruguaiana.

São poucas as informações sobre Maria Pequena. Nosso poeta e cronista Gomercindo dos Reis, em um dos seus livros, *Nuvens e Rosas*, descreve o fato com um pequeno texto e dois poemas. Relata que ela foi enterrada no cemitério da Cruzinha, na baixada da atual Rua Coronel Chicuta, em direção ao Bosque da Fundação Lucas Araújo. Logo lhe atribuíram milagres e começou a ser reverenciada. Sempre luziam velas no pequeno cemitério, dos devotos que lhe prestavam homenagens ou pagavam

promessas. Pessoas de idade, na nossa cidade, recordam-se claramente do local e da veneração de que ela foi alvo.

Possivelmente, foi uma bcata das pessoas humildes, já que na literatura oficial nada consta a seu respeito.

Conta nosso vate Gomercindo dos Reis que seu túmulo ficou localizado quase no meio da Rua Coronel Chicuta, quando da abertura do acesso à recém-criada Vila Carmem, em 6 de setembro de 1929. A rua aberta passava por dentro do cemitério. Seus restos mortais teriam sido trasladados para a Catedral Nossa Senhora Aparecida, onde esperariam a construção de um mausoléu votivo. Isso nunca ocorreu, e o ex-padre Jacó Stein revelou aos pesquisadores Heleno Damian e Marco Antonio Damian que seus restos permaneceram embaixo do altar-mor da Catedral.

Outras versões dizem que Maria Pequena teria tido um tórrido caso de amor com o General Prestes Guimarães, neto do Cabo Neves. Nestes encontros furtivos, atrás de um angico caído, passavam bons momentos enlevados pelo canto dos pássaros e pelo cheiro da grama. O General, despido de suas insígnias e de tudo o mais, levantava a Maria, que era pequena, e, colocando-a no tronco do angico, a deixava na zona de tiro do seu armamento. Num destes encontros, para assegurar-se da sua continuidade, contou a Maria da sua importância na Revolução Federalista, e mostrou-

lhe seu rifle “Mannlincher” novinho em folha, dizendo:

- Olha Mariazinha, botei fora as porcas dos rifles Comblain, e comprei trezentos destes Mannlincher para minha Divisão. Agora sim vamos ganhar esta revolução. Quero fazer peneira destes Pica-Paus de merda.

A Mariazinha não estava nem aí para a revolução. É claro que temia pelos seus filhos, mas deixou-se seduzir pela pompa e circunstância do Antoninho Prestes Guimarães, que, nesta altura, tinha ido a Vacaria receber Gomercindo e Aparício Saraiva, que vinham do Paraná.

Deixa estar que, passados alguns meses, quando levava uma trouxa de roupa para lavar no chafariz, deu de cara com o todo-poderoso Coronel Gervazinho Annes. Garboso em seu cavalo crioulo, não desgrudou os olhos da Mariazinha que, muito airoso e coquete, caminhava rebolando para a fonte.

Gervazinho, pelos seus próprios, arrumou um encontro com Maria Pequena. Ela não era uma mulher volúvel, mas, naquele tempo, sem diversão e com a morte rondando por todos os lados, encontrar um homem daquela importância abrandava um pouco sua vida triste. Imagine ser desejada por um General e um Coronel. Encantou-se com a fala mansa, mas decidida, de Gervásio. Não deu outra. Em pouco tempo estavam envolvidos num ca-

pão perto do Pinheiro Torto. Depois de atendidos os impulsos carnavais, o Coronel, também para se exhibir, mostrou-lhe sua Comblain, velha de guerra, e cantou vitória ante sua prenda. Ela olhou aquela arma, e inocentemente disse:

- Mas isto não é nada. Tu precisa ver o rifle do Antônio, aquilo sim é que é arma.

Pronto. Em pouco tempo, Gervazinho ficou sabendo do armamento do seu arquiinimigo e, na posse dessas informações, lhe infligiu uma dura derrota.

Como em sociedade tudo se sabe, Prestes Guimarães, louco da vida pela derrota militar e pela desfeita de Maria Pequena, ordenou que um piquete fosse degolá-la. E assim foi feito.

A outra versão dizia que um grupo de maragatos estava atrás do marido de Maria. Ele, que era Pica-Pau, havia fugido para Nonoai com um filho rapazote. Encontrando-a, torturaram-na cruelmente. Ela não disse nem um pio e os homens enraivecidos pela sua resolução e coragem, e embrutecidos pela guerra sangrenta, lhe deram a primeira facada. Mais duas outras se seguiram, deixando-a exangue no chão. Como era costume naquela época, degolaram-na, deixando-a entregue aos urubus.

O povo humilde viu, naquele exemplo de abnegação, alguma coisa santa. Ela havia sido martirizada e não revelou onde estavam seu marido e filho. A população da cidade, que vivia os colaterais da guerra e da barbárie humana, apegou-se a este drama. Rumores corriam que preces tinham sido atendidas por Maria Pequena. Em pouco tempo, os miseráveis da cidade viram-na como uma ponte de salvação. Ninguém agüentava mais a carnificina e a degola. Uma santa vinha a calhar.

Assim, no cemitério da Cruzinha, durante muitos anos, velas foram acesas para Maria Pequena, que defendia crianças contra o mau-olhado e as infecções devastadoras.

Teria sido a nossa Mata Hari, ou teria sido nossa santa passo-fundense não canonizada? Penso que, em qualquer situação, Maria Meireles Trindade deveria ser santificada. Nada justifica a barbárie.

(Hugo Roberto Kurtz Lisboa
é médico e membro da Academia
Passo-Fundense de Letras.)

A caneta e o microfone

HELENA ROTTA DE CAMARGO

Não sei definir em que degrau da vida decidi escrever. Se na altura dos quinze, dos trinta ou dos sessenta.

Só o que me confere alguma certeza é o gosto de mel que sempre senti destilar da palavra escrita, desde a leitura dos remotos *Juca e Chico* e *Sinhazinha e Maricota*.

A partir do memorável ano de 1946, em que aprendi, com o professor Eduardo Becker Cordeiro, a juntar as letras do alfabeto, dando vida aos mistérios e lendas tão bem escondidos no cofre do livro, meu coração se abriu como um leque às suas emanções.

Foi esse, sem dúvida, o primeiro e forte boom da minha transa com o processo da leitura.

O outrora, uma conquista gradual, de avanços e recuos, prazer e compromisso.

Hoje, uma mania frenética que me persegue, com a impertinência de uma mosca, sempre querendo sentar. No trajeto das caminhadas... No assento do ônibus... No desconforto do quebra-luz, em plena madrugada.

Parceiros da solidão e da insônia (quem inventou para o velho apenas cinco horas de sono?), lá estão eles, sempre a postos, os três mosqueteiros: livro, caneta, caderno de anotações. Não há hora mais digna e mais fecunda.

A primeira lição aprendida: o silêncio é um grande aliado.

A segunda: nada como um texto escrito a mão, para nos conectar com a infinitude do tempo e a perspicácia das nossas lucubrações mentais.

Quando o dia salta do seu ninho escuro, para beber o leite da aurora morna, se depara com a crônica já rascunhada e o coração varrido de euforia.

Tão produtivas as horas mortas! Tão sagrado o livro de cabeceira! Tão diligente a minha caneta azul!

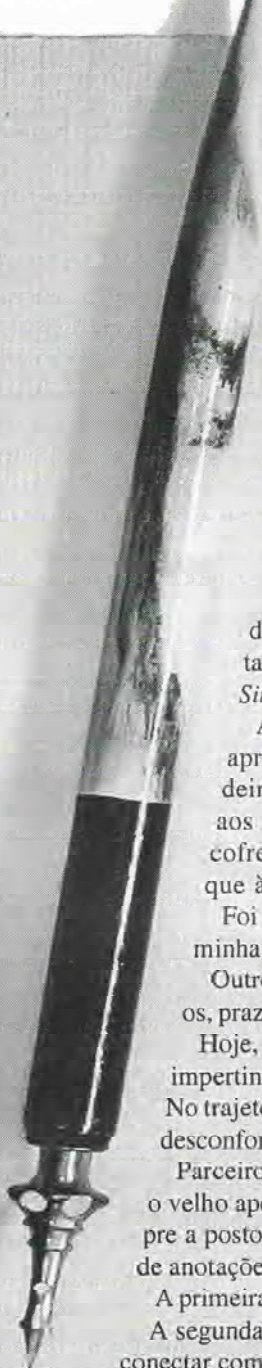
Paradoxal e arredo, no entanto, é o meu convívio com o microfone. Ao contrário da escrita, que é silenciosa e serena, ele é o catalisador das massas. O pregoeiro sibilante das alvíssaras ou desgraças alheias. A catapulta do aplauso e da vaia.

Não me sinto à vontade em sua presença. Ele me parece um ditador cruel, sempre prestes a rasgar as carnes e expor as entranhas do sujeito. Ou um abutre, a fim de sugar meu sangue até me tornar anêmica.

Preconceito ou inibição – seja qual for a causa psicologicamente estabelecida –, devo confessar: minha estabilidade interior é muito mais propensa ao discreto mutismo da caneta que à algaravia do ardiloso mensageiro da voz humana.

Apenas por uma questão de justiça, presto a ambos a minha admiração...

(Helena Rotta de Camargo, Academia Passo-Fundense de Letras.)



A lenha

(Odilon G. Ayres é autor do romance *Oché y Sefé Tiarayú*.)

ODILON GARCEZ AYRES

Cada pau de lenha que eu coloco no fogo do meu fogão passou pelas minhas mãos.

Premido pela necessidade de sol no inverno, podo as árvores da minha propriedade e com elas amenizo o frio do inverno.

Parece história, mas cada pau de lenha levou uma machadada, um esforço foi feito, um fácil, outro difícil, uns se tornaram uma tortura, até chegar-se à acha final.

Para rachá-la, a tora é colocada em cima de um cepo maior ou mais resistente, com nós que indicam sua dureza. Observa-se o veio existente na tora, rachaduras quase imper-

ceptíveis, denominadas veios, nos indicam que o fio do machado mais facilmente conseguirá transpô-la, rachando-a com a maior facilidade.

A poda realizada na lua minguante indica que a água da árvore está concentrada em suas raízes, e permitirá, pela pouca umidade, que seja mais imune ao ataque do caruncho; a madeira, a tábua ou a acha manterá sua durabilidade sem o risco do ataque dos cupins. Até o fraco timbó (protetor das florestas) resistirá e se tornará um bom lenho para o fogo, cortado na minguante.

Cada acha de lenha tem a sua história para o machado e para minha memória. Muitas vezes tenho pena de colocá-las no fogo, peço desculpas e até perdão, pois a lenha, a acha, a madeira, a tábua, nada mais são do que um ser vivo que foi abatido, e agora, inerte, morto, assim como a carne, a proteína, servirá de calor, para me aquecer e para cozer meus alimentos.

Talvez agora eu não consiga explicar como gostaria, mas a árvore, a madeira, tem vida. E é com respeito e admiração por que não? - que, quando vemos queimar uma acha, com voz, com cerne, que nos avermelha o rosto, sinto amor por aquele lenho inflamado. Quando o machado, guiado por meu braço, com extrema força, às vezes, mas nunca com raiva ou ódio, passa, pela segunda, terceira, quarta ou quinta vez por minhas mãos, até chegar ao seu destino fi-

nal, ao qual Deus nos permitiu, mas com respeito e com reverência, lembro da parábola sobre os vasos do oleiro, pois também se aplica a nossa irmã árvore. Um cedro não foi feito para o fogo, mas para os palácios de Salomão e, as esculturas dos artesãos. As árvores nobres para o mobiliário e os instrumentos musicais, como o jacarandá, e assim por diante, conforme o nosso conhecimento. Trate bem a canjerana, a canela, o camboatã, o tarumã e tantas outras, coloque-as no fogo para te aquecer e assar o teu bocado, com respeito e com admiração, com conhecimento de causa, sabendo, que cada madeira tem a sua cor, o seu cheiro, sua fragrância, sua dureza como pedra ou sua moleza como a cana, sua fumaça cheirosa ou nauseante, sua brasa viva e duradoura, seu calor ou sua inconsistência.

Deus sabe que as trato com carinho, com respeito e admiração repetitiva. Com pena de queimá-las, às vezes postergo para outro dia mais frio, porque a sua alma aquece o meu coração, a minha casa e os meus ossos.

Após pensar estarem concluídas estas assertivas, pego uma acha de lenhaseca, cujo pedaço a serra

passou de leve, e eis que, naquela reentrância, acomodou-se, fez casa, uma pequena aranha!

Como vou queimar a casa e a minha irmã do reino animal, embora aracnídeo, cujo nome nunca me foi dito? Não posso, deixo-a de lado, para o outro ano. E aí me assalta a culpa de tantas outras vezes, por desconhecimento, descuido ou até conscientemente, dando pouca importância, ter lançado ao fogo, lenha repleta de carunchos, formigas brancas e novatas pretas, e outros tantos insetos e nematóides pertinentes às árvores. Muitas perguntas nos atravessam a alma, neste momento em que paramos para refletir nesse pequeno gesto de colocar, num vupt, uma lenha inerte, mas repleta de vida em seu interior, no fogo, tal como às vezes fazemos com nosso próprio semelhante.

Creio que não encontrei a última acha, e fui-me em sua busca no galpão. No caminho, lembrei-me que os ameríndios dizem que o petróleo é o sangue da mãe-terra, e eu acrescento que se o petróleo é o sangue, enquanto o gás natural é o pum fétido da terra. Portanto, mal comparando com a lenha, vamos queimá-lo, sem remorsos.

Fio

Na vida tudo tem um fio
O fio de cabelo
O fio da faca
O meio-fio

O fio da meada
O fio de linha
O fio da luz
Um fio de luz

Um fio de esperança
No fim da linha
Um fio de vida
A vida por um fio
O fim da vida...



Manhãs

A manhã se debruça na janela.
Pra que janela se não mais se olha através dela?
Pra que janela se não se vê o sol nela?
Deixe-a fechada e não tenha compromisso com ela.

A manhã se debruça na janela
Abra a janela e olhe através dela
Sinta os fios de sol penetrando nela
Deixe-a aberta e a vida surgirá através dela.

Amanhece

A noite vem,
O silêncio soa,
O pensamento voa,

A madrugada brilha,
O sentimento aflora,
O coração chora,
A saudade fica.

Outro dia amanhece!

Hoje

Quando menina, via o azul lá fora.
Ficava cheirando a brisa verde-rosa do lugar.
Era a dança sensual das árvores floridas,
Era o tempo arrumando a mesa para saborear a vida.

Hoje, tudo corre, tudo muda, tudo se move;
Tudo pode, tudo surge, tudo foge,
Sem controle.

É o tempo rasgando a vida em mil pedaços
Hoje durmo
Amanhã não mais existo!

Solidão

O silêncio é feito de agonia
Da lua enorme, redonda e fria,
Essa que espia, espia, espia,
Acusando sem remorso, sem simpatia.

Seu banho de luz anuncia
Que é pra toda a noite a vigia.

Vida

Talvez outro mundo exista
Talvez outra vida floresça.

Mas prá que serve saber disso agora
Se temos que viver de qualquer forma.
Saber ou não saber
Isto não nos revigora.

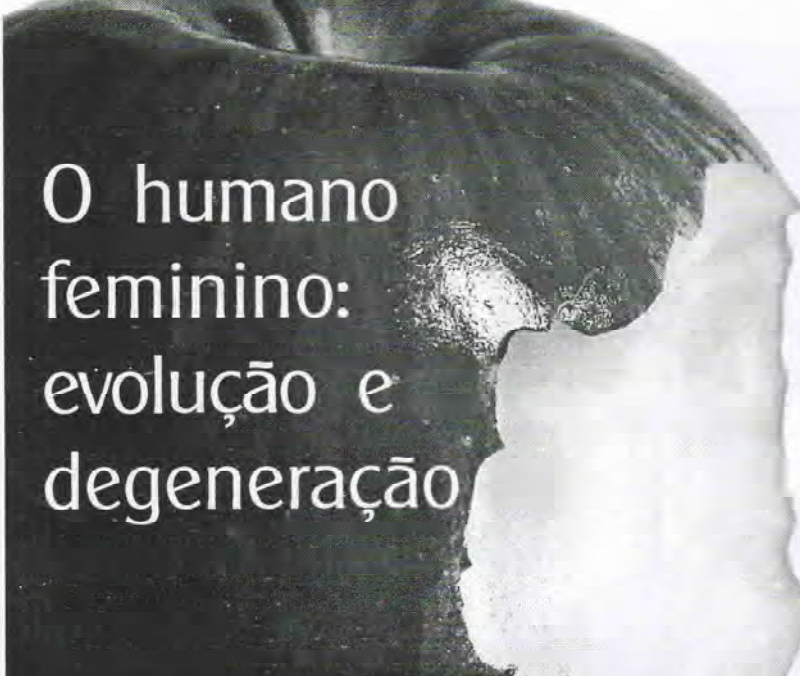
Vivamos bem agora
Porque a vida não tem hora.

Pela janela

Pela janela atirei minha alma,
O meu ouro e o meu tesouro,
Alma cheia de cantos e encantos,
Florida, perfumada, extasiada.

Arranquei parte de mim
Lutando contra o meu coração.
Fechi minha melhor janela e
Me vi refletida no espelho da solidão.

Tive que acordar desse delírio.
Essa maravilhosa loucura
Não me pertencia!
Janela
Cada um tem sua janela,
Sua forma de enxergar a vida,
Ora triste, ora linda.
Quem me dera fechá-la para a fome
E a violência!
Só abri-la para a paz, a esperança;
Abri-la só para a vida.



O humano feminino: evolução e degeneração

GETULIO VARGAS ZAUZA

O tema deste artigo, estou quase seguro, desagradará a “gregos e troianos”.

Inicialmente devo justificar porque a expressão “o humano feminino”. Partindo de reconhecenças sobre a história oculta (esotérica), sabe-se que o Criador gerou inicialmente o HOMEM. Falando sobre o assunto dessa natureza, ou seja, de acontecimentos espirituais, só podemos fazê-lo com a única forma de linguagem existente, com palavras criadas por consciências, cuja constituição está limitada espaço-temporalmente, e ainda com a concepção de tempo determinada pela percepção do movimento do planeta Terra em relação a outros corpos celestes.

Eu gostaria de pelo menos poder ter duas palavras que designassem Homem masculino e Homem feminino, sem confundir com a questão da homossexuali-

dade. Mas não existem, a não ser “andro” para masculino e “giné” para feminino, e isso causaria dificuldade de entendimento.

Tenho certa relutância em utilizar os termos “homem” para o masculino e “mulher” para o feminino, simplesmente porque a interpretação que a “religião” deu à passagem, no livro Gênese, do Velho Testamento, quanto à geração dos dois gêneros de HOMEM, é horrivelmente depreciativa do gênero feminino. E essa interpretação, que na Bíblia é representada pela passagem da serpente que seduz Eva, que depois seduz Adão, é, na realidade, um dos poderes postos no caminho evolutivo da humanidade, Lúcifer, o qual teria uma missão junto a ela, isto é, a responsabilidade pela formação da absurda e até mesmo suspeita mentalidade masculina com relação ao gênero feminino.

Pessoas da minha idade ainda lembram que aos seminaristas era dito para não se aproximarem das mulheres, porque

elas representavam a tentação do diabo. Ora, qualquer pessoa que não fosse um beócio ou condicionado pelo medo do castigo de Deus, poderia pensar no absurdo que é afirmar que toda a humanidade descende de um único casal. Ou os responsáveis pela “religião” não sabem, ou ocultam a verdade sobre o assunto. É necessário que se saiba quem é Eva e quem é Adão. O que estes dois nomes significam na revelação da gênese da humanidade. Mas isto seria assunto para outra oportunidade.

O fato é que ao longo de séculos e séculos a mulher vem sendo depreciada, e sofrendo toda sorte de discriminação e opressão. E isto com o apoio das “religiões”.

Apenas no século XX o ser feminino começou a despertar e lutar pela igualdade de direitos entre os dois gêneros de homens, e isso representa, sob certo ponto de vista, uma evolução da consciência feminina, que reivindica os mesmos direitos de que o gênero masculino se apossou.

No entanto, se a questão for considerada de um ponto de vista objetivo, há muito a lamentar. E talvez o mais lamentável é terem sido tomados como modelo a mentalidade e o comportamento masculinos, no que diz respeito aos aspectos mais vulgares. E, neste sentido, pode-se lamentar profundamente, porque isso significa não uma evolução, uma aquisição de maior dignidade, muito pelo contrário, é um rebaixamento, uma degeneração, porque assim, ao invés de desenvolver as suas potencialidades superiores, adota o que de mais abjeto é existente no masculino, a vulgaridade.

(Getulio Vargas Zauza é psicólogo-clínico e pertence à Academia Passo-Fundense de Letras.)



MOISÉS SALAZAR

Penumbra na Estrada

As pessoas pensam que pensam,
Acham que sabem,
Iludem-se de ter visão,
Mas seus olhos não são capazes de ver nada.
Na penumbra da estrada só resta escuridão.
Na escravidão se diluem.
No amor se iludem, não sabem o que é.
Nas horas do dia ou da noite se alegram, mas não são felizes.
Estão presas em si mesmas.
Cansadas e exaustas procuram solução.
Ao não encontrar, continuam na escuridão!

Mara de Castro Tasca e a arte do quotidiano



(FOTOS: ARQUIVO MCT)

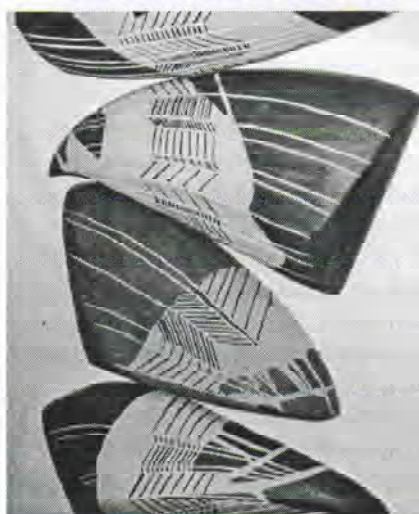
Para Mara de Castro Tasca, “a cerâmica é um meio de expressão milenar. É química. É efeito estético e artístico com múltiplas materialidades. Sensivelmente, nos oportuniza expressar uma idéia, um pensamento, contextualizando nossa obra no universo da arte”.

Sua obra, na verdade, firma-se num tripé formado pela cerâmica, a escultura e a pintura. “A escultura tridimensional - afirma a artista - é representada pela figura geométrica do triângulo, materializada nos painéis decorativos, contendo o grafismo. A cerâmica, em sua modelagem triangular, resultando na escultura tridimensional, serve de suporte para a pintura de técnicas diversas, deixando bastante exposta a característica do grafismo, que é o forte do meu trabalho”.

Expressando em palavras sua arte, Mara de Castro Tasca resume a visão de seu próprio labor artístico: “minha arte objetiva-se pela exclusividade do trabalho artesanal, manual e único - daí o artístico -, para tornar agradável um espaço do cotidiano, adornando, com esculturas e utilitários. Assim, tenho como finalidade fazer peças com desenhos exclusivos dentro da composição artística. Apresentando uma presença forte de linhas, cores e texturas”.

O grande problema para a realização, em termos de mercado para a arte é a falta de competitividade com a produção industrial em série. Isto no caso da cerâmica artística, resultado de um processo-idéia-desenho-projeto.

“A cerâmica apresenta a propriedade específica do uso de diferentes argilas (cor, textura, temperatura), aplicação de óxidos, corantes, ou seja, esmaltes cerâmicos, resultados por meio de calor-quei-



ma”, contextualiza Mara de Castro Tasca. Acrescenta que realiza suas obras em baixa temperatura, até 105°C, com terracota (argila vermelha) e faiança (argila branca). A primeira contém óxido de ferro, que está ausente na segunda.

Mara de Castro Tasca começou a se interessar pelas artes durante o Curso Normal, no Colégio Bom Conselho de Passo Fundo, quando trabalhava com crianças da 1ª série e precisava fazer ilustrações para elas. Iniciou desenhando nos relatórios escolares, evoluindo para rostos humanos. “Depois, aprovada no vestibular para Artes - informa -, envolvi-me bastante nas cadeiras de Composição Artística. Antes de concluir o curso já auxiliava a professora Rosa Coitinho, o que contribuiu para aprimorar características pessoais e, mais tarde, a preferência pela cerâmica”.

Formada, Mara priorizou a atividade didática. Professora do ensino fundamental, foi-lhe muito gratificante ver crianças iniciando com garatujas na modelagem e, logo, expressando formas definitivas do fazer artístico. “Vi alunos, a partir da matéria bruta, criarem formas de animais e seres humanos, representando cenas do cotidiano, por meio da massa de argila modelada, explorando técnicas de construção, bem como descobrindo cores, aplicando seus próprios desenhos e, assim, expressando sua criatividade”.

Mara de Castro Tasca está aposentada no magistério, voltou a movimentar seu ateliê e, futuramente, pretende ministrar cursos. Já está expondo seu trabalho no Armazém 101 e na Manjerição, onde os utensílios marcarão presença nas cestas decoradas da loja. (PAULO MONTEIRO).

Arquivos do fim

LEANDRO MALÓSI DÓRO

Classe 368.06: vago, segundo o Sistema de Classificação Decimal Universal (SCDU) de 1997, que utilizo diariamente, como bibliotecário. É assim que me sinto, ao acordar: vago. Sem pensamentos firmes. Ligo o rádio. Classe 32: política. Atualizo-me, enquanto uma dor de cabeça persiste. A classe 6 - que inclui a medicina - me orienta a tomar água, para eliminar a ressaca de vinho. Ontem eu e ela fomos ao cinema. Classe 7. Assistimos a um clássico, na Casa de Cultura: *Assim caminha a humanidade*. Quatro horas. Podíamos tê-lo visto em casa, mas a 3, que inclui folclore, diz que assistir a um filme desse *calibre* no cinema é melhor. Meu traseiro e coluna discordam disso. Volto à classe 6.

Verdade: a culpa por esse programa não foi da 3, mas da 32. Eu e ela não temos afinidades há tempos. Quatro horas sem se falar, com possibilidade de termos assunto após o filme, era o que eu desejava. Saímos da sala de projeção comentando sobre a 1, filosofia, graças a essa arte, o cinema, a 7.

Ecoou aquele James Dean, em papel de idoso, lutando para conquistar poder e petróleo, tendo altos e baixos. Parecia a vida da minha família e da dela. Ao invés do petróleo, buscávamos nos manter, precariamente, na classe média. Essa análise é da 33: economia e ciências econômicas. Ainda, como casal, estávamos na 365: anseio pela casa própria e sua satisfação. Segurança da habitação.

Porém esse sentimento já esmorecia em nós. Eu notava. Íamos completar quatro anos juntos e há meses nos mantínhamos graças às declarações irreais de amor. Todas 8.80: Questões gerais relativas à lingüís-

tica e à literatura. Filologia.

Em um bar, na Cidade Baixa, sentamos a uma mesa posta na rua. Pedi uma garrafa de vinho tipo Assemblage, com mistura de uvas das variedades cabernet sauvignon e merlot, da Serra Gaúcha. A mistura do Assemblage podia ser diferente, mas preferi essa, mais austera e nada azeda. Decisão tomada devido à degustação - classe que desconheço -, não ao simples consumo de etílicos - classe também obscura, para mim, que deveria ler mais as normas estabelecidas pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), que delimita as regras do SCDU.

Ela consumiu batatas fritas com queijo derretido e orégano, acompanhado de refrigerante. Um menino maltrapilho quis nos vender balas. Comprei um saco a R\$1,00. Após, eu e ela conversamos um pouco sobre a crise européia pós-segunda guerra - 94(9) - e como o Plano Marshall, que gerou redistribuição de renda no velho continente, poderia ser aplicado no Brasil para proporcionar mais igualdade entre a população. Retórica da classe 0, que abarca generalidades. Nada tão preciso quanto exige a 33.

Desentendemo-nos - como acontece sempre - quando falamos sobre desigualdade. Ela, que estuda religiões indianas, classe 2, crê que essa diferença é provocada pelo karma e não por um erro na estrutura do país. Ressaltou essa diferença de pensamentos políticos e religiosos que temos para justificar por que não podemos mais ficar juntos - classe 043.2: teses. Com ironia, eu disse que o problema está na 535: ótica.

Ela não riu e sim disse que aquela era nossa última noite. Já estava com as chaves de um apartamento emprestado por uma amiga, a Anita. "Já tive fantasias eróticas com essa sua amiga", confessei. Chamou-me de depravado e saiu rua afora, sem se despedir. É um problema de classe 37: Educação.

Olhei as pessoas a minha volta: a maioria fingia não prestar atenção no ocorrido. Paguei a conta e terminei de bebericar todo o conteúdo daquela garrafa de vinho. Senti-me eufórico. Livre. Assim estou, afora a ressaca, cuja classe também não me recordo qual é.

(Leandro Malósi Dóro é escritor e artista gráfico.)

A solene e inesquecível comemoração dos 69 anos da Academia de Letras



Ato de inauguração da galeria dos presidentes da APL

MÁRCIO DUARTE

Viveu, no dia 12 de abril último, uma das datas mais solenes dos últimos anos, a Academia Passo-Fundense de Letras, quando foram comemorados os 69 anos de seu surgimento, primeiro como Grêmio de Letras e, a partir de 1961, como Academia. O presidente Meirelles Duarte e todos os acadêmicos foram prestigiados pelas mais altas autoridades, inclusive pelo senhor prefeito municipal, dr. Airton Lângaro Dipp. Familiares dos acadêmicos, o mundo intelectual, os veneráveis das lojas maçônicas de Passo Fundo, pastores de várias igrejas, o general passo-fundense, Luiz Wilson Marques Daudt, hoje residente no Rio de Janeiro.

As homenagens

Após serem instalados os trabalhos pela secretária Santina Dal Paz, a direção foi entregue ao presidente Meirelles Duarte, com a mesa principal já composta. Como primeiro ato foi dada posse à nova diretoria pelo senhor prefeito municipal. Os acadêmicos Pedro Ari Veríssimo da Fonseca e Jurema Carpes do



FOTOS: ARQUIVO MDI

Público presente na comemoração dos 69 anos da APL, abril de 2007

Valle foram homenageados como os dois mais antigos membros do sodalício e o acadêmico Eurípedes Fachini, como o mais velho dentre todos os membros da Academia. Ato contínuo, o presidente Meirelles Duarte convidou o prefeito municipal, a professora Zelinda de Thomas, a pastora Adriana Souza, Paulo Giongo, Paulo Dutra, general Daudt, secretária Santina e ele próprio para o descerramento da grande galeria dos presidentes, com nada menos que 30 fotografias.

Após, o presidente fez uma análise, um a um, dos que figuram na galeria,

falando de seus trabalhos e origem. A agente consular da Itália, senhora Eloy Alessandri, fez entrega de um fino mimo à Academia. O acadêmico Xico Garcia brindou a todos com belas interpretações musicais do seu repertório e, ao final, foi servido um coquetel com doces, salgadinhos e refrigerantes. Foi uma noite inesquecível. Os currículos dos homenageados foram lidos, o de Pedro Ari Veríssimo da Fonseca pela acadêmica Elisabeth Ferreira, e o de Jurema Carpes do Valle pelo presidente do Conselho, Alberto Antônio Rebonatto.



Homenagem a Dorival Almeida Guedes (E) no dia 14 de fevereiro de 1948, no salão nobre da Prefeitura Municipal de Passo Fundo

O bondoso Dorival Guedes

SANTINA RODRIGUES DAL PAZ

Um homem conhecido por suas virtudes, seus trabalhos prestados à comunidade de Passo Fundo, respeitado pela sua conduta moral, correto em suas atitudes, bondoso pela vontade firme de ajudar a todos que o cercavam e, principalmente, a sua família.

Dorival de Almeida Guedes, filho de Floresbal Guedes da Silva e Delfina Anunes de Almeida, nasceu em 17 de novembro de 1899, na localidade chamada Resvalador, pertencente ao município de Soledade.

Procedente de uma família simples e humilde teve que, muito cedo, iniciar seus trabalhos com apenas 8 anos de idade, a fim de auxiliar seus pais que se dedicavam à agricultura. Ajudava seu pai na lida penosa e árdua do serviço agropastoril, tarefa que, mais tarde, acompanhado de seu irmão mais novo, cum-

pria com muita responsabilidade, suportando os perigos e as intempéries da estação hibernosa, com chuvas, geadas, neves e o insensível minuano para acompanhar o sofrimento. Nestas atividades também viajavam, transportando mercadorias entre Resvalador, Passo Fundo, Pulador e Soledade. Trabalhou com carreta puxada a bois, com carroças de terno misto de muares e cavalares. Dedicou-se a estes serviços até os 19 anos de idade, quando ingressou no Exército Nacional. Deixando a farda, foi admitido na função pública. Então passou a residir em Passo Fundo, onde galgou vários cargos durante um período superior a 35 anos, sem nunca faltar ao trabalho, sem férias regulamentares, sem licença para tratamento de saúde. Assim foi sua passagem pelo órgão público.

Dorival não teve oportunidade de estudar quando menino, pois seus pais não puderam lhe oferecer escola, já que as dificuldades eram muitas. Mas graças ao seu temperamento, a sua vontade de

aprender e sua inteligência privilegiada, pode buscar conhecimentos através de leituras em bons livros e tornou-se um autodidata. Mais tarde foi aluno do professor Manoel de Araújo Schell, estudando as matérias do currículo escolar, em especial o Português e a Matemática. Trabalhando e prosseguindo em seus estudos como autodidata, aprimorava o português, a psicologia, a filosofia, pois estes conhecimentos lhe ajudariam na sua tarefa diária. Procurou também, na sua ânsia do saber, o Dr. Herculano Annes, para maiores esclarecimentos sobre o Português.

Já na vontade de ter seu lar, casou com Dona Olfvia Corrêa Guedes, e desta união nasceram quatro filhos: Soely, professora; Althair, tenente-coronel do Exército Nacional; Flory, médico ginecologista e obstetra, e Miguel Eramy, advogado e promotor de justiça concursado, que trabalhou em várias comarcas do Rio Grande do Sul. Foi considerado o promotor mais jovem do

Estado (30 anos). Infelizmente, no dia 31 de abril de 1971, faleceu vítima de um acidente automobilístico. Miguel Eramy, talentoso intelectual e um excelente orador, foi membro da Academia Passo-Fundense de Letras. Sua passagem terrena foi rápida.

Dorival e Dona Olívia realizaram o sonho de ver seus filhos formados e trabalhando em suas profissões.

Esse pai e avô incansável, dedicado a sua família e sua esposa, que também lutou junto, ainda após sua aposentadoria, trabalhava por conta própria em seu escritório, para aumentar sua renda familiar, redigindo requerimentos em geral, contratos e demais papéis vinculados às repartições públicas. Deu muita atenção aos estudos dos seus filhos e dos netos sob sua guarda. Custou-lhe muitos sacrifícios, mas atingiu seus objetivos. Educou-os tanto no lar como na escola. Foi homem extraordinário.

Seus netos o admiravam, gostavam de estar sempre em companhia dos avós. Hoje estão todos formados e com suas famílias constituídas: Jurema Algarve Bruschi, professora e psicóloga; Maria Teresa Algarve Pavão, cursa a Faculdade de Arquitetura; Flávio Algarve, advogado; Sílvio Algarve, foi juiz de Direito do Foro de Passo Fundo, mudando-se para Porto Alegre, fazendo parte da Corregedoria Geral dos



Dorival Guedes

Magistrados do Estado do Rio Grande do Sul; Sérgio Algarve, diretor da Junta Trabalhista, e Cláudio Algarve, dedica-se ao comércio em Blumenau, Santa Catarina. Estes são os netos que mais conviveram e amaram muito Dorival e Olívia, e são filhos de Soely e do Dr. Jurandyr Algarve, advogado e membro da Academia Passo-Fundense de Letras. Viveram sempre em contato com os livros, a exemplo de seu avô, que sempre esteve consultando e lendo livros, pois foi bibliotecário da Biblioteca Pública Municipal, criada e implantada por obra da Academia Passo-Fundense de Letras, pelo Decreto Municipal n.º 06, de 2 de abril de 1940.

Na época, o prefeito era o coronel Arthur Ferreira Filho, escritor e historiador. Em 14 de outubro de 1940, Dorival foi designado pelo prefeito para atender a biblioteca, ali permanecendo até sua aposentadoria. Enquanto esteve nesse trabalho doou-se, pois era com prazer que o fazia.

Dorival foi um exemplo para seus filhos e netos. Aprenderam lições de vida para trilhar o caminho com vitórias. De onde estiverem, Dorival e Olívia devem estar felizes, pois as sementes por eles plantadas foram em terra fértil, germinaram e deram bons frutos.

Colaborador da imprensa

Escreveu brilhantes trabalhos nos jornais da cidade: Diário da Manhã, O Nacional e Diário da Tarde. Abordou assuntos polêmicos e palpitantes, que demonstram sua capacidade cultural. Não deixou de apresentar publicações políticas, educacionais e literárias.

Destacou, no Diário da Tarde, o artigo "Um Amigo dos Ferroviários", abordando a greve dos mesmos, em fevereiro de 1946, pois também foi ferroviário. E no mesmo jornal escreveu a respeito do consagrado intelectual, historiador Arthur Ferreira Filho, em 20 de fevereiro de 1946, quando tomou posse como chefe do Governo Municipal de Passo Fundo, correspondendo aos verdadeiros anseios



FOTOS: ARQUIVO SANTINA DAL PAZI

Homenagem a Dorival Almeida Guedes (D) no dia 14 de fevereiro de 1948, no salão nobre da Prefeitura Municipal de Passo Fundo, quando do afastamento do cargo de inspetor do Ensino Municipal

os do povo passo-fundense.

Publicou também no jornal *O Nacional* um excelente trabalho, fazendo uma apreciação sobre os livros "Nuvens e Rosas" e "Jardim de Urugas", com o título "Obras do Gomercindo dos Reis". Gomercindo, grande poeta e escritor de nossa terra. Suas obras encantam a todos.

Ofereceu informações ao Instituto Histórico, por escrito, para a elaboração da História do Município, conforme publicou *O Nacional* no dia 10 de dezembro de 1954. O jornal *Orientador*, de Soledade, também recebeu sua colaboração.

Político

Como político militou no Partido Republicano Rio-Grandense até ser extinto. Mais tarde, em 1935, ingressou no Partido Republicano Liberal, tendo como líder político o Dr. José Antônio Flores da Cunha, desligando-se dessa agremiação partidária quando a mesma foi extinta. Então passou a militar no Partido Social Democrático (PSD), onde teve sua participação destacada até a eleição para governador do Estado do Rio Grande do Sul do Dr. Walter Jobim, político de atitudes sérias e pronunciamentos de alto valor, governador de grande destaque. Honrando sua permanência no governo, realizou uma brilhante administração.

Desgostoso com a orientação partidária, abandonou a caminhada política, considerando-se uma pessoa apartidária, a partir daquele momento.

Atuação militar

Prestou serviço militar em 1920, no 8º RI, em Cruz Alta, sendo incluído como efetivo no Regimento. Concluído o seu tempo no Exército Nacional passou a servir no 6º Corpo Auxiliar da valorosa Brigada Militar do Estado, a partir de 19 de janeiro de 1923 a 10 de março de 1927. Tomou parte em operações de guerra e revoltas ocorridas no Rio Grande do Sul e nos estados de Santa Catarina e Paraná. Inicialmente, desempenhou os trabalhos como sargento, e, posteriormente, como 2º tenente, prestando sempre serviços ao contingente auxiliar da Brigada Militar, com sede em Passo Fundo, quando atingiu o posto de 1º tenente.

Em 1923, com o movimento revolucionário armado, que ameaçou entrar violentamente em nossa cidade, Dorival fazia parte de uma patrulha noturna de patriotas que exerciam vigilância no cen-

tro urbano, e impediu a entrada da força da desordem. Serviu como soldado, recusando o pagamento oferecido, pois cumpria o seu dever em defesa da comunidade. A situação de segurança da população era precária. Faltava gente para a unidade militar que se organizava. Os covardes fugavam para todos os lados. E os boatos aumentavam no sentido de que os revolucionários estariam prontos para invadir a cidade, saquear os bancos e desfeitear as famílias, coisas que não eram de se acreditar.

A unidade improvisada diante das ameaças atuou não só em Passo Fundo como em outros municípios de nosso Estado. Quando nossa cidade ainda temia uma invasão de remanescentes revolucionários, Dorival, na função de oficial da legalidade, reuniu seu contingente da Força Estadual e garantiu a ordem em nosso Município, tendo assim mais uma oportunidade de prestar serviços a Passo Fundo, policiando, vigiando e defendendo os seus bens e sua gente. Voto de louvor foi anunciado ao soldado defensor. Foi pelo coronel Chamaneco Antonio da Fontoura, que Dorival recebeu, ao deixar o comando do Regimento, o louvor pelo comportamento, aplicação, disciplina e boa compreensão dos deveres militares. É o que nos contam seus amigos de farda, Álvaro Lucas e Manoel Gonçalves de Souza, em 29 de setembro de 1974. Eram ex-oficiais combatentes do extinto 6º Corpo Auxiliar da Brigada Militar do Estado, com sede em Passo Fundo.

Em 10 de março de 1927, Dorival foi exonerado do posto, por efeito de redução do efetivo do contingente, com honras militares.

Sua história civil

Dorival Guedes desempenhou várias funções públicas. E, em 19 de março de 1927 foi nomeado Fiscal Geral de Passo Fundo. Assumiu a subprefeitura de Sarandi, e nessa mesma localidade foi nomeado subdelegado de Polícia, como também, em 1935, foi nomeado subdelegado de Polícia de Espumoso, em Soledade, e na mesma cidade foi subprefeito.

A partir de 1937 suas funções foram sempre como funcionário público de Passo Fundo.

Em 1940, foi também designado para a Biblioteca Pública Municipal e aí permaneceu trabalhando e morando junto à Biblioteca. Só se afastou do trabalho quando ficou muito doente, em 1975.

Seguiu sua caminhada na vida pública sempre na Prefeitura de Passo Fundo. Em 1942, foi designado para os trabalhos de mecanização da escrita do Tesouro Municipal. Em 1947, foi nomeado Inspetor de Ensino Municipal e, em 1948, nomeado Fiscal Geral do Município. Em seguida foi nomeado para a Comissão Promotora de Classificação Geral dos cargos do funcionalismo municipal. Em 1950, assumiu o cargo de secretário da Comissão de Levantamento Cadastral Geral dos terrenos de concessão municipal.

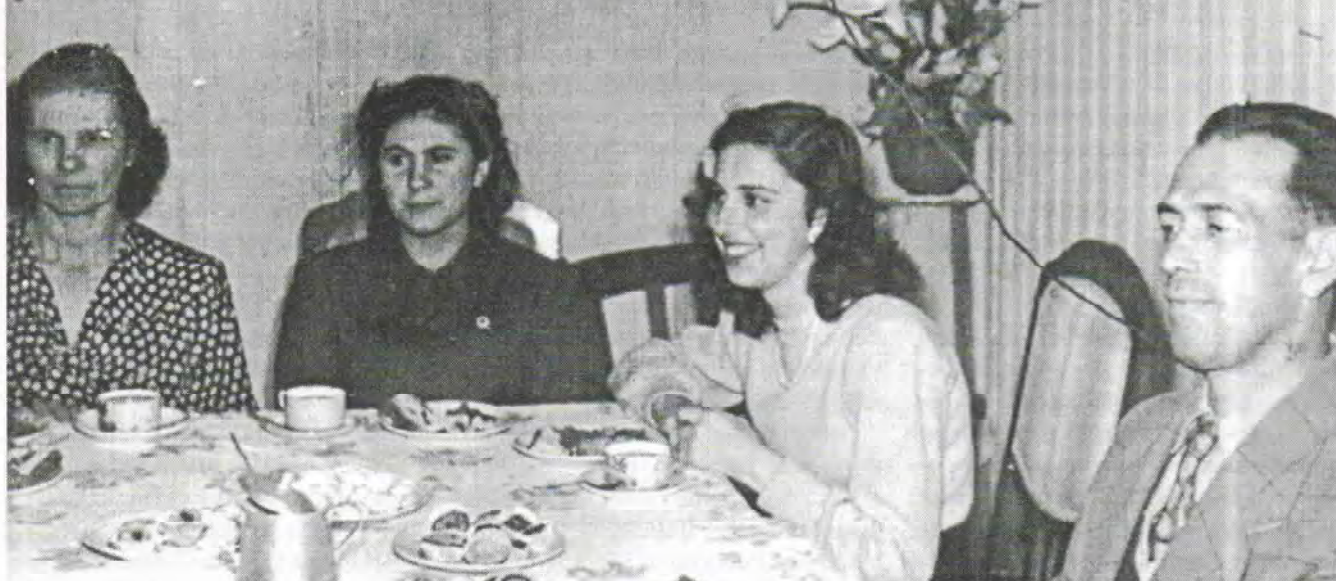
Em razão dos vários cargos públicos que desempenhou, em diferentes oportunidades, recebeu referências e homenagens das autoridades e chefes com quem trabalhou.

Em 31 de março de 1952, recebeu a sua aposentadoria como Fiscal Geral do Município, após ter trabalhado 25 anos, 8 meses e 18 dias, sendo que o tempo efetivo prestado ao Município de Passo Fundo foi de 20 anos, 1 mês e 14 dias.

O velho Guedes, como seus amigos o chamavam carinhosamente, tudo fez pela comunidade, fato que permanece vivo na memória da população passo-fundense. Sempre foi um homem realizador, abnegado, positivo e enérgico no desempenho das funções que exerceu, com zelo e dedicação, mas ao mesmo tempo era acessível e até mesmo humilde no trato com seu semelhante. Essa sua atitude resultou na conquista da verdadeira amizade com aqueles que com ele conviveram. "A virtude que emana de sua honestidade, invariavelmente, emoldurou a sua consciência, sempre mantida em alto padrão, como monumento inabalável", recordam Álvaro Lucas e Manoel Gonçalves de Souza.

Academia de Letras

Seu trabalho na Academia Passo-Fundense de Letras foi sem dúvida de um valor extraordinário. Dedicou parte de sua vida ao sodalício e à biblioteca. Nas atas das reuniões da Academia encontramos referências elogiosas ao Sr. Dorival, como era chamado entre os acadêmicos. O Dr. César Dias Filho agradece a colaboração do sodalício, fazendo referências ao nosso biografado. O secretário geral, padre Umberto Lucca, também preocupado quando Dorival foi a Porto Alegre tratar de sua saúde, elogiando, disse que se tratava de um antigo e prestimoso colaborador da APL. No dia 3 de abril de 1970, foi proposto em ata fosse o senhor Dorival eleito assistente da di-



Dorival Almeida Guedes (D) durante homenagem recebida do magistério municipal

retoria da entidade literária, o que foi aprovado por unanimidade, com uma salva de palmas. Presidiu a sessão o acadêmico Dr. Celso da Cunha Fiori. O Dr. Antônio Oliveira, membro da APL, disse na apreciação do livro do professor Sabino Santos: "Enriquecendo esta sua magnífica obra de pesquisa, Sabino soube engrandecê-la ainda mais traçando o perfil de um grande colaborador da nossa Academia, o Sr. Dorival Guedes. Foi o eficiente organizador da Biblioteca Pública Municipal. A sua vida é um exemplo de tenacidade, conformação e, sobretudo, amor a sua família. Fica o nosso pedido ao confrade Sabino para que divulgue parte de seu livro, onde traçou o perfil desse herói anônimo. Esta biografia deve figurar entre os homens ilustres que por aqui passaram".

Seus feitos não se esgotam aqui. Estas são algumas pinceladas de tudo o que temos desse homem fabuloso que soube sorrir e amar, quando tinha tudo para ser amargo pela situação financeira e um grande compromisso a sua espera.

Mas tudo passa. E no dia 17 de março de 1986, com 87 anos, encerrou sua caminhada terrena, partindo para outra dimensão, aqui deixando seus filhos, netos e amigos.

Para este artigo servimo-nos do livro "A Academia Passo-Fundense de Letras", do acadêmico Sabino Santos, de documentos de autoria de Álvaro Lucas e Manoel Gonçalves de Souza e de informações da psicóloga Jurema Algarve Bruschi, neta de Dorival de Almeida Guedes.

(Santina Rodrigues Dal Paz é professora e pertence à Academia Passo-Fundense de Letras.)

O Velho, Saudoso e Inesquecível Grêmio Passo-Fundense de Letras

DORIVAL A. GUEDES, *In memoriam*

Não te esqueçamos, velho Grêmio, passamos, agora, a dizer que tu foste grande, no seio da Comunidade, à qual tantos e quão grandes foram os serviços prestados, na trajetória aureolada das letras.

Nascestes nesta terra abençoada por Deus e na hora, recebeste a visita de Jesus. Tiveste os seguintes parceiros: Sante Uberto Barbieri, Arthur Ferreira Filho, Gabriel Bastos, Tristão F. da Cunha, Aurélio Amaral, Odete O. Barbieri, Herculano Annes, Nicolau A. Vergueiro (este parceiro mesmo), Armando de Souza Kanter, Túlio Fontoura, Boeira Guedes, Francisco Antonino Xavier e Oliveira, Verdi De César, Daniel Dipp, Athos Branco da Rosa, Heitor Pinto da Silveira, Sabino Santos, Gomercindo dos Reis, Onildo Gomide, Píndaro Annes, Waldemar Ruas, Lucinda V. Schleder e Oscar Kneipp (25).

Disseram, para justificar o nascimento do primogênito das Letras nestas paragens queridas e muito amadas:

- "Nós, reconhecendo o valor mo-

ral que as letras têm na formação moral, cívica e intelectual do povo, querendo contribuir à grandeza de nossa Pátria, pelo pensamento e pela idéia, resolvemos fundar um Grêmio Literário, que tomará o nome de "GRÊMIO PASSO-FUNDENSE DE LETRAS", associação que esperamos venha a ser reconhecida como entidade oficial pela FEDERAÇÃO DAS ACADEMIAS DE LETRAS DO BRASIL.

A primeira reunião fica marcada para o dia sete (7), quinta-feira, às 20,30 horas, no Salão Nobre da Prefeitura, para instalação do Grêmio e eleição da Diretoria provisória."

Passo Fundo, 31 de março de 1938 (Livro de Atas nº 1)

Em ação, os fundadores, amigos de Passo Fundo nas letras, a 7 de abril do mesmo ano, foi lavrada a ata de fundação em sessão feita ainda no Salão Nobre da Prefeitura Municipal, local posto à disposição da entidade nascente pelo grande prefeito da época, coronel Arthur Ferreira Filho.

Daí por diante, começou o novel Grêmio a desenvolver os primeiros passos, com aquele entusiasmo preliminar, sempre o prelúdio com que

se iniciam as coisas.

Como consta da ata em apreço, San-
te Uberto Baribieri e Arthur Ferreira
Filho foram os "primus inter pares",
seiva viva e atuante, a serviço da or-
ganização da jovem entidade. Este úl-
timo foi seu primeiro presidente, eleito
por aclamação, proposta de Barbieri,
aceita unanimemente.

Quanto ao atual professor da nossa
Faculdade de Direito, Dr. Celso da Cu-
nha Fiori, homem, como se costuma di-
zer "pra frente", causídico de fôlego
quilométrico nos auditórios desta co-
marca, desnecessário se torna dizermos
que inumeráveis foram seus atos, inteli-
gentes e sábios, dando precioso impul-
so ao nosso Grêmio, nas suas caminha-
das pela fase da vida literária. É o gene-
ral destemido, que ataca pela frente.

Grande seria a injustiça, o silêncio,
quanto à boníssima pessoa do nosso
velho e valeroso amigo, destacado pro-
fessor Sabino Santos, figura de alta ex-
pressão que foi no seio do magistério
rio-grandense. Homem de letras, jorna-
lista e escritor realmente de inconfun-
dível mérito, foi o tanto quanto fez pela
entidade que ajudou a fundar e criar.
Teve ocasião de presidi-la, por instân-
cia de seus confrades. Foi brilhante a
sua gestão, como brilhante o desempe-
nho das funções de secretário geral
crônico. Escreveu apreciadas obras
sobre a trajetória da agremiação e, se-
gundo nos consta, já está reunindo
dados para mais um livro versando a
vida do Grêmio, mais tarde Academia
Passo-Fundense de Letras.

Grave falta cometerias olvidando os

decanos Francisco Antonino Xavier e
Oliveira e Gabriel Bastos, já na vida sub-
jetiva, e deixando de dizermos que os
extintos literatos ajudaram a dar relevo
moral, social e literário ao sodalício. An-
tonino Xavier, porque não o dizer, foi
um "factotum". Apaixonado pelas le-
tras, escrevia muito bem, fazia belas his-
tórias de sua terra natal - Passo Fundo.
Foi, também, cartógrafo primoroso e ad-
vogado de alentados conhecimentos
jurídicos.

Gabriel Bastos, pela sua vez, deu mu-
lto de si ao sodalício, escrevendo arti-
gos e crônicas interessantes e aprecia-
das. Tinha uma linguagem filosófica
muito sua. Publicou os livros *A Atlânti-
da* e *Da Mocidade à Velhice*.

Arthur Ferreira Filho, como já disse-
mos, então prefeito, foi viga muito forte
e resistente do velho Grêmio. Escritor
polímata, senão enciclopédico, teve atu-
ação de alto primor no seio quente da
corporação que idealizou.

Daniel Dipp, Verdi De César e Rômu-
lo Cardoso Teixeira, todos de alta cre-
dencial nas lides forenses de nossa ter-
ra, famosos advogados, como Celso da
Cunha Fiori, tiveram notável significa-
ção nas fileiras do Grêmio. Breve dire-
mos mais, merecidamente, a respeito
desses vultos de grande valia, no que
tange à Biblioteca Pública Municipal.

Não ficarão, também, esquecidos ou-
tros intelectuais responsáveis conscien-
tes do papel de alta relevância que esta-
vam movimentando, qual seja a criação
de uma força de alta expressão das le-
tras pátrias. Em breve, pois, falaremos a
seu respeito, indicando e demonstan-

do o mérito da sua atuação, que teve
traços positivos, categóricos, de senti-
do benéfico e enaltecendo em favor da
comunidade passo-fundense. Teremos,
então, oportunidade de focalizarmos
muitos pontos, realmente importantes
quanto ao Grêmio e seus elementos.

Por hoje e só - trabalho emanado da
nossa humilde, despretensiosa e, con-
vém dizê-lo, fraca pena, cujo único inte-
resse, porque outro não se justificaria, é
contribuir com o relato, de forma pouco
burilada, embora, dando conhecimento,
de algum modo, a esta terra, que vive,
anda e prospera no caminho honesto e
digno de sua gente ativa e boa.

Até logo a ti, velho Grêmio. Felicida-
des crescentes à Família das Letras, que
te dá o conteúdo. Espera a tua história,
que pensamos escrever, por indecliná-
vel obrigação. Isso que fica aí é um páli-
do ensaio; nada dissemos de completo,
nem falamos sobre o jornalista Túlio
Fontoura, a quem deves grande soma
de tua prosperidade. Di-lo-emos nas
páginas do DIÁRIO DA MANHÃ que,
em muitas vezes, pareceu ser tua proprie-
dade, pois cantava e decantava a tua
nascente vida, veiculando a tua ascen-
são na trajetória das letras.

Ao encerrarmos, quis parecer, nesta
lengalenga, manifestação saudosista,
mas não o é, caro Grêmio; sim, vontade
de prosar contigo, nunca te esquecen-
do; estás cada vez mais vivo e elegante!

(Transcrito de DIÁRIO DA MANHÃ -
Edição Especial de Aniversário,
28 de novembro de 1971.)

Poesia

Anelise Rech

Poemas para fechar o ano

Esperei, sentada...
Um poema
Que não veio
[Que demorou para chegar]
Ele disse que viria
[Me buscar]
Veio outro em seu lugar.

#

Meus antepassados viveram com os pés na terra ou
com as mãos no concreto.
Por que eu vivo nas nuvens?

(Anelise Rech é psicóloga e poetisa.)

Telepatia

Eu me vejo nos teus posts, poemas, pensamentos...
Me situo no teu tempo, teu presente, teu futuro...
Aguardo sinais, obtenho sutis respostas
Na conjectura das palavras, sou e voo além.

Without light

A escuridão combina
com o silêncio.



O lutador e a vida

IVAN DE LIMA BENEVENUTI

Era o ano de 1893. Pânico geral. A revolução se aproximava. Famílias debandavam pelas margens do Taquari. Ele vinha a reboque, arrastado pelos pais, no desespero da fuga. -Caía e levantava...- "Anda, guri, que as tropas estão chegando!" Pequenino e magro, ora caía, ora caminhava, seguro firme pela mão da mãe. Vezes sem conta, tropeçava, machucando-se no meio das urzes e espinhos. Mas não podiam parar. Ninguém podia. Suas vidas dependiam da determinação e da pressa. Era preciso salvar-se, achar um lugar onde encontrassem segurança. Muitos anos decorreram. Ele se estabeleceu em uma cidadezinha interiorana. -"Aqui hei de ganhar muito dinheiro, terei segurança. Nunca mais andarei caindo pelo caminho!" Trabalhou, economizou. Tinha uma vontade de ferro. Prosperava sem cessar. Abriu um armazém de vendas no atacadado, ocupando um espaço só prédio. Casou-se com uma das moças mais requisitadas do lugar. Mais algum tempo, e sua fortuna crescerá tanto, que ele já se tornara dono de dezenas de casas na área central do município. Estava rico! Continuou, po-

rém, econômico e preocupado com a segurança. "Nunca mais voltarei a ser pobre!" E, "para isto, só tinha uma política a seguir: aumentar sempre os bens materiais." Essa idéia fixa não lhe dava sossego. Era um "pobre homem rico." Foi quando alguns "bons samaritanos", no anseio de ajudá-lo, tentaram despertar sua alma para os bens eternos. -O senhor parece tão ansioso!... Por que não procura uma religião, ou talvez uma seita, ou simplesmente uma filosofia de vida onde possa encontrar o conforto, a paz e a segurança dos valores espirituais?

-Porque não creio em nada disso.

-E Deus?

-É uma cômoda fantasia, alimentada pelos fracos. Para mim só existem os valores da matéria e as leis da natureza. Confio apenas em mim mesmo, na minha capacidade e disposição para o trabalho. (Era um ateu inveterado). Assim, prosseguiu lutando e dedicando toda sua vida à conquista dos bens temporais. Sucederam-se meses e anos. No mundo dos negócios houve mudanças inesperadas: a propriedade imobiliária tendia a decair, em função do dinheiro vivo. Ele então resolveu negociar boa parte de suas casas e sobrados. E foi vendendo, vendendo... Juntou muito

dinheiro e passou a lidar com empréstimos a juro. "Hoje o que vale mesmo é o cifrão." Mas, gradativa e sorrateiramente, os acontecimentos financeiros foram mudando. Surgia uma nova crise. E, de repente, a economia virou. A moeda despencava. Os bens imóveis voltavam ao real valor. Ele tentou soerguer-se, aplicando boa parte do capital disponível em ações do governo federal. Tal aplicação demonstrou-se infrutífera: os juros raramente eram pagos; e, do capital, nada foi restituído. Ele se desestruturou. Sentia uma enorme insegurança. - Já não tinha mais uma fortuna! Tudo desmoronava, e ele parecia cair pelos caminhos da vida. "Preciso segurar o que me resta". Mas, já velho e doente, sem aquela "estrutura metálica" que o sustentara, foi decaindo, regredindo... Até que, num fim de tarde, caminhando pela sala de jantar, como de hábito, tombou em cima da mesa: metade do corpo sobre o móvel, pés no chão. Morreu "de pé", antes de completar a volta de 360 graus. Ainda não estava inteiramente pobre!

(Ivan de Lima Benevenuti é professor estadual de Educação Física.)



FOTO: ARQUIVO MDJ

Meirelles Duarte e Cláudio Wagner

O professor "Casquinha" era a maior autoridade no ginásio de esportes

OSVANDRÉ LECH

De perto, por respeito, todos o chamavam de "Professor Cláudio". De longe, a galera o chamava de "Casquinha". Ele não se importava com o apelido, pois entendia que não se tratava de insulto, mas reverência. Ambas as denominações eram míticas, no esporte amador de Passo Fundo e de todo o sul do país. Qualquer atleta que vestisse uma camisa adversária ao IE sabia que encontraria duas "pedreiras" pela frente: um time bem preparado física, tática e emocionalmente, e um treinador bem estruturado, honesto, comedido nos comentários, maciçamente presente no jogo, e respeitado pelos seus atletas. De fato, duas "pedreiras" difíceis de vencer. O Casquinha não se alterava com a ruidosa torcida adversária a dizer-lhe impropérios, não interferia nos erros da arbitragem, magnetizava a atenção do seu time e transmitia-lhe a tranquilidade necessária durante os intervalos. Com a voz serena, mas firme, dava ordens e alterava táticas, como um general em campo de batalha. Por isso, com frequência, os louros da vitória lhe pertenciam.

Somente quando me tornei adulto, e precisei estudar a fundo o comportamen-

to humano, é que entendi a dimensão da obra do Casquinha perante diversas gerações de atletas do IE.

Essas vitórias não eram apenas a obtenção de medalhas ou taças. Era algo muito maior, que os seus atletas ainda não visionavam, já que as mentes juvenis não estavam preparadas para interpretar fatos, colocando-os em perspectiva de vida. O Casquinha estava ensinando a cada um de seus atletas, a toda a torcida e, de forma indireta, aos seus adversários frequentemente derrotados, que a "vitória da vida" dependeria sempre de muito esforço pessoal, disciplina, humildade e vontade contínua de vencer. Não importava quão difícil fosse a batalha que se anunciava.

Pela minha ótica, esse foi o maior legado de Casquinha, na sua longa e vitoriosa atuação como "simples" professor de Educação Física e hábil treinador de diversas modalidades de esporte: ele foi um formador de vencedores. O "tema de casa", pelo menos, estava lá disponível e presente. Aprendeu quem foi mais perspicaz.

"Vencer na vida" não tem, na minha visão, a limitada finalidade de aumentar o patrimônio econômico. A expressão tem uma plenitude muito maior. Ela significa que o indivíduo encontrou harmonia na sua vida, que os seus sonhos

e ideais foram alcançados, que ele teve mais dias de alegria e doce vontade de viver para si, para os que lhe são caros e para as causas que julga importantes. Este, para mim, é o verdadeiro "vencedor na vida".

Estudante do Cenav, no início dos anos 70, época inesquecível do esporte estudantil em Passo Fundo, não tive a honra de tê-lo como treinador. No entanto, como observador privilegiado, pois estava em quadra no time adversário, entendi muito bem a sua mensagem. Coloquei-a em prática. O Casquinha fez grande diferença na minha vida também.

Parabéns pela sua vida, sua obra e seu exemplo, Professor Cláudio Wagner, já no alto dos 81 anos. A bela homenagem prestada recentemente pela Câmara de Vereadores, por iniciativa do vereador Zenóbio T. de Magalhães, e o lançamento da sua biografia escrita pelo confrade Marco Damian e lançada na Academia de Letras são manifestações mínimas de reconhecimento, por tudo o que o senhor proporcionou à nossa cidade e região.

(Osvandré Lech é médico-ortopedista e membro das Academias Passo-Fundense de Letras e de Medicina.)

Meu amor pela Feira do Livro

ANELISE RECH

Primейro dia da Feira do Livro de Passo Fundo. Eu, como sempre, doida por Feira do Livro... mas este ano fiquei um pouco triste, já que, na hora da homenagem à Coleurb como amiga do livro, estaria no meu horário de trabalho...

Pela manhã, passei pela Feira, literalmente, pois estava no meu caminho... pude apenas ver o pessoal das livrarias se organizando, outras pessoas fazendo um painel (que ainda não descobri o que é, a que instituição pertence), vi também os funcionários da prefeitura pintando o meio-fio de amarelo, sinalizando que ali aconteceria algo importante, vi a barraca dos crepes, o ônibus do SESI,... isto que era só o meu caminho... só estava de passagem, como a terra de passagem Passo Fundo... tinha música, tinha alguém se apresentando no palco, não pude definir que escola ou grupo era... apenas passei.

No intervalo do almoço, meia hora antes de entrar no trabalho, fui à Feira novamente, agora com a intenção de aproveitá-la melhor... fui diretamente à estante dos lançamentos, lá encontrei a Martha Medeiros, o Içami Tiba, o David Coimbra, a Lia Luft... Fiquei ali por alguns instantes e comecei a ler um pouco de cada um destes livros, algo que

pudesse me inspirar a vida naquele momento, estava precisando ler alguma coisa que batesse aqui dentro e abrisse novos horizontes. Encontrei, mas não foi o suficiente, pois o relógio da catedral deu o sinal e fui-me embora... deixando para trás os livros e as minhas breves leituras...

Às dezoito horas, havia uma empresa para visitar e lá fui eu, pelos caminhos da Praça Marechal Floriano... (a minha vontade era ficar naquelas cadeiras e assistir à abertura da feira, afinal, as minhas queridas Coleurb e a dona Santina Dal Paz seriam homenageadas... além de todas as outras atrações, o Iotti como patrono, que legal seria vê-lo, pensei), mas estava trabalhando, então apenas passei pela Feira, olhei para os lados, agora o movimento estava maior, não tinha mais o cheiro das tintas dos meio-fios... mas os livros e outras manifestações culturais estavam ali.

No palco, as crianças tocavam violinos. As autoridades, sentadas, esperavam o momento de subir ao palco. Outras personalidades estavam na Feira, secretários municipais, vice-reitores, organizadores... todos por ali. Eu passava pela calçada, vi a Verônica, Relações Públicas da Coleurb, chegando, se aproximando... E eu passando, nem tão triste, mas passando.

Enfim, fiz o meu trabalho e voltei pela

Feira, era meu caminho! Ainda na calçada da praça, na Independência, pude escutar o Hino Nacional. Pensei: Meu Deus, está começando! Eu não podia fazer nada, a não ser passar por ali e seguir o meu rumo. Foi quando me deparei com uma situação não muito boa: o pessoal da Feira cantando o hino, imóveis, e eu caminhando pela calçada. Não foi por mal, meus queridos! A Feira está na rua, também não foi falta de respeito, até cantei um pedacinho com vocês, mas o meu dever me chamava e minha consciência não me deixaria ficar uns minutinhos ali (será que deixaria? Agora, passadas as horas... acho que sim, pela Pátria se faz tudo, ou quase!).

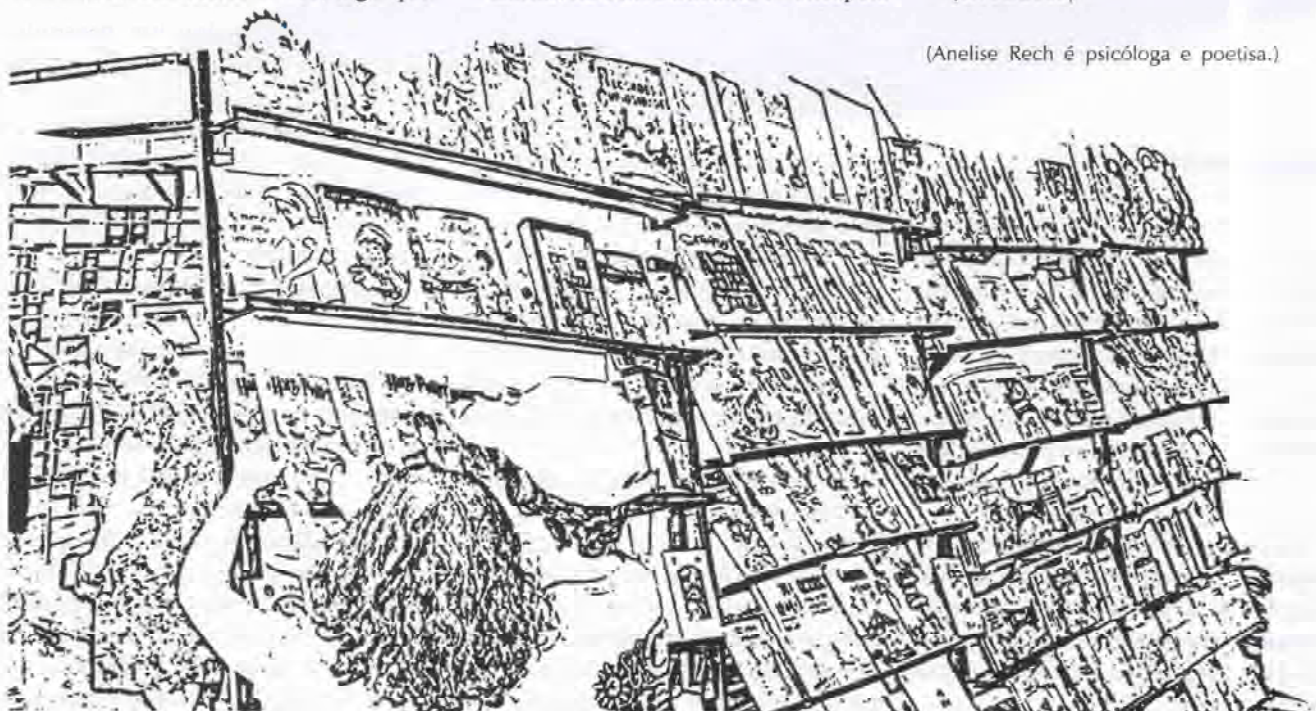
Bem, pensei, se a Feira está na praça, então ela se mistura ao movimento da cidade, ela se mescla com pessoas trabalhando, sinaleiras abrindo, carros passando... Mas:

O mais importante disso tudo é que o livro está na praça, vamos comemorar!!!!

Entre músicas, pássaros, poesias, crônicas, contos, humor, teatro, dança, a vida está em movimento. Se alguns reclamam que não alcançam o amor (como no livro que vi na estante: *Deixe o amor alcançar você*), pelo menos os livros estão ao alcance de todos!

Boa leitura e ótima Feira do Livro!
(09/11/2005)

(Anelise Rech é psicóloga e poetisa.)



O presente



LINDOLFO KURTZ

Ele era avô, como costumam ser os velhos, abastado como poucos e sovina como ele só. Possuía vários imóveis de aluguel, ações de bancos e grandes empresas. Grande parte de seus recursos, porém, era representada por dinheiro em espécie que ele aplicava a altos juros obtendo, com tudo isso, elevada renda mensal.

Todavia, quem não o conhecesse se apiedaria de vê-lo, tão pobremente vivia e se vestia. Seus dois ternos de brim, antiquíssimos, tantas vezes já haviam sido lavados que não mais se descobria sua cor original.

Sua figura magra e sua avareza crônica eram bastante conhecidas na cidade. Não gastava nem palavras. Falava pouco. Caminhava com lentidão, dando passos largos, certamente – diziam – para economizar a sola do sapato. Andava sempre com a cabeça inclinada e o olhar no chão, pois na mocidade havia perdido uma pataca e tinha ainda a esperança de encontrá-la.

Vivia só o Grandet crioulo, numa antiga casa de alvenaria, há muitos anos esperando uma pintura. Era dividida ao meio por uma parede de madeira, morando ele em um lado e, no outro, sua única filha (havia economizado até nos sagrados deveres da multiplicação) e sua bonita neta. Elas nada lhe pediam, e ele nada

lhas dava. Viviam, assim, em harmonia.

O velho até era feliz, daquela felicidade cinzenta que só as pessoas de seu feitio compreendem e usufruem. Às vezes lembrava-se da finada e da doença que a matara: anemia. Nem tanto da doença e da falecida. Lembrava-se mais das despesas que lhe causara.

Nos domingos – já era tradição – almoçava com a filha e a neta. Certo domingo coincide com o aniversário da menina. Completava ela seus quinze anos, razão por que, desde cedo, havia clima de festa e alegria na casa, a menina mais bonita e sorridente. A mãe iniciava o preparo do almoço melhorado, com o auxílio voluntário de uma vizinha que sabia tudo de todos.

Chega o avô. A aniversariante vai ao seu encontro, de braços abertos:

- Bom dia, Vô - e abraçou-o alegremente.

- Bom dia, minha linda neta. Feliz aniversário – e ambos foram para a cozinha. Frente às três o velho toma ares de quem vai dizer alguma coisa tão importante capaz de acabar com a Guerra Fria:

- Querida neta – disse ele -, o vovô nunca te deu um presente, mas não pense que não se lembrava disso. Es-

perava apenas que completasses os quinze anos – e tirou do bolso, lenta e solenemente, uma novinha, uma estalante nota de DEZ CRUZEIROS, entregando-a à menina.

Dentro de poucas horas, não se sabe como, a notícia de tal fato corria a cidade. Havia quem dissesse que a nota era de VINTE CRUZEIROS. Os que conheciam bem o velho duvidavam de tudo e já estavam sendo acusados de subversivos. O assunto já estava provocando várias discussões.

O Café Elite era o ponto tradicional de encontro de amigos para o cafezinho, água mineral e vermute. Falavam de tudo, inclusive da vida alheia, da guerra na Europa e de futebol. Os grupinhos, sentados em redor de mesas que nem apa-

reciam, de tanta gente, nesse dia, tinham um assunto único: o velho e o presente. Esqueceram até do Grenal que iria acontecer dentro de algumas horas. O presente já tinha valorizado. Já se falava que a nota era de CEM CRUZEIROS, quando aí não havia mais dúvida: o velho enlouquecera.

Embora o Tesouro do Estado, sempre raspado, já há dois meses não lhe pagava a pensão, a mãe organizou uma festinha, ainda que modesta, para a filha receber seus colegas para o chá das cinco.

Após o almoço foram arrumar a sala. Arreda cadeira daqui, mesa dali, põe pra cá, empurra pra lá. Não havia jeito. A sala era pequena mesmo. Como é que não notaram isso antes? E a eletrola com discos de 78 rotações, onde colocar? A mãe

já nervosa teve uma idéia:

- Querida - disse para a filha- A única maneira é fazermos a reunião na sala do vovô, aí ao lado. Que dizes? Vai alí e fala com ele, pois ainda há tempo de limpar e arrumar o que for preciso. Mas tu sabes como o vovô é... peça para alugar a casa. Alugar - acentuou - não esqueças.

E vai a menina no outro lado da casa para falar com o velho.

- Vó, a nossa sala é muito pequena para a reunião. A mãe pensa na possibilidade de fazer na sua, que é bem maior. Como o senhor tem poucos móveis, traremos a mesa, cadeiras e o toca-discos. Poderia me alugar para esta tarde?

- Ora - disse o velho - a sala do vovô está às ordens. No dia dos teus quinze anos nada se pode negar. Façam a festa qui.

- E quanto é o aluguel Vó? - pergunta a menina com ar apreensivo.

- O aluguel? Ora... bom... hmmm... deixe ver... ora meu bem, como é para ti e ainda no dia do teu aniversário, vou fazer um preço especial - e com ar vitorioso, de enxadrista que vai aplicar um xeque-mate:

- DEZ CRUZEIROS - pagamento adiantado.

E a menina tirou do bolso, lenta e solenemente, entregando ao velho, a novinha, a estalante nota que havia ganhado pela manhã.

(Lindolfo Kurtz, reside em Porto Alegre e é membro correspondente da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Ginástica engorda...

LINDOLFO KURTZ

Quando nossa cidade não possuía, ainda, academias de ginástica, um grupo de simpáticas senhoras chegou à conclusão de que estavam necessitando baixar o peso corporal.

Contrataram uma professora de Educação Física e obtiveram de um clube local a cedência de uma sala três vezes por semana, ficando acertado que teriam ginástica às segundas, quartas e sextas-feiras. Combinaram também que, para a primeira aula, trariam amigas para completar o número ideal de participantes e, para se conhecerem melhor, haveria um chá para o qual cada uma traria "alguma coisa".

Chegou o dia, e cada uma compareceu com "alguma coisa". Sobre a mesa formou-se uma montanha de tortas, as mais variadas e enfeitadas, bolos de diversos sabores, pudins irresistíveis, papos-de-anjo translúcidos, merengues, docinhos coloridos, cremes, etc, etc, e algumas frituras para as que não gostassem de doces. Após a ginástica isso tudo foi consumido alegremente.

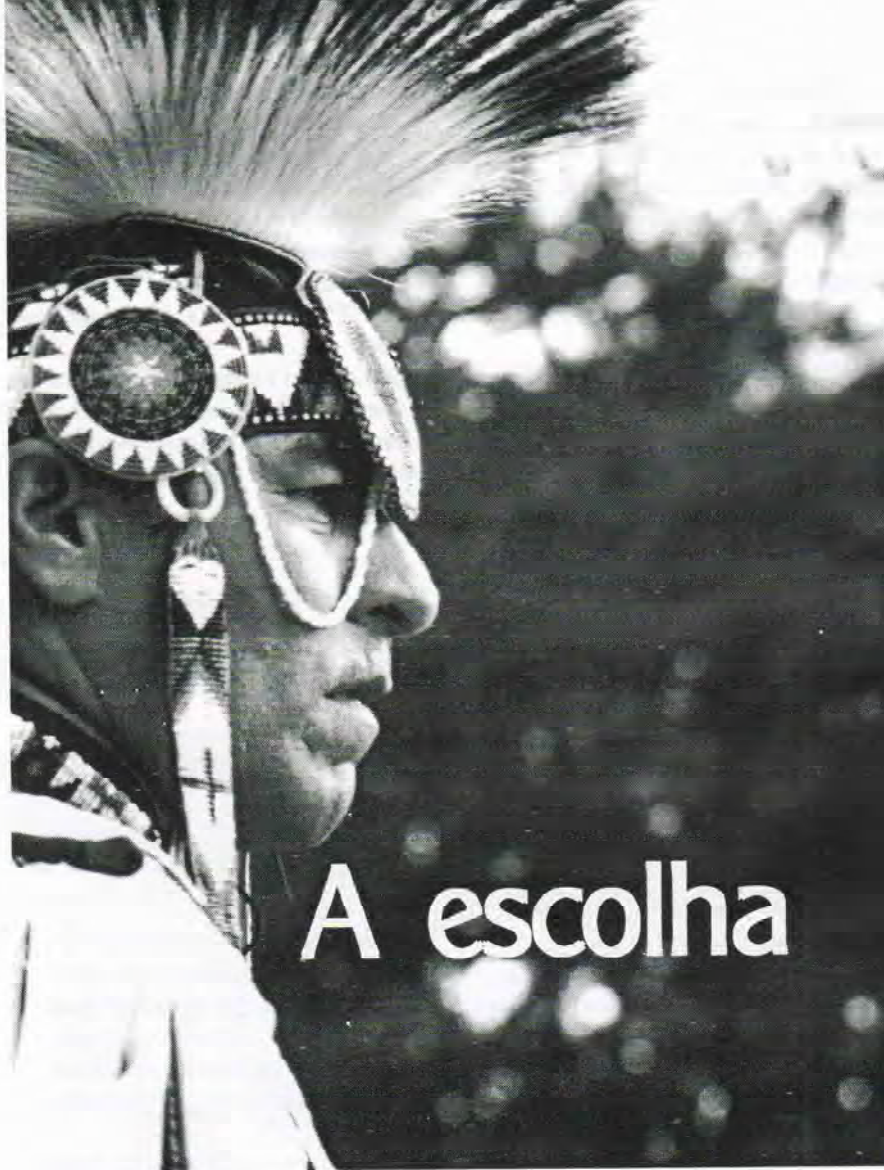
Foi tanto o sucesso que, de imediato, resolveram que, nas quartas-feiras, não haveria ginástica, mas



somente chá com acompanhamentos. Bem logo concluíram que a sexta-feira não era dia adequado para ginástica, pois poderiam estar cansadas no fim de semana, razão por que resolveram trocar por outra tarde de chá.

Na semana seguinte, uma delas sugeriu que a ginástica de segunda-feira poderia ser reduzida pela metade, a fim de que também nesse dia pudessem tomar chá com acompanhamentos. Essa sugestão foi, de imediato, aprovada por unanimidade. Assim, passaram a ter meia hora de ginástica por semana e três tardes de chá.

Em dois meses todas haviam engordado visivelmente, quando concluíram que esse aumento de peso era causado pela ginástica, razão pela qual suspenderam por completo os exercícios físicos e seguiram com três tardes de chá por semana, devidamente acompanhado de tortas variadas, bolos de diversos sabores, docinhos coloridos, papos-de-anjo translúcidos, merengues, cremes, etc, etc, e algumas frituras para as que não gostassem de doces. E a ginástica? Nem falar! Ginástica engorda...



A escolha

LINDOLFO KURTZ

Um chefe pele-vermelha sentindo-se já velho e cansado para as responsabilidades de dirigir a tribo, chamou seus três filhos e comunicou-lhes sua decisão de retirar-se para o Conselho dos Anciãos, dizendo-lhes ainda que escolheria um dos filhos para sucedê-lo na chefia.

A escolha seria feita da seguinte maneira: no prazo de 15 luas, cada filho deveria trazer-lhe um presente. Aquele dentre os três que lhe trouxesse o presente que mais lhe agradasse seria escolhido para ser o sucessor na chefia. Partiram os filhos para rumos diferentes. Transcorridos apenas dois dias, voltou o primeiro trazendo nos ombros uma caça que havia abatido. Depositou-a na frene do pai e lhe disse:

- Meu pai, o melhor presente que encontrei foi este animal, cuja carne muito aprecias. Poderás alegrar-te com os demais anciãos do Conselho.

O velho cacique aceitou e agradeceu. Passados mais alguns dias, voltou o segundo filho trazendo algo nas mãos. Chegando em frente ao pai, disse-lhe:

- Meu pai, passei vários dias sob a luz do sol à procura de algo de valor para te trazer. Finalmente, achei num vale distante esta preciosa pepita de ouro com a qual poderás fazer bons negócios com o homem branco.

O velho cacique aceitou e agradeceu.

Passaram-se mais alguns dias e a demora do terceiro filho já começava a preocupar toda a aldeia, até que, finalmente, sua figura foi reconhecida no horizonte. Chegou de mãos vazias em frente ao velho cacique e lhe disse:

- Meu pai, à procura de algo de valor que te agradasse, decidi subir aquela montanha mais alta que desde menino eu tinha vontade de conhecer. E por dias e noites fui escalando, subindo, até que finalmente alcancei o mais alto cume. E de lá, vi mais de perto a pureza do azul do céu e a beleza do horizonte. Vi muitas outras montanhas. Eu vi o mar... meu pai;

eu estive perto de Deus! De lá de cima eu vi nossa aldeia. E nossa gente, nossos orgulhosos e valentes guerreiros pareciam minúsculas formigas. De lá de cima não se podia ver qual o guerreiro que tinha a pele mais queimada pelo sol nem o que tinha a pele mais clara. Também não se distinguia qual estava com as melhores vestes daquele que só usava tanga. Vi do outro lado da montanha a aldeia da tribo nossa inimiga. São iguais a nós, meu pai! Iguais na insignificância diante da magnitude do universo. Cheguei a rir. Como podem seres tão frágeis e passageiros cultivar inimizades? Meu pai, é preciso que despertemos para a brevidade da vida. Acaso qualquer de nós pode mudar o rumo do vento ou modificar a alternância do dia e da noite? Podemos apressar o crescimento de uma árvore ou arredar a montanha do lugar? Quem pode diminuir o brilho da lua ou o calor do sol? Pois nem mesmo sabemos a hora em que deixaremos de respirar. Meu pai! Voltei de mãos vazias, mas trago nos olhos as maravilhas que vi e um conhecimento da grandeza e eternidade do universo. Nada encontrei de mais valioso.

O velho cacique agradeceu. À noite, na hora do Fogo do Conselho, convocou a tribo para anunciar a escolha. Disse ele:

- O primeiro filho trouxe-me um animal abatido, sabendo que aprecio sua carne. Sou muito grato a esse filho. O segundo filho trouxe preciosa pepita de ouro com a qual poderei fazer boas compras ao homem branco. Igualmente sou agradecido. O terceiro filho não procurou valores com os olhos no chão, mas ergueu-os para o alto, para o infinito, para as coisas superiores. Percebeu a grandeza do universo e a fragilidade de nossa vida e o quanto são ridículas nossas intrigas e vaidades. Sentiu que o Grande Espírito está presente em nossa vida. Embora ame igualmente os três filhos, pois cada um agiu conforme o seu entendimento e sua força, entrego a chefia da tribo ao terceiro filho, pois só quem é humilde tem poder; só quem reconhece sua fraqueza é forte; só quem tem riqueza de espírito é suficientemente capaz.

E foi assim que o velho cacique escolheu o sucessor.

(Lindolfo Kurtz, reside em Porto Alegre e é membro correspondente da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Can e Gati

CLÁUDIO CHIARADIA

Una volta, no ghe gera tuta sta passion, stò intarresse pa can e gati. I gera animài domesti-cai, ma liberi de fare la so vita senza òbligo de stra, par forza, in casa o sarà inte una qualche càmera de appartamento. No se spendéa tanti schei, come adesso par mantegnerli, co scàtole de rassion, come rassion de: scomincio, pèti de polo, paté de carne, tuto questo par dirvane racoante de fresche, se bem che ti non lo savessi! Tutì sacheti de rassion scoies-ti e fate aposta par el fine adeguato. El gato però, par via ch'el so cibo (alimentassion) preferisto ze i sordi, sorzi, topi, el podaria anca vivare de queste bestiolete, come anca de osèi, de qualche tòco de pan e de calcossa che vansa in cucina. Un tempo fa, el gato se contentava anca de le fregó-le che le cascava zo da la tola. Ma, el can el ga próprio bisogno d'èssare tratà co un serto riguardo dal so paron, sia che'l sia un can de cacia, un can de guardia o da compagnia.

Bisogna darghe un bom pasto al dî,

de carne bem cusinada, pan e minestra. In tempo de carestia, pan e minestra la se ghe daseva solo se la vanskava. A quel tempo se faseva fadiga a catare anca pa nantri un tòco de pan in più. Ancoi, le robe se ga cambià, ghe ze pi schèi e sti animài i ze tratai pi bem, com depi fameiarità e rispetto, inte le fameia dove i vive. No bisogna desmentegar-se, però che anca se el nicio ze piccolo, grassioso e simpático, el ze sempre un poco difarente, rispetto al conossesto can selvàdego.

Co'l tempo el gato domèstico el ga imparà a avere, dal so paron, le robe ch'el podéa darghe; casa e comodità. In cam-bio, lu el ghe dimostra un serto tipo de afeto che a le volte el serve pa un qualche intarresse d'una persona e la ghe ze vissin, in particolare el bisogno de star-ghe darente e farghe compagnia, spes-sialmente se, se tratando de persone de una sarta età e c'a vive sola. Ma el ze sempre un gato selvàdego. El micio (mimi) el ga conservà el fruto e l'astuzia del cassadore fra l'altro, el ga i senti-menti bem svilupai (desvolvesti), come: la vista, l'audio, el tato e in particolare, l'odorato ch'el serve non tanto pa cia-pare i sordi, i osèi ecc... ma sì, par rico-

nossere le robe, da le persone vive. A sto propòsito, una amiga mia, la me ga contà un fato che la me ga incuriosio e confermà come, ogni animale e in ques-to caso el gato, el ga l'odorato bem svi-lupà... Int'el so cortile la ghea visto un certo sino o campana, dopo aver vardà in torno par capire da andove el fusse rivà, la lo ga portà in casa e la ga dà da magnare, el gera próprio slupo, afamà (pien de fame), lo lo gà sistemà (rancurà) o comodà e la ghe ze stata adrio com bele maniere pa sete-oto di e, cò'lse ga riforsà ben e el ga ciapà tanto fià, la gà pensà de portarlo inte una fameija un fià distante da la so casa, parché ela e le altre fameie li vissine le gavea un gato già. Dopo racoanti dî, una matina, ver-zendo la porta de casa par andare fora, la ze restà maraveià, parché, rente al meale (scalin- gradino) che gera sentà sora lù, quello gato che è stato portato via, tornà a casa sua fasendo dódese-trédese chilometri de strada a piè. E gera tornà parché, l'istinto el ghea fato capi-re che la persona che la lo ghea curà e rinforzà, la gera próprio amante dî i ani-mali, la ghe volea gran bem e la i rispeta tuti. Cussì i gà vivesto el resto de i so ani insiem e contenti!...

(Cláudio Chiaradia pertence ao Centro Cultural Italo-Brasileiro Anita Garibaldi.)

Luz e treva

HELENA ROTTA DE CAMARGO

O sol se ergue do oceano, banhado e lírico. Parece um deus entronado sobre os altares do Olimpo.

Ao rasgar o penacho das ondas, quebra a monotonia da imensa arena. E seu canto de guerra afogueia as faces da nuvem, adolescente envergonhada espiando entre os dentes da pedra.

Recém desfeito, o véu da escuridão se dilui nas águas, tão impreciso quanto nostálgico.

O dia é gêmeo da noite. Irmãos de sangue e de mistério.

Como afirmar qual o mais belo, mais surpreendente?

Escalei-me como amante de am-bos. Desejo-os com igual fervor. Um ao relento, outro à sombra. Na sua presença, sinto-me engasgada de prazer. Como uma cisterna coletora de raios. De emoções. De expectati-vas. Lúbrica e envolvente. Nua e transviada.

Oh! meus confidentes da letargia e do orgasmo! Próceres da minha audácia!... Chaves da minha ebulição!...

Busco-os no colorido da aurora e nas nervuras negras do sono. Nas mãos que colhem aromas. Nos seios que arfam entre os lençóis.

Esplêndida cumplicidade! Sol e lua. Ímpeto e suavidade. Posse e entrega.

Cá estou a dedilhar pétalas e empi-lhar estrelas. Ora desperta, ora sonâmbula. Beligerante ou enlevada. As

mãos despencando lides e o coração rumorejando afetos.

Ínfimas, desintegram-se as partícu-las do ódio, que os cristais do amor fulgem com redobrada intensidade. Ofuscantes. Soberanos.

Sou guardiã do dia e da noite. Pala-dino da claridade e da penumbra.

E, reabilitada por seus sensores, deslizo sobre a esteira do tempo, como os fluidos da primavera, que acionam minha combustão e lubrifi-cam as hélices do meu vôo.

Luz feérica e treva fosca: o coque-tel de iguarias que me aguça o olfato e o paladar, desde o nascer da minha evolução...

(Helena Rotta de Camargo, Academia Passo-Fundense de Letras.)

O mundo inquietante e a família



WELCY NASCIMENTO

As grandes e médias cidades vêm apresentando uma sociedade em movimento, isto é, sofrem mudanças rápidas e profundas. Essas transformações são evidentes na acentuada expansão demográfica da zona rural e das pequenas cidades para os grandes centros, que podem gerar trabalho.

O fenômeno, segundo os entendidos, não somente repercute em todos os setores da vida, como alarma os governos municipais e as instituições que não podem acolher em seu seio os novos habitantes. Milhões de pessoas vivem mal no

bitação e trabalho, condenada a migrações forçadas que a desagregam, fazendo perder suas origens.

Grande parte da família brasileira não consegue educar seus filhos numa boa escola, ter acesso à saúde, ter água potável para beber, dispor de banheiros, e falta-lhe um mínimo de intercâmbio de experiênci-



as familiares, que contribuam para o desenvolvimento e equilíbrio da personalização.

Por outro lado, observa-se muitas famílias incompletas, seja pela falta de pai ou de mãe, por morte, migrações forçadas ou abandono do lar; seja por falta do vínculo afetivo. Não obstante tantas dificuldades por que passam essas famílias, suas funções essenciais são quase sempre exercidas, ainda que de modo incompleto, imperfeito, muitas vezes nem mesmo percebidos os seus defeitos, isto porque a graça de Deus atua nas relações familiares. No ambiente onde aparece o uso abusivo das drogas, da prática sexual sem integridade, o tédio, o desespero e a violência tomam conta.

Não há quem não sinta inquietude neste mundo, ou melhor, neste submundo neurótico, instável emocionalmente. A insegurança repercute nos centros das cidades grandes e médias, atingindo as famílias de muita abundância material, onde

não se verifica aquelas carências. A insegurança reina na sociedade brasileira como um todo. Daí porque todos pedem aos governos mais segurança pública, a par de toda a moderna tecnologia de segurança que nos é posta à disposição pelos negócios especializados.

Os bispos da América Latina, há muitos anos reunidos, concluíam: "Na família repercutem os frutos mais negativos do subdesenvolvimento. Os frutos da pobreza, da miséria, da ignorância, do analfabetismo, da insalubridade..." (Conferência de Puebla, México). Itamar Bonfante, ex-presidente do Movimento Familiar Cristão, em um dos seus comentários especializados sobre a situação da família brasileira, lá pelo final da década de setenta, dizia: "A família está reproduzindo o modelo que a sociedade apresenta", concluindo: "vive-se um clima de desolação".

Hoje tudo parece ser passageiro. É a sociedade do "use e jogue fora", sociedade "descartável". Dentro dela pouca gente pensa em coisas para durar a vida inteira, sejam estas coisas objetos, amizades e, até mesmo, pessoas humanas. Veja-se o exemplo do casamento. "Vamos ficar juntos, somente até que tudo vá bem..., até que dure". Essa idéia é constantemente estimulada nos programas de televisão, nas revistas de fofocas dos artistas. Implanta-se nos lares o esquema ditado pela filosofia do consumismo e da competição desenfreada do "quem pode mais, chora menos".

(Welcy Nascimento é professor e membro titular da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Brasil. O urbanismo desorganizado vem criando, ao redor das grandes cidades, verdadeiros cinturões de população heterogênea, por formação e por grau de cultura, trazendo, também, aos novos habitantes, gravíssimos problemas sociais, devido à falta de moradia, escolas, saneamento básico, etc. Essa população, geralmente analfabeta, quase toda, não consegue alcançar os benefícios da cultura. Não se pode desconhecer, nem deixar de denunciar, que a maior parte das famílias brasileiras, nas grandes cidades, vive em convivência biológica, convivendo com subnutrição, doença, vivendo em condições sub-humanas de ha-



A revolução sexual: uma fábula sobre a relatividade dos conceitos

JÚLIO CÉSAR PEREZ

Após muitos anos, os homens começaram a tomar o seu lugar na História. A hegemonia feminina começava a dar mostras de cansaço, e os homens então puderam alcançar a liberdade.

Mas não vá pensar que esta tivesse sido uma luta fácil, pois foram necessários protestos, cartazes, passeatas, brigas de rua para se alcançar esse objetivo.

Até então ao homem estava destinado um papel secundário na sociedade e aqueles que adquiriam o direito de ter alguma voz de destaque, só a alcançavam após uma idade avançada. Em outras palavras, depois de conseguirem demonstrar que podiam se abster das questões sentimentais, tão nocivas à saúde condução de um povo.

Mas esse estado de coisas só começou a mudar, quando os homens puderam ter acesso aos livros e a pensar por conta própria. No preciso momento, quer dizer, em que eles tomaram consciência do seu valor num mundo antes totalmente dominado pelo sexo feminino.

Questões como a inabilidade intrínseca do homem para assuntos políticos, por causa da sua agressividade natural e pouca paciência nas negociações, começaram a ser desmitificadas, na medida em que mais e mais homens trouxe-

ram um pouco de ousadia para as grandes questões onde antes só a fleuma feminina já não bastava.

E o que dizer das cátedras?

Até então privilégio exclusivo das mulheres que reputavam os homens incapazes de se encarregar da formação dos espíritos, por causa da sua aversão natural com as questões especulativas. Nos esportes, igualmente, se interditava a prática daqueles em que o vigor masculino pudesse se fazer mais evidente e pôr em risco a beleza dos espetáculos, nos quais a graça e o espírito de ordem das mulheres devia imperar.

Desse modo os homens eram mantidos em um estado de semi-letargia, acreditando em tudo aquilo que as mulheres lhes contavam do mundo lá de fora. Como crianças que ainda acreditam em monstros. O que só podia interessar a quem se beneficiava disso: elas!

Entretanto, essa supremacia feminina estava com seus dias contados e o seu fim se fazia anunciar de dentro da própria estrutura que elas tinham criado. Pois, na medida em que os homens estavam infensos às preocupações de manter um lar, da concorrência cada vez mais acirrada no mercado de trabalho e do stresse de um dia-a-dia cada vez mais desgastante e menos satisfatório, eles que ficavam em casa, ao abrigo desse mundo insano, podiam cada vez mais aperfeiçoar o seu

gosto pelas boas coisas da vida.

Já elas chegavam em casa cada vez mais tarde, exaustas do serviço e raramente conseguiam corresponder aos apelos dos seus maridos por mais atenção, amor e sexo. O que deixava no ar uma sensação de culpa, de quem estavam devendo, sobretudo na cama.

Mas elas não sabiam o que fazer. As solicitações do mundo já eram muitas. Seria excessivo ainda exigir que satisfizessem a seus esposos. Elas os achavam injustos, desleais e... insaciáveis.

Com o passar do tempo, a opinião deles começou a ser mais ouvida, seus conselhos mais seguidos, e suas atitudes diante da vida, imitadas. Da cama para o mundo dos negócios, da política e do saber, foi um pulo, até que as reivindicações deles por mais espaço, também nessas áreas, se tornaram irresistíveis. O que representou o golpe derradeiro nesse mundo dominado por um só sexo.

Foi assim que, graças a um bom desempenho na cama, os homens conquistaram o seu espaço na antiga sociedade matriarcal e ainda hoje estão cheios de convicção de fazerem deste mundo um lugar melhor para se viver.

Pelo menos até começarem a brochar na cama, fazendo novamente com que a balança da História penda para o lado delas.

(Júlio César Perez é auditor do TCE e escritor.)

Poesia

Os úberes

Túrgidos tempos, dizem profetas.

Ordenam tetas:

- Hora da ordenha!

Como estarão túrgidos úberes secos?

Qual leite verde tem esperança?

No curral, sonham as vacas.

Olhos vazios roem seu cocho

de tosco cedro, sal agriçoce.

Seria o leite a perfeição do pasto?

O costume, da doma o sumo?



PABLO MORENNO

Profetas iludem cérebros
mas não os úberes.

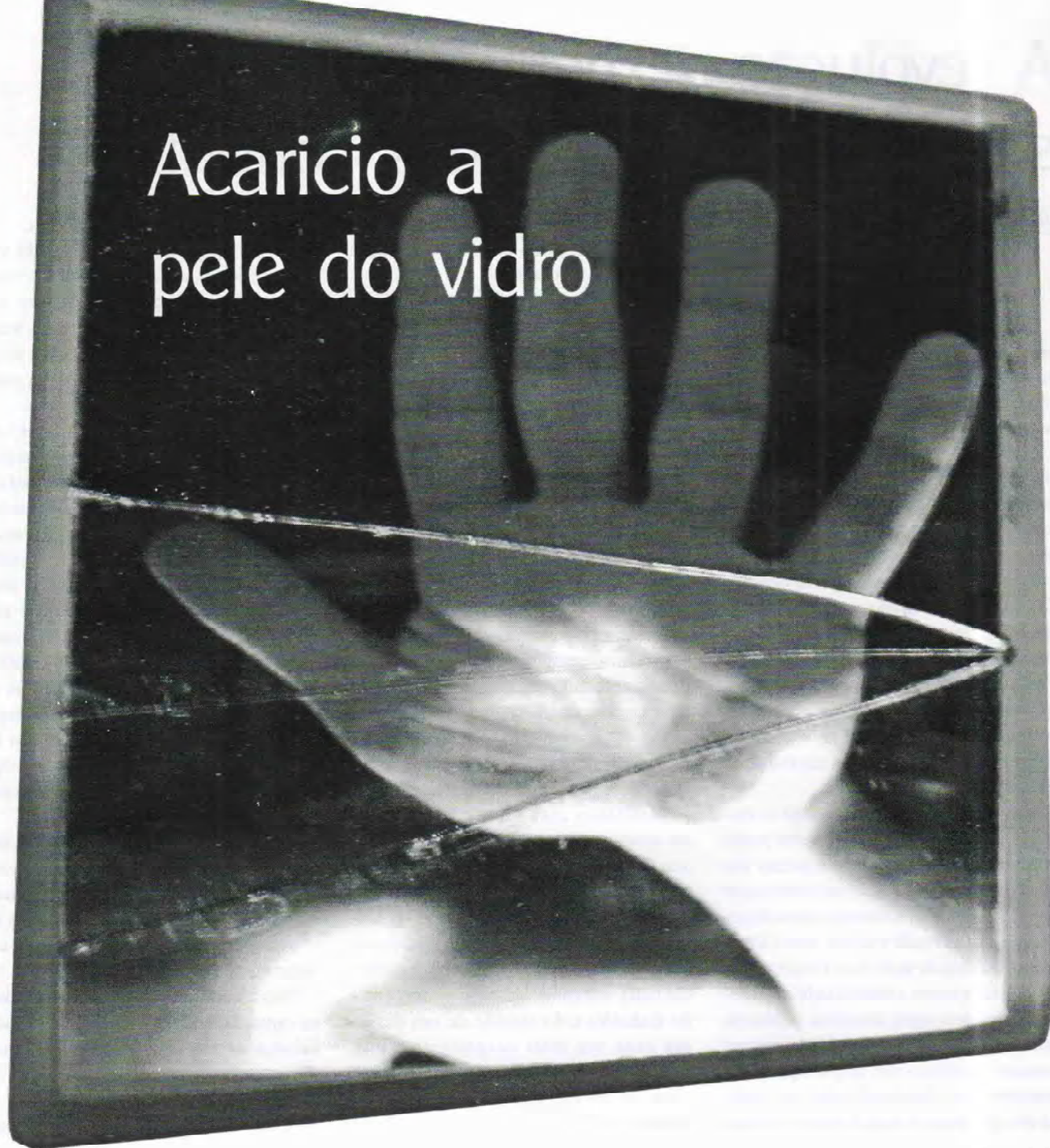
Urbis et orbis,
úberes secos
trepidam cios.

(Cama do pasto:
copula o gado
em pleno estio.)

E o profeta,
com boca seca,
maldiz as tetas.

Sai retinindo
baldes vazios.

Acarício a pele do vidro



PABLO MORENNO

Eu o vi saindo do espelho. Patas, focinho e dentes se aproximaram como um filho a quem dirigimos olhar de ternura. Era um animal horrendo. Meio leão, meio lobo, meio onça. Como a mulher de Lot tornei-me uma estátua de sal, embora eu fosse um homem e o olhasse de frente. Pelo sal, um suor de outro sal corroía a pele, os músculos e ossos. Tive medo, pavor, angústia. Um amontoado de coisas que não cabem nas palavras. Tremendo acariciei-lhe o pêlo. Acalmou-se. Lambeu minhas mãos e olhou-me por dentro.

Duas balas disparadas de uma arma, suas pupilas ultrapassaram as minhas.

Do espelho – curioso! – nunca tive desconfiança. Todos os dias faço a barba. Todos os dias quantifico as rugas na pele. Arranco um cabelo cinzento. Corto os pelos do nariz e das orelhas. Observo minhas restaurações de resina e amálgama. Jamais imaginei morassem no espelho animais daquele porte. Um terrível remorso postou-se na boca. Imagine fosse meu filho ou mulher! Seriam estraçalhados por garras e dentes. Ainda bem que eles estão ali juntos. Estão no chão descansando com a respiração trancada. Eles sempre fazem de tudo para que eu, tão estressado com os proble-

mas da empresa, não me descontrole. Ou, talvez, notaram algo diferente em meu olhar e desconfiaram. Deitaram ali suspendendo a respiração para passarem despercebidos. Graças a Deus, não há marcas nos corpos, de dentes ou patas. Ele não quer a eles, não teria coragem. Esta fera rápida, como um pinto safado do ovo para a vida, tem como mãe o primeiro movente visto. O espelho foi o ovo do monstro. O ser movente fui eu. A mim me viu, a mim me venceu. Eles dormem como pedras no chão de pedra. Eles estão salvos.

Inúteis serão as trancas nas portas, alarme, cercas elétricas. Se o espelho abriga bichos, eu devia pegar a lanterna

e vasculhar os recônditos da casa. E se açucareiro escondesse abelhas africanas? E se uma *orcinus orca* estivesse disfarçada entre os peixinhos do aquário da sala? Olhei o açucareiro com a lanterna do carro. Apenas uns torrões de açúcar formados pela umidade da noite. No aquário dois peixinhos boiavam com os olhos opacos. O terceiro, como se fosse culpado pela morte dos outros, mas apontava a cabeça sob um esqueleto de estrela-do-mar. Não fora culpa sua. Falta de oxigênio, ao que parece. Alguém tirara a bomba submersível da tomada para carregar o celular. Depois esqueceu. Os mortos não tinham marcas de dentes. Não fora nenhuma baleia assassina.

Voltei ao espelho. Estava calmo. O ódio de seus olhos roubara a textura de mãe amamentando, de réstia da janela flechando a violeta do parapeito. Um campo de papoulas, um mar no amanhecer, uma revoada de pássaros. Estava sereno. O ódio transformado virou qualquer coisa capaz de estancar a respiração da gente por seu encantamento. Como eles, também estanquei meu respiro. Só não me alonguei por culpa do trabalho lá na empresa. Ninguém admite atrasos ou faltas, demitem. Tirei a mão do plástico e a usei para tocar ternamente os reflexos no vidro.

Graças ao carinho, a fera serenou-se. Não mais pareceu meio leão, meio lobo, meio onça. Seu pêlo deixou de ser pêlo para ser pluma. Foi transformando-se em meio pombo, meio beija-flor, meio João-de-Barro. A metamorfose me distraiu com seu ritual de feitiço, e nesta distração ele disparou olhos meus adentro. Escureceu. Estou cego para sempre, pensei. Mas, aos poucos a luz começou a visitar-me no canto dos olhos. Dentro de mim um som de revoada, um canto calmo, uma construção de casa, um remanso. Passei a enxergar melhor do que antes. Desopilei-me dos óculos e os coloquei, com as lentes viradas para cima, ao lado dos sacos plásticos ainda embaçados.

Temo por meus filhos. Temo por minha mulher. Se outro monstro fugir do espelho, que eu esteja por perto. E se eu não estiver? Para evitar a tragédia, há pouco quando fiz a barba, quando cortei os pêlos do nariz e olhei os dentes, acariciei novamente a pele do vidro com toda a ternura tesa e presa em mim. Sendo pouca ainda, espremi bem, apliquei minha força até cair uma última gota seca. Deste modo, quando o animal curvar-se a um novo bote, já estará feito meio pombo, meio beija-flor, meio João-de-Barro. Descobri o segredo para evitar reincidência.

Eu entendo a sua preocupação, Delegado. Aliás, foi por isso que deixei os sacos plásticos, ainda com a umidade interna ao lado dos óculos, virados com as lentes olhando para o teto e liguei para o 190. Por favor, deixem-me em casa mais um dia. Eles estão ali no chão frio, por isso esfriaram. Estão como pedras por causa do piso de pedra. Quando acordarem, carecerão de um pai para protegê-los e servir-lhes um café bem quente.

Tudo bem. Já que o senhor insiste em me levar algemado, posso lhe pedir um favor? Mande seu colega ir até o quarto pegar duas colchas. Elas estão na última porta à direita, na primeira gaveta de baixo dos ternos. Peça-lhe. Com aquela branca de bordados, depois de os colocar na cama, cubra-os bem, principalmente os pés, para que não esfriem tanto por demora minha. Com a outra, a maior e de chenile negro, cubra com ânsia e ímpeto o espelho. Observe noite absoluta e cuidado absurdo. Torne qualquer translucidez inviável. Aquele espelho odeia olhos.

Depois de tudo isso feito, o que mais importa. Ligue, o senhor mesmo ligue e explique à empresa o atraso. Mas tem que ser o senhor, Delegado. Se não for o senhor, eu serei demitido.

(Pablo Morenno é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Poesia

SOLON BUENO DA SILVA, *in memoriam*

Covardia

Sinto que estou fora de combate
Exausto de forças, sem coragem,
Dentro em pouco tombarei nessa voragem,
Onde minha alma luta e se debate.

Cairei, como o cedro que se abate,
Derrubando algum arbusto na passagem,
Chegando então ao termo de minha viagem,
Deste desigual e fragoroso embate.

Deixarei então de ser miséria,
Deixando também de ser matéria
E minha alma sutil vagará só...

E meu corpo insone, dolorido,
Voltará enfim, a ser o que já havia sido.
Um punhado de cinza, um resquício de pó...

Coqueiro

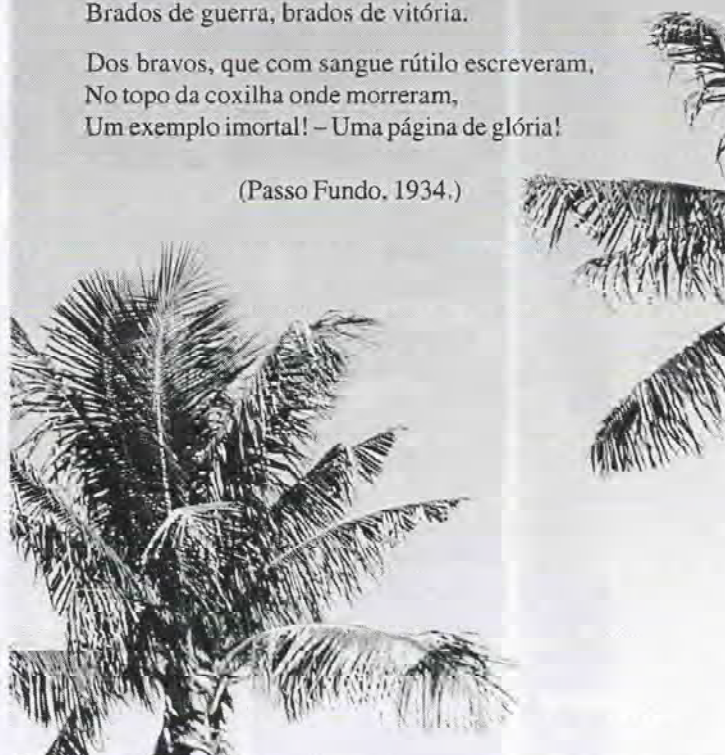
Oh! Coqueiro triste solitário,
Sentinela dos campos, perfilado,
No alto da coxilha, abandonado,
Pareces Jesus, no cimo do calvário.

Tu lembra-nos um ente imaginário,
Quando a gente te fita descuidado.
Testemunha muda do passado,
Eu também, na tua dor, sou solitário.

As tuas folhas pelo vento balouçadas,
Recordam-me bandeiras desfraldadas,
Brados de guerra, brados de vitória.

Dos bravos, que com sangue rútilo escreveram,
No topo da coxilha onde morreram,
Um exemplo imortal! – Uma página de glória!

(Passo Fundo, 1934.)



Os 150 momentos mais importantes da história de Passo Fundo:

a visão da Academia de Letras

OSVANDRÉ LECH

A história de Passo Fundo tem sido contada por diversas gerações de estudiosos. Ela é, sabe-se, muito rica e cheia de momentos marcantes, pitorescos, felizes, oficiais, românticos, sangrentos, literários, boêmios, fúnebres, pacíficos, elegantes, etc. Tome-se um autor em particular e teremos um destes itens descrito à exaustão. Afinal, um autor costuma conhecer de forma especial um assunto em profundidade. Especializa-se e geralmente se apaixona por ele, passando a dar grande importância. Ao produzir seu trabalho literário, expõe ao leitor todo o conhecimento sobre este assunto, seja em forma de texto, fotos, etc. E o que acontece com os demais assuntos também considerados importantes? Precisam de leituras adicionais, geralmente encontradas alhures. Portanto, sempre a história será descrita de forma incompleta e com o ponto-de-vista individual do autor.

Observando exatamente estes aspectos genéricos sobre os resgates históricos em geral, surgiu a idéia de produzir um livro sobre a história de Passo Fundo, que pudesse ter UMA GRANDE QUANTIDADE DE PONTOS-DE-VISTA E UM GRANDE NÚMERO DE AUTORES. Agindo assim, este livro contemplaria, da forma mais fiel possível o que se quer retratar: OS 150 MOMENTOS MAIS IMPORTANTES DA HISTÓRIA DE PASSO FUNDO.

Este ambicioso projeto foi cuidadosamente elaborado por mim ao longo de anos, mas nunca havia sido colocado em prática, por diversas razões: falta de tempo, timidez, falta de conhecimento da verdadeira história da nossa cidade, etc., etc. Ao apresentá-lo aos confrades da Academia, tive a grata surpresa de ver estampado nos semblantes um imediato envolvimento com o projeto. E tem sido assim desde então. Um verdadeiro trabalho em equipe se estruturou e o projeto tem evoluído em passos rápidos.

De forma sintética, aqui estão os

principais passos que compõem este projeto:

1) ESTRUTURAR uma pesquisa na comunidade passo-fundense e obter dela a opinião pessoal sobre quais seriam os 150 principais momentos da história de Passo Fundo.

2) ESTRATIFICAR a pesquisa da forma mais ampla possível, possibilitando que todas as áreas de atividade da cidade tenham representação. Para isto foram consultados líderes das áreas da educação, agronegócio, advocacia, comércio, medicina, odontologia, cultura, corretores de imóveis, esporte, enfermagem, bancários, fisioterapia, tradicionalismo, religião, arquitetura e engenharia, dentre outros.

3) ENVOLVER a Academia Passo-Fundense de Letras na elaboração deste resgate histórico, já que esta tem sido a sua vocação ao longo das décadas de atuação.

4) OBTER o envolvimento da Prefeitura Municipal e sua recém formada Comissão Organizadora das Festividades



do Sesquicentenário. O prefeito municipal, Airton Dipp, e o vice-prefeito, Adirbal Corralo, presidente desta Comissão, deram total apoio ao projeto.

5) DISTRIBUIR entre os confrades os capítulos que serão escritos, a fim de que não seja uma atividade exaustiva para alguns.

6) TRABALHAR EM COOPERAÇÃO com pessoas da comunidade dispostas a escrever capítulos em co-autoria com os acadêmicos.

7) PLANIFICAR os capítulos para que todos tenham exatamente a mesma extensão, de duas páginas apenas; assim, o livro não será demasiado extenso e cobrirá 150 diferentes assuntos.

8) RETRATAR, da forma mais democrática, honesta e imparcial possível, os momentos mais importantes da nossa história.

9) DESCREVER de forma simples, para que todas as camadas da população possam LER e COMPREENDER a obra.

10) PUBLICAR o livro durante as comemorações dos 150 anos de emancipação da nossa cidade, que transcorrerá ao longo de 2007.

Os quadros em anexo mostram dados que constarão no livro: os seis assun-

tos mais citados até o momento e os seis colaboradores mais "veteranos", verdadeiros exemplos de dinamismo, espírito de participação e fonte viva da história da nossa cidade.

No momento, os confrades da Academia e colaboradores selecionados estão realizando o item 7 descrito acima.

Esperamos que este livro seja do agrado da comunidade e que sirva de inspiração para que as atuais e próximas gerações possam entender a luta febril empreendida pela atual e pelas passadas gerações, para que Passo Fundo possa se orgulhar dos seus índices e status atuais.

OS SEIS ASSUNTOS MAIS CITADOS

1)	FUNDAÇÃO DA UPF	(63)
2)	JORNADA DE LITERATURA	(47)
2)	FUNDAÇÃO DO HOSPITAL SÃO VICENTE DE PAULO	(38)
3)	INAUGURAÇÃO DA ESTRADA DE FERRO	(32)
4)	PRIMEIRA AFRICA	(24)
5)	INAUGURAÇÃO DA EMBRAPA EM PASSO FUNDO	(20)
6)	O PRIMEIRO CENTENÁRIO DE PASSO FUNDO	(20)

OS SEIS COLABORADORES MAIS "VETERANOS"

1)	MARIE GREGÓRIE SCHWIEGERSHAUSEN	(95)
2)	CECÍLIA BORGES KNEIPP	(94)
3)	ÍTALO PORTALUPPI	(90)
4)	SABINO ARIAS	(89)
5)	ALICE L. COSTI	(88)
6)	AUGUSTO WERNER GOELLNER	(84)
7)	BRUNO EDMUNDO MARKUS	(84)

(Osvandré Lech é membro das Academias Passo-Fundenses de Letras e de Medicina.)

Poesia

MARILISE BROCKSTEDT LECH

Pinte a vida, Graciela!

Vá... "deslize" nesta passarela.
Revele ao mundo a tua doçura.
Mostre a tua alma, tão pura.
Pinte a vida.
Nós já lhe demos a aquarela.

Queremos vê-la sempre inteira.
Seja sempre esta menina faceira,
Que encanta com seu sorriso e humor.
Desabroche, querida...
Você é uma flor!

Graciela...
Tão matura e tão bela...
Ponha a cara nesta janela.
Espie o mundo lá fora.
Vá em frente, é sua hora.

A porta está aberta.
A vida a espera para ser descoberta.
Seja meiga, mas também, esperta.
Se errar...veja lá...
Faça de novo e acerte!

Caminhe por esta estrada,
florida ou empedrada... não importa,
Bata sempre na porta
e ela se lhe abrirá.

Mostre suas asas, menina!
Voe como um beija-flor!
No entanto, lembre-se sempre,
É a partir das raízes que se alimenta o amor.

Navegue no mar da vida e,
vez ou outra, ancore em seu porto.
Alimente-se, abasteça-se...
buscando alegria e conforto.

Então...
Desabroche,
Navegue,
Caminhe,...
Vá em frente, doce menina...
Pinte o mundo, Graciela,
Nós já lhe demos a aquarela...
Queremos, agora, ser seu farol e seu porto.

(Com amor, sua mãe
Marilise Brockstedt Lech.)

Antonina Xavier e Oliveira:

Uma rápida retrospectiva de sua vida e de sua obra

ALADY BERLESE DE LIMA,
in memoriam

Antonina Xavier e Oliveira nasceu no dia 23 de abril do ano 1900, em Passo Fundo/RS, filha de Francisco Antonino Xavier e Oliveira, ilustre escritor e homem público, e de dona Anna Joaquina Xavier e Oliveira, esposa e mãe que dedicou sua existência à família.

Ainda jovem, e solteira como sempre viveu, em 1937, ingressou na imprensa, desempenhando o cargo de gerente do jornal O NACIONAL. Alguns anos depois, inteligente e culta, jornalista devidamente registrada, assumiu a direção de O ORIENTADOR, órgão espírita em que ela, por mais de dezesseis anos, divulgou com austeridade o Espiritismo, publicando inclusive orientações e mensagens que, por sua acurada mediunidade, recebia de seus mentores e amigos da espiritualidade.

Preocupada com a expansão do órgão espírita passo-fundense, após ingentes

esforços, conseguiu adquirir uma oficina gráfica na parte térrea do prédio onde até hoje se realizam as sessões e os trabalhos espirituais do Centro Espírita "Bezerra de Menezes".

Acompanhando de perto os eventos culturais que se desenvolviam no campo da espiritualidade, contando com o apoio de confrades da Terceira Revelação, inteirou-se das

obras e viabilizou a presença, em Passo Fundo, de Pietro Ubaldi, o gênio de *A Grande Síntese*.

Ao limiar de 1960, promoveu uma campanha de livros e revistas sobre o Espiritismo, criando e organizando a biblioteca do Centro Espírita "Bezerra de Menezes".

Impulsionada por seu boníssimo coração, acionava, na medida do possível, o Departamento do Roupeiro dos Pobres, para a distribuição de alimentos aos



necessitados e, com muito empenho, para levar a alegria da Páscoa e do Natal às crianças de lares paupérrimos.

Assídua trabalhadora da Seara de Jesus, socorria espiritualmente irmãos sofredores, aconselhando-os à compreensão, ao perdão e à fé no Criador, para a paz e a felicidade de seus espíritos.

Antonina Xavier e Oliveira desencarnou no dia 13 de

março de 1963, aos 63 anos de uma vida de realizações edificantes, deixando-nos à lembrança aquele vulto nobre, amável, simples e modesto, cumprindo a sua missão de servir ao Espiritismo e aos seus semelhantes.

Como num hino de fé, de amor e de caridade, ela prossegue, através de nossos Centros, a assistir e a orientar nossos irmãos responsáveis pelos objetivos e finalidades da Doutrina dos Espíritos codificada por Allan Kardec.

A ilha da paz

HELENA ROTTA DE CAMARGO

O que eu quero mesmo, agora que ultrapassei a barreira das emoções perigosas, é uma vida pacata e sem sobressaltos.

Gostaria de morar numa ilha longínqua, igual àquelas dos contos-de-fada. Não por seu isolamento ou bucolismo, mas por seus mananciais de serenidade, se oferecendo continuamente, sem medo de serem violentados.

Aqui onde estou, vivo em suspense, espremida por ameaças, dentro e fora de casa.

Quando estou dentro, me visto de trancas, dúzias de fechaduras, ferros, alarmes, encouraçada como um gladiador medieval.

Refém de sistemas falidos, tornei-me uma prisioneira do medo.

Se estou fora, me agarro à bolsa como um polvo, desconfio de tudo e todos, aperto o passo e a tensão.

Estou cercada de inimigos.

Oh! a minha ilha isolada, com seus gramados e arbustos, seu colar de águas a espelhar meu remanso, seu sol de poucas brasas e sua lua cheia de simpatia, apostando comigo a vitória da plenitude!

A cidade, que se transformou num covil de malfeitores, é agora a face escura da terra. Perdeu o encanto da convivência. Rompeu os vínculos da cortesia. Espalhou o ranço do anonimato entre mim e os vizinhos.

Digam-me vocês, que encarnam a modernidade, que são seus reis e seus

vassallos, comendo o pão diário da insegurança, se não tenho razão em me sentir acuada.

Para que servem as instituições? Os códigos? As declarações de direitos humanos?

Omissos e coniventes, pendem mais à defesa dos ímpios que à proteção da gente de bem.

Nossas crianças, nossos jovens, nossos velhos: onde o viver saudável, o lazer seguro, a liberdade das gangorras e caminhadas na praça?

E a nós, construtores da sociedade, geração marcada pela desconfiança, que andamos como robôs, entre matilhas de lobos, o que nos reserva o dia de amanhã?

Pelo sim pelo não, continuo na ilusão de encontrar a minha ilha deserta...

(Helena Rotta de Camargo, Academia Passo-Fundense de Letras.)

A história de Mimi

Mimi é o gato de Pedro. Pedro não gosta que Mimi se canse, por isso Pedro leva Mimi em um carrinho com um livro que se chama:

A viagem de Marcos

Marcos é um arqueólogo que estava atrás de um ídolo de esmeralda na Amazônia. Ele iria chegar lá de barco. Quando estava chegando perto de onde estava o ídolo, segundo o mapa que estava carregando, viu uma sucuri enorme seguindo eles por terra. Ele desceu com sua equipe para entrar na caverna onde estava o ídolo. Enquanto eles entravam, ouviram um chiado: haviam várias cobras e eles começaram a correr, mas as cobras pegaram alguns. Os outros continuaram andando, quando, finalmente, viram o ídolo. Apareceu o pé enorme de um ciclope. O ciclope tentou esmagá-los e até matou a maioria deles. Só sobrou Marcos, que começou a correr do monstro, até que ele pegou o ídolo e o monstro virou pedra. Ele saiu da câmara onde o ídolo estava, correndo, quando, de repente, saíram do chão enormes estacas que, por pouco, não pegaram ele. Quando, finalmente, saiu da caverna, viu muitos índios cercando-o. Adormeceu e, quando acordou, num enorme caldeirão (e tinha lenha embaixo do caldeirão), viu que em volta dele havia muitos índios executando uma espécie de dança. Minutos depois ele viu um de seus companheiros, que tinha ficado junto às cobras, chegando perto dele. E cochichando em seu ouvido, disse:

- Eu vou te tirar daqui!

E Marcos disse:

- Rápido! Seu companheiro de samarrou-o e saíram do caldeirão. mas, quando estavam saindo do lugar, um dos canibais os viu, e Marcos se lembrou do ídolo e conseguiram pegá-lo. Depois disso, eles correram para o barco e fugiram dali.

Um visitante inesperado

Certo dia, quando menos esperava, apareceu no pátio de minha casa um visitante inesperado: era um velho com roupa preta e um cajado de madeira. Deixei que ele entrasse em casa. Quando ele entrou, falou: “- Por favor, me ajude!

Estou fugindo com o mapa de um tesouro muito valioso e preciso do tesouro para curar minha doença. Você pode me fazer este favor?”. Depois disso, o velho desmaiou.

Eu peguei o mapa, minha faca longa e segui o mapa. Segundo ele, o tesouro estava nas masmorras de um castelo, na Escócia. No caminho, encontrei os guardas do castelo que eu procurava: eles usavam armaduras negras, espadas longas e afiadas. Consegui fugir deles, mas, quando cheguei ao castelo, não consegui entrar pela porta, pois estava fechada. Então lancei pela janela um gancho amarrado em uma corda e por ela eu subi. Quando cheguei no castelo eu procurei a entrada das masmorras e achei: era uma alavanca atrás de uma armadura. Quando entrei, vi um lugar cheio de portas, cada uma com um símbolo. Entrei em uma que tinha um grifo desenhado na porta. Lá encontrei vários baús, olhei em todos e só um tinha uma coisa dentro que era um cetro de prata com várias runas. Levei o obje-

to para casa e lá ele foi entregue ao velho, que pegou o cetro, pronunciou um feitiço de cura, me deu uma poção, e foi embora. Quando tomei a poção, tudo ficou escuro. Acordei, olhei em volta e percebi que foi tudo um sonho.



O rio encantado

Existia uma mulher com nome de Rosana. Ela vivia em uma fazenda no Paraná. Um dia ela estava andando por uma trilha muito longa que parava em um rio. Ela tomou banho lá várias vezes, até que começou a se sentir estranha e a ficar pálida. Ela foi ao médico para ver o que era, mas o médico falou que não sabia o que fazer.

Um dia ela acordou e viu que era uma rã enorme. Foi até o rio e falou com um dos sapos que morava lá e ele falou que, para conseguir voltar a ser uma pessoa normal, ela precisava pegar a lágrima de uma criança. Ela atraiu sua filha até o rio e subiu a parede com uma pedra e pulou em cima da cabeça da filha, que chorou. A mãe pegou suas lágrimas, voltou a ser humana e as duas voltaram para casa.

A fuga

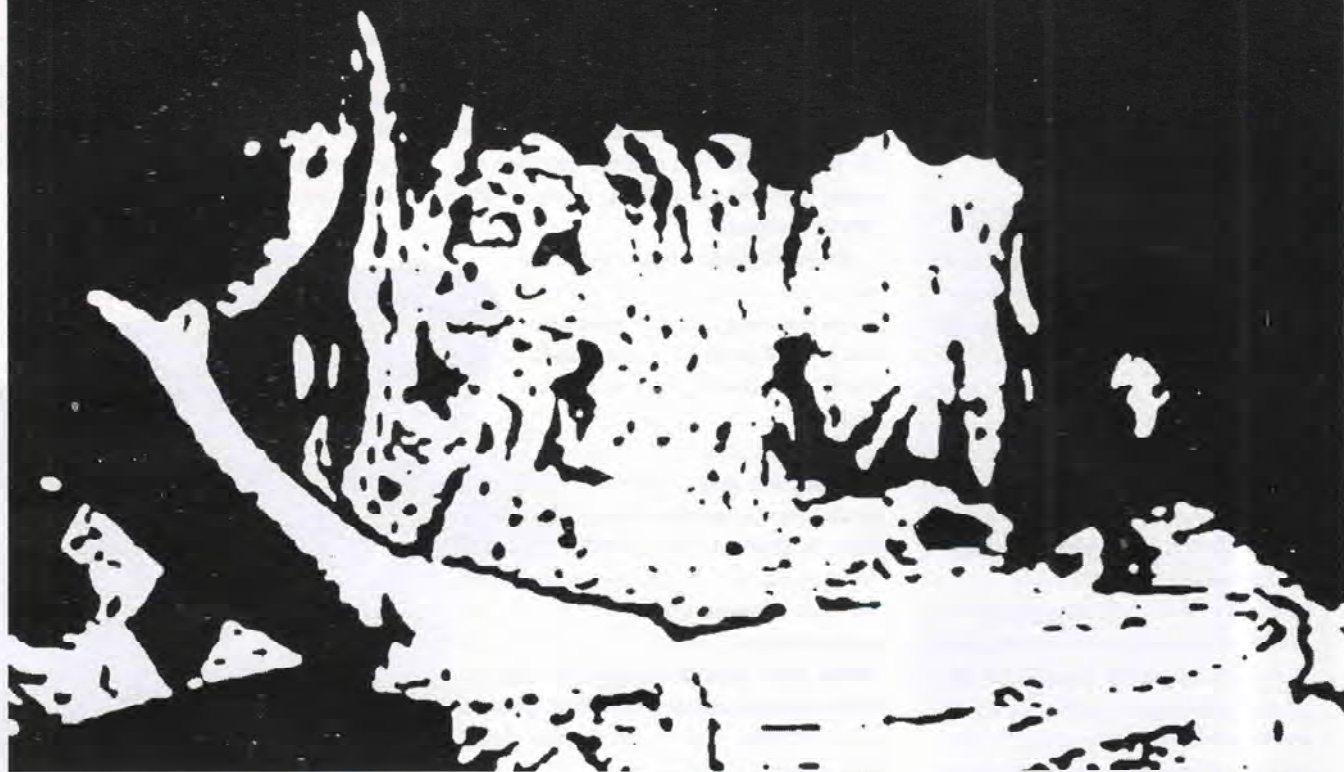
Ele corre, corre e corre até que chega em um beco com uma escada. Sobe a escada e grita:

- Socooooorro!

Passam várias galinhas lá embaixo, ele pula o muro, corre mais, olha para os lados, atravessa a rua, pula uma pedra, olha para trás, não vê nada. Quando entra no shopping, sai um zumbi de cada loja e o cercam. Ele lembra: era tudo um sonho! O nome dele é Beto e ele está deitado debaixo de uma árvore, com seu cachorro, na fazenda de seu tio Jonas.

(Victor Hugo Damo Pimentel é estudante da E. E. Joaquim Fagundes dos Reis, 4ª série do ensino fundamental.)

O romance de um romance



PAULO MONTEIRO

A Méritos Editora, do jovem editor Charles Pimentel, realiza um trabalho importante para a divulgação da produção literária de Passo Fundo e região. Lança obras de autores iniciantes e consagrados, primando pela qualidade gráfica dos volumes.

Uma das mais novas publicações é *Oché y Sefé Tiarayú*, de Odilon Garcez Ayres, natural de São Sepé, aqui residente há muito tempo, onde constituiu família e se integrou à vida comunitária, na condição de funcionário público municipal e tradicionalista militante. Seu primeiro livro é um romance, na esteira comemorativa dos 250 anos da morte do índio Sepé Tiaraju, falecido no dia 7 de fevereiro de 1756, quando preparava uma emboscada aos exércitos português e espanhol. Estes faziam cumprir os termos do Tratado de Madri (31.1.1750), que passava para Portugal as missões jesuíticas da margem esquerda do Uruguai, em troca da Colônia do Santíssimo Sacramento. Não morreu três dias depois, em Caiboaté, quando o grosso das forças guaranis foi des-

truído pelas tropas peninsulares.

Como bem o demonstra o historiador Moacyr Flores (no Poema *O Uruguay*, de Basílio da Gama, incluído em seu livro *Reduções Jesuíticas dos Guaranis*, EDIPUCRS, Porto Alegre, 1977, págs. 131-146), o Sepé Tiaraju que se tornou conhecido é uma criação literária. Aparece para o mundo com *O Uruguay*, de José Basílio da Gama, publicado em 1769, mesmo ano em que Voltaire dava a lume a novela *Cândido*, sobre um reino fabuloso construído pelos inacianos no Paraguai. O autor do *Dicionário de História do Brasil* demonstra que Sepé Tiaraju é mais uma dessas personagens, que safram das páginas literárias para os livros de história. E lembra os casos de Anita e José Garibaldi, tal como apresentados na história tradicional, inventados pela pena de Alexandre Dumas no "romance *Memórias de Garibaldi*".

O romancista inicia seu livro apresentando a leva de índios preados na redução de Santa Teresa, que era conduzida para São Paulo, e sua providencial libertação por uma partida de outros índios que iam das margens do Iguaçu coletar sal às alturas da atual Florianópolis. O líder dos libertados era Guaraé,

que aparece no romance como bisavô dos Tiarayú.

O indianismo brasileiro, criação teórica dos franceses, consolidou um tipo de índio que nunca existiu na vida real. O amor, entre os nativos da América, é muito diferente do que aparece nos romances de José de Alencar e quejandos.

O cacique passo-fundense se apaixonou por Ocarapotí, irmã de Corityguasú, seu libertador. Como um autêntico herói branco do Romantismo, pesa-lhe a inferioridade do seu estado, não ousando declarar-lhe seu amor. Retorna ao Tape e encontra sua terra dominada pelos bandeirantes. Acaba transmigrando para a margem direita do Uruguai, hoje em território argentino.

O romance continua historiando as reduções e o envolvimento dos índios na defesa da coroa espanhola. A vida nas reduções é apresentada como uma verdadeira terra sem males, a Ivy Maray, correspondente guarani do Jardim do Éden, o paraíso, de Canaã, a terra onde mana leite e mel, o Eldorado, de portugueses e espanhóis, ou a Cucagna, dos italianos. Os guaranis são anjos e os jesuítas santos enviados por Kitú (Jesus). É a utopia do bom selva-

gem, materializada pelos discípulos de Chateaubriand.

Certa feita chega na Redução de São João Batista, vinda "dos fundos de Los Curi'i, dum lugar chamado San José do Itayú (ouro)", uma viúva acompanhada dos filhos. Sefé apaixonou-se por Torí, uma das jovens recém-chegadas. Como um bom herói branco declara-lhe o amor; ela, boa heroína branca, afirma que tem compromisso com outro, mas mesmo assim inicia um romance. As constantes aventuras guerreiras de Sefé afastam o casal. Ele se envolve com outras mulheres, o que causa revolta em Torí, que se casa com outro e depois, retribui na mesma moeda.

Odilon Garcez Ayres paga tributo ao romantismo literário. O amor platônico por Ocaraporí, a paixão pela índia Torí, o don-juanismo, e Torí entregando-se a outros índios, por despeito, não têm nada a ver com a realidade indígena. Os índios não conheciam o pecado e o ciúme, ao menos como nós os conhecemos. Oché e seu irmão Sefé são meras criações literárias. Não são índios. Como todos os filhos da "mentira gentil", para usar a expressão com que Antônio Cândido define o indianismo, não passam de brancos fantasiados de índios. E tem mais: eram as mulheres que escolhiam o homem. Daí o mito da licenciosidade das índias. E, dentro da sociedade poliândrica em que viviam, as mulheres eram mulheres de todos os homens, não havendo espaço para o tipo de amor que nos foi imposto pela cultura judaico-cristã.

Como em todo o romance romântico, há muita troca de cartas entre apaixonados (págs. 71-72, 80-84, 111-112, 124-126).

Com a morte de Oché (7 de fevereiro de 1756), e do combate de Caiboaté, dois dias depois, os guaranis recuam guerilhando. Na retirada, há tempo para o herói sobrevivente encontrar-se com Yamandú, filho de seu amigo Kichú Costa. Exímio guitarreiro, que aprendera a tocar com o corrientino Lúcio Taraguí. Ao final se dispersam.

Sefé sobrevive e reconcilia-se com Torí. Vão morar em "San José do Itayú (ouro), no cimo da serra, na antiga Santa Tereza do Igay, na terra das altivas árvores e dos altaneiros pinheirais". Mais tarde, recebem como vizinhos um casal de caigangues e até a visita de um tropeiro, "Cipriano Dias Garcez, lá do Pau Fincado..."

O romance, que começa com a narra-



Odilon Garcez Ayres

ção do autor, continua com Oché Tiarayú e, depois de sua morte, com Sefé Tiarayú, encerrando com o falecimento "do último guarani, filho do povo de San Miguel", a 31 de março de 1783.

A presença desses três narradores ao longo do romance é sintomática. Todos eles são alter-egos do próprio romancista. A presença do guitarreiro Yamandú traz a história para os dias de hoje. É o violonista Yamandu Costa, filho de Algacir Costa. Yamandu confessa ser discípulo de Lúcio Yanel. Da mesma forma ocorre com a intromissão de um tropeiro com o sobrenome Garcez, do autor do livro. O próprio nome da vizinha caigangue, Jurema (será nome caigangue?), é quase um anagrama do nome da mulher do romancista.

Como já vimos, o herói Sepé Tiaraju é um mito literário criado por Basílio da Gama em 1769, desenvolvido ao longo de dois séculos e tanto por poetas, ficcionistas e historiadores apressados. Esse mito, da década de 1960 até meados de 1980, foi usado por músicos e outros artistas marxistas, como um "herói", um símbolo, para enfrentar a ditadura militar. Era o protótipo daqueles ("guaranis") que se opunham ao autoritarismo ("espanhóis"), aliados ou a serviço do imperialismo ("portugueses").

Para o tradicionalismo gaúcho, Sepé é o protótipo dos tradicionalistas ("índios"), na sua luta contra os traidores dos usos e costumes gauchescos, aqueles que não se filiam ao tradicionalismo ("espanhóis"), a serviço dos usos e costumes uni-

versais ("portugueses").

O autor-narrador Odilon Garcez Ayres é um tradicionalista, e os heróis Oché e Sefé Tiarayú são seus alter-egos. A guerra guaranítica é o símbolo da guerra movida pelo gauchismo contemporâneo contra padrões de comportamento e cultura universalizantes. E o fato de que Sepé não é um herói brasileiro, mas um guarani espanholado, cristianizado, que não falava a nossa língua, é a materialização de uma cultura arcaica, ultrapassada, o gauchismo. Sepé, do ponto de vista histórico, é um mito, uma criação da imaginação.

Odilon Garcez Ayres escreveu uma obra de ficção acima da média dos romances passo-fundenses. Superior a *Irapuã*, de Jorge Edeth Cafruni, de onde retira os nomes de algumas personagens. O bem escrito *Oché y Sefé Tiarayú* é um romance de um romance. Em trazendo para o nosso tempo a "mentira gentil" de Sepé Tiaraju, acrescenta elementos novos ao mito. Ficcionismo é assim: "Quem conta um conto - aumenta um ponto".

(Paulo Monteiro pertence à Academia Passo-Fundense de Letras, à Academia Literária Gaúcha e a diversas instituições culturais do Brasil e do exterior.)





Cientistas no divã

GILBERTO R. CUNHA

Inveja é uma emoção. E como tal é algo muito presente nos seres humanos. Popularmente, apesar das diferenças, ciúme e inveja se confundem. O ciúme busca preservar o objeto amado, evitando o seu compartilhamento com outrem. Por sua vez, a inveja (entendida por alguns como um tipo primitivo de ciúme) traz o sofrimento, especialmente ao ver o outro possuir aquilo que o indivíduo quer para si. Lidar com emoções nos relacionamentos entre pessoas não é uma coisa simples, tanto no âmbito afetivo-familiar quanto profissional. Os mortais comuns e os “gênios”, por mais incrível que possa parecer, padecem desse mesmo mal. Na história da Ciência são inúmeros os casos em que, por ciúme/inveja, cientistas consagrados (ou nem tanto) se envolveram em autênticas baixarias (com denúncias infundadas), numa luta pelo primado de

idéias ou descobertas que, independentemente dos acontecimentos, levariam um ou outro (ou ambos, na maioria das vezes) à fama e ao reconhecimento póstumo. Entre os casos notórios, tem-se a disputa travada por Isaac Newton e Gottfried Wilhelm von Leibniz pela “paternidade” do cálculo diferencial e integral.

Isaac Newton nasceu no condado de Lincoln em 1642 e morreu em Londres em 1727. É o “protótipo” do cientista. O pai de Newton faleceu antes do seu nascimento. Sua mãe casou novamente em 1645 e ele passou a viver com a avó. Quando da morte do segundo marido da sua mãe, ele tinha 14 anos, voltou para ajudá-la na fazenda. Estudou em escolas de aldeias e, em 1660, iniciou preparativos para ingressar na Universidade de Cambridge. Descobriria o binômio de Newton em 1665, depois o cálculo diferencial (que chamou de fluxões) e, na sequência, aquilo que seria o inverso das fluxões (na prática, o cálculo integral). Depois, sobressaíram as des-

cobertas sobre a gravitação universal e, na ótica, a teoria das cores, com o clássico experimento do prisma. Em 1672 entrou para a Royal Society e começou a escrever, em 1683, a sua obra mais famosa (apresentada à Royal Society em 1686): *Princípios matemáticos de filosofia natural*.

Gottfried Wilhelm von Leibniz nasceu em Leipzig, Alemanha, no dia 1º de junho de 1646, e representa a essência do filósofo. Considerado por muitos como o “último gênio universal”. Profundo conhecedor de línguas (aos 15 anos dominava grego, latim, etc.). Fez incursões pelos campos do Direito, Teologia, História, Matemática, Química, Política e Diplomacia. Como representante governamental influente, ele viajou muito. Em Paris, no ano de 1672, familiarizou-se com os estudos de Pascal. Em Londres teve contato com a obra de Isaac Barrow (que hoje conhecemos como teorema fundamental do cálculo, e de cuja cátedra, em Cambridge, Newton foi o

sucessor), tornando-se membro da Royal Society. Em função desta visita a Londres, em 1673, se originaram os rumores que Leibniz havia visto o trabalho de Isaac Newton, colocando em dúvida a legitimidade de sua descoberta sobre o cálculo diferencial e integral. Leibniz publicou o seu trabalho sobre cálculo, em 1684 (antes de Newton). Este último não se conformou, pois havia desenvolvido um estudo análogo anterior ao de Leibniz, não publicado, possivelmente, por suas desavenças com Robert Hooke, que na época era presidente da Royal Society. E passou a provocar Leibniz como plagiador. Ambos eram membros da Royal Society. Foi montado um comitê para investigar a questão. A maioria dos seus membros era pró-Newton, sendo emitido um relatório dando a Newton a prioridade da invenção. Há quem afirme que, tempos depois, foi encontrado um rascunho desse relatório manuscrito pelo próprio Newton. Leibniz, que nunca foi chamado para dar a sua versão dos fatos, viraria bibliotecário na corte de Hanover,

onde acabaria morrendo no dia 14 de novembro de 1716.

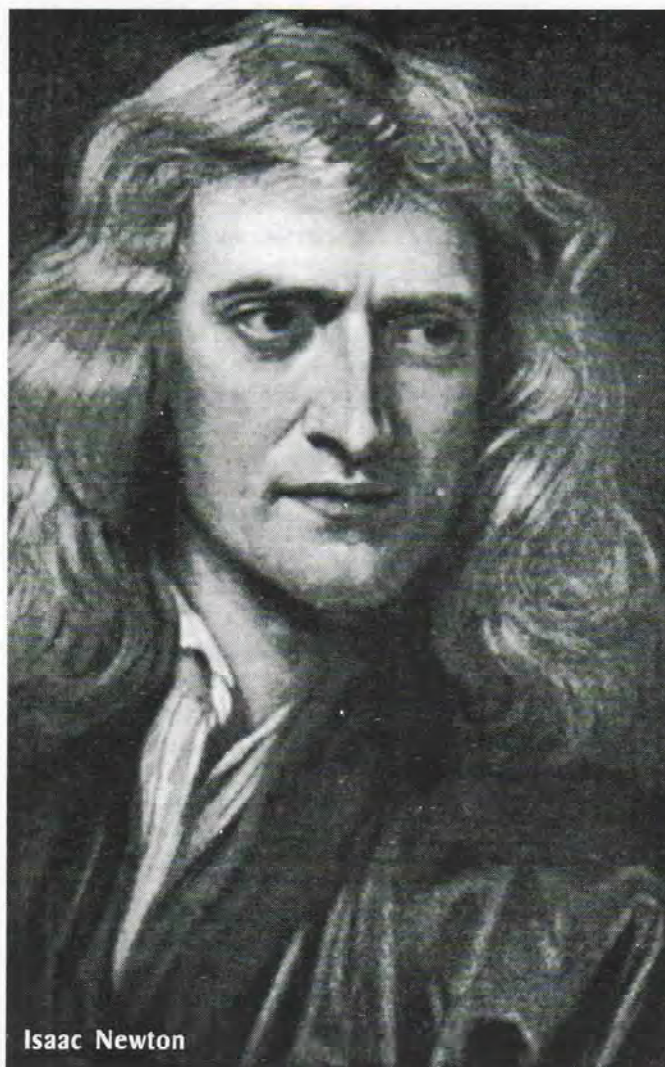
Newton, apesar da genialidade e não obstante ter recebido o título de Sir (sendo sepultado na Abadia de Westminster, quando da sua morte em 31 de março de 1727), tinha uma personalidade controversa. No âmbito da Royal Society, por exemplo, manteve uma disputa permanente com Robert Hooke, que era seu presidente, sobre a primazia da teoria da decomposição da luz branca no prisma. Quando Hooke morreu, Newton assumiu a presidência da Royal Society e promoveu a mudança da sede da entidade, dando sumiço no quadro que trazia a imagem do presidente Robert Hooke (até hoje ninguém sabe como era a aparência deste ilustre cientista britânico). Também: Newton nunca reconheceu publicamente a originalidade de Leibniz (cita Leibniz apenas no primeiro tomo dos seus *Principia*).

O cálculo de Leibniz não era baseado na noção de taxa (derivada), mas na de diferencial. Interpretava a taxa (dy/dx)

como o quociente de duas quantidades infinitesimais (chamadas de diferenciais). Para Newton o cálculo tinha dois problemas fundamentais: o das fluxões e o dos fluentes, empregando o desenvolvimento em séries de potências. Em termos práticos, o primeiro corresponde ao conceito de derivada e o segundo ao de integral.

Para pôr um fim neste imbróglio, há quem admita que Newton e Leibniz são co-inventores do cálculo diferencial e integral. Considera-se, para tal, que, de forma independente, dando seqüência às descobertas de outros matemáticos (Descartes, Fermat, etc.), que é muito provável, ambos chegaram aos mesmos resultados. Mas, na verdade, o que prevaleceu, até os nossos dias, foram as denominações (diferencial e integral) e as notações de Leibniz (o dy/dx , por exemplo).

(Gilberto R. Cunha é pesquisador da Embrapa Trigo e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Isaac Newton



Gottfried Wilhelm von Leibniz

Passo Fundo acolhe os alemães



WELCI NASCIMENTO

O ano de 1824 é o divisor da história do Rio Grande do Sul. Antes, tivemos a civilização portuguesa, com o gado como o centro da economia. Depois, veio a civilização alemã, que marca sua presença em terras brasileiras. As duas nações viviam, no início do século XIX, em condições precárias. O Brasil era movido pelos escravos negros. De seu suor, sangue e lágrimas vivia a jovem nação. Na Alemanha havia muitos reinados, principalmente, ducados e principados independentes. Não havia uma unidade nacional. O que identificava o povo alemão era a língua. Os passaportes da época registravam a origem das pessoas como sendo da Prússia, Renânia, Hesse, Pomerânia... mas, como todos falavam a mesma língua, os documentos só registravam como sendo "alemães".

Os primeiros alemães contratados por Jorge Antônio Achaefter, na Alemanha, passaram pelo Rio de Janeiro, chegaram a Porto Alegre e foram encaminhados pelo presidente da Província, José Feliciano Fernandes Pinheiro, em 1824, a uma feitoria desativada, à margem esquerda do Rio dos Sinos. Feitoria era um estabelecimento de governo, onde se extraía da planta "linho-cânhamo" fibras utilizadas na confecção de cordas

e de velas para barcos. A feitoria não deu resultado, sendo abandonada no ano de 1824. O presidente da Província recebeu uma comunicação da Corte Imperial dizendo que, em terras da feitoria, seria iniciada uma colônia com imigrantes alemães. Tal colônia transformou-se na próspera cidade de São Leopoldo. E foram chegando as famílias alemães: Krone, Höpper, Hammel... Era gente de língua desconhecida e costumes estranhos. O lugar recebeu o nome de "Colônia Alemã de São Leopoldo", em homenagem ao santo padroeiro de Dona Leopoldina, Imperatriz do Brasil.

A vinda dos imigrantes alemães mudou o visual do Rio Grande do Sul.

Quando eles aqui chegaram, Passo Fundo não existia, praticamente. Nos anos 1827/1828 é que começou o povoamento pelos paulistas, mais tarde chamados de paranaenses. Em 1857, Passo Fundo foi elevado à categoria de município, cuja instalação solene teve lugar em 7 de agosto do mesmo ano. Antes mesmo da emancipação política de Passo Fundo chegou por aqui o primeiro estrangeiro. Em 1836, veio fixar-se para não mais sair o casal Joham Adamm Schell e Anna Christina Schell. Ele, nascido na Alemanha, a 24 de junho de 1809, e falecido em Passo Fundo em 28 de agosto de 1978, e ela nascida também na Alemanha, em 21 de agosto de 1815, e falecida em

Passo Fundo a 4 de agosto de 1882.

Atraído pelo Brasil, deixou sua pátria em 1828, com vistas à colonização de São Leopoldo. Era solteiro e contava com 20 anos de idade. A 30 de outubro de 1830, Adão Schell (assim ele era conhecido pelo povo de Passo Fundo) casou com Anna Christina Hein, que já residia no Brasil, em Bom Jardim, colônia pertencente a seus pais. Algum tempo depois passaram a morar em Rio Pardo. De lá, em 1836, vieram para Passo Fundo. A madeira para a fabricação de carretas era comprada por Adão Schell em Passo Fundo, lugar onde havia abundância de mata nativa, rica em madeira-de-lei. Esse fato, talvez, teria influenciado sua mudança. Quando ele aqui chegou, o Rio Grande do Sul estava em plena guerra, a Guerra dos Farrapos. Por ser legalista, Adão Schell teve que migrar para Montevidéu, no Uruguai.

O casal Schell se radicou em Passo Fundo, criou raízes e seus descendentes se multiplicaram e se entrelaçaram com famílias de origem portuguesa e é tronco ancestral das quatro mais antigas famílias de Passo Fundo: Schell, Araújo, Loureiro e Morsch.

Segundo anotações do historiador passo-fundense Francisco Antonino Xavier e Oliveira, lá por volta de 1840 chegou em Passo Fundo a segunda família alemã. Foi a de João Neckel, vinda de Lages, Santa Catarina, de onde saíra

com destino a Santo Ângelo, mas foi forçada a aqui estacionar. Com ele veio sua esposa, Ana Bárbara Neckel, seu pai Jacob e o irmão Mattia, todos alemães natos. Logo a seguir vieram Matias Tein e Pedro Müller. No início da guerra contra o Paraguai (1865), vieram outros alemães, como Pedro Walendorff, Pedro Schutz, Jorge Hein, Jorge Sturm, Carlos Gosch, Frederico Takkel, Nicolau Schleder, Luiz Morsch, João Lewwe, João Pedro e Júlio Culmann e Frederico Guilherme Kurtz, este eleito, mais tarde, primeiro intendente municipal de Passo Fundo da era republicana. Também chegou Guilherme Morsch.

De 1865 a 1870, entraram outros imigrantes alemães, como Frederico Augusto Döhring, Jacob Kurtz, Ernesto Kronn, Guilherme Block e João Issler. Após a guerra do Paraguai muitos outros imigrantes alemães vieram morar no território de Passo Fundo, como Fernando Strello, João Zimmermann e seu irmão Pe-

dro, Adão Ritter e Carlos Reichert.

O povoamento de Selbach e Colorado, pertencentes ao antigo território de Passo Fundo, foi, em 1897, por imigrantes alemães, cujas religiões eram a católica e a luterana. Assim como Victor Graeff, antigamente denominada de "Cochinho". Na vila de Passo Fundo, os alemães Frederico Schultz e Jorge Hein tinham casas comerciais abastecidas com artigos vindos da capital do Estado e de Rio Pardo. O primeiro estabelecimento bancário que se instalou em Passo Fundo foi uma filial do Banco da Província, em 1912, cujo gerente era o descendente de alemão, Arthur Schell Issler.

No ano de 1897, foi criada a Colônia do Alto Jacuy, pela firma alemã Schmidt & Cia, a 20 quilômetros ao sul da estrada de ferro de Carazinho, então território de Passo Fundo. A referida colônia continha 674 lotes, quase toda coberta de matas contendo madeiras de lei, como cedro, angico, louro, en-

tre outras. Professores de origem alemã foram nomeados para exercerem a árdua tarefa de ensinar, entre eles o professor Werlan, Carolina Müller, Emília Kemp e Carlos Klein.

O Parque dos Viajantes de nossa cidade tem como origem as festas que os viajantes realizavam. João Lech, descendente de família alemã, foi um dos líderes dos caixeiros-viajantes. A contribuição alemã para o desenvolvimento de Passo Fundo é muito grande. Estamos num processo de pesquisa para relatar estes fatos num trabalho mais amplo, mas já sabemos que os alemães espalharam muita alegria, com seus bailes e cantos, consolidaram a nossa economia, e a galinha assada no forno se misturou com o churrasco, o aipim e a batata-doce.

PROST!

(Welci Nascimento é membro titular da Academia Pasos-Fundense de Letras.)

Impermanência

ELISABETH SOUZA FERREIRA

Tudo é impermanente. Os dias se alternam e nada do que acontece agora será exatamente igual logo mais.

As crianças crescem, as flores murcham, a chuva cai, o sol brilha; chega o inverno rigoroso após uma temporada quente e abafada; edifícios são erguidos, enquanto outros sofrem implosões; uns nascem saudáveis enquanto outros morrem vítimas de doenças que não perdoam; pessoas se casam, enquanto outras se separam; alguns são demitidos, enquanto outros conseguem um ótimo emprego; alguns seres constroem equipamentos avançados, enquanto outros põem tudo a perder; uns lutam pela vida e pela paz, enquanto outros promovem a guerra e, com ela, o fim das esperanças.

Devemos aproveitar o valioso momento que temos para fazer o que precisamos. Não temos o direito de deixar para amanhã uma tarefa que precisa ser realizada hoje. Deixar coisas pendentes poderá se tornar

um obstáculo a nossa evolução.

As oportunidades surgem e não devemos deixá-las escapar pelos vãos dos dedos. Pedir perdão; tentar reparar uma injustiça; dar mais uma chance; explicar sem pretensões de superioridade; falar sem alterar a voz; não agredir e não perder a calma diante de um algoz, são algumas atividades simples, mas úteis para a libertação final. Estamos falando que, às vezes, uma pessoa chega à etapa máxima da existência, mas por causa de orgulho e egoísmo, fica presa às coisas que mais detesta e não consegue se desprender.

Devemos treinar o desapego diariamente, porque nunca sabemos qual o momento de partir. Quanto mais apegados formos ao que temos, às pessoas e às coisas que julgamos nos pertencerem, tanto mais doloroso será o momento da despedida final. E essa despedida chegará inevitavelmente para todos nós.

(Elisabeth Souza Ferreira é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



A musa da emoção

HELENA ROTTA DE CAMARGO

Longe do abraço deletério do sol, e perto, muito perto, do aliciante cafuné da lua, ele se debruça sobre a folha em branco, onde desembrulha sua inspiração, pondo à mostra a fragrância e o mistério das madrugadas, na profusão da alma tangida pelo silêncio.

Esse é o poeta, o solitário, o noctívago, a caldeira ardendo de paixões.

Avesso às equações matemáticas, à tabela periódica dos elementos, às cartografias geográficas, e até mesmo ao ardiloso entrevero da sintaxe, ele só quer, de fato, mergulhar no vácuo da insônia e deflorar a calmaria, para dela extrair a emoção, o sentimento, a harmonia, o ritmo, e por esse meio decifrar o enigma do poema.

É literatura o que ele faz? Têm algum proveito as suas metáforas? Os seus trocadilhos? As rimas, pobres ou ricas? Os versos, monossilábicos ou decassílabos?

O leitor que o diga, refém do enlevo que o invade, e da comoção que se dilui entre os cascalhos, quando do seu caminhar sobre o imaginário das estrofes.

Pouco importa ao poeta se nem todos apreciam a nostalgia das suas divagações, o plangente fluxo das suas mágoas ou a fragorosa imprecação do seu protesto.

Ele sabe e, mais que isso, sente, que o homem, por mais racional que se mostre, derreia seus conceitos e suas armaduras diante da esfinge do amor.

E a poesia é amor, é beleza, é encantamento. Talvez um dos mais gratificantes remansos para o cansaço do espírito e do corpo. Como elo de identificação, ela aproxima os seres humanos, desvanecendo suas diferenças.

Resistir ao seu elã é como fechar-se em copas para as emanações da vida e esconder-se da própria imagem refletida no espelho.

A poesia não está nas páginas dos livros e revistas especializadas, nem reside nos versos escritos em murais ou janelas de ônibus. Ela está entranhada no mundo, subjacente aos objetos, cenas e fatos do cotidiano, bem como nos cacoetes do coração. E se corporifica através dos entes, vivos e inanimados — os homens, os bichos, as plantas, o cosmo, as montanhas, os rios. Grávidas de significados, as palavras poéticas projetam inúmeras leituras e possibilidades, e esticam seu condão mágico para

além das fronteiras do espaço e do tempo.

Quando Drummond escreveu, em *A ROSA DO POVO*: "*Chega mais perto e contempla as palavras./ Cada uma/ tem mil faces secretas sob a face neutra*" — conceituou, com precisão, a natureza do poema.

Por sua vez, Rainer Maria Rilke, em *CARTAS A UM JOVEM POETA*, revela sua compreensão do fazer poético, dizendo: "*Para escrever um simples verso, é preciso ter a alma aberta para o voo dos pássaros, e ser capaz de perceber o gesto das flores que se abrem ao amanhecer...*"

E Byron referiu-se à poesia com uma comparação fantástica: "*O verso é como o bote de uma fera*".

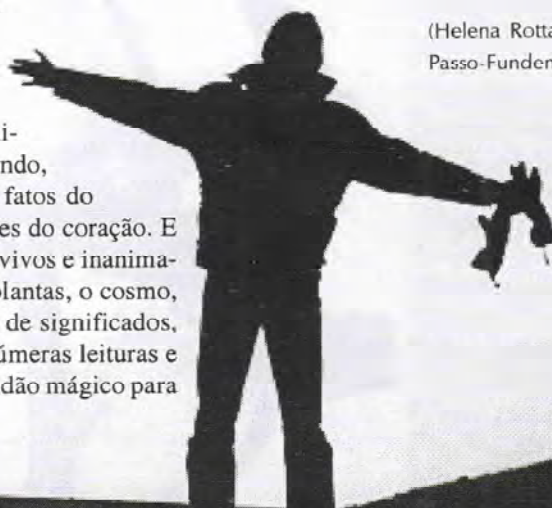
Obviamente, a primeira condição para que essa magia do poema aconteça é uma apurada sensibilidade e a reciprocidade de sentimentos. Diria mesmo que é necessária uma cumplicidade amorosa entre autor e leitor. Interação essa que é também favorecida pela capacidade de síntese de quem escreve e pela boa qualidade do texto. A utilização de imagens e figuras semânticas, pela exploração dos múltiplos significados que se escondem no escaninho das palavras, pode ser considerado o *bê-á-bá* da arte de compor versos.

Em suma, o verdadeiro poeta é um artífice das emoções, um olheiro perspicaz, um inventor de símbolos, um interlocutor do silêncio que, ao criar um vínculo afetivo com o seu leitor, o faz partícipe de sua obra.

Ouso afirmar, finalmente, que o poder de sublimação e catarse que tem a poesia, bem como o seu trânsito entre os canteiros da emoção e dos afetos, conferem a ela um papel relevante na humanização da vida. No mundo de incertezas, medos e contradições em que vivemos, ela pode contribuir, sem dúvida, para o aperfeiçoamento das relações, afrouxando os nós da intolerância e borrifando cordialidade e paz entre os homens.

Eis, em síntese, a essência da poesia e do poeta.

(Helena Rotta de Camargo, Academia
Passo-Fundense de Letras.)



Lembranças da escola

(ARQUIVO ELAINE MADALDOSSO)



IGNÊS FORMIGHIERI BERNARDON

Lembrar do passado é bom. Reviver lembranças, recordar pessoas com as quais convivi e onde passei meus melhores anos de vida é bonito. Gosto muito, é um prazer para mim.

Lembro com saudade de minha escola, meus professores, meus colegas e amigos. Ela está no mesmo lugar. O prédio central não sofreu nenhuma reforma ou qualquer mudança, apenas em época mais recente foi construído um anexo para ampliação do número de salas de aula.

O Colégio Elementar, em estilo italiano, sob a orientação técnica de João De César, foi construído no longínquo ano de 1929.

Mais tarde, mais ou menos na década de 1940, passou à categoria de Grupo Escolar, levando o nome do renomado médico, educador e líder político, Protásio Alves. Nessa mesma década foi construído um pavilhão para a praticam de esportes e educação física. Lá havia um palco onde, aos sábados, antes do início das aulas, costumávamos homenagear a bandeira brasileira com cantos, declamações e apresentações artísticas.

Lembro um colega que, pequenino,

tocava piano. Rui Barros, que se tornou mais tarde um grande músico. Ione Pacheco fazia números de sapateado ao som do piano de sua mãe, Dona Judite. Também Elton Ventura cantava músicas de Vicente Celestino, com bela voz. No final, cantávamos o Hino à Bandeira e também o Hino do estudante, hoje esquecido.

Dona Eulina Braga, então diretora, dirigia a escola com firmeza e dedicação. Lembro algumas professoras, entre elas, Maria Porto, Alda Matte da Costa, Dela Rosendo, Albertina Rosado, Irene Neff. Todas bondosas e dedicadas.

Quanto às diretoras das gerações seguintes, lembro minha sobrinha, Lenir Bernardon, que dirigiu a escola durante três anos, exercendo o cargo de Vice-diretora também por sete anos. Disse-me ter sido para ela muito gratificante ter dirigido a escola onde estudou sua mãe, Leda, hoje com 81 anos.

Dona Albertina Machado, zelosa pela limpeza, ficava na portaria onde tínhamos que esfregar muito bem os calçados para não levarmos um puxãozinho de orelha.

As escolas eram poucas e distantes. Tínhamos que percorrer longos trajetos em ruas não pavimentadas. Era muito difícil, mas nós, obedientes, o fazíamos com muito amor e dedicação. Hoje as

escolas são muitas, de fácil acesso e não podemos admitir crianças na rua sem frequência escolar.

Na Semana da Pátria, aconteciam os desfiles da mocidade com os nossos uniforme bem cuidados, e as bandas escolares de todas as escolas, brilhando nas ruas da cidade. Durante a Semana da Pátria tínhamos que comparecer à escola todas as tardes para o arreamento da bandeira.

Colégio Elementar, Grupo Escolar, hoje Escola de 1º e 2º graus: sempre o velho e querido Protásio Alves, nome de um homem que temos orgulho de lembrar pela sua dignidade, honradez e trabalho.

Difícil passar pela Avenida Brasil sem olhar com saudade aquele casarão antigo e tão belo, onde tantos passo-fundenses iniciaram seus passos, seus caminhos, seus destinos na estrada do saber e do bem viver.

Buscar inspiração no passado minimiza lacunas entre gerações e fundamenta o futuro, porque, nem o tempo nem a globalização serão capazes de apagar os vínculos com o lugar onde você viveu, com sua família e sua história.

(Ignês Formighieri Bernardon é ex-aluna da Escola Elementar e Grupo Escolar Protásio Alves de Passo Fundo.)

A poesia lírica de Jane Pimentel

PAULO MONTEIRO

O lançamento do livro *Velas ao Vento* (Méritos, Passo Fundo, 2005), reunindo poemas da passo-fundense Jane Pimentel, ao lado do lançamento de *Poesias*, do poeta Elisomero Moura, se constituíram em fatos significativos para os admiradores da verdadeira poesia.

A experiência adquirida pela poetisa nos longos anos dedicados à arte da declamação, com certeza, contribuiu para que ela passasse a se dedicar ao fazer

poético. Daí, porém, a produzir boa poesia há uma distância muito longa. Por certo, não será difícil encontrar exemplos reconhecidos como excelentes declamadores ou declamadoras, que se aventuraram a escrever poemas e acabaram sendo apenas poetastros.

Jane Pimentel escolheu um caminho perigoso. Aliás, seu primeiro livro de poemas se intitula *Das Estradas e Encruzilhadas da Paixão* (Orvalho Andalus Editora, Porto Alegre, 1997). O andar, em terra e mar, é o núcleo, ou melhor, o *leitmotiv* que move o labor poético da autora.

Já em seu volume de estréia, a autora segue uma tradição quase centenária, colocada em circulação entre nós pelos poetas modernistas: escrever poemas longos fracionados em poemas de menor extensão. *Das Estradas e Encruzilhadas da Paixão* é, na verdade, um desses casos. Do ponto de vista contudístico, porém, sua tradição é mais longa. Podemos encontrá-la na Grécia, e ainda antes, em Israel.

Há vinte e sete séculos, a cultura helênica desenvolveu os conceitos de *érôs* e *pórnê*. Do primeiro, em língua portuguesa, originaram-se alguns termos bastante claros, dentre os quais o de ereção, aplicado ao membro sexual masculino; do segundo, raiz de palavras como pornografia, o sentido original estava ligado ao exercício da prostituição, ao comércio sexual puro e simples. Sentidos estes que ficam muito claros num livro recente de Reinholdo Aloysio Ullmann (*Amor e Sexo na Grécia Antiga*, EDIPUCRS, Porto Alegre, 2005) e cuja leitura é indispensável.

O entendimento desses conceitos é fundamental para definir erotismo – e, por extensão, literatura erótica – de pornografia – e seu correspondente artístico – a literatura pornográfica.

Segundo o *Dicionário da Mitologia Grega*, de Ruth Guimarães (Editora Cultrix, São Paulo, 1972), “EROS – Deus do Amor, é uma força fundamental do mundo. É considerado um deus nascido ao mesmo tempo que a Terra, saído diretamente do Caos primitivo, ou ainda nascido do ovo primordial, engendrado pela Noite. Ele assegura não só a continuação da vida, mas a coesão interna dos elementos. Tradições mais recentes dão-

no como filho de Afrodite, mas não se sabe quem é o pai. Representam-no como um menino alado, nu, levando o arco e o careaz cheio de flechas, com as quais fere de amor os corações, seja dos homens, seja dos deuses. Conta-se que amou Psíquê”. Noutras palavras, é o famoso Cupido.

O *érôs* é tão antigo quanto o mundo. Está na raiz da própria origem da vida humana. É um princípio vital. E, em assim sendo, é imprescindível para aquilo que conhecemos como poesia lírica. Sem *érôs*, que é o próprio amor, não existe poesia lírica. Impossível cantar o amor sem eroticidade.

A poética de Jane Pimentel transpira erotismo. Seja na terra, com *Das Estradas e Encruzilhadas da Paixão*, seja no mar, com *Velas ao Vento*, andar é viver e viver é exercitar o *érôs*, o desejo sexual, o amor. Viver é querer. Poetar é materializar, em palavras, o querer.

Seu primeiro livro abre com *ESTRADA*, poema ilustrativo do que afirmo logo acima.

Longilínea

Ela consome campos, montanhas

Matas

Rios e cidades

Como serpente vai

Desdobrando

Enroscando

Subindo

Descendo

*Mordendo os flancos vermelhos
dos barrancos*

Os verdes acostamentos

No meu corpo

A linha branca divide

O poder de ir e

Vir

Lânguida, sensual em certas curvas

Voraz e predadora nas retas

*Solitária, mansa nos desvios
e encruzilhadas*

Sou prisioneira

Dos seus encantos

Deixo-me levar

Na libido da chegada e

Da partida



FOTO: ARQUIVO MIO

Mulher fêmea
Somos iguais no gozo
Libertas para acolher quem
Maciamente viajará em
nossas entranhas.

Em *Velas ao Vento* (p. 55) há este poema, que justifica a sua concepção de *érôs*:

Ando livre
Soltu
Ao vento
Navego ao sabor das vagas
Prossigo.

Uma enseada azul
Uma brisa morna
Doce
O amor já não detém
Ancorado ao cais de
Antigas seduições.

A idéia de amor como veículo está clara nestes últimos versos, que só se com-

pleta através da pessoa/caminho.

A poetisa passo-fundense, a exemplo da baiana Denise Teixeira Viana e de outras poetisas contemporâneas, não cai no *érôs* pelo *érôs*, ou melhor em *pornânai* (vender), a pornografia, a vulgarização do lirismo. E é exatamente essa diferença que faz a diferença literária necessária à existência da verdadeira obra de arte lírica.

Não cabe aqui discutir os sentidos das palavras gregas *érôs* ("amor entre os cônjuges"), *ágape* ("amor divino") e *phillis* ("amor entre amigos, sem nenhuma conotação sexual"), como definem teólogos cristãos. Certo é que o *Cântico de Salomão*, escrito há cerca de três mil anos, imortalizou a beleza das pastoras judias, sendo, a um só tempo, docu-



mento de profunda simbologia religiosa e uma das mais representativas composições do lirismo universal. O poema salomônico oferece mais do que uma leitura, o que é comum à maioria dos mais representativos poemas líricos, mostrando que o erotismo encerra uma profundidade muito maior do que se possa pensar ou imaginar.

A poética de Jane Pimentel comprova uma verdade:

só existe verdadeira obra de arte como expressão do amor, mesmo em poetas como o clássico Antônio de Castro Alves, abominando a escravidão por amor aos seres humanos.

(Paulo Monteiro pertence à Academia Passo-Fundense de Letras, Academia Literária Gaúcha e diversas entidades culturais do Brasil e do exterior.)

O patriarca esquecido

RODRIGO PIMENTEL

Em 17 de agosto de 1783, nascia Joaquim Fagundes dos Reis, que passaria à história como "O Patriarca de Passo Fundo". Mas, quem foi realmente esta figura, cujo túmulo, às margens da BR 285, é lembrado apenas pelas ervas daninhas?

Nascido em Curitiba, o filho de Domingos e Brigida teria sido, aos 18 anos, um dos onze homens do tenente paulista Antônio Almeida Lara que, junto com mais uns trinta voluntários ao mando de Borges do Canto, tomaram as Missões, em 1801, dando ao RS os contornos que hoje conhecemos.

Em 1814, o Uruguai foi invadido por forças luso-brasileiras, iniciando uma série de conflitos, dos quais Fagundes teria participado, e que só se encerrariam em 1825. Em 1828, Fagundes, com 45 anos, estava em Cruz Alta. Há pouco mais de um ano, outro veterano das guerras de fron-

teira, o cabo Manoel José das Neves, fundara sua estância onde hoje se encontra o Hospital São Vicente. Ali foi surgindo uma povoação, impulsionada pelo negócio de mate e gado, comércio e serviços aos tropeiros que passavam a caminho de Sorocaba. Em 1831, já eram mais de cem casas, que precisavam de uma autoridade. O capitão Joaquim Fagundes dos Reis foi então designado "inspetor de quarteirão" do quarto distrito de Cruz Alta.

Militar de carreira, estancieiro forte, homem de certa cultura (seu inventário lista mais de trinta livros, entre os quais um "manual dos pedreiros livres", que faz suspeitar de alguma ligação com os maçons), Fagundes foi casado duas vezes e pai de treze filhos, sendo, portanto, naturalmente visto como "patriarca". Teria sido ele quem convenceu o primeiro estancieiro, Neves, a ceder parte de suas terras para a capela de N. Sra. da Conceição Aparecida do Passo Fundo, primeiro passo para a emancipação da localidade,

já com uns 400 moradores.

A capela foi consagrada em 1835, meses antes da Guerra dos Farrapos, que reduziu a população local a cerca de sessenta pessoas, e pôs frente a frente amigos e vizinhos. Fagundes, liberal e simpático dos farroupilhas, foi preso por Neves, promovido a capitão pelo Império, e enviado à prisão no Rio de Janeiro. Após dois anos no Forte de Villegaignon, foi anistiado junto com outros prisioneiros, numa tentativa de paz. Voltou a Passo Fundo e, quando esta foi tomada pelos farrapos, Neves foi trazido à sua presença para que decidisse seu destino. Fagundes o poupou.

Com o fim da guerra, todos se uniram para emancipar a cidade, o que aconteceu em 1857. A eleição da primeira Câmara Municipal voltou a dividir os moradores: mais votado, o conservador Manoel Araújo foi o presidente. Fagundes, segundo colocado, escolheu assumir o cargo de Juiz de Paz, para o qual também fora eleito, aos 74 anos.

Joaquim Fagundes dos Reis faleceu a 23 de julho de 1863, com 80 anos de idade.

(Rodrigo Pimentel é licenciado em História pela UFF.)

A crise na educação e no ensino

GETULIO VARGAS ZAUZA

A crise e a degradação da educação e do ensino no Brasil e, em especial, no RS, teve seu início a partir do golpe e instauração do regime (ditadura) militar, de 1964.

Até 1964, a escola e o sistema educacional públicos no RS eram reconhecidos, sem sombra de dúvida, como os melhores de todo o país.

O Estado tratava os profissionais da educação com dignidade e lhes proporcionava uma remuneração que lhes permitia viver dignamente, satisfazendo-lhes as necessidades fundamentais de moradia condizente, alimentação, saúde, vestuário, recreação e educação de seus filhos, até o nível universitário.

A profissão de educador era respeitada e os professores desfrutavam de um "status" social elevado.

Os cursos de formação de magistério

eram procurados e disputados por jovens vocacionados e bem dotados intelectualmente (alto nível de inteligência).

Com o golpe de 1964 e a instauração da ditadura militar (travestida de democracia), foi dado o início ao processo de aviltamento na remuneração dos educadores e do dismantelamento do sistema educacional. Assim, essa profissão deixou de ser atrativa, ocasionando que os jovens bem dotados intelectualmente e até vocacionados para o trabalho em educação se desestimulassem de procurar os cursos das Faculdades de Educação.

Como eram bem dotados, passaram a procurar outros cursos, cujo exercício da profissão lhes proporcionaria melhores condições de realização pessoal e profissional, melhor "status" econômico e social.

A partir daí, os cursos de formação de professores passaram a ser procurados, em geral, por aqueles jovens menos do-

tados intelectualmente, os quais não tinham condições de disputar vagas nos cursos que ofereciam maiores perspectivas de realização econômica, pessoal e social.

Em razão do acima exposto, as próprias faculdades rebaixaram o nível de exigências para ingresso e desempenho escolar, para obtenção do grau universitário de educador. Disso resultaram profissionais menos vocacionados e menos competentes, salvo honrosas exceções.

Na época antecedente ao golpe e à ditadura militar, para o acesso à universidade, eram exigidos desempenho e domínio mínimos (50%) dos conhecimentos ministrados até o ensino de 2º grau. Somente a partir daí, o aspirante a um curso universitário passava a ter condições de disputar a vaga para qualquer curso. Essa exigência foi eliminada, possibilitando o acesso aos cursos universitários, a bem dizer, com qualquer nível

de desempenho, especialmente nos cursos para formação de professores, nos quais, freqüentemente, o número de vagas é superior ao de candidatos.

Após a restauração da democracia, o comportamento do poder público continuou sendo o mesmo que o estabelecido e exercido durante o regime militar, seja qual for a ideologia que esteja no poder.

Outro fator que influiu e influi na baixa qualidade do ensino público é a pretensa "filosofia" da "democratização" da escola pública.

Através dessa "filosofia", passou-se a colocar, na mesma sala de aula, crianças e jovens bem dotados intelectual-mente e menos dotados, e até mesmo limítrofes e infra-dotados (deficientes mentais).

É evidente que, além dos fatores antes citados, os professores, mesmo aqueles vocacionados e competentes,

não podem realizar um ensino de bom nível, porque têm que nivelar o ensino por baixo, impedindo assim o desenvolvimento das potencialidades dos bem dotados intelectualmente, e não podendo dar um atendimento adequado aos limítrofes (baixo nível intelectual).

Enquanto isso, a escola particular, que antes do regime militar era de qualidade inferior à escola pública, melhorou o nível de ensino e elitizou a educação, pois ela (a escola particular) só admite educandos oriundos de famílias melhor estruturadas e de alto nível econômico e social.

Dessa forma, percebemos que está cada vez mais havendo uma eletização da sociedade, determinando a ascensão dos afortunados sobre a classe dos menos abonados, os pobres, os operários, privando-os do acesso às classes mais elevadas, condenando-os à opressão e submissão dos poderosos.

Acredito que, das breves considerações acima, seja possível a todos que ainda têm algum poder de discernimento, reconhecer a origem da crise que se vem abatendo sobre o ensino público. Também aos governantes é possível reconhecer tal constância de fatos, pelo menos aos que, conscientemente, não são adeptos da "filosofia" vigente, instituída pela ditadura militar. Daí é possível partir para uma reflexão mais profunda e encontrar a solução para essa situação escabrosa.

O regime ditatorial foi formalmente abolido, mas o seu ranço talvez tenha contaminado até mesmo aqueles que se dizem defensores das idéias sociais. Na prática, continuaram a proceder da mesma forma.

(Cetulio Vargas Zauza é psicólogo-clínico e pertence à Academia Passo-Fundense de Letras.)

Dados biográficos do Dr. Telmo Ilha

SELMA COSTAMILAN

Considerado um ídolo pelos pequenos pacientes e pais, marcou época.

Nasceu em Passo Fundo a 14 de agosto de 1915 e revelou desde tenra idade pendorres excepcionais para a Medicina.

Seus pais, sr. Almiro Ilha e sra. Rosinha Ilha, empenharam-se resolutamente na tarefa de proporcionar ao filho educação à altura dos seus méritos.

Telmo Ilha fez os primeiros estudos em seu próprio lar, com o professor Stinger.

Iniciou e findou o curso ginasial no Colégio Nossa Senhora da Conceição. No trato com os outros estudantes se mostrava reservado, mas nada tímido. Era até mesmo um parceiro grato nos esportes.

Em 1939, diplomou-se na célebre Faculdade de Medicina da UFRGS, com distinção.



Dr. Telmo Ilha, demonstrando uma grande prova de amor pelo seu torrão natal, resolveu fixar residência em Passo Fundo e exercer sua profissão, dedicando-se à pediatria clínica e clínica em geral, em especial à pediatria.

Contraiu núpcias com a premdada senhorita Laura Azambuja, de cujo consórcio nasceram os seguintes filhos: Afrânio, Décio, Norton e Norberto.

O sucesso alcançado pelo Dr. Telmo Ilha foi enorme, rasgando horizontes mais amplos para o seu grande voo nos domínios da Medicina. Manteve-se sempre atualizado e dedicado.

Homem de cultura invulgar, sua atuação no ambiente médico culminou na formidável campanha que empreendeu em prol dos indigentes. Dedicou 30 anos de sua vida, oferecendo um atendimento gratuito aos indigentes em hospitais de nossa cidade. Era contra a exclusão dos pobres.

Exerceu o cargo de médico do Posto de Higiene, médico dos funcionários públicos e médico da SAMDU, sempre priorizando a pediatria, sua paixão.

Dr. Telmo Ilha realizou algo notável para o maior êxito da Medicina e para o bem da coletividade. Os pais diziam que ele usava de uma magia especial para atender e curar as crianças.

Sua personalidade foi dotada de calma, amabilidade, trato fino, de perfeito cavalheiro. Deixou em cada cliente um amigo.

Seu caráter foi independente e nobre.

Quando inquirido por mim, em 1968, sobre como recuperar o pequeno infrator (consta no Vol. 2 – Conhecimento do Valor) declarou:

– “Um dos maiores problemas é a falta de compreensão e amor. Este problema só poderá ser solucionado através da educação dos pais. Devemos educar e orientar para a vida, tarefa não só da escola, mas especialmente dos pais.”

(Selma Costamilan é professora e membro titular da Academia Passo-Fundense de Letras.)

A aposentadoria espontânea como motivo de extinção do vínculo de emprego

FELIPE CITTOLIN ABAL

O artigo 453 da CLT, em seu parágrafo 2º, instituiu a extinção do vínculo empregatício quando da aposentadoria espontânea, aquela concedida a empregado com menos de trinta e cinco anos de trabalho, se homem, e trinta anos, se tratando de mulher. Seguindo este dispositivo, parte considerável da doutrina considerava que a aposentadoria, de forma natural, extinguiu obrigatoriamente o contrato de trabalho⁽¹⁾.

Este dispositivo era seguido pela Orientação Jurisprudencial nº 177 do TST, que possuía um efeito muito amplo nos contratos de trabalho, ao dispor que, no caso de aposentadoria espontânea, o contrato de trabalho se extingue, mesmo quando o empregado permanece laborando na empresa, sendo indevido o pagamento da multa de 40% do FGTS referente ao período anterior à aposentadoria.

Reflexo mais grave ainda possuía a citada Orientação Jurisprudencial, no que se refere aos empregados concursados, já que, combinada com o art. 453, § 1º da CLT, estabelecia que, extinto o contrato de trabalho em virtude de aposentadoria espontânea, o empregado

não poderia continuar a trabalhar na mesma empresa, em virtude do art. 37, II, § 2º da Constituição Federal, que afirma a necessidade de concurso público para a investidura em cargo ou emprego público.

Dois acontecimentos recentes mudaram a visão jurisprudencial sobre o assunto. Em primeiro lugar podemos citar o julgamento da ADI nº 1.770 pelo STF, a qual, liminarmente, suspendeu a aplicabilidade do § 1º do art. 453 da CLT e a ADI nº 1.721 que, da mesma forma, suspendeu a aplicação do § 2º do referido artigo. Pouco depois, em 25 de outubro deste ano, o Pleno do TST cancelou a referida OJ 177, em virtude das citadas decisões do STF.

Com este novo entendimento, os trabalhadores podem exercer, em toda sua totalidade, os direitos constitucionais de perceber benefícios previdenciários e de exercer seu trabalho, protegidos contra a dispensa sem justa causa ou arbitrária, o que não ocorria durante a vigência do art. 453, § 1º e 2º, e da OJ 177. Tais direitos eram tolhidos do empregado e este tinha que escolher qual deles gostaria de exercer, o de proteger seu emprego e abrir mão de sua merecida aposentadoria, ou perceber o benefício e ficar à mercê do empregador que poderia demiti-lo injustamente, sem pagar-lhe as

verbas indenizatórias cabíveis.

Mais tensa ainda era a situação do empregado concursado que, em inúmeras vezes, após aposentar-se, tinha seu contrato de trabalho posterior à aposentadoria tido como nulo, em virtude de ausência de concurso público. Em diversas ocasiões, o empregador, ente público, silenciava perante a aposentadoria do seu empregado e até a incentivava, apenas para posteriormente o demitir injustificadamente, sem a obrigação de indenizá-lo.

Pelo art. 7º, I da CF, combinado com o art. 10 da ADCT, podemos afirmar que é devida indenização ao empregado, sempre que houver despedida arbitrária ou sem justa causa, sendo tido como tal qualquer despedida que não se fundar em falta grave ou em motivos técnicos ou de ordem econômico-financeira. Da mesma maneira, encontramos a Convenção nº. 158 da Organização Internacional do Trabalho, promulgada no Brasil em 1996, que se ocupa da proteção do trabalhador contra despedimento aleatório, e é paradigma para diversas legislações que visam proteger as relações de emprego.

O art. 453, § 2º fez nada mais do que instituir uma nova forma de dispensa arbitrária ou sem justa causa, protegida por lei, que retirava o direito do empre-

gado à indenização, ofendendo claramente o art. 7º, I, da Constituição Federal, devendo, pois, ser retirado do ordenamento pátrio.

Importante neste ponto salientar-se o caráter puramente social desta questão. Evidentemente, a idéia do legislador, ao pretender extinguir o vínculo de emprego em virtude da aposentadoria espontânea, foi ampliar o mercado de trabalho, retirando dele o beneficiário, e permitir a inclusão de novos empregados, propiciando uma melhor distribuição de riqueza e circulação monetária.

O que ocorre, no plano fático, é que os benefícios sociais raramente cumprem o seu papel de fornecer os meios

necessários para a subsistência do aposentado, fazendo com que este deva permanecer no emprego para poder sustentar de forma digna a si e à sua família. Encontramo-nos em uma encruzilhada. De um lado, é excluído o desempregado, que não encontra postos de trabalho, de outro, o aposentado perde o direito de repousar e perceber benefício que, em tese, deveria servir de sustento para ele e seus dependentes. Somente se percebesse valores condizentes com suas contribuições e necessidades é que seriam, minimamente, cabíveis os dispositivos que prevêm a extinção do vínculo empregatício, em virtude de aposentadoria.

Por fim, pode-se concluir, tanto do ponto de vista jurídico quanto do social, que o art. 453, § 1º e 2º constitui-se numa afronta ao trabalhador, e sua utilização extirpa do empregado direitos que são fundamentais para sua existência digna. Retira dele a proteção, que é essencial, e se constitui em uma das fontes basilares do Direito do Trabalho. Por este motivo, é acertada a interpretação dada pelo STF, no julgamento das ADI nº 1.721 e 1.770, a qual deve ser mantida.

Nota

1 - CARRION, Valentin p. 302.

(Felipe Cittolin Abal é advogado na cidade de Passo Fundo/RS.)

Majestade perdida

HELENA ROTTA DE CAMARGO

Eles não parecem gente feita de corpo e alma, mas de fome e sede...

(A gente então é feita por alguém? Algum obreiro superdotado que amassa o barro e lhe dá forma de ente organizado?)

Quero ver melhor. Ajeito a mão no sobreceixo – ai! como a luz cega com o sol a pino! – estico o pescoço – será que são seres humanos como eu, de carne, osso, sangue e flatulências?

Sentados sobre a pedra já polida, de tanto o sol e a chuva a fustigarem, crianças e mulher de meia idade. A pele de um marrom azeitado, esboçando sem trégua seus genes, suas debilidades e penúrias. Negros os olhos reluzentes, como jabuticabas em ponto de colher. As vestes não negam que já cobriram outros ombros, outros seios, outros deflorados roseirais. Sorrisos, aqueles rostos desconhecem, na melancolia de sua vida desgarrada...

São da nossa raça, não, vizinho! Não se parecem com os do escritório, da loja, da clínica, do bar, da farmácia, que têm outro jeito de olhar, outro molejo nas coxas, unhas limpas e tratadas, cabelos de variados tons, alisados artificialmente.

Torno a olhar para o trio: mãe e dois

pirralhos, de olhar morto e barriga saliente.

Será que a Filosofia explica? Ou Freud? Ou qualquer outro pensador socrático?

Meia dúzia de cestos de fibras vegetais, trançados sem muita arte, são a sua marca registrada, em meio à parafernália urbana de veículos e gente com pressa. Ali, ao relento, eles mostram, oferecem, pedem por favor.

Raramente algum transeunte pára, a fim de apreciar o artesanato e negociar a mercadoria. Fitam a bugra e os bugrinhos, soltam um suspiro de indulgência. Sem pronunciar uma sílaba, sem esboçar um gesto, deixam a cena da degradação.

Como assim? Não foram eles os donos da terra? Dos rios, das florestas, das onças e crocodilos? Não enfrentaram feras ameaçadoras, só de lança e tacape? Não nasceram livres em tabas organizadas? Não tiveram seus códigos de sobrevivência e proteção?

Como se explica então essa decadência atroz? Essa torpe e vil condição de mendigos? A ignomínia que os condena à subnutrição, à subserviência, ao confinamento de uma sub-raça?

Ontem, a harmonia, o equilíbrio, a segurança, os fortaleciam, sangue e espírito. Hoje, o abandono e a pobreza os relegam à fome, às enfermidades, à extinção.

Para eles, o progresso da humani-

dade nada mais significa do que um alarmante retrocesso.

Ao relegar sua cultura, seus hábitos e valores, a civilização só fez desintegrar a essência nativa desse povo, que garantiu a eles a preservação, no decurso dos séculos.

Está deveras equivocado o provérbio que nos ensinaram. Quem foi rei perde, sim, a majestade...

(Helena Rotta de Camargo, Academia Passo-Fundense de Letras.)



Bussunda: esta não foi engraçada...!

OSVANDRÉ LECH

Claudio Besserman Vianna, o Bussunda do *Casseta & Planeta* da TV Globo, faleceu vítima de infarto cardíaco fulminante, aos 43 anos de idade, na cidade de Parsdorf, na grande Munique, Alemanha, onde acompanhava a participação da Seleção Brasileira na Copa.

Segundo informações, o humorista jogou uma partida de futebol, com funcionários da Rede Globo e os outros três integrantes do Casseta, na sexta-feira, dia 16 de junho de 2006. Sentiu-se mal depois da partida, mas se recusou a ir ao hospital. Na manhã de sábado, acordou indisposto e sofreu o infarto fulminante do miocárdio, enquanto era atendido por paramédicos.

A genialidade de Bussunda já se manifestava nos bancos universitários. Em 1980, enquanto cursava jornalismo na UFRJ, era redator do jornal humorístico *Casseta Popular*, um panfleto de crítica política e de comportamento, no início dos anos 80. Iniciou na Globo em 1988, como redator do TV Pirata. Logo depois foi trabalhar no *Planeta Diário*, que seria o embrião do *Casseta & Planeta*, que teve início em 1992. Esta nova forma de humorismo foi

duramente criticada pelos humoristas da "velha guarda". O público, no entanto, consagrou rapidamente a sátira social e política de Bussunda e seu grupo – Hélio de la Pena, Beto Silva, Cláudio Humberto, Marcelo Madureira, Hubert, Maria Paula, Luana Piovani e outros convidados. A piada curtíssima, quase sempre ironizando um fato muito atual, rendeu ao grupo uma legião de fãs. Os quadros do jogador Ronaldo (sempre gordo!), do presidente Lula, do cafofo do Osama, das Organizações Tabajara, o jargão "FALA SÉÉÉÉÉRIO...", a sátira às novelas e seus artistas, dentre muitos outros quadros, traziam graça e alegria aos espectadores. Ao longo destes anos, o Bussunda e equipe me ajudaram muito na difícil tarefa de explicar para meus filhos o mundo atual e o que é "certo" e "errado". Con-



quistada a televisão, o grupo expandiu-se para publicações, cinema, shows, CD, etc. Bussunda atuava também como cronista e jornalista, além de ter escrito uma série de artigos para as revistas esportivas *Lance!* e *Placar*.

O que fazia do Bussunda alguém tão estimado pelos brasileiros era o seu modo de vida. Não se comportava como um "astro", não se sentia como um "intocável" pensador contemporâneo, não

tinha a arrogância de quem conquistou a fama, nem a xenofobia de se manter afastado das pessoas "comuns". O Bussunda era o típico carioca dos velhos tempos: torcedor do Flamengo, simpático e brincalhão com todos que o cercavam. Mesmo como figura pública, freqüentava filas para o cinema e teatro, a vida corria ao seu redor. Ele não precisava correr atrás da vida.

A sua morte prematura e inesperada trará dificuldades, para que o seu grupo mantenha a mesma performance no showbiz, como também ocorreu com o Queen, The Carpenters, Bee Gees, Leandro e Leonardo, para citar alguns.

A sua inteligência não foi capaz de prever o previsível infarto agudo do miocárdio. Obeso, com história de cardiopatia na família, talvez excessivamente sedentário, talvez com maus hábitos alimentares, talvez estressado, não buscou atendimento imediato frente ao menor desconforto. Estes são alguns dos fatores de risco, já amplamente conhecidos pelo público leigo, que o genial Bussunda "não levou a sério". O preço pela desatenção foi caro demais – a sua morte inesperada e a interrupção de uma carreira brilhante no humorismo brasileiro.

É, Bussunda, esta não foi engraçada...
Requiescat in pace.

(Osvandré Lech é médico-ortopedista e membro das Academias Passo-Fundense de Letras e de Medicina.)

Primícias

LEONARDO LECH - 9 anos

O amor

Para a criança infeliz vamos dar amor,
Para a criança feliz vamos dar respeito.

O amor é a melhor herança
Não importa bens materiais
Tem gente que só gosta de ter reais.

Temos que dar amor e ensinar às crianças
que o amor é a melhor herança

Amor é bom
Ser feliz é o melhor remédio para quem é infeliz.
O melhor jeito de ter amor
É amando quem tem amor.

Para ser amado tem que amar quem ama
Para não ser amado tem que amar quem não ama.

Para quem não ama
Eu aconselho: dê amor.
Para quem não gosta
Eu aconselho a gostar.

A criança precisa de muito amor.
Para ser feliz ela precisa de respeito e louvor.
A criança é amorosa quando recebe felicidade.

Paulo Giongo, aquele que, em vez de ser “um numa grande cidade”, preferiu ser “muitos em Passo Fundo”

“Em 1998, ao completar 70 anos, fui jubilado pela Universidade de Passo Fundo. Jubilado é um título muito bonito para dizer que deram um pontapé no traseiro do professor.”

Paulo Giongo é uma das personalidades mais conhecidas de Passo Fundo. Reconhecido por seu bom humor e piadas que o fizeram famoso. Pertenceu aos quadros do Grêmio Passo-Fundense de Letras e participou da transformação daquela associação em Academia Passo-Fundense de Letras, em abril de 1961. Farmacêutico, formado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e advogado, pela Universidade de Passo Fundo. Participou do movimento pela fundação dessa Universidade, na década de 1950, e acabou sendo professor de Direito, durante 31 anos, de 1967 a 1998. Foi fundador, diretor, autor de peças e diretor do Grupo de Teatro Amador Delorges Caminha (1944/1966), fundador da Cultura Artística (1953) e seu presidente; presidente da ACISA (1983/1985) e é presidente do Conselho Deliberativo daquela associação, há vários anos; presidente da Subseção da OAB, entre 1975 e 1983, recebendo a Comenda Osvaldo Vergara, a mais alta condecoração dos advogados gaúchos; fundador e apresentador de programas da Rádio e TV UMBU (1983/2001); apresentador de programas de rádio e colunista de diversos jornais; ator do filme

(FOTOS: ARQUIVO APL)



“Gaúcho de Passo Fundo”, de Teixeira (1978) e professor de Química e Programas de Saúde, na rede estadual de ensino. Começou a trabalhar ainda criança, na farmácia de seu pai, Quinto Giongo. Fez de tudo. “Só não me prostituí”, resume. Desta entrevista participaram, além da Comissão Editorial da Revista Água da Fonte, diversos membros da Academia Passo-Fundense de Letras.

APL - O senhor, que sempre se identificou com Passo Fundo, é passo-fundense nato?

Paulo Giongo - Uma coisa da qual eu só fui me recordar oito anos atrás é que não nasci em Passo Fundo. Nasci

em Estrela, no dia 16 de janeiro de 1928. Lembrei-me disso quando, na Câmara de Vereadores, propuseram que eu recebesse o título de Cidadão Passo-Fundense, título que me foi entregue a 6 de março de 1998. Meu nascimento deve ter sido um nascimento de percurso. Meus pais devem ter ido passar algum tempo em Estrela, e eu nasci por lá. Vim para Passo Fundo aos três anos e aqui me fixei.

APL - Como era a Passo Fundo de sua juventude?

Paulo Giongo - Era como todas as cidades em projeção. Tivemos até um vereador que prometeu “apedrejar” a cidade, pois as ruas não eram calçadas...

APL - O que mais lhe vem à memória da Passo Fundo de sua juventude?

Paulo Giongo - Os postes de iluminação pública, em meio aos canteiros da Avenida Brasil, eram metálicos. E tinha um sujeito que passava à noite inteira batendo nos postes, de hora em hora, como se fosse um ponteiro de relógio. O som daquelas pancadas está bem vivo em minha memória.

APL - O senhor é um homem de múltiplos instrumentos. Como foram seus estudos?

Paulo Giongo - Fiz os cursos primário e ginásial no Colégio Conceição, de Passo Fundo. Cursei o científico em Porto Alegre, no Julinho, o Colégio Júlio de Castilhos, ainda no antigo prédio da Sarmiento Leite. Fiz vestibular para Farmácia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na Capital, e na Universidade Católica de Pelotas. Passei nesta última cidade, onde cursei um ano de Farmácia e Odontologia. E passei incólume... pois andava pelas ruas com as costas voltadas para as paredes, por via das dúvidas... A partir do segundo ano continuei o curso na UFRGS. Em Pelotas, fui um dos fundadores da Casa do Estudante Universitário. Eu era bastante militante... e nada católico. Formei-me farmacêutico em 17 de dezembro de 1949, e retornei a Passo Fundo.

APL - O fato de seu pai ser proprietário de farmácia até que ponto influenciou sua opção universitária?

Paulo Giongo - Meu pai era farmacêutico prático, pois, naquela época, para o exercício de muitas profissões não era exigido curso superior. A maioria dos remédios eram manipulados nas próprias farmácias. A Farmácia Indiana, que era de meu pai - e continuou comigo - existiu desde 1921. Aos seis anos eu já trabalhava limpando os vidros em que eram colocados os remédios, muitos deles homeopáticos, e ganhava uns troquinhos por isso. Não cursei Farmácia por uma imposição de meu pai, mas por sua influência. O que eu queria mesmo era cursar Direito, ser advogado. E embora meu pai tenha falecido em 26 de março de 1972, a Farmácia Indiana, até o seu fechamento em 2006, era ainda conhecida por muita gente como "farmácia do Quinto Giongo". Tinha gente que atravessava a cidade para procurar remédios tradicionais, como o Bálsamo Alemão. Quando me encontram vêm me

cumprimentar, pensando que sou o meu pai. E é "Seu Quinto Giongo" pra cá; "Seu Quinto Giongo pra lá"... Eu até acho muito interessante, e divertido.

APL - E como é que o Curso de Direito entrou na sua vida?

Paulo Giongo - Nunca fui de ficar parado. Sempre estive metido em tudo. Quando aconteceu o movimento para que Passo Fundo tivesse o ensino superior, eu estava junto. Fui um dos fundadores da Faculdade de Direito e, depois, um dos examinadores da Faculdade de Agronomia, porque tinha autorização para lecionar Química. Havia um movimento muito forte contra a criação da Universidade de Passo Fundo, mais contra a figura de Reyssoli José dos Santos. Ele era um trabalhista convicto e um homem muito energético. Então o grupo que se opunha ao PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) fazia de tudo para que a Universidade não saísse. Passo Fundo sempre foi uma cidade dividida. Muita coisa deixou de ser feita em Passo Fundo por esse tipo de divisão.

APL - Reyssoli José dos Santos, que foi um dos integrantes do Grêmio Passo-Fundense de Letras e da Academia, era um homem energético mesmo?

Paulo Giongo - Era mesmo. Certa feita, durante uma audiência na Vara de Família, Abelino Alves dos Santos, pessoa conhecida na cidade, proprietário do Cine Imperial, que editava um jornalzinho chamado Cine-Suplemento, distribuído aos frequentadores do Cinema, sacou do revólver para matar a mulher dele. Antes que conseguisse consumir o homicídio, foi abatido à bala pelo Juiz de Direito, Dr. Reissoly José dos Santos, que acabou sendo absolvido em todas as instâncias por legítima defesa de terceiro.

APL - É verdade que o primeiro prédio da Universidade de Passo Fundo foi construído por presos em troca da redução das penas?

Paulo Giongo - É verdade. Gostem ou não gostem de Reissoly José dos Santos, por suas convicções políticas, ele foi muito importante para que tivéssemos o ensino superior. Como Juiz Diretor do Foro de Passo Fundo, foi pioneiro na prática de redução de pena em troca de serviços comunitários. Ele determinou que presos fossem retirados e empregados na fabricação de ti-

jolos, onde hoje é a Cerâmica São João, e na ampliação do prédio da Avenida Brasil. Para cada três dias trabalhados, os presos recebiam um dia de redução da pena. Isso estimulou o trabalho, tanto em termos de perfeição quando de rapidez.

APL - O professor Carlos Galves, em Os Vinte anos da Faculdade de Direito de Passo Fundo, discurso pronunciado a 23 de abril de 1976 e publicado naquele mesmo ano pela Editora Berthier, afirma que "A idéia de uma Faculdade de Direito foi, entre nós, antecedida pela idéia de uma Universidade em Passo Fundo" e que essas idéias foram preconizadas pelo professor Antônio Donin...

Paulo Giongo - O professor Antônio Donin veio de Rio Grande, onde participou dos movimentos que levaram à criação das universidades daquela cidade e de Pelotas. Trouxe a experiência dessas mobilizações para Passo Fundo. Começou a promover reuniões com o objetivo de criar uma Universidade em Passo Fundo. Participei de todos esses encontros, ora na redação de O Nacional, ora na redação do Diário da Manhã, na Rádio Passo Fundo e em clubes sociais. Com isso, toda a comunidade se uniu e, assim, foi possível o desenvolvimento do ensino universitário.

APL - Os arquivos do Grêmio Passo-Fundense de Letras guardam um telegrama passado ao presidente Getúlio Vargas, para a criação da Universidade de Passo Fundo, e a resposta de que o processo competente fora aberto... Qual a participação do Grêmio nesse movimento?

Paulo Giongo - A participação foi intensa. Quase todos aqueles que abraçaram a idéia do professor Donin faziam parte do sodalício. Os integrantes do Grêmio Passo-Fundense de Letras entenderam que o arrazoado da minuta do telegrama, elaborada pelo professor Sabino Santos, merecia alterações e incumbiram Antonino Xavier e Oliveira de fazê-las. Feitas e aprovadas, o telegrama foi enviado a Getúlio Vargas. Quando, mais tarde, decidimos abrir processo para criar a Universidade de Passo Fundo, encontramos o processo aberto pelo Grêmio, hoje Academia Passo-Fundense de Letras, já em tramitação no Ministério de Educação e Cultura.

APL - Bom... mas... e o Curso de Direito, Dr. Paulo?

Paulo Giongo - Como já disse, fui um dos fundadores da Faculdade de Direito de Passo Fundo. Alguns anos depois, prestei exames vestibulares. Passei e recebi meu certificado no dia 17 de dezembro de 1966. Antes de me formar, fui convidado pelo professor Celso da Cunha Fiori para ser professor assistente de Direito Comercial e, depois, de Prática Forense. Em 1998, ao completar 70 anos,

tenta alunos. Cetra feita, a aluna Elaine Aparecida Winkler, hoje Juíza do Trabalho, quis saber por que lhe dei "6" (nota). Outro aluno se virou para ela e disse: "Respeite a idade do homem velho. Ele não deu mais porque não pode". Quando a aula acabou fechei a porta e lhe dei uma mijada: "O senhor vai ser um grande advogado, mas considere-se advertido". Tenho 32 anos de UPF. O Mário Mateiro, um angolano que foi diretor da Faculdade de Direito, me dis-



Entrevista com Paulo Giongo na sede da APL

fui jubilado pela Universidade de Passo Fundo. Jubilado é um título muito bonito para dizer que deram um pontapé no traseiro do professor.

APL - O senhor, que foi um dos pioneiros do ensino superior, na Região, como vê a proliferação de faculdades?

Paulo Giongo - Temos cinco faculdades - talvez até já sejam mais - em Passo Fundo. O que vejo é que a qualidade do ensino está caindo com a proliferação de faculdades. Faz me lembrar a história do advogado que foi repreendido por um Juiz de Direito por ter escrito "Esselentíssimo" em vez de Excelentíssimo, do que ele se defendeu dizendo que desejava dizer mesmo "Esse lentíssimo Juiz...", pois o processo estava com o magistrado há muito tempo...

APL - Muitos educadores dizem que a queda da qualidade do ensino é geral...

Paulo Giongo - O Direito é o princípio do contraditório. Sempre ouvi meus alunos. Expunha um tema e deixava que eles o discutissem. Se o aluno justificasse com uma posição contrária a minha eu lhe dava "10". Era eu contra oi-

se que temos 143 professores. Quando saí éramos 40. Há não sei quantos por cento de mestres, doutores, Ph. Ds., e et céteras. Quando lhe perguntei se todos eles sabiam transmitir seus conhecimentos, o Mário Mateiro me disse: "O senhor já quer saber demais...".

APL - Como entrou o teatro em sua vida?

Paulo Giongo - Passo Fundo não tinha grupo de teatro, mas recebia grandes companhias teatrais do Rio e São Paulo, que aqui chegavam de trem, para se apresentarem no Cine Teatro Coliseu, depois Cine Imperial, que ficava ao lado da Catedral. Vinham atores e atrizes famosos da época, como Procópio Ferreira e Maria Della Costa. A gare da estação ferroviária ficava cheia de gente esperando os atores, que chegavam de trem, vindo de Porto Alegre. Muitas vezes era uma decepção, pois o trem dava uma paradinha antes e os atores iam direto para a zona do metrício, que ficava na XV de Novembro. E o local preferido deles não era o hoje famoso Cassino da Maroca, mas a Casa da Tia Carula, que começou a ficar famosa na Rua XV. Bom, com a crise, depois da II Guerra Mundial, esses gru-

pos pararam de vir para cá. Então, decidimos criar nossa própria companhia teatral. E no dia 18 de agosto de 1944 fundamos o grupo "Escola de Teatro Amador Delorges Caminha". Era homenagem a um passo-fundense, filho de Geolar Caminha, que se tornou famoso como galã de teatro e cinema, no centro do país. Os grupos que aqui chegavam promoviam recitais durante a semana e nós começamos a fazer o mesmo. Nosso grupo chegou a ser o melhor do Estado em sua época. A primeira peça que apresentamos foi "Sinhá Moça Chorou", de Ernâni Fornari. Delorges Caminha veio nos prestigiar, acompanhado de sua companhia, uma atriz francesa belíssima, chamada Henriete Morinau. Ele começou a nos mandar peças que eram registradas junto à SBAT - Sociedade Brasileira de Autores Teatrais -, que escolhíamos, ensaiávamos, e passamos a fazer recitais, de quarta-feira a sábado.

APL - O senhor também era ator?

Paulo Giongo - De início, eu era só diretor. Depois passei a traduzir e adaptar peças. Certa feita, fomos fazer uma apresentação em Carazinho. Um dos atores era Gildo Flores, que chegou a diretor da Rádio Passo Fundo, e sofreu um acidente, não podendo encenar. Como diretor da peça eu era o único que conhecia o texto. Na impossibilidade de adiar o espetáculo, fui obrigado a entrar em cena. E, de repente, me vi ator. A peça se chamava "Massacre", de Juan Manuel Robles.

APL - O Delorges Caminha foi um marco estadual, em sua época?

Paulo Giongo - Não é para me gabar, mas nenhum grupo teatral gaúcho, até hoje, chegou ao nível em que chegamos. Exemplo disso é o que aconteceu durante o I FRAT - Festival Regional de Amadores Teatrais -, quando ganhamos todos os prêmios, mas todos mesmo, inclusive o de melhor cenário, numa peça sem cenário. Era "O Sono dos Prisioneiros", de Cristhopher Frige, que eu traduzi e adaptei. A ação se passa dentro de uma igreja. O palco sempre era o altar de uma igreja de verdade, com quatro atores fazendo quatro papéis diferentes cada um, totalizando dezesseis personagens.

APL - Como terminou o grupo Delorges Caminha?

Paulo Giongo - O grupo durou 22

anos. Sempre foi essencialmente amador. Conseguimos, junto ao Governo do Estado, um Termo de Concessão de Uso de um salão de madeira que existia onde hoje há uma quadra de esportes, na Escola Estadual Protásio Alves. Reformamos o local e adaptamos para apresentações teatrais. Quando não era possível encenar no local, usávamos um cinema. Em 1966, o então governador Ildo Meneghetti prometeu que iria construir um prédio maior, para que fosse a sede definitiva do Grupo de Teatro Amador Delorges Caminha. O prédio de madeira foi demolido e nunca mais foi reconstruído. Sem local para ensaios, o grupo acabou.

APL - Qual a grande herança do Delorges Caminha?

Paulo Giongo - Revelamos pelo menos um grande ator: Valter Portela, que está em São Paulo, e fez o papel de Macunaíma, num filme exibido em todo o mundo. E criou-se uma tradição de amor ao teatro, que continuou em diversos grupos teatrais nos anos posteriores.

APL - O senhor participou do Grêmio Passo-Fundense de Letras e de sua transformação em Academia Passo-Fundense de Letras...

Paulo Giongo - Acho que eles não tinham gente suficiente para formar a Academia. Em cada sessão, um falava sobre seu patrono. Eu escolhi Ernâni Fornari. A Academia Passo-Fundense de Letras foi muito importante. Usufruí muito com a troca de informações e idéias. O Celso da Cunha Fiori era o mandão, no começo da Academia. Era mais ou menos assim: "O que vocês acham de fazer tal coisa? Pronto. Está aprovado." Não deixava discutir.

APL - Era mais ou menos como aquela de Dom Pedro I, abrindo uma reunião da Constituinte: "Egrégios representantes da Nação, está encerrada a sessão"...

Paulo Giongo - Era exatamente isso. Depois as reuniões foram esfriando até praticamente acabarem, porque discutiam de tudo. Tinha um padre, Irmão Gelásio Maria, que só queria saber de discutir política. Hoje eu vejo que tem um grupo muito bom, que trabalha bastante.

APL - E a Cultura Artística?

Paulo Giongo - A Cultura Artística foi fundada em 3 de julho de 1957. Estamos pleiteando que seja incluída no Livro dos

Recordes, pois em seus 53 anos de existência só teve dois presidentes: Diogo Morsch e eu. Realizamos centenas de recitais. Agora estamos fazendo um convênio com o SESI e a FAPLAM, e vamos reiniciar a realização de recitais mensais. Já tínhamos um convênio com o Fórum para usar o salão nobre. Aquele piano que lá está é meu, e faz parte do convênio.

APL - Como jornalista e apresentador de programas de rádio e televisão, o senhor sofreu com a censura, durante o regime militar?

Paulo Giongo - Sofri. Eu tinha um programa intitulado Tiro ao Alvo, na Rádio Planalto. E de lá fui levado várias vezes preso para o Quartel do Exército. Existiam pessoas do SNI - Serviço Nacional de Informações - e muitos dedos-duros, como um velho integralista conhecido como Pandolfo. Naqueles tempos, bastava que qualquer um que não gostasse da gente nos acusasse de comunista, para que a gente acabasse preso.

APL - Além de pioneiro no ensino superior, o senhor foi pioneiro na instalação de um canal de rádio e televisão em Passo Fundo...

Paulo Giongo - Quando o Governo Federal publicou edital de concorrência para um canal de Rádio e Televisão em Passo Fundo, reuni mais cinco amigos, formamos uma sociedade e decidimos participar da concorrência. Participaram diversos grupos, inclusive de um deles faziam parte o jornalista Túlio Fontoura, do Diário da Manhã, e Maurício Sirotski Sobrinho, da RBS. Ganhamos a concorrência em Palmeira das Missões, quando o doutor Bruno Edmundo Markus, primo do presidente Ernesto Geisel, então presidente da República, depositou um bilhete no bolso dele. O general leu o bilhete e fez um sinal de positivo para o Bruno. Ganhamos um elefante branco, contra cinco grupos. Meu sonho era fazer uma televisão que projetasse Passo Fundo e a região. Para colocá-la no ar, precisamos nos associar à RBS, que nos ofereceu as melhores condições. Nunca me deram chance de realizar meu sonho. Tinha quase que me prostituir, usando terno e gravata, para dispor de dois ou três minutinhos. Era impossível projetar os valores locais. Fui ao ar entre 1º de março de 1983 e 15 de maio

de 2001, totalizando 18 anos. Hoje vejo que o Meirelles Duarte consegue fazer o programa que eu sempre sonhei, no canal 20, na NET.

APL - Passo Fundo sempre teve fama de cidade dividida. É história a divisão entre os grupos de Túlio Fontoura e Múcio de Castro?

Paulo Giongo - Túlio Fontoura, que criou o Diário da Manhã, e Múcio de Castro, que adquiriu O Nacional, tiraram muito proveito comercial dessa divisão. Eles continuaram uma divisão que vem de longe, do tempo em que a política passo-fundense, no Império, era dividida entre conservadores e liberais, e continuou depois, com republicanos, federalistas e libertadores, e, mais, tarde entre, o PSD (Partido Social Democrático) e PTB (Partido Trabalhista Brasileiro). Túlio ficou do lado do PSD e Múcio do PTB. Chegaram a ser eleitos para a Assembléia Legislativa por aqueles partidos. A divisão era tão grande que o busto do coronel Gervásio Lucas Annes, na Praça Tamandaré, chegou a ser colocado de costas para a Igreja Matriz, e de frente para a Loja Maçônica que ali existia. A Maçonaria, naquela época, era coisa muito séria. Para entrar, investigavam toda a vida do cara...

APL - O senhor já exerceu diversas atividades: auxiliar de farmácia, farmacêutico, advogado, professor, jornalista, radialista, apresentador de televisão...

O que o senhor ainda não fez?

Paulo Giongo - Só não me prostituí. Exerci todas essas atividades e mais outras. No interior nós somos uma pessoa. Nos grandes centros nós somos mais um. Concluí as faculdades de Farmácia e Direito. Foram as atividades que exerci - e continuo exercendo há mais tempo. Certa vez me perguntaram como consegui conciliar os trabalhos de farmacêutico e advogado. Simples: tudo é droga.

APL - Como o senhor explica o fato de ultrapassar os 78 anos em plena atividade?

Paulo Giongo - O que me sustenta é a seriedade do trabalho. Saul Sperry César, veterano jornalista falecido há pouco tempo, costumava repetir que a gente passa a metade da vida cuidando dos filhos, e a outra metade se cuidando deles. Estou na segunda metade. ■

O "matemático"

Jorge Luis Borges

GILBERTO R. CUNHA

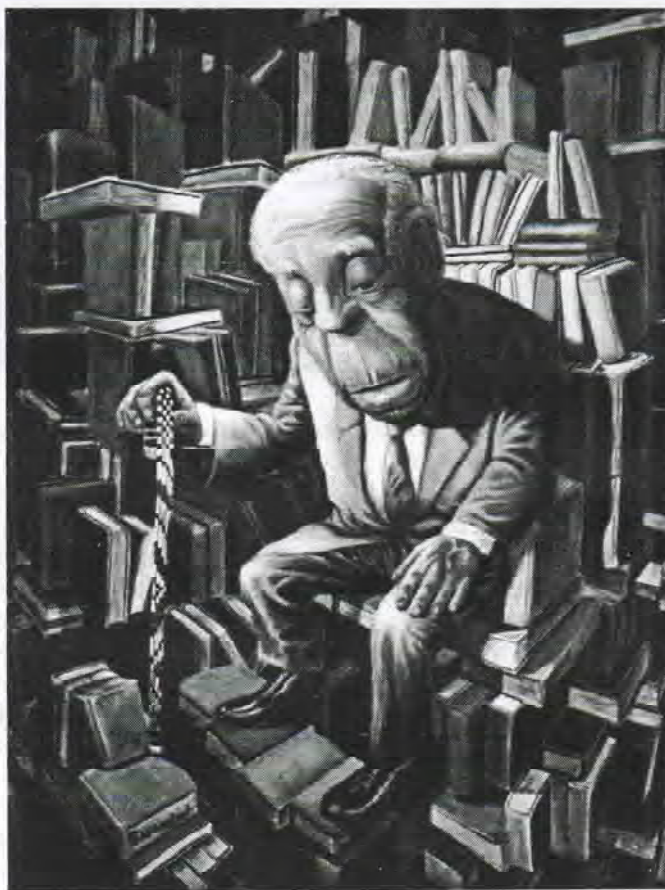
Um dos contos mais célebres de Jorge Luis Borges é *El Aleph*. Nele sobressai-se a temática do fantástico. Porém, por detrás do séquito que cultua a memória de Beatriz Viterbo, efetivamente, mais que elementos místicos, se salienta o domínio de Borges (autor-narrador-personagem) da obra e vida de Dante Alighieri e de conceitos matemáticos que marcaram o início do século 20.

Há quem enxergue *El Aleph*, apesar das divergências, como uma mera paródia da *Divina Comédia*, onde Borges seria Dante e Beatriz Viterbo nada mais que Beatrice Portinari (que se mostrou tão desdenhosa do poeta florentino como a argentina do autor). O outro personagem principal do conto, Carlos Argentino Daneri (primo-irmão, talvez amante de Beatriz e mau escritor), pode ser visto como uma espécie de Dante e ao mesmo tempo de Virgílio. O próprio sobrenome Daneri deixa margem para ser lido como uma abreviatura de Dante Alighieri (Dan + eri).

No embate entre um Borges resignado a venerar a amada morta e a ânsia pela busca de glórias literárias do mau escritor Carlos Argentino, há mais que uma história de amor, mais que uma crítica de estilos (uma aula sobre como não escrever), muito mais que a busca do absoluto, da onisciência e da onipresença. Há a vasta cultura de Jorge Luis Borges, que lhe permite referências múltiplas (reais e não raro fictícias), fazendo com que o escritor transite com naturalidade entre as fronteiras da literatura, da filosofia e de disciplinas científicas. Borges, com frequência nem sempre percebido pelos seus leitores, utiliza conceitos ma-

temáticos com aparente conhecimento de causa e à sua conveniência. E isso fica muito claro no conto *El Aleph*, quando ele se vale da essência da idéia dos números transfinitos de Georg Cantor (inclusive do seu símbolo matemático) para criar o objeto fantástico do seu famoso conto.

Os números transfinitos datam do fi-



nal do século 19. São números cardinais ou ordinais maiores do que todos os números finitos, ainda que não representem um infinito absoluto. O matemático Georg Cantor, com a expressão transfinito, quis evitar algumas das implicações da palavra infinito associadas a estes números, embora os mesmos não sejam finitos. Para representá-los, Cantor adotou como convenção a primeira letra do alfabeto hebraico: o aleph (uma letra sem som, com antigas conotações místicas e cabalísticas). E é exatamente essa letra, cuja grafia lembra a imagem

de um homem tocando com uma das mãos o solo e a outra o céu, como que unindo o finito com o infinito, que dá nome ao conto de Borges.

Pela proposição de Georg Cantor, o conjunto de todos os conjuntos contém a si mesmo e se refere a si mesmo. Isso expõe o paradoxo de que um conjunto de infinitos elementos (uma classe infinita) tem a propriedade de o todo não ser maior que alguma das partes. Este tipo de propriedade Borges utiliza à exaustão em sua obra, criando, com maestria, uma visão fantástica para essa fascinante idéia da matemática. A concepção de um conjunto que contém a si mesmo, de uma totalidade que contém e é contida pela

parte, a eternidade e *El Aleph* (ponto que contém todos os pontos) não são meras agregações de presente, passado e futuro, nem de diferentes lugares, espaços, formas e sensações. É algo mais simples e mágico: é a simultaneidade de todos esses tempos e lugares, e, quem sabe, a concepção previsível da divindade ou do inconcebível universo.

Mais que a temática de *El Aleph*, fantástica mesmo foi a resposta de Borges, quando Estela Canto (sua antiga namorada nos anos 1940 e a quem ele dedicou o conto e presenteou com os originais) lhe comunicou que pensava em vender o manuscrito depois que ele morresse:

- "Caramba! Si yo fuera un perfecto caballero iría ahora mismo al cuarto de caballeros y, al cabo de unos segundos, se oiría un disparo."

Ou quando Borges, no acréscimo ao conto, escrito depois de 1º de março de 1943, sentindo-se incapaz de guardar no tempo os traços de Beatriz Viterbo, conclui que o *Aleph* de Carlos Argentino é, provavelmente, falso.

O manuscrito do conto *El Aleph* foi vendido pela sua proprietária, Estela Canto (1916-1994), em 1985, na casa Sotheby's, de Nova York, enquanto o escritor ainda era vivo.

(Gilberto R. Cunha é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Passo Fundo e sua vocação para o turismo



IRINEU GEHLEN

Fala-se, estuda-se, pesquisa-se e se discute sobre a vocação de Passo Fundo para o turismo. Ouve-se falar que Passo Fundo pouco ou nada tem a oferecer para a captação de turistas. A natureza não brindou nossa cidade com praias, rios, cachoeiras imponentes, montanhas exuberantes ou riquezas naturais que por si só atraem as pessoas sem maiores esforços.

Pessoas dedicadas a esse tema têm-se encontrado e apontado uma série de caminhos que poderão gerar os atrativos para criar e impulsionar a vocação turística de Passo Fundo. Os encontros de turismo, os fóruns para busca do desenvolvimento sustentável, os técnicos de nossa universidade, do Poder Público Municipal, os cidadãos e cidadãs dedicados que integram entidades e instituições representativas dos mais diversos segmentos econômicos, artísticos e culturais, não se cansam em buscar essa geração de nossa vocação turística.

No entanto, ao longo das administrações municipais, não conseguimos vislumbrar maior dedicação ao setor. Os

investimentos públicos no turismo são inexpressivos, a ponto de se concentrarem em subsídios a iniciativas que não partem do Poder Público, ressaltando-se raras exceções. Mas aqui não vai nenhuma crítica, longe disso! É por demais sabido que o gestor público tem à sua frente um leque de necessidades de investimento que nunca pára de se abrir, e as necessidades não são estáticas, tampouco certas, elas crescem e se multiplicam no dia-a-dia, de forma inesperada e incalculável.

Mas, nesse leque de necessidades, se apresenta como urgente o investimento planejado, sério e substancial no Turismo, que pode impulsionar significativamente a economia local e regional. Se não temos as riquezas naturais para o turismo, temos a riqueza cultural, intelectual de nossa gente. Gente que planeja e executa de forma brilhante eventos que nos dignificam e projetam Passo Fundo aos quatro cantos do mundo. São incontáveis os congressos, seminários, encontros de segmentos de representações profissionais e acadêmicas, promovidos pelas instituições de nível superior de nossa cidade, como os encontros nativistas e tradicionais pro-

movidos pelo MTG, CTGs, a Jornada Nacional (Internacional) de Literatura, o Festival Internacional de Folclore, os Rodeios, os shows de teatro, de música, de dança, os eventos esportivos, como jogos de futebol, campeonatos automobilísticos, de kart, de hipismo, olimpíadas regionais, carnaval, dentre tantos outros atrativos. E tudo isso está transformando Passo Fundo em um pólo regional de cultura e eventos. O Poder Público vem contribuindo com tudo isso, mas de forma limitada, certamente em função da distribuição orçamentária.

Mas não é o suficiente! Passo Fundo precisa de mais esforço para que o turismo passe a existir como força econômica de desenvolvimento. Pesquisas dão conta de que nossa cidade será a próxima região metropolitana do Estado. Temos que nos preparar para tudo isso. Talvez seja necessário buscar ajuda profissional a todos os que enfrentam essa busca. O Município poderia licitar a contratação de empresa especializada na pesquisa e elaboração de projetos turísticos, mas, enquanto isso não acontece, temos alternativas que devem ser consideradas. Como ex-presidente da FUNZOCTUR, deixei trilhado o projeto para

poetas portugueses. Lembrava (Id., p. 230/231, Nota 17) o soneto abaixo de Miguel Leitão de Andrade, publicado em 1629, mas cuja temática se perde na noite dos tempos:

*O tempo já de si me pede conta;
É necessário dar-se à conta tempo,
Que quem gastou sem conta tanto tempo,
Como dará sem tempo tanta conta?
Não quer levar a tempo tempo em conta,
Porque conta não fez de dá-la em tempo
Onde só para a conta havia tempo,
Se na conta do tempo houvesse conta.
Mas que conta dará quem não tem tempo?
Em que tempo a dará quem não tem conta,
Que quem a conta falta, falta o tempo?
Vejo-me sem ter tempo, e com ruim conta,
Sabendo que hei-de dar conta do tempo
E que se chega o tempo de dar conta.*

O tema do velho soneto lusitano passa a obra do passo-fundense Xico Garcia. E está presente em um dos seus mais conhecidos poemas, *O Tempo* (Xico Garcia, *Vivência*, Gráfica Danielli, Passo Fundo, 1998, págs. 14 e 15. Também disponível em K-7 e CD, na voz do Autor), mostrando que aquela persistência formal e temática, merecedora da insubordinação de Verney, continua mais viva do que nunca.

Hegel, quanto à poesia, afirma que “o seu princípio é, de uma maneira geral, o da espiritualidade. Mas, em vez de se servir da matéria grave, para atribuir à interioridade uma ambivalência simbólica, como a arquitetura, ou em vez de talhar na matéria real uma representação exterior e espacial do espírito, como o faz a escultura, a poesia representa o espírito para o espírito, sem dar às suas expressões uma forma visível e espacial. Por outro lado, a poesia está em condições de exprimir não só a interioridade subjectiva, mas também as particularidades da vida exterior, de uma forma muito mais completa e compreensiva do que o fazem a música e a pintura; ela é simultaneamente sintética e analítica: sintética na medida em que é capaz de reunir num único feixe os elementos da interioridade subjectiva, analítica, na medida em que é susceptível de desenvolver, justapondo-as umas às outras, as particularidades e singularidades do mundo exterior” (Hegel, Ed. Cit., p. 11).

Ora, uma característica de toda a poesia popular é que não se prende à camisa de força da Estética, mormente da “in-

terioridade subjectiva”, consequência natural da “representação do espírito para o espírito”. O poeta popular sempre tem algo a dizer, escreve “sob a pressão da necessidade”. Necessidade que tanto pode ser a de dizer alguma coisa ou de produzir uma obra vendável. No primeiro caso lembre-se os conhecidíssimos “poemas de cantar mulher”, tão comuns entre os românticos e que fazem a popularidade daquela escola, ou os romances de cordel, cantando assuntos do momento ou temas sensacionalistas, como o famoso caso da “mulher que bateu na mãe e virou cachorra”.

A linguagem do poeta popular é a do homem comum. Ainda que a temática seja regional, que o poeta cante sua aldeia, é parcimonioso no emprego das expressões regionais.

Xico Garcia é um típico exemplo de poeta popular. Toda a sua poesia transmite um recado. Insere-se dentro daquilo que a Filosofia define como senso comum, e que merece uma atenção especial dos filósofos contemporâneos. Portanto, foge à “interioridade subjectiva” e à “representação do espírito para o espírito”. Quer transmitir um recado e transmite. Faz seus os famosos versos de José Hernández, no *Martín Fierro*, (Edición de Luis Sáinz Medrano, Rei Argentina, Buenos Aires, 1980, p. 201):

*Yo he conocido cantores
que era un gusto el echuchar;
mas no quieren opinar
y se divierten cantando;
pero yo canto opinando,
que es mi modo de cantar.*

Diferentemente, porém, dos demais poetas da gauchesca, mesmo ao cantar temas regionais, é cauteloso com o emprego de regionalismos lingüísticos, como o demonstram todos os seus poemas.

Todos os estetas e críticos literários reconhecem a proximidade da poesia e da música, até porque ambas dependem da sonoridade, salvo a poesia visual. Neste particular, é sintomática a identificação da poesia popular com a música popular. E muitos poemas de Xico estão musicados. Sua poesia alcança um público maior, através da musicalização.

Para a Estética, é dogma a inferioridade literária das letras de músicas em relação aos poemas propriamente ditos. Entretanto, contribuem para a populari-

dade de seus cultivadores, como Xico Garcia.

Ao contrário do que muitos pensam, os poetas populares são, no geral, até rigorosos com seus poemas. Limam, cinzelam, sem dó nem piedade. Uma simples leitura mais atenta dos poemas de nosso poeta pode comprovar essa assertiva. Um dos mais recentes é intitulado *Se Achando Muito Machona*. A primeira variante do poema era em quadras, começando assim:

*Quanto a mim tem quem duvida,
Vem outro que me questiona,
Mas eu vou levando a vida,
Sei que Deus não me abandona.*

*Sempre pagando a passagem,
Não seu de arranjar carona,
Mas muitos viajam de avião.
O povo pobre que abona.*

O texto (por enquanto) definitivo é o seguinte:

*Quanto a mim tem quem duvida
Vem outro que me questiona...
Mas eu vou levando a vida
Sei que Deus não me abandona.
Sempre pagando a passagem
Não sei arranjar carona...
Mas muitos viajam de avião
É o pobre povo que abona...
Terra e mãe de filho andejo
Qualquer um chega e se “adona”...*

Como vemos, as quadras de um esquema rimático livre, embora mantendo os tradicionais ABAB e ABCB, pelo acréscimo de dísticos, se transformam em décimas. Estas fogem à rima tradicional ABCCDDDEED.

Insubmissos aos padrões da Estética, os poetas populares, muitas vezes, desconsideram as regras da Versificação. Esta característica se acentua entre os versificadores contemporâneos.

Ainda que considerada sublitteratura pelos eruditos, a poesia popular é uma realidade histórica, muito mais ampla do que se possa imaginar. Sua popularidade abafa o ranço elitista impregnado em certos tipos de críticos e estetas.

(Paulo Monteiro pertence à Academia Passo-Fundense de Letras e à Academia Literária Gaúcha.)



Antes que a carroça retorne

PABLO MORENNO

Gostaria muito de ter a casa daquela senhora paulista com síndrome de Diógenes. Despertou a indignação dos vizinhos por pura inveja deles. Quem me dera, como Dona Violeta, ter um espaço enorme na metrópole pra abrigar tantas coisas das ruas. Agora, por exemplo, eu trouxe um menino roubado nas calçadas. E me falta um lugar adequado para escondê-lo dignamente.

Três anos ele tem, eu acho. Cabelos escuros por cor e sujeira, barriga saliente, pernas fininhas e um rostinho infinito lambuzado com doce de leite vencido. Não pedi autorização para os pais. Distraíam-se carregando a carroça. Dedicavam-se mais ao maior, de seis/sete anos, que atento aprendia o ofício. O menor, este que eu trouxe pra casa, ainda é criança demais. Ainda não vê diferenças entre latas e plásticos, ou entre tecido e papel. São poucos seus anos de mundo pra tanto.

Entre um sorriso e um tombo, largava os segredos do lixo, e interrompia a mulher sua mãe. O doce de leite estragado lhe trouxera saudades do escasso leite daquelas tetas. Enquanto no alto dos prédios pais e filhos planejavam férias na Disney, meu menino inventava seu parque entre os restos urbanos de um dia.

Eis o menino. Não parece encantado?

Sozinho não viria. De jeito nenhum. Fui obrigado a trazer numa caixa o seu mundo. Latas multicores, garrafas, tampas, vidros, jornais e painéis. O menino

dá cambalhotas e sorri entre os trecos. Nem imagina riscos de cortar-se com faca oxidada ou contaminar-se com bactérias de coisas podres. Atira uma tampa de bule pro alto e um avião sobrevoa. Disquinhos de papel dos perfuradores caem como estrelas em seus cabelos. Uma grande tira de papelão virou a montanha russa mais longa da terra. O lixo é um quarto mágico. Igualzinho ao das crianças de meu edifício.

Fitei o menino, ainda de peito, em seu parque e, filhos não tendo, fiz minha escolha. Já que está longe da mãe - desculpem, dentistas - mantereí a chupeta. Apenas a substituirei por outra, mais nova e mais limpa. Não quero vê-lo outra vez esfregando seu bico de látex na terra e, depois, no céu de sua boca sonhar um sabor chocolate.

O menino no meio do lixo parecia um deus miniaturo. Com o poder

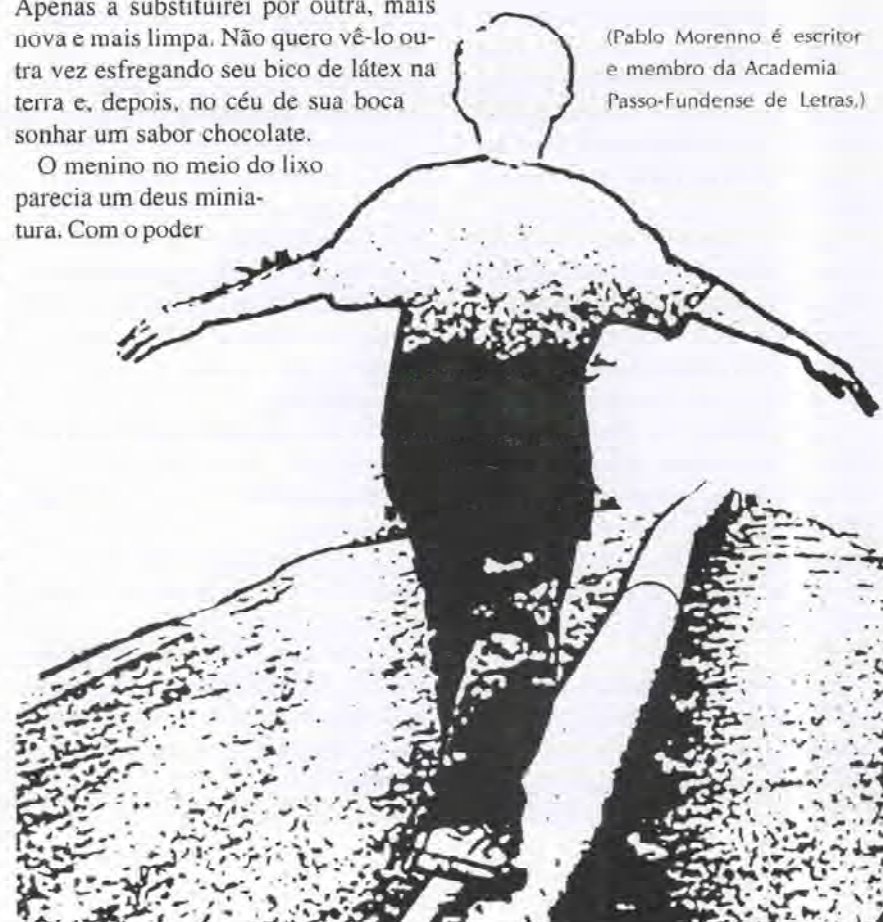
da infância transformava qualquer coisa em brinquedos, e moldava um novo mundo com restos e velharias. Este menino agora está aqui. Com seu rostinho lambuzado de doce me olha implorando cuidados.

Reuni sobre a mesa todos meus frascos vazios. Mas menino e doçura são grandes demais pra pequenos espaços.

Durante o vazamento do crepúsculo, a família subiu à carroça e, açoitando seu velho cavalo, sumiu no horizonte da rua. Ninguém apareceu aqui em casa procurando um menino perdido. Até agora. Mas eu preciso escondê-lo antes que venham roubá-lo pra sempre de mim.

É quase meia noite. Estou exausto. Abri e fechei gavetas, troquei os móveis de lugar, reuni todos os vazios da casa. Em vão. É pouco espaço pra tanto mundo. Por falta de alternativas, estou escondendo o menino adocicado nesta crônica. Espero que você, ao contemplar sua carinha lambuzada de doce de leite, me ajude a criar um mundo maior e mais doce pra ele brincar. Temos até o sol da manhã do amanhã. Antes que a carroça retorne.

(Pablo Morenno é escritor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Pausa para meditação

SELMA COSTAMILAN

Na vida de qualquer caminhante profissional, cheia de surpresas, encantos, dificuldades e decepções, há uma imperiosa necessidade de haver alguma pausa na reflexão. E para tanto, os fatos cotidianos, de qualquer profissional, são “estímulos”, para que este assuma compromisso consigo e com a sociedade.

O slogan da fraternidade do Papa João Paulo, *A Verdade vos Libertará*, diz muito sobre o assunto. Verdade exige acomodação. Verdade exige sacrifício e espírito de luta. E isto, às vezes, não é fácil, quando se tem ainda tantos preconceitos que escravizam o profissional a compartimentos hermeticamente fechados, sem que o mesmo possa perceber a própria realidade que o cerca.

Arregimentados por estas normas, como poderia este profissional chegar à “Verdade que Liberta”, se não se engaja com solidariedade em momentos que o levam a organizar seu pensamento, com base científica, em estudo ou debate de problemas?

A neutralidade de alguns profissionais, frente à realidade de opressão de muitos, reflete apenas o MEDO de revelar seu compromisso, castrando a coragem de descondicionalizar sua consciência.

A Verdade Libertadora não percebe a realidade enclausurada em departamentos estanques, mas a vê e a capta com uma totalidade. É transformando a totalidade que se transforma as partes, e não o contrário.

Frederico Ozanan, fundador da Sociedade Vicentina, como profissional-educador, foi considerado o “Apóstolo da Verdade”. Sua vida constitui uma das páginas mais edificantes de ação construtiva, onde a Caridade foi a prova da Verdade.

Como idealista, Ozanan não se limitou a pregar renovações sociais e políticas, o que fez também com ardor, mas especialmente procurou infundir o espírito cristão, o interesse fraterno e o gosto que dá, sem humilhar, o que até hoje permanece vivo nas Conferências Vicentinas. Este exemplo de educador atuante para uma transformação, realizou tal movimento em 1842, quando ele era professor de Literatura na Universidade de Sorbone, em Paris.

Porém, o que nos surpreende é que passado quase um século e meio de vida deste “Apóstolo da Verdade”, tantos mestres e profissionais se escandalizam ainda, com atos de abertura da pessoa humana que *levam à Verdade*, sem medo.

Oportuno ao assunto a transcrição de um trecho de uma carta de um pai à professora de seu filho:

“Cara Professora:

Esta semana vamos enviar-lhe nosso filhinho.

Ele não teme coisa alguma. Seu espírito é vivo e rápido de aprender. Seu corpo é sadio, sua curiosidade sem limites, sua obstinação crescente. Há muita coisa a fazer por ele nos próximos anos. Faço votos para que as realize. Ensine-lhe a continuar sem MEDO. Nunca pronuncie essa palavra em sua frente e, talvez, ele nunca chegue a saber o que ela significa. Respeito pelo perigo, precaução e cuidado, sim, mas MEDO, não.

Ele já tem uma idéia de Deus e já conhece o amor. Os dois são sinônimos em seu pensamento. Alimente as brasas, sobre sobre elas com compreensão e carinho, para que se torne uma forte e duradoura chama.

Instrua-o nas maravilhas do Universo e na glória do trabalho de Deus.”

Na recomendação deste pai, **UMA PAUSA PARA REFLEXÃO.**

(Selma Costamilan é professora e membro titular da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Poesia

DINAIR FERNANDES PIRES

A alma em quatro estações

A natureza
As emoções
O ser humano
As canções
Vivem em quatro estações.

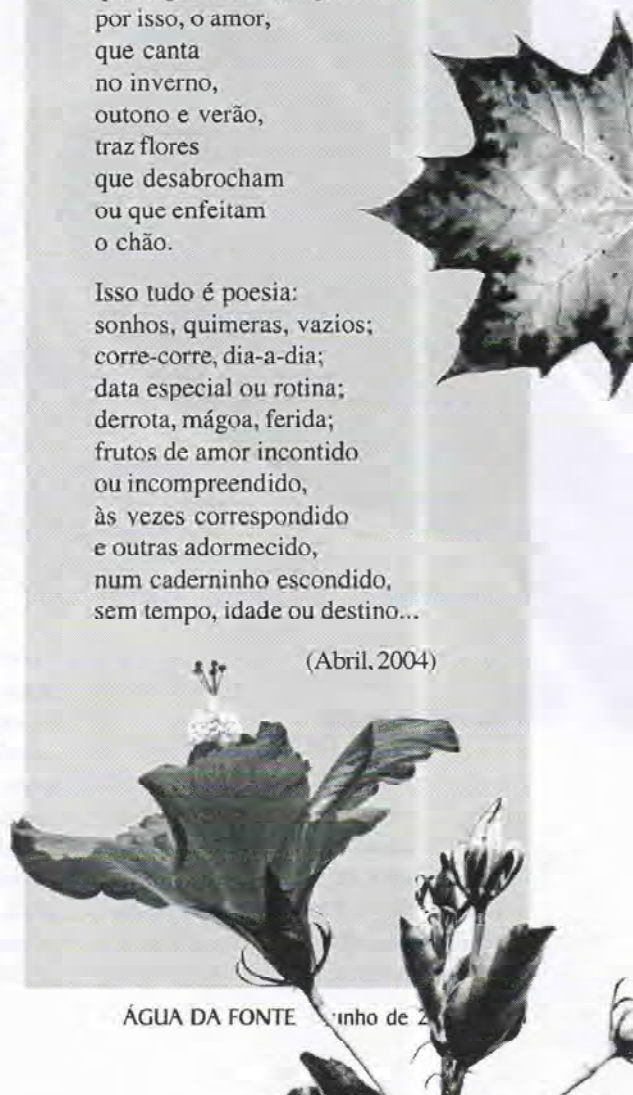
Do lamento
ao aconchego,
da chama ardente
à saudade;
o tique-taque do tempo
vibra sem piedade.

Às vezes, no mesmo dia,
outras em tempos cruzados,
sente-se o frio,
a neblina,
vento forte
e corpos suados.

Fazer versos tem compasso
que segue o do coração,
por isso, o amor,
que canta
no inverno,
outono e verão,
traz flores
que desabrocham
ou que enfeitam
o chão.

Isso tudo é poesia:
sonhos, quimeras, vazios;
corre-corre, dia-a-dia;
data especial ou rotina;
derrota, mágoa, ferida;
frutos de amor incontido
ou incompreendido,
às vezes correspondido
e outras adormecido,
num caderninho escondido,
sem tempo, idade ou destino...

(Abril. 2004)



ÁGUA DA FONTE...inho de 2

A poesia popular de Xiko Garcia

na Estética, "Filosofia das belas-artistas; ciência que trata do belo, na natureza e na arte", segundo o Aurélio.

Preso à camisa de força de um artigo jornalístico, não posso estender-me sobre o tema. Avanço, apenas algumas linhas, sobre a poesia popular, para chegar à obra poética de Francisco Melo Garcia, conhecido pelo nome literário de Xiko Garcia. É pena.

Xiko Garcia nasceu em Passo Fundo a 21 de abril

de 1945; é bacharel em Ciências Contábeis e Administrativas, pós-graduado em Arteterapia, Educação e Saúde, especificamente na área de música e poesia, e ingressou na Academia Passo-Fundense de Letras. É um de nossos poetas mais populares e mais lidos, em especial pela vinculação de seus versos à música. Do ponto de vista estético é, em sentido restrito, um poeta popular.

Embora o tema seja bastante estudado, poucos pesquisadores se debruçaram sobre aquilo que os críticos literários chamam de literatura popular. Não falo das criações anônimas, folclóricas,

mas das que, para usar expressões de Hegel, teorizando acerca da poética oriental, "não exprimem nem o sentimento nem a coisa a que ele se refere; são modos de expressão artificiais, forjados pelo poeta sob a pressão da necessidade" (Hegel, Estética, Vol. VII, Guimarães Editores, Lisboa, 1980, p. 265). Pois, o mesmo que o filósofo alemão, há mais de um século e meio, dizia da poesia oriental pode ser dito sobre a poesia popular contemporânea.

O certo é que, ao estudarmos a história da criação literária, vemos dois ramos poéticos crescendo lado a lado: um que podemos definir como "esteticamente correto" e outro que não corresponde à "filosofia do belo". Divisão que acompanha a dicotomia da linguagem culta *versus* linguagem popular.

Percorrer o assunto é mergulhar na história mesma da literatura e da cultura em língua portuguesa. E, nesse caminho, é indispensável lembrar Luís António Verney, talvez o mais importante intelectual que escreveu na língua de Camões, no século XIII. Profundo conhecedor da literatura de seu tempo e sem meias palavras pagou caro por isso. Leia-se-lhe este parágrafo, da obra publicada pela primeira vez em 1746: "Digo, pois, que o estilo dos Poetas deste seu Reino e desta sua língua pouquíssimo me agrada, porque é totalmente contrário ao que fizeram os melhores modelos da Antiguidade e ao que ensina a boa razão. A razão disto é porque os que se metem a compor não sabem que coisa é compor; onde, quando muito, são Versificadores, mas não Poetas. (...) "(Luís António Verney, Verdadeiro Método de Estudar, Volume II, Estudos Literários, Livraria Sá da Costa – Editora, Lisboa, 1950, págs. 201/202).

Verney criticava o artificialismo dos

PAULO MONTEIRO

A poesia exerce um fascínio particular sobre as pessoas. Apresenta-se como uma espécie de mistério. Não é à toa que se lhe atribui origem divina. E o peso dessas concepções míticas está, ainda hoje, presente

poetas portugueses. Lembrava (Id., p. 230/231, Nota 17) o soneto abaixo de Miguel Leitão de Andrade, publicado em 1629, mas cuja temática se perde na noite dos tempos:

*O tempo já de si me pede conta;
É necessário dar-se à conta tempo,
Que quem gastou sem conta tanto tempo,
Como dará sem tempo tanta conta?
Não quer levar o tempo tempo em conta,
Porque conta não fez de dá-la em tempo
Onde só para a conta havia tempo,
Se na conta do tempo houvesse conta.
Mas que conta dará quem não tem tempo?
Em que tempo a dará quem não tem conta,
Que quem a conta falta, falta o tempo?
Vejo-me sem ter tempo, e com ruim conta,
Sabendo que hei-de dar conta do tempo
E que se chega o tempo de dar conta.*

O tema do velho soneto lusitano passa a obra do passo-fundense Xico Garcia. E está presente em um dos seus mais conhecidos poemas, *O Tempo* (Xico Garcia, *Vivência*, Gráfica Danielli, Passo Fundo, 1998, págs. 14 e 15. Também disponível em K-7 e CD, na voz do Autor), mostrando que aquela persistência formal e temática, merecedora da insubordinação de Verney, continua mais viva do que nunca.

Hegel, quanto à poesia, afirma que “o seu princípio é, de uma maneira geral, o da espiritualidade. Mas, em vez de se servir da matéria grave, para atribuir à interioridade uma ambivalência simbólica, como a arquitetura, ou em vez de talhar na matéria real uma representação exterior e espacial do espírito, como o faz a escultura, a poesia representa o espírito para o espírito, sem dar às suas expressões uma forma visível e espacial. Por outro lado, a poesia está em condições de exprimir não só a interioridade subjectiva, mas também as particularidades da vida exterior, de uma forma muito mais completa e compreensiva do que o fazem a música e a pintura; ela é simultaneamente sintética e analítica: sintética na medida em que é capaz de reunir num único feixe os elementos da interioridade subjectiva, analítica, na medida em que é susceptível de desenvolver, justapondo-as umas às outras, as particularidades e singularidades do mundo exterior” (Hegel, Ed. Cit., p. 11).

Ora, uma característica de toda a poesia popular é que não se prende à camisa de força da Estética, mormente da “in-

terioridade subjectiva”, consequência natural da “representação do espírito para o espírito”. O poeta popular sempre tem algo a dizer, escreve “sob a pressão da necessidade”. Necessidade que tanto pode ser a de dizer alguma coisa ou de produzir uma obra vendável. No primeiro caso lembre-se os conhecidíssimos “poemas de cantar mulher”, tão comuns entre os românticos e que fazem a popularidade daquela escola, ou os romances de cordel, cantando assuntos do momento ou temas sensacionalistas, como o famoso caso da “mulher que bateu na mãe e virou cachorra”.

A linguagem do poeta popular é a do homem comum. Ainda que a temática seja regional, que o poeta cante sua aldeia, é parcimonioso no emprego das expressões regionais.

Xico Garcia é um típico exemplo de poeta popular. Toda a sua poesia transmite um recado. Insere-se dentro daquilo que a Filosofia define como senso comum, e que merece uma atenção especial dos filósofos contemporâneos. Portanto, foge à “interioridade subjectiva” e à “representação do espírito para o espírito”. Quer transmitir um recado e transmite. Faz seus os famosos versos de José Hernández, no *Martín Fierro*, (Edición de Luis Sáinz Medrano, Rei Argentina, Buenos Aires, 1980, p. 201):

*Yo he conocido cantores
que era un gusto el echuchar;
mas no quieren opinar
y se divierten cantando;
pero yo canto opinando,
que es mi modo de cantar.*

Diferentemente, porém, dos demais poetas da gauchescia, mesmo ao cantar temas regionais, é cauteloso com o emprego de regionalismos lingüísticos, como o demonstram todos os seus poemas.

Todos os estetas e críticos literários reconhecem a proximidade da poesia e da música, até porque ambas dependem da sonoridade, salvo a poesia visual. Neste particular, é sintomática a identificação da poesia popular com a música popular. E muitos poemas de Xico estão musicados. Sua poesia alcança um público maior, através da musicalização.

Para a Estética, é dogma a inferioridade literária das letras de músicas em relação aos poemas propriamente ditos. Entretanto, contribuem para a populari-

dade de seus cultivadores, como Xico Garcia.

Ao contrário do que muitos pensam, os poetas populares são, no geral, até rigorosos com seus poemas. Limam, cinzelam, sem dó nem piedade. Uma simples leitura mais atenta dos poemas de nosso poeta pode comprovar essa assertiva. Um dos mais recentes é intitulado *Se Achando Muito Machona*. A primeira variante do poema era em quadras, começando assim:

*Quanto a mim tem quem duvida,
Vem outro que me questiona,
Mas eu vou levando a vida,
Sei que Deus não me abandona.*

*Sempre pagando a passagem,
Não seu de arranjar carona,
Mas muitos viajam de avião.
O povo pobre que abona.*

O texto (por enquanto) definitivo é o seguinte:

*Quanto a mim tem quem duvida
Vem outro que me questiona...
Mas eu vou levando a vida
Sei que Deus não me abandona.
Sempre pagando a passagem
Não sei arranjar carona...
Mas muitos viajam de avião
É o pobre povo que abona...
Terra e mãe de filho andeja
Qualquer um chega e se “adona”...*

Como vemos, as quadras de um esquema rimático livre, embora mantendo os tradicionais ABAB e ABCB, pelo acréscimo de dísticos, se transformam em décimas. Estas fogem à rima tradicional ABBCCDDEED.

Insubmissos aos padrões da Estética, os poetas populares, muitas vezes, desconsideram as regras da Versificação. Esta característica se acentua entre os versificadores contemporâneos.

Ainda que considerada sublitteratura pelos eruditos, a poesia popular é uma realidade histórica, muito mais ampla do que se possa imaginar. Sua popularidade abafa o ranço elitista impregnado em certos tipos de críticos e estetas.

(Paulo Monteiro pertence à Academia Passo-Fundense de Letras e à Academia Literária Gaúcha.)

Ode aos 150 anos de Passo Fundo

CANTO PRIMEIRO

Passo Fundo, minha terra,
Meu orgulho varonil,
Estrela deste Brasil,
Quero apresentar sua gente
Que brilha intensamente,
Debaixo do céu de anil.

Terra de gente virtuosa,
De mulheres e homens valentes,
Que germinaram a semente,
De nossos antepassados,
Na luta foram forjados,
Para defender este continente.

Pelejaram no Paraguai, Farroupilha e 93,
Muitos tombaram d'amor a um ideal,
Houve perda capital,
Pra honra sobreviver,
Mortandade de comover,
Foi notícia de jornal.

Destacaram-se muitos combatentes,
Tornando-se difícil enumerar,
Podemos nominar:
Prestes Guimarães, Annes e o Barão,
Uma luta entre irmãos,
Conflito sem hora pra acabar.

Depois chegou a paz,
Pra construção de Passo Fundo,
Progresso e um novo mundo,
Começaram a surgir,
Novo horizonte a se abrir,
Um milagre profundo!

Dois jornais na cidade,
Um era O Nacional,
Verdadeiro memorial,
Que defendia opinião,
Veio o Diário da Manhã, o co-irmão,
Tão forte como um farol.

Duas opiniões, duas posições,
O azeite e vinho,
Dividiam carinho
Dos leitores fiéis,
Duas mãos - dois anéis,
Forjados em rocha - não no pinho.

D'um lado Múcio de Castro,
Hábil, político e jornalista,
Sem jamais baixar a crista,
Morria por suas convicções,
N'O Nacional escrevia suas considerações,
Um autêntico ativista!

No Diário da Manhã,
Túlio Fontoura um paredão,
Inteligente, combativo, na verdade um leão,
Defendia o que acreditava,
Não ficava na defesa, ele também atacava,
Era bom na pena, no revólver e no facão.

Duas vertentes, dois marcos,
Legados de herança definida,
Já se foram dessa vida,
Restaram seus ensinamentos,
Dois jornais, dois portentos,
Neles nossa história é conhecida.

E a Rádio Passo Fundo,
Do José Lamaion e do Maurício,
Esses patrícos
Eram os comunicadores,
Depois o Sirotsky passou pra Gildo Flores,
Vozes que profetizaram o futuro, nesse início.

A missa na Catedral,
Encontrava-se ali o filho de Maria e José,
Faziam vários quilômetros a pé,
Pra ouvir o Padre Jacques declamar o sermão:
"A carne é fraca, meu irmão",
Salvação é Deus, cada qual com sua fé.

Assim era pregada a palavra do Senhor,
Padre Jacó se destaca, entre todos os religiosos,
Os párocos continuam saudosos,
Da retórica e da liturgia,
A confissão e a sacristia,
Igualava perante o Salvador - fracos e poderosos.

A bolsa de valores era o Café Elite,
Havia mais três pontos de concentração,
Reuniam-se políticos e oportunidades,
numa só decisão,
Quinto Giongo, na Farmácia Indiana,
Ali homens de fama,
Em mescla de conversa e opinião.

Na manhã no Túlio Fontoura,
A noite já era outro lugar,
Sempre a se encontrar,
Com Múcio de Castro na redação,
Cada úlsque uma inspiração,
Encontro de idéias para perpetuar.

No Oásis - tradição cinquentenária,
Lá existe a "Mesa Um", a confraria,
Turma reunida após o meio-dia,
O contra-ponto está na clientela do Paris,
Dárcio, Dunga e Gilson Graziottin dão a diretriz,
Na manhã de sábado um entrevero de alegria.

Passo Fundo, minha terra,
Berço artístico de Teixeira,
Cidade que foi sua madrinha,
E ele tanto divulgou,
Povo que amou,
Fazendo essa querência rainha.

"Terra de gaúcho forte,
Lugar de mulher bonita",
Enfeitaste com uma fita,
A poesia pampeana,
Como mel de lichiguana,
Música que adotou nossa vida.

Viva Teixeira,
Hoje é nosso sesquicentenário,
Comemoramos contigo no santuário,
Na lembrança e saudade,
Tu foste a Verdade,
Rouxinol desse campanário!

Deixou seu filho como herdeiro,
Também houve outros agregados,
Osvaldir & Carlos Magrão, artistas consagrados,
Teixeirinha, cantam,
Sem esquecer que reinventam
Esse tesouro musical imortalizado.

Foram muitos os intelectuais,
Jorge Cafruni, Delma Ghem,
Tantos, tantos, mais alguém?
Antonino Xavier de Oliveira,
De escritores de carreira,
Contando o passado e o além.

Pedro Ari Veríssimo da Fonseca,
Osvandré Lech, Paulo Monteiro e
Welci Nascimento,
Que escreveram o momento,
De cada partitura de nossa história
Registrando a glória,
Em cada acontecimento.

Irineu Gehlen, Meirelles Duarte, Juarez Azevedo,
Membros de nossa Academia,
Recordando cada dia,
Acadêmicos do passado,
Arthur Ferreira Filho, um nome destacado,
Que escreveu nossa história e a geografia.

E as meninas da Academia?
Não posso esquecer!
Elas são o sobreviver
D'uma grande imandade,
Jurema, Santina e Helena - realidade,
Carolina, Dilse e Elizabeth - poema de sorver!

E o Papa da Medicina, nosso Sabino Arias,
Que milagre realizava?
Com o bisturi se aproximava,
Para salvar seu paciente,
Servia a todos, até indigente,
Um mito que sua profissão honrava!

E na advocacia, verdadeiros tribunos,
Celso Fiori, Verdi e Galves, o notável,
Jurisconsulto com defesa implacável,
O Nelson Silva sempre lembrado,
Advogado e professor respeitado,
Com sede de saber, invejável!

"Não existe trabalho,
Existe construção!"
Foi com suor no rosto e calo na mão,
Erigida nossa comunidade,
Na pura hospitalidade,
Do povo e da gente deste rincão.

Intelectuais, peões,
 Patrões e administradores.
 Verdadeiros construtores,
 Que bravas gerações nos passaram,
 Cada pedaço dessa terra consolidaram,
 A homenagem a esses precursores.

Passo Fundo, minha terra,
 Foram tantos os seus obreiros,
 Fagundes dos Reis, o primeiro,
 Muita gente de valor,
 Eu poetizo teu esplendor,
 Desse passado sou meeiro!

As casas de alvenaria,
 Maggi De Cesaro, Ricci, empreendedores,
 Não tinham diplomas, mas de fato mentores,
 Os Verardis eram empreiteiros,
 Ao lado de Brasiliano Bandeira - pedreiro,
 Da geografia arquitetônica tornaram-se feitores.

A primeira rodoviária do Estado,
 Fredolim Paim, seu arquiteto,
 O Delegado deu a permissão, sem veto,
 Perto da praça começou a funcionar,
 Esquina da Independência, os ônibus a estacionar,
 Prédio do Dr. Jovino, na Avenida Gal. Neto.

Quem não se lembra da caieira?
 No fim da Canabarro, o branco era o vestígio,
 A indústria da cal era prodígio,
 Perto dos trilhos da rede ferroviária,
 Os veículos vinham pelo Hotel Glória,
 O gerente era um tal de Elpidio.

Passo Fundo das luzes da ribalta,
 Da Quinze, da Maroca e do Cassino,
 Que com o mesmo destino,
 A Tia Carula, o Ladrão de Moça e o Flores,
 Onde os ébrios afogavam suas dores,
 Na bailanta - o tango era hino.

A beleza e importância da Cacimba,
 Sua boate e ambiente, para três gerações,
 Servindo o pai, filho e neto, muitas emoções!
 Sem falar no serviço do restaurante,
 De toda a parte vinha gente,
 Uma só noite, quatro estações!

Um local jamais podemos esquecer
 Por sua fama Internacional,
 Que o torna passional,
 Já que o Edu é do Grêmio!
 Mas o Boka realmente é um prêmio,
 O cardápio: Xis, o filé e a sopa sensacional!

Prefeitos, Daniel Dipp e Wolmar Salton,
 César Santos na parceria,
 Este criando com alegria,
 A nossa universidade,
 Fazendo de nossa cidade,
 O terceiro pólo cultural que nascia.

A primeira faculdade foi nossa academia,
 Nasceu a Escola de Direito,
 O plano foi perfeito,
 Executado pelo bravo Reyssoli dos Santos,
 Depois, a Agronomia erguida em pleno campus,
 Primeiro prédio a ser construído ali, a seu jeito.

Orgulho de todos nós,
 Elevou nosso conceito,
 Povo culto e de respeito,
 Gratos a nossa casa de ensino,
 Foi esse mesmo mimo,
 Troféu que ganhamos nesse pleito.

Depois veio Edu Azambuja,
 Que colocou o município no trilho,
 Modificou o estíbilho,
 E a maneira de administrar,
 Foi o marco salutar,
 Junto com Juarez Paulo Zillo.

Prefeito Edu - na Câmara, os Três Mosqueteiros,
 Corralo, Pithan e o poeta signatário,
 Aprovaram nova casa pro mandatário,
 Assumiram a responsabilidade,
 Construindo o Legislativo e a Prefeitura sem alarde,
 Assim era a maneira de governar do Comissário.

Antes tivemos a valorização da terra,
 Quando Mario Goelzer o trigo introduziu,
 O cereal se expandiu,
 Nesse pedaço de chão,
 Pra agricultura foi solução,
 Ouro que o solo pariu!

O comércio, a madeira,
 O serviço hospitalar,
 Não tem como igualar.
 Não existe n'outra comunidade,
 Passo Fundo é referencial e raridade,
 Nesse setor ninguém vai nos suplantar.

A indústria é efêvera,
 Somos bons na hotelaria,
 Uma praça onde a maioria
 Vem de longe se hospedar,
 Esse setor vai se consagrar,
 Com os Klaus na parceria.

Temos também o Pulador,
 O resgate da batalha,
 Superando qualquer falha,
 A encenação é sucesso,
 Por tudo que anda impresso,
 A degola é com faca, facão, não navalha.

E a saga da Revolução de 93,
 No Pulador a maior Batalha do Brasil,
 O Cavaleiro do Mercosul deu de mão no fuzil
 E foi representar,
 Por isso quero registrar
 Esse gesto patriótico e varonil.

Mas foi em 64, que o governador Meneghetti,
 Em plena revolução, falou pé no fundo,
 O motorista, conhecido por Raimundo,
 Entendeu que era Passo Fundo,
 vindo pra esse rincão,
 Instalou aqui o governo, todos em prontidão!
 O 3º RPMont assim foi Palácio,
 na "Capital do Mundo".

Hoje, em dois mil e sete,
 Comemoramos nosso sesquicentenário,
 Tiramos os heróis do armário,
 Para cantar nossa gente
 O que vai à mente,
 Em nosso aniversário.

Festa decretou o Prefeito Dipp,
 Com o Corralo pra comandar,
 Primeira atividade a se realizar,
 Foi nosso Rodeio Internacional,
 De fato o sucesso foi total,
 E, no decorrer do ano, temos muito que festejar.

O programa é extenso,
 Com festa barbandade,
 Pois irá deixar saudade,
 Pra aqueles que viveram,
 E também aconteceram
 Canto de emoção d'um momento pra eternidade!

Minha amada Passo Fundo,
 Somos filhos gratos,
 Resumimos como podemos os fatos;
 Que consolidaram tua liderança,
 Não existe semelhança,
 No sucesso do teu novo retrato.



CANTO SEGUNDO

Passo Fundo minha terra,
Minha paz, minha vertente,
Aqui não há cor nem religião, todos são gente,
No mesmo palco, vence quem mais se dedica,
Matar dois leões por dia, a vitória se explica!
Mas é ilusão, o sucesso não é permanente.

Na era da comunicação,
Temos Uirapuru e Planalto,
Que destacam o ponto alto
De nossa comunidade,
Elas contribuem sem vaidade,
Pra cidade que eu ressaltou!

A Rádio Diário da Manhã,
Na indústria, a Semeato,
Ela sofre o impacto,
Do abandono da agricultura,
Nego bom não se mistura,
Nesse governo, o agronegócio foi pro mato...

Havia os atrevidos, lá pelos anos 70,
Freitag, Ivaldino e Santarém,
Escreviam como convém,
Em colunas de jornais,
Sempre foram profissionais,
Faziam de sua vítima refém.

Atacam em bloco, comandando seu espaço,
Lembro de uma passagem,
Usaram da mesma linguagem
O alvo foi um vereador,
Buscaram material no bastidor,
Pois o pedido dele abalou sua imagem.

Com a força de seus argumentos,
O candidato renunciou,
Na Câmara de Vereadores terminou,
Em um só dia - sua presidência,
Ele calu sem clemência,
Cargo que após o Lourenço galgou.

Temos nossos educandários,
IE, Conceição, Notre Dame e Bom Conselho.
São os espelhos,
De nossa formação,
Deram cartas na região,
Deixando a ignorância no vermelho.



Tem também o EENAV,
A Maria Fialho educadora,
Ela sempre foi doutora,
Ao lado do Irmão Gelásio,
Lecionavam no primário e no ginásio,
Com Schisler, uma equipe vencedora.

E as parteiras da cidade,
Vera, Pina Batisti, Bonella,
A Nativa (Pequena) Paim e a Stala,
Trouxeram gente ao mundo,
Dizem que até Pedro Raimundo
Deixou o umbigo em nossa capela...

E as figuras folclóricas,
Que por aqui viveram,
Alguns até conheceram,
Bispeto, Chico do Salame, Maria Queixuda,
Guarda Pery, Lurdes do Talho, Latado,
com cara sisuda,
Alguns lhes queriam bem,
mas no abandono morreram...

Conhecemos um certo Capitão,
Usava terno branco de linho,
Dois revólveres, adaga e um santinho,
Policia de muita coragem,
Combateu a pistolagem,
Prendia uma quadrilha sozinho.

Chamava-se Serafim de Mello,
Ao ouvir seu nome, as crianças dormiam,
Era medo mesmo, não era por canino.
Ele era firme e muito forte,
Depois de uma semana de sua morte,
Buscou sua amada
e na eternidade arrumou o ninho.

O primeiro supermercado foi o Rebechi,
Ali na Sete de Setembro,
Até hoje me lembro,
Onde estava instalada a fábrica de prego,
Afirmo e jamais niego,
Era um belo empreendimento!

No prédio onde reside o Osvaldo Gomes,
Havia uma casa comercial diferente,
Distribuíam fichas entre as clientes,
Na medida da chegada eram atendidas,
Por João Café, sempre de tamarco em suas lidas,
Cachorro não entra! - Escrito numa placa na frente!

A indústria de peso era a Braham,
Roberto Schann era diretor,
Na cerveja a população degustava seu sabor,
Havia centenas de empregados,
Naquele recinto se comemorava
a festa dos advogados,
Onde compareciam todos,
acadêmicos, juiz e promotor.

Passo Fundo chegou a ter três empresas aéreas,
A Savag, a Real Aerovias
E a Varig transportavam passageiros todos os dias.
Recentemente tivemos o Boeing, o avião,
Precedeu o Douglas e o Brasília
de menor expressão,
Voavam alto sob o Sol,
o Cruzeiro do Sul e as Três Marias!



Havia a Reunidas da Serra,
Avelino Andreis juntou com a Sulina,
Criando a UNESUL, assim se cumpriu a sina,
Unindo P. Fundo com a UNETRAL
dos botas amarelas,
Pintaram os ônibus de laranja e aquarelas,
Começou a ganhar dinheiro, uma verdadeira minal!

Em nosso município a colonização,
Todas as raças presentes,
Aqui cada um vivia contente:
Alemães, árabes, portugueses,
italianos e espanhóis,
Gringos, pretos e brancos, sob os mesmos sóis,
Numa mescla, de seres inteligentes...

Os Viuniskis, Schwartzmann, Sirostki e Freitag,
Os primos:
Estacia, Buaes, Dadias, Santos e os italianos,
Tagliari, Battisti, Bordinon e, no mesmo plano,
Os alemães, Sudbrak, Kielling, Matzembacher,
uma geração.
Os africanos, Isaías, e os índios
numa miscigenação,
Surgiu uma nova raça com mente e "corpore sano".

E o acordeonista Dino Bertoglio,
Animou baile e festa elegante,
Numa aparição constante,
Era volúpia da razão,
Saudável diversão,
Num embalo do corpo, música e mente.

Maestro Jacques, Herminio,
Mercedes e Alfredinho,
Era o piano, violino e o acordeão,
Prelúdio de som,
Impregnando o ouvido,
O Amarelinho desativado, o Maracanã demolido,
Nas recordações da rua Morom.

Antes, no Maracanã, a música alta
lá até a madrugada,
A paciência do Dr. Fiori esgotada,
Deu um tiro de rifle na direção,
Foi aquela confusão,
Ele transferiu a ação a Dom Cláudio, que mancada!

O primeiro dos primeiros, foi o Lalau Miranda,
Nosso mais antigo Centro de Tradição,
Preserva com elevada dedicação
A história cultural de nosso pago,
É como a pedir um trago,
Nas bandas do Boqueirão.

E a reunião dançante no Caixerai?
Um momento muito esperado,
Como encontro marcado,
Durava duas horas no domingo,
Não tinha prorrogação, nem choramingo,
O fandango, à meia noite, era fechado.

Nossa eterna rainha Iara Lucas,
Muitos amores só uma paixão.
Incendiando cada coração.
Teve muitos namorados,
Parece que houve mancebia e noivado,
Por todos amada além da razão...



O Rossi do cinema e da Jussara,
Queria "ficar" com Iara, começou a confusão,
Mas ela amava Bule Annoni com toda a devoção.
Quando soube do assédio,
O namorado derrubou o Rossi e o prédio,
A tal cantada virou em tamanha agressão!

Quem não conheceu Célio Barbosa?
Um maestro sem igual,
No sax era genial,
Sempre cheio de mulher,
Sem fazer o que ela quer,
Era um namorador fenomenal.

Lembro de uma de suas amadas,
Que enquanto Célio tocava, na frente do Caixaeral,
Ela numa atitude anormal,
Retirou toda a sua roupa,
Ficou nua em pêlo, restando nem a touca.
"Ser" movido por paixão, aparece o lado animal!

O primeiro refrigerante desse tipo,
Que chegou em nosso verão,
A Cola foi a sensação,
Geração Coca-Cola foi criada,
Meninas bonitas foram iniciadas,
Eram conhecidas por esse bordão.

E a zona do 14,
Muitas casas, muita luz,
Assim que se traduz,
Um fusca verde-oliva de presente,
Fez um causídico contente,
Assim que uma loura veterana seduz!

Nessa praça havia incendiários,
Empresários respeitados,
Fizeram fortunas com os queimados,
Dos seus próprios estabelecimentos,
Botando fogo em diversos momentos,
Aumentando em milhões seus trocados.

De um lado, o Café Elite, no outro o Sonora,
Na avenida Gal. Neto, junto à praça,
Homens sentados, mulheres desfilando com graça,
O fim de semana ficava na lembrança,
O footing indicava a presença,
Os varões junto às mesas,
enquanto a moça passa...

Havia o 14 de Julho, que hoje é o Passo Fundo,
Sua catedral era o Vermelhão da Serra,
Na cor de sangue que encerra,
De outro lado o Gaúcho,
Do estádio Wolmar Salton, um luxo,
Cada jogo uma guerra!

No verde - Vete, Barão, Sachett, Branco e Pontes,
No vermelho, o Pupe, Hugo Loss e o Santarém,
O clássico era disputado como convém,
Não jogavam as brincas, era tudo as deva,
A rivalidade que se corteja,
O pau comia, não se livrava ninguém!

A Marlene, o Iray e Ivo Paim,
Primeiro grupo musical tradicionalista,
Colocaram a melodia em pista,
Em shows e no rádio foram aplaudidos,
Na música gaúcha eram reconhecidos,
No folclore, O número um da lista.

Dinho e João Pereira, maiores da Chula,
No Rio Grande eram campeões,
Dançavam como gaviões,
O Lalau Miranda representavam
Com os pés eles musicavam,
Taco a taco suas evoluções.

A Churrascaria Gaúcha, do Tasca e do Magro,
O galeto Patussi e do Geremias,
Entre os garçons tinha o Farias,
A região saboreava cada refeição servida,
Foi uma geração bem nutrida,
De poupurri de carnes macias!

Miss Objetiva Internacional, Carmem Luca,
Lá pelos idos do faz tempo,
A beleza era complemento,
Esta morena esguia,
Com um corpo de guri,
Foi a rainha do evento!

Os vestidos, como hoje, eram bordados,
Antes de surgir o Adhemir,
Elegância feminina se fazia sentir,
Pela modista Dozolina, na Battisti e n' A Moda,
Essas lojas, para todas afamadas,
Mulheres faziam gosto de ali se vestir.

O Delorges Caminha,
Nosso grupo teatral,
Paulo Giongo, Walter Portela, e Jane Pimentel,
Pedro Balalaica,
"As Mãos de Eurídice" representandó,
Esse grupo monumental se consagrando,
Artistas no palco,
como taças de champagne em coquetel...

Na crônica social da cidade,
Horácio César - o pioneiro,
Das festas era olheiro,
Nos jornais as socialites desfilavam,
Mulheres lindas se destacavam,
Comentários eram discretos, sem ser alcoviteiro.

Velo o Décio Ilha,
Sagaz, inteligente, de cerebrinas historinhas,
Em prosa cantava, desde as Rosas às Joaninhas,
Destacava as mais e os mais elegantes,
Com comentários insinuantes,
Com charme descrevia as Dejas e as Marcinhas...

E as clínicas de beleza unissex?
O Laney Lângaro e o Zeca inauguraram,
Homens e mulheres embelezaram,
Plantaram uma outra cultura,
Os "barbeiros" e as "cumpridas", velha estrutura,
Na modernidade, novos métodos os tragaram.

Hoje muita colsa mudou,
Santuários de beleza apareceram.
Eloá, o Mano, o Adelar e o Ivan se estabeleceram,
Modificando o penteado e a fômosura feminina,
Transformando o visual em uma raridade felina,
Maneira em que a dama
e o colfure se conheceram.

Hoje muitas praças e logradouros,
Onde foram erigidos monumentos,
Cada um deles traduzem acontecimentos,
Por essas idéias, o Aldo Alessandri é responsável,
Romano de uma fé inquebrantável,
Em bibliotecas abertas,
imortalizando conhecimentos.

Termo esse colóquio,
Cantando a minha cidade,
Procurei nessa verdade,
Encerrar o Canto Segundo,
Eu sou o Passo Fundo,
Rio que é minha Saudade!

(Jabs Paim Bandeira é advogado e pertence à Academia Passo-Fundense de Letras.)



A educação do sentimento

GETULIO VARGAS ZAUZA

Hoje pela manhã fiz algo que não costumo fazer. Após o café, resolvi deitar-me um pouco. Enquanto relaxava, veio-me à consciência o tema acima. Então lembrei-me do meu amigo, Dr. Aventino Agostini, e de seu livro *Para Além dos Répteis*.

O Dr. Aventino é um eminente patologista e, como todo médico, recebeu uma formação orientada segundo a aspecção filosófica de mundo materialista. Por consequência, sua concepção evolucionista e em especial do ser humano é materialista, a qual faz tudo depender de constituição anatômica e de correspondentes processos bio-físico-químicos. Mas o mais interessante e paradoxal em sua personalidade e concepção é que ele é um idealista, mas não no sentido da filosofia idealista, mas sim no de que vive um ideal de realização que diz respeito à necessidade de educar a vida de sentimento no seu aspecto supremo, o AMOR. Portanto, empenha-se com o valor mais elevado da alma humana. E aí está o paradoxal de sua personalidade: um materialista que se ocupa com as questões da alma. E assim sendo acaba caindo na dicotomia corpo-alma, ou matéria-espírito, ou seja, no idealismo.

O Dr. Aventino e eu temos, portanto, dois aspectos em comum. Ele tem formação de ciência de natureza e se interessa por questões da alma. Eu tenho a mesma formação básica biológica, tendo exercido por dez anos a docência de Fisiologia Vegetal na PUC/RS, e formação psicológica, com 42 anos de exercício da psicoterapia analítica, portanto, lidando sempre com a alma, sendo que, desde meus 22 anos, estou em contato

com a Psicanálise, tendo já nessa época aplicado suas técnicas como auto-análise.

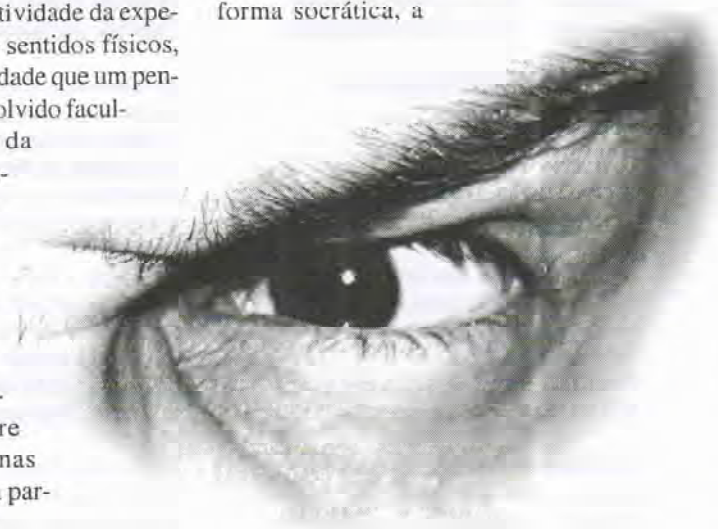
Uma diferença, no entanto, existe entre nós. É que, apesar de eu nunca ter adotado qualquer orientação religiosa, creio que ele também, seguiu por autodeterminação um caminho eclético, ou talvez, melhor dito, um que me possibilitasse uma visão universal, que valorizasse tanto o conhecimento da ciência de natureza com sua objetividade da experiência facultada pelos sentidos físicos, como a mesma objetividade que um pensar plenamente desenvolvido facultava, tanto às ciências da Alma, do Espírito, e ainda a segurança na emissão dos juízos que realmente correspondam à verdade das conexões dos fenômenos entre si. Assim tornei-me um pensador que busca sobre tudo a objetividade nas questões do Espírito, a partir do próprio Pensar.

Como psicólogo clínico, trabalhando com a vida de sentimentos, percebi o quanto a pessoa pode estar sujeita a graves enganos, a respeito dos juízos que faz sobre os seus próprios e dos demais. Dessa percepção afora reconheci a necessidade da participação do Pensar na reconhecença do acerto ou equívoco, tanto do juízo a respeito de si mesmo, bem como dos outros, e mesmo de qualquer coisa. Então, por não ter encontrado es-

tudo que descrevesse como se processa o nosso modo de pensar, resolvi, a partir de auto-observação, isto é, da experimentação na própria consciência, descrever o seu processo, resultando num trabalho intitulado *A Fenomenologia do atual hábito de pensar* (Revista Água da Fonte, ano 1, n.º 2, da Academia Passo-Fundense de Letras, 2004), no qual é mostrado, passo a passo, o processo mental e ainda, na forma socrática, a

falibilidade do mesmo, porque ele está contaminado pela subjetividade dos sentimentos, quando a psicoterapia, para ser realmente eficaz, necessita do máximo possível de objetividade, uma vez que se trata de que o paciente realize não só a libertação dos conflitos, mas também desenvolva, pelo menos até certo ponto, a capacidade de reconhecer verdades e transformar hábitos doentios.

Até aqui o leitor poderá estar acreditando que estou julgando o sentimento em si como algo mau que não devêssemos possuir. É evidente que não é o caso. Nossa vida d'alma está dotada de três faculdades fundamentais: 1) O Querer ou Vontade, ou seja, a





tural, por exemplo da televisão, do cinema e do rádio, sem qualquer conteúdo edificante. É preciso desenvolver o gosto pela boa leitura; que a família conviva realmente, converse sobre valores humanos; que cada um desenvolva a capacidade perdida de ouvir o outro, procurando compreender o que se processa em sua alma, quais sentimentos, quais dramas íntimos está vivendo.

força que necessitamos mobilizar para a prática de qualquer ato deliberado e consciente, inclusive pensar; 2) O Sentir, faculdade sobre a qual temos apenas o poder de direcionar, executar ou não certos impulsos, ou atenuar a força de certos sentimentos, mas nunca de produzir um sentimento; 3) O Pensar, que podemos exercer ou não se assim o desejamos, ou seja, se expervivemos, sentimos a necessidade para tal. Aqui fica evidente a importância da vida de sentimentos, pois é por ela que podemos entrar numa relação subjetiva, pessoal, com o mundo, inclusive conosco mesmos, enquanto somos uma parte dele, tanto quanto qualquer outro objeto.

É, por conseguinte, pelo sentimento, percebido pelo nosso EU (Pensar) como necessidade, desejo, aspiração, que chegamos à formação de um ideal nobre. É assim que, através da vida do sentimento (Sentir), surge o desejo, o Eu (Pensar) percebe-o e ativa a força (O Querer ou Vontade) que permite a realização do ato voluntário.

Compreende-se facilmente, do acima exposto, a necessidade da educação do sentimento, para que o ser humano desenvolva sentimentos cada vez mais sublimes e deseje elevar-se cada vez mais cultural e espiritualmente. Assim sendo, é necessário que todos aqueles que participam da educação, professores e pais particularmente, mas também toda a sociedade, primem pelos valores estéticos, considerando estético aquilo que contém reunidas no mesmo ser, as qualidades do Belo, do Bom e da Verdade.

Um esforço deveria ser feito por todos, primeiramente pelos adultos, no sentido da auto-educação, buscando arrancar-se da mesmice da escória dita cul-

Não será por meio de sermões ou pregação que se conseguirá despertar sentimentos nobres e sublimes nas crianças e nos jovens. Somente pela prática da convivência amorosa cotidiana as almas serão impregnadas e estimuladas a desenvolverem as qualidades necessárias para uma vida digna da condição, destinação e missão da humanidade: a participação na obra do Criador. É absolutamente imprescindível que se comece a reversão da desgraça que vem acontecendo: a humanidade, ao invés de estar aprimorando a sua sensibilidade, a acuidade perceptiva, tornando-se capaz de fruir prazeres gerados por estímulos mais sutis, delicados, está se tornando cada vez mais insensível, tanto nos sentimentos como nas sensações, precisando de estímulos cada vez mais intensos, grosseiros e vulgares para alçar alguma sensação de prazer. As pessoas estão se tornando cada vez mais rudes, insensíveis e desrespeitosas com relação a tudo e a todos. As famílias não convivem mais, ninguém ouve ninguém. Quando muito ficam amontoadas em frente a um televisor. O virtual passou a ser considerado mais importante que o real. Quando uma criança quer revelar algo de sua alma ou pedir uma explicação, os adultos mandam calar a boca, porque está atrapalhando a atenção ao que se passa na tela.

Ninguém se dá conta de que talvez aquela pergunta, ou a revelação daquela alma infantil, poderá ser algo determinante da direção que aquela vida tomará no futuro, decidindo sobre a sua felicidade ou infelicidade, pois aquele momento é único e nunca mais acontecerá.

(Getulio Vargas Zauza é psicólogo-clínico e pertence à Academia Passo-Fundense de Letras.)

Poesia

DINAIR FERNANDES PIRES

Mistério

Ser gente
é ser mistério.

Corpo forte,
coração vibrante,
mente brilhante.
Num zás...
Corpo quebrado,
coração apertado,
mente confusa.

Ser gente
é ser mistério.

Anjo luminoso,
suavidade, ternura,
mão amiga, doçura.
Num sopro...
Dentes cerrados,
unhas afiadas,
olhos em "laser".

Ser gente
é ser mistério.

Amante sensual,
mãe extremosa,
porto seguro.
Num despertar...
Guerreira voraz,
pé firme no chão,
toma a decisão.

Entre a mente tagarela
e o coração traiçoeiro,
a bondade angelical
e o demônio infernal,
o lado feminino
a brigar com o masculino,
cresce o mistério.

Uma vida só
será capaz de decifrá-lo?

(Julho, 2004)



Uma questão de saúde pública e educação



LUÍS MARCELO ALGARVE

Sou passo-fundense. Resido em Porto Alegre há alguns anos. Acompanho diariamente as notícias da minha querida cidade de Passo Fundo por meio da edição *online* do jornal "O Nacional", tendo em vista a minha constante necessidade de saber o que está acontecendo na minha terra. Navegando pelas diversas páginas do referido periódico, observei, na edição do dia 02/12/2006, a opinião do Sr. Maurício Ramires, Juiz de Direito, a respeito do cigarro. O título do escrito é: *Sobre a má-fé e cigarros* (disponível no site <http://www.onacional.com.br>)

Ao longo da minha vida, sempre proclamei a máxima de Voltaire: "Não concordo com o que dizes, mas defendo até a morte o direito de o dizeres". Entretanto, ao ler a opinião do Sr. Ramires sobre o cigarro e sobre outros temas aborda-

dos em sua coluna, devo admitir, tive vontade de profanar Voltaire e, nesse caso, especificamente, revisitar a célebre frase desse grande pensador iluminista francês, dizendo: "Não concordo com o que dizes, mas defendo até a morte o direito de o dizeres", desde que as tuas palavras não prestem um desserviço à evolução do ser humano.

Começemos pela, no mínimo, desrespeitosa, para não dizer desastrosa, opinião sobre a prática médica da acupuntura, especialidade essa reconhecida pelo Conselho Federal de Medicina e pela Associação Médica Brasileira. Nunca consultei um médico acupunturista, não tenho amigos acupunturistas e sequer conheço aprofundadamente essa especialidade médica, mas, seguramente, comparar as suas técnicas de tratamento de saúde com a funcionabilidade de um automóvel não é uma atitude sensata. Pelo contrário, denota um total desconhecimento e desdém em relação à

mencionada ciência médica. Não se podem admitir, no limiar do século XXI, ataques gratuitos a assuntos que não conhecemos, mesmo que seja para sustentar uma opinião.

Também me causou espanto a seguinte afirmação do Sr. Ramires: "Entre as conclusões da ciência médica e as da minha ciência – a jurídica – eu fico com a segunda. Juristas entendem mais de picaretagem do que médicos". Vê-se, com a afirmação retro, que a conclusão do Sr. Ramires foi baseada no critério da "picaretagem", ou seja, de quem é mais ou menos "picareta" (médicos ou juristas?). Só posso lamentar a ocorrência dessa afirmação e, ao mesmo tempo, expressar a minha absoluta indignação com esse tipo de rótulo empregado tanto à classe médica quanto à classe dos juristas. Médicos que são os responsáveis pela saúde dos seres humanos, médicos que, na sua grande maioria, são a extensão das mãos de Deus na Terra, pois se esmeram em conter as aflições físicas e psíquicas dos seres humanos. Por outro lado, juristas que são os construtores do Direito, pessoas que colaboram para com a pacificação da sociedade através dos seus estudos, objetivando uma vida em sociedade melhor para todos.

Com relação aos prejuízos causados pelo cigarro, além das importantes classes médicas, que diagnosticam competentemente os efeitos danosos do consumo de cigarros, há também outras importantes entidades que afirmam que fumantes ativos e fumantes de "segunda mão" estão condenados a desenvolverem sérios problemas de saúde a médio ou longo prazo, tais como: Organização Mundial da Saúde, Ministério da Saúde do Brasil, Conselho Federal de Medicina, Associação Médica Brasileira, Associação Médica do Rio Grande do Sul, etc. As doenças frequentemente diagnosticadas em pessoas que convivem com o cigarro, seja ativa ou passivamente, são: câncer de boca, laringe, faringe, esôfago, pâncreas, rim, bexiga, próstata e colo de útero, além de doenças cerebrovasculares (derrame cerebral), doenças pulmonares (bronquite e enfisema) e doenças coronarianas (angina e infarto do miocárdio). Isso sem falar no mau hálito e na dentição amarelada, características típicas do fumante ativo.

É por tudo isso que os 192 países integrantes da Organização Mundial da Saúde (OMS) aprovaram, em 21 de maio de 2003, um tratado mundial antitabaco

cujo objetivo é reduzir o número de mortes relacionadas ao produto, estimado hoje em cerca de cinco milhões de vidas perdidas por ano no mundo. Dentre os principais pontos do tratado antitabaco estão: "(a) o tratado reconhece que o consumo e a exposição à fumaça do tabaco causam morte, doenças e incapacidade física, (b) denuncia que os cigarros são desenvolvidos para criar e manter a dependência do usuário e (c) que os fumantes passivos devem ser protegidos da exposição ao produto em ambientes de trabalho e públicos fechados". No Brasil, estima-se que cerca de 200 mil mortes por ano são decorrentes do tabagismo, segundo dados do Ministério da Saúde. Um estudo da OMS indica que, até 2020, 70% das mortes por doenças relacionadas ao consumo de cigarros devem ocorrer nos países em desenvolvimento.

Confesso que não precisa ser um grande estudioso para saber que a fumaça do cigarro contém gás monóxido de carbono (mesmo gás que sai dos escapamentos dos automóveis), basta observar a própria embalagem de qualquer cigarro. Quem nunca viu nos filmes, quicá até na vida real, a cena de uma pessoa que almeja o suicídio trancar-se em um ambiente fechado e ligar o motor do automóvel para dar fim à própria vida? O gás monóxido de carbono, nesses casos, é o responsável pela morte da pessoa que o inspira. Está comprovado que 3 a 6% da fumaça do cigarro são compostos por monóxido de carbono. Quando inalado, o monóxido de carbono atinge os pulmões e dali segue para o sangue, reduzindo sua capacidade de carregar oxigênio. Em consequência, as células deixam de respirar e produzir energia, o que faz com que o fumante ativo ou passivo tenha o fôlego prejudicado e fique exposto ao risco de doenças cardiovasculares e respiratórias. Por isso é que o cigarro é considerado pela Orga-

nização Mundial da Saúde (OMS) como o maior agente de poluição doméstica e ambiental, tendo em vista que as pessoas passam 80% de seu tempo diário em locais fechados, tais como os de trabalho, residência e lazer.

Atento aos malefícios do cigarro, o legislador federal brasileiro providenciou a edição de normas jurídicas capazes de frear o consumo abusado e indiscriminado do cigarro em locais de uso coletivo, sejam públicos ou privados. Assim, foram criadas as Leis Federais nº 9.294/96 e 10.167/2000, além do Decreto Federal nº 2.018/96, que fixa como conceito de recinto coletivo o "local fechado destinado a permanente utilização simultânea por várias pessoas, tais como casas de espetáculos, bares, restaurantes e estabelecimentos similares. São excluídos do conceito os locais abertos ou ao ar livre, ainda que cercados ou de qualquer forma delimitados em seus contornos". Ainda, o art. 2º da Lei nº 9.294/96 determina que "É proibido o uso de cigarros, cigarilhas, charutos, cachimbos

ou de qualquer outro produto fumífero, derivado ou não do tabaco, em recinto coletivo, privado ou público, salvo em área destinada exclusivamente a esse fim, devidamente isolada e com arejamento conveniente". Portanto, não será necessária a aparição de um ser iluminado na minha querida Passo Fundo propondo a criação de uma lei para coibir o uso indiscriminado do cigarro em recintos coletivos, pois essa lei já existe em nível nacional e é de cumprimento obrigatório, por todos os brasileiros. Entretanto, sempre será bem-vindo o ser iluminado que, exercendo os seus direitos de cidadania, colabore com uma campanha de alerta e prevenção ao consumo, tanto ativo quanto passivo, do cigarro. A propósito, "o fumo deve ser banido total ou parcialmente de restaurantes, bares e casas noturnas na opinião de 85% dos que vivem na cidade de São Paulo. A taxa é a principal revelação da pesquisa Datafolha sobre o cigarro" (<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u128101.shtml>).

Quero deixar uma coisa bem clara: não tenho absolutamente nada contra os fumantes "educados", que por sinal são a grande maioria, ou seja, aqueles que são conscientes de que a "sua" fumaça não deve prejudicar terceiros. Para es-



ses sim, pacificamente, vige o princípio democrático da liberdade. Agora, para os demais fumantes que não respeitam o ser humano não-fumante e, além disso, ainda fazem apologia ao consumo do cigarro; bem, para esses desavisados vige o princípio de que a liberdade deles termina onde começa a do outro. Afinal, a liberdade, como todo direito fundamental, é passível de limitação, cedendo lugar à razoabilidade e à proporcionalidade sempre que causar prejuízo a terceiro, uma vez que não há qualquer direito fundamental que se aplique de maneira inflexível, ou seja, não existem direitos absolutos. Conclui-se, então, que o princípio vigente em nosso ordenamento jurídico é o da Democracia, e não o da Anarquia.

Ainda, o Sr. Ramires sustenta – e eu só posso encarar esta passagem do seu



texto como uma bela manifestação de bom humor – que todos os fumantes são homicidas por consumirem cigarros em recintos coletivos. Na Literatura Brasileira isso tem nome: trata-se de uma figura de estilo chamada de hipérbole. A hipérbole ganha vida quando há exagero numa idéia expressa, de modo a acentuar de forma dramática aquilo que se quer dizer, transmitindo uma imagem inesquecível.

Ora, se é para vilipendiar o Código Penal Brasileiro tipificando crimes, então vamos lá: suponhamos que o fumo passivo não cause prejuízo às pessoas – é só uma suposição, oportuna apenas para este momento –, desse modo para a tranquilidade do Sr. Ramires o fumante não seria mais um homicida. Ótimo! Não haveria mais razão para que os fumantes conscientes e educados se preocupassem, tendo em vista que o fumo passivo não faz mal à saúde – lembrando, isso é mera suposição.

Por outro lado, o fumante ativo conti-

nuaria fazendo mal a sua própria saúde (livre opção de cada um), pois é consabido que ao fumante ativo o cigarro efetivamente traz inúmeros prejuízos à saúde. Logo, está a praticar suicídio, pois sabe que o cigarro vai levá-lo à morte, vagarosamente. Mas o suicídio não é crime de acordo com a legislação penal brasileira, constituindo crime apenas o induzimento, a instigação ou o auxílio a suicídio (art. 122 do Código Penal). Consequentemente, o apologista do cigarro, por via transversa, induz, instiga o fumante a cometer suicídio. E isso é crime! Vejam só até onde essa potente figura de estilo chamada hipérbole pode nos conduzir!

Para concluir, quero repetir que não tenho absolutamente nada contra os fumantes “educados e conscientes” (aqueles que se preocupam ao menos com a saúde do outro, aqueles que não permitem que as “suas” fumaças contaminem a roupa ou o corpo dos que não fumam, aqueles que sabem que o cheiro do cigarro não é o de um suave perfume francês). No entanto, não posso concordar com a apologia ao cigarro. Rechaço-a! Ela sim é absolutamente intolerante e mendaz, pois induz as pessoas que fumam a pensarem que está tudo bem e que o fumo é a oitava maravilha do mundo e, como se não bastasse, ainda arregimenta novos fumantes, ávidos por descobrirem o que é essa coisa que alguém defende tão ardorosamente, a ponto de contrariar a ciência especialista no assunto, com base em um julgamento de ocasião realizado há quase 10 anos e ocorrido justamente no Estado que é o maior produtor de tabaco dos Estados Unidos – a Carolina do Norte (http://pt.wikipedia.org/wiki/Carolina_do_Norte) – e no país que é um dos maiores produtores mundiais de fumo.

Em tempo: caros leitores desta prestigiada revista passo-fundense, “o Ministério da Saúde adverte: fumar, seja ativa ou passivamente, pode causar doenças do coração e derrame cerebral, pode causar câncer de pulmão, bronquite crônica e enfisema pulmonar, durante a gravidez pode prejudicar o bebê, enfim, fumar provoca diversos males à saúde” (Trecho retirado do Decreto Federal nº 2.018/96, feito com o auxílio de juristas e médicos).

(Luís Marcelo Algarve é advogado e membro correspondente da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Poesia

LEONILA V. GASPARETO

Cavalo Pinhão

Numa boa roda de prosa
Não pode faltar o violão
Que, na voz de um trovador,
Faz trova sobre o Pinhão.

Sai música de compasso,
Sai valsa e vanerão.
E o trovador faz sua trova
Sobre o cavalo Pinhão.

Sinto orgulho do cavalo,
Marchador como um soldado,
Que lembranças do passado
Deixou no meu coração.

Agüento qualquer repuxo
No lombo deste alazão.
Nunca levei um tombo,
Ao honrar a tradição.

A imagem do meu Pinhão
Me renova uma lembrança
Do meu tempo de criança,
Que não sai do pensamento.

Me recorda das raízes,
Daqueles tempos felizes
E do rancho hospitaleiro.
Quando eu era um gurizote
E ele meu companheiro.

O gaúcho

O gaúcho que vive a cavalgar,
Levando o laço na mão,
Faz renascer a cada dia
As glórias da tradição.

Na estrada ou na querência,
Ele cavalga com ardor,
E assim vai seguindo a vida,
Sob a bênção do Senhor.

Fala como um profeta
O gaúcho aos seus tropeiros,
Ao descansar da jornada,
À sombra dos butiazeiros.

Também através da dança,
Entre prendas e peões,
Ele transmite alegria,
A todos os corações.

Menção à Campanha da Fraternidade

SELMA COSTAMILAN

“Quando o Limão se Torna Limonada.

Os pais que encaram de frente a deficiência dos filhos colaboram para a difícil felicidade deles”

Um pai fala: creio que já fiz uma gostosa limonada, pois sendo pai de uma moça com deficiência múltipla, quase com 25 anos, vivi bem na mente e no coração a problemática de ter na família uma pessoa com deficiência. Graças a Deus, não fui diferente da maioria dos pais, que viveram e vivem o “luto” por não terem filho absolutamente normal. Um dos projetos mais audaciosos da vida dos homens é o procriar, gerar filhos que possam dar continuidade ao grande processo de transformação da sociedade. Queremos no mínimo filhos ilustres, superiores a nós mesmos. Nossa vocação para o belo, o perfeito, o inteligente, enfim, para a normalidade, é absolutamente normal. Ao nos darmos conta de que nosso filho se afasta da normalidade, nossa primeira reação é a da “negação” de tal eventualidade. Não, não é, não pode ser, costuma ser nossa reação mais instintiva. A má notícia de que nosso filho é excepcional, é portador de alguma deficiência, costuma ocasionar muito sofrimento e, conseqüentemente, muita raiva, princi-

palmente pela grande impotência frente à anormalidade. Às vezes canalizamos esta raiva para os profissionais que põe o “dedo na ferida”. É evidente que os pais, todos eles, continuam a saber as qualidades e defeitos dos seus filhos. Não ignorando que algo não ia bem mas esperançosos de não se tratar de algo tão irreversível.

A deficiência costuma assustar a todos, inclusive a muitos profissionais não acostumados a lidar com ela. Lamentavelmente, a deficiência também é muito confundida com doença, coisa que não é frequente. Somente 20% dos deficientes têm alguma doença, além da sua deficiência. Portanto, a maioria tem apenas limitações no desenvolvimento da inteligência, da comunicação, das habilidades motoras, sensoriais, etc. Sabe-se disso, mas costuma-se enormizá-la a tal ordem, tornando-a um fantasma de dimensões extraordinárias. É evidente que por todas estas razões e muitas outras a rejeição a ela é um fato incontestável e absolutamente normal.

É simplesmente necessário enfrentar a situação de que o filho nasceu diferente, embora no momento possa ser um sofrimento intenso.

Porém, o tempo, em sua dinâmica, tor-

na o filho com algumas deficiências o “filho especial mais amado”, considerado o tesouro da família.

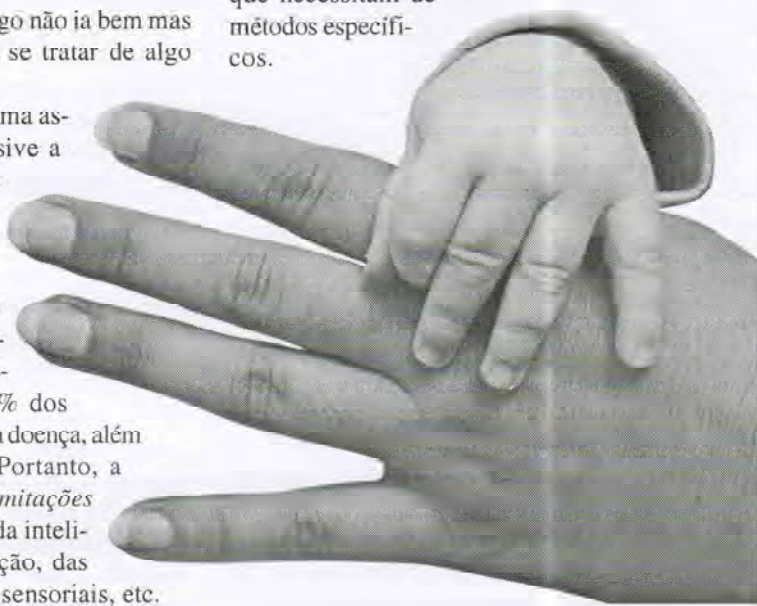
Esta é a lei divina que raramente falha.

Aconselha-se que crianças especiais convivam em brinquem nas praças, jardins, escolinhas, com crianças normais, para terem uma vida perfeitamente feliz.

Embora na educação especial respeite a classificação:

- *Educáveis*: que devem integrar-se em escolas de currículo regular.

- *Treináveis*: em escolas especiais já que necessitam de métodos específicos.



- *Dependentes*: quando são totalmente dependentes de movimento e ações vitais e têm vida vegetativa. Geralmente em “setores especiais de clínicas”.

Em quaisquer dessas classificações em que a criança se insira, o mais importante é o “Amor”.

(Selma Costamilan é professora e membro titular da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Poesia

LEONILA V. GASPARETO

A chuva

Chuva fina cai na mata
desmaiando sobre as folhas.
Vai rolando pelo chão,
penetra a terra molhada
e oferece seu abrigo
aos brotos da plantação.

Aos poucos surge a névoa
e o sol abre caminho
entre as nuvens e o céu,
enquanto descobre a vida
brotando devagarinho.

Ao doce embalo das folhas,
renovada e prazerosa,
a natureza sorri,
verde como um tapete,
feliz como um colibri.

Chuva forte, chuva fina,
que, batendo na janela,
traz alegria ao povo
que estava à espera dela
para amá-la e desfrutar.

Poesia na Feira do Livro

PAULO MONTEIRO

A XX Feira do Livro de Passo Fundo serviu para salientar a importância que está assumindo a literatura passo-fundense. Foram muitos os lançamentos de autores locais. Todos os gêneros estiveram representados, desde as obras artísticas, ou literárias propriamente ditas, até os livros técnicos.

Em termos de arte literária, neste artigo, lembrarei o poeta estreante Júlio César Perez e a já consagrada Helena Rotta de Camargo. O primeiro lançou *Expresso Instante* e a poetisa comprou com *Monólogos de uma Peregrina*, ambos editados pela Méritos Editora.

Júlio César Perez, apesar de estreitar em livro aos 38 anos, já é um poeta experiente. Há alguns anos, participou do grupo Momento Poético, ao lado de Anderson Gassol Dozza, Lygia Casado Brasil, Carlos Javel do Vale (precoce e tragicamente falecido) e outros poetas. Essa confraria realizava exposição de poemas, repercutindo, na província, uma prática adotada em centros maiores.

O autor de *Expresso Instante* é o tipo de autor conhecido como "poeta culto",

porque estuda outros poetas, discernindo o cânone poético da língua e os movimentos seus contemporâneos. Os "poetas cultos", via de regra, vivem sob a tortura do fazer poético. Críticos em extremo para com eles mesmos, acabam sendo vítimas dessa preocupação, que os torna bastante contidos no divulgar sua produção literária. Isso, e apenas isso, explica o porquê de Júlio César Perez somente publicar seu primeiro livro quase quarentão.

O próprio poeta confessou que foi compelido a dar seus poemas a lume após participar do programa Literatura Local, parceria da TV Câmara e da Academia Passo-Fundense de

Letras. Comprou ao programa exibindo livros de Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Mello Neto, e alguns poemas seus escritos em retalhos de papel. Constrangido, diante da cobrança de pessoas que lhe exigiam um livro, viu-se forçado a publicar *Expresso Instante*.

O poeta culto é um torturado pelo poema, ou da forma ou do fundo. Júlio César Perez sofre com os grilhões do tema. Comprime-lhe a minúcia do ser ou o ser minúsculo, imperceptível. Assim, como todo verdadeiro poeta, está mais próximo do parecer do que do ser em si. Sirva de exemplo o poema *Sur* (Sul), onde joga esse vento (Minuano) com a semelhança gráfica e sonora com Ser.

Sur

Um ar glacial
que sopra
não sei de onde
e não desiste
de soprar
o dia inteiro
regelando
até o mais
íntimo
dos ossos.

Uma sombra
que congela.

Um sol têmpe
fraco para
desenriquecer
os músculos
já compactados
por tantos dias
desse ar glacial.

Esse é o universo
do Sul
ao sul do Brasil
e que já se tornou
até uma categoria do Ser:
o *Sur*!
com todas as peculiaridades
que só
quem viveu no sul
e sentiu o Minuano
a lhe varar o corpo e o espírito
pode dizer
o que significa.

O *Sur* é uma categoria do Ser
que engendra os fortes!



Helena Rotta de Camargo, que integra os quadros da Academia Passo-Fundense de Letras, em *Monólogos de uma Peregrina - reflexões poéticas*, rompe com sua prática anterior, de poemas versificados. Dificil enquadrar as mil - e exatamente mil - "reflexões poéticas" do volume, como poemas em prosa, seguindo uma tradição surgida na França, em meados do Século 19 e continuada até hoje.

"Não apenas a ofensa, mas também o remorso, mata"; "O sortilégio do livro nos desvenda surpresas agradáveis / que afloram das palavras como bolas de cristal."; e "O amor primeiro nos fratura, para depois recompor-nos.", estão muito longe do que tradicionalmente se convencionou chamar de poema

em prosa. Aproximam-se dos fragmentos pré-socráticos ou dos provérbios bíblicos, poemas milenares, que ainda nos encantam nestes tempos de pós-modernidade.

É claro que diversas passagens do livro mais recente de Helena Rotta de Camargo fixam-se dentro dos limites, sempre discutíveis, da arte poética. E é dessa dicotomia, desse encontro com o inclassificável, que vive a verdadeira arte poética.

Os verdadeiros poetas - e a poesia independe do sexo de quem a escreve - são eternos subversivos. Os grandes lavradores do pensamento humano sempre escreveram poemas. Moisés, Jesus, Mohamad, que o digam. E, por isso, são os que mais sofrem com os regimes re-

pressivos, os mais perseguidos pelos donos do poder. Moisés, Jesus, Mohamad, o comprovam, como poetas. E seus seguidores, no poder, sacrificaram tantos outros poetas.

A verdadeira poesia é classificável, enquadrada, por mera formalidade. Outras palavras, para simples esquema didático. E é ao subverter a tradição do poema em prosa que vamos encontrar o viço das "reflexões poéticas" de Helena Rotta de Camargo, uma das figuras mais representativas entre os criadores literários passo-fundenses da atualidade.

(Paulo Monteiro pertence à Academia Passo-Fundense de Letras e à Academia Literária Gaúcha.)

Desabafo no reino da vassoura

HELENA ROTA DE CAMARGO

Talvez alguém se proponha a excomungar-me do rol das pessoas disciplinadas.

Pouco se me dá ser alvo de elogio ou de crítica. Basta-me a louvação da consciência que, no meu caso, é amicíssima do bem-estar.

Pois é imbuída dessa prerrogativa que me arrego o direito de falar mal dele, esbravejar contra suas más-criações, rogar-lhe pragas, muitas pragas.

Desconheço quem seja mais imundo, dissoluto, deletério.

Onde menos se espera, aí está ele, na rua, na calçada, na escadaria do prédio. Mancha a esmeralda dos gramados, a fidalguia dos parques, o lustro dos corredores escolares.

E os há de todas as modalidades. Viscosos e rijos, fétidos e grudentos. Às vezes pontiagudos, outras retorcidos. Quando não plenamente deformados de impurezas congênitas. Seu mau hálito me sobe pelas narinas e alcança patamares de vertigem. Ou se esgueira pelos olhos, em forma de lombriga, que vem de ninhada para me atazanar.

A simetria da beleza, os matizes da alegria, são mortalmente feridos e sangram, como se chorassem o elo rompido.

Como pode ser tão pegajosa a mão feita para saudar o amigo, encher o vaso de flores, afagar o rostinho da criança, escrever versos de amor?



Um prato cheio para o resfolegar dos vermes. Um pacto vil de parceria com as epidemias.

E, na raiz de tudo, o homem. O homem desarrumado, morrinhento, inescrupuloso. Que não vê além da sua hora, do seu metro quadrado, dos seus quinhentos mililitros. Vive na noite do atraso, quando a realeza do sol já desfila sobre a fosforescência de um progresso prodigioso e multifacetado.

Por quais trilhas tortuosas vem-se embrenhando a educação, que já não cumpre seu papel de guia, de salvaguarda da vida, de coletora de cidadãos ordeiros e asseados?

Não quero e não posso compactuar com ele, esse despuído forasteiro, que não respeita nem a súplica das fontes, nem as lágrimas do campo-santo. Já vi muito cataclismo, neste meu longo caminhar, mas feiúra assim tão feia não carecia de ver.

Sinto o coração enfartar, quando topo com ele atravessado em meu caminho, zombando de meus conceitos, displicente e provocador. E o amaldiçoar, no auge da minha beligerância. Quero vê-lo derrotado e maldito, sem forças sequer para o último suspiro. Faço questão de sentenciá-lo, mas amargando os dejetos com que empestou os caminhos da terra, e comendo o pão que o diabo amassou, pois lugar de lixo é no aterro do Belzebu...

(Helena Rotta de Camargo, Academia Passo-Fundense de Letras.)

"O veto"

XIKO GARCIA

Na poesia a gente viaja
Se acalma... e se inquieta,
Tem força de compressão
E emoção em mim injeta,
por vezes é mais que lei
que nem um poder decreta,
até dizem que é loucura
que mais um louco arquiteta...

Poesia não é uma moda
que um período nos afeta,

a poesia é uma luz
que ilumina um profeta,
normalmente não acende
quem a pilha está incompleta,
tem poesia que arrepia
outra alisa, até arreta,
no geral traz alegria,
comoção se for concreta,
a poesia já uniu
quem se ama e quem se embreta,
ela não ocupa espaço
mas tanto vazio completa...

O dinheiro compra tudo
o que tem forma concreta,
só não compra o conteúdo
da inspiração de um poeta,
é por isto que a poesia
fala alto agindo quieta,
até a palavra errada
tem o valor de correta,
poesia faz o doutor
e a cultura analfabeta,
quem recebe este legado
de algum modo se projeta,
se for rico é um gênio
se pobre é coisa inquieta...

Poesia anda de avião,
a pé e de bicicleta,
e corre por todo mundo
sem precisar ser atleta,
poesia veste a canção
que namora ou desafeta,
umas são que nem a flecha
até seguem linha reta,
e a que atinge o coração
é por que chegou na meta,
por consequência ou efeito
a alma também espeta...

A poesia vai contar
minha passagem discreta,
pois quem é de carne e osso
chega um dia e desinfeta...
Creio que vou citado
por um neto ou uma neta...
Meu avô deixou escrito
numa mensagem seleta,
vários temas em poemas
pra ser conversa indireta,
e a saudade com amor
nunca ninguém "engaveta".

Na vida fez da poesia
sua oração predileta,
e para todos distribua
pra vida ser mais completa,
se no céu existir verso
lá estará meu velho poeta,
no que faz sempre confiante,
o que cria ele interpreta.
O paraíso sem poesia
anjo briga e envareta,
e até o santo mais santo
acha a atitude correta,
como lá Deus quem decide
não vai ter "diabo que veta"...

De mulher para mulher

HELENA ROTA DE CAMARGO

Quem, de vez em quando, não sofre de solidão? Não se olha no vidro da vidraça com ar de abandono? Não se deixa levar por um sem número de indefinições, desconfianças, receios?

Tudo isso está arraigado em mim. E mais: há dias de completa inapetência, outros de uma fome devastadora. Entre ambas, a determinação de respeitar a dieta. Comer e beber só o que é de direito, jogando a culpa do exagero no balde coletor das transgressões.

Quem topa com a gente no dia-a-dia, deseje o nosso abraço, sorriso, aperto de mão, uma palavra de mel. Todavia, nem sempre estamos a fim de falar doce, mostrar a dentadura perfeita e, muito menos, de emitir calor a toda hora. Se o músculo do coração congelou de tanto patinar no gelo, e a túnica da alma desbotou de tão castigada pelas intempéries, que nos sobra para expor e oferecer?

Sempre que sinto minha concha fechar-se, pactuo uma trégua com minha habitual afobação. Empurro-a para aquele vão sonolento espremido atrás da porta. E conclamo meu desejo de apatia, quietude, isolamento. Desligo tudo o que me remete a compromisso, relógio, telefone, campanha, computador... Sozinha com meus pensamentos, dou-me tempo para jogar baralho com as emoções. Rever escritos embolados na gaveta. Descartar tudo o que me alergia e dar um ultimato àquela coisa feia que é o instinto de vítima.

O que acontece então é um rito de catarse, uma completa ablução. Chego a ver meus demônios se desgarrando do peito, com seu cardume de filhotinhos engarupa-

dos, e saltar pelas janelas, e sumir no vazio. Derrotados. Fragilizados. Imolados.

Por sorte, ninguém se dá conta da minha reclusão. Nem mesmo a sirene da ambulância, o apito do guarda, o chavão do entregador de gás. Todos reverentes ao meu apelo de segregação. A meu banho de silêncio. À minha faxina exotérica, confidencial.

Que descoberta fantástica a abstinência de povo! Suas vozes, gestos, apelos, cismas. Tudo uma colméia zumbindo e atordoando a paz!

Se você ainda não trinchou as horas, não varreu de sua rotina aquela letalidade gosmenta como a crosta das lesmas, faça logo a experiência. Largue tudo o que a *antiga musa canta*, feche o casulo com cola e parafuso, deixe a mente fluir, levitar...

Ela irá sacudir o pó das agruras, preencher os buracos descobertos, estocar energia no seu cofre de amores. Tudo será amainado. Desde a tosse intermitente da culpa, até o excesso de zelo típico da maternidade.

A reflexão tem esse peculiar atrativo. Esvaziar, abastecer. Tirar, repor. Você se sentirá de novo uma pluma, uma aragem. Fará novos contatos com seu subconsciente. Disciplinará sua desordem interna e externa. Aquilo que lhe parecia perda de tempo se apresentará como uma âncora, soerguendo entusiasmo, vibração. Nós, mulheres, somos milagrosas. Até das pedras tiramos leite. Ordenha de mãe, de amiga, de amante. Alma livre para servir, voar, sorver a felicidade.

O dia brilha. O sol me saúda na janela. E a vida recomeça seu ciclo.

(Helena Rotta de Camargo, Academia
Passo-Fundense de Letras.)

Primícias

BETÂNIA ROTA DE
CAMARGO (6 ANOS)

A menina sorri.
A noite cobre o céu.
As estrelas piscam
para a lua cheia.

Quem quer ver as estrelas,
olhe para cima.
O vestido delas
é de seda dourada.
E o da lua,
de renda prateada.

A manhã é tão linda
como um beija-flor.
Ela também beija o dia,
cheinha de amor.

Os olhos do sol
espiam as crianças
que brincam na grama
e se balançam nos galhos.

Na cachoeira mora
uma sereia
chamada Iara.
Ela que tem
uma beleza rara.

Um monte de flores
se reuniu
e a festa nasceu.

As crianças no parque
atravessam a ponte.
Vão matar a sede
na água da fonte.

A casa florida
era uma casa encantada.
Nela morava
minha amiga fada.





Píndaro Annes: santo de casa também faz milagre

XIKO GARCIA

Sempre questionei certas atitudes pessoais, as quais chegam a um índice muito alto de homogeneidade. Poder-se-ia dizer que o ser humano age sempre igual, mas deveria ser diferente. Digo isto, em função do que me ocorreu recentemente, por ocasião de meu ingresso na honrosa Academia Passos-Fundense de Letras.

Em determinado momento há um sorteio, quando é escolhido o Patrono da cadeira de cada novo integrante da entidade. Antes desse momento, fomos informados da ilustre nominata de escritores, poetas, intelectuais de "currículo" de nível nacional, estadual e municipal, todos com a mesma possibilidade de vir a ser o Patrono da gente. A tendência lógica é torcermos por um nome desses, de equivalência nacional ou estadual, a exemplo de Machado de Assis, Mario Quintana, Êrico Veríssimo, Carlos Drummond de Andrade, etc... Dificilmente nos motivamos pela prata da casa, daí a justificativa de que "santo de casa não faz milagres". Gosto de retratar coisas do nosso cotidiano em poesia. Aqui vão duas estrofes de um tema que escrevi com o título "O milagre de santo de casa":

Tem coisa com qualidade,
nasce e morre escondida,
por surgir na intimidade
é duro ser reconhecida,

tem quem sai pra comer fora
coisa bem desconhecida,
e ainda prega conselho
que faz, por lazer na vida,
porém se comesse em casa
melhor seria a comida...

Lá no rio quem pesca sabe
que dourado não é bagre.
Poucos sabem construir,
fácil é ter quem estrague,
já vi pagarem por vinho,
no fim beberem vinagre,
pois quando o diabo é de fora
sempre tem quem o consagre.
Por isto santo de casa
não pode fazer milagre...

E, se não faz, penso que é pela atitude simplória que existe entre as pessoas de uma mesma comunidade. E isto já começa no próprio ambiente familiar, onde irmão não reconhece irmão, filho não admite os pais, mulher não vê méritos no marido e vice-versa. Na maioria das vezes, isto tem o amparo de que parece que tudo, o que vem de longe ou está fora de nosso cotidiano, é melhor. Sendo famoso, nem se fala. Se está na grande mídia, imaginem! Iniciando pela comida que vai à mesa, a roupa que vestimos, tudo deve ser de marca, marca de reconhecimento nacional. Tudo aquilo que parece tão íntimo, mas na realidade não o é. Se analisarmos, não é verdade e nem de nosso conhecimento. Sendo apenas o efeito de gerenciamento, veiculado por meios

massificantes, no sentido de desviar nosso foco daquilo que, na grande maioria, já temos na nossa intimidade, na nossa comunidade, apenas nos passa despercebido, por acharmos que é algo comum e não merecedor da nossa atenção, pelo simples fato de fazer parte de nosso cotidiano. Isto chega a valores da própria intimidade conjugal. Como é fácil dizer "eu te conheço". Ah, essa figura eu sei quem é. Às vezes, é dito por pessoas que na realidade nem conhecem a si próprias, apenas pelo fato de trafegarmos pela mesma rua, ou por encontros ocasionais em um mesmo ambiente. Isso chega a ser verdadeiro atrevimento. Conhecer uma pessoa, para mim, é muito mais que isto.

E quantos tiveram que morrer, para depois serem identificados pelo que significaram ou fizeram em vida, e o que deixaram de obras grandiosas e consideráveis numa comunidade? Algumas, tendo outro alguém que dá continuidade, até pela consequência de não podermos ficar sem ela, a exemplo, um hospital. Por outro lado, outras tantas caem na inércia ou se deterioram pelo esquecimento ou por efeito de ciúmes pessoais, vaidades ou narcisismos. Não comungo dessa opinião e nem faço parte dessa quase unanimidade que só se motiva com grandes nomes. Também me atrevo a pensar que muitos agem assim pela própria carência, por quererem parecer o que não são. Ou são verdadeiros estrategistas, ou oportunistas de plantão.

Sou simpático a algo que diz que nada acontece por acaso. Pois não é que o sorteio ou a sorte premiou-me com um imortal passo-fundense, Píndaro Annes, como meu Patrono, correspondendo à cadeira 25. Ressalvo, para não ferir suscetibilidades de confrades, que obtiveram como patrono nomes como os do exemplo acima, pois tal ato de escolha é através de transparência e não por tendência, é sorteio. Não tive o prazer de conhecer o meu patrono, pessoalmente, mas estou conseguindo através de sua obra também imortalizada junto à história de nossa querida e amada Passo Fundo. História essa que sempre contou com filhos dotados de determinação, arrojo, sensibilidade humanística, coragem empreendedora, qualidades facilmente encontradas na pessoa deste passo-fundense, sendo que uma, sem diminuir as demais, muito me gratificou, que era ser possuidor de excelente veia poética. E poesia é algo que vem muito ao encontro do meu estado de gosto. Sem sombra de dúvida, meu patrono pelo que fez como passo-fundense e pela gente desta terra, penso que devia ter sido um homem afagado, reconhecido e até acariciado pelas pessoas que conviveram e até se beneficiaram de sua competência. Questiono-me, e até lamento, por ser a memória tão efêmera, frágil ou curta, que arrisco a opinar que é preciso muita inspiração para quem, nesta passagem terrena, julga ser lembrado pelas boas coisas que fez.

Píndaro Annes nasceu em 24 de março de 1894, em Cruz Alta/RS, filho de Gezerino Lucas Annes e de Maria Prestes Annes. O casal teve os seguintes filhos, em ordem de idade: João Waldelirio, Píndaro, Horizontina Miguelina e Serenita Catarina. Píndaro chegou em Passo Fundo, no mesmo ano de seu nascimento em 1894. Começou seus estudos no ano de 1903, na escola particular primária do professor João Goulart.

Em 1905, passou a estudar no Colégio São Pedro, dos irmãos maristas. Neste período, Píndaro foi coroinha na capela Nossa Senhora da Conceição Aparecida, onde se encontra a atual Catedral. Iniciou sua vida profissional muito jovem e, já aos catorze anos de idade, foi fotógrafo, tendo feito o 1º registro fotográfico da capela Nossa Senhora da Conceição Aparecida, em 1908. A seguir, aprendeu a profissão de topógrafo, para trabalhar na V. F. R. G. S., na construção da linha férrea Passo Fundo/Marcelino

Ramos. Também trabalhou no trecho Viadutos/Marcelino Ramos.

Voltando a Passo Fundo, instalou uma torrefação de café, com o nome de Cafeteria São Thomé, situada na Avenida Brasil nº 164 – Fone 118, com prédio ainda existente em frente ao Banrisul, no centro. Fabricava as seguintes marcas de café: Café Pureza, misturado com açúcar mascavo; Café Mãe Preta, usado nos bares para cafezinho, e Café Mikado, torrado e moído com exclusividade, para ser vendido pela Cooperativa da Viação Férrea do R.G. S. No final da década de 10, Píndaro Annes, com seus amigos Antão Chagas, Celeste Corá e João Lopes, conseguiram a instalação do Tiro de Guerra 225, em Passo Fundo, situado entre as ruas Lavapés e Eduar-



do de Brito, a 20 metros da Rua Fagundes dos Reis, lado direito, no sentido norte.

Casou-se em 1919, com Antonia Soares de Mello. O casal teve três filhos: Cirano Annes, técnico rural; Sérgio Paulo Annes, médico psiquiatra; Maria Amélia Annes, funcionária da contabilidade da Fazenda do Estado do R.G.S.

No início dos anos vinte, Píndaro fez um curso de Contador (curso Comercial), no Colégio Machenzie, em São Paulo. Após formado, participou das seguintes atividades: Inspetor do Ensino Federal no Instituto Ginásial (Atual Instituto Educacional), no Colégio Notre Dame e nos distritos pertencentes a Passo Fundo, como Erechim, Tapejara, etc. Pertenceu à Maçonaria, apresentado por Gabriel Bastos; foi Membro do Rotary Club; frequentava a Igreja Metodista; foi colaborador dos jornais locais, O Nacional, Diário da Manhã, e colaborador do "São Paulo Imparcial" de São Paulo, através de crônicas e poemas. Atuou ainda como integrante do Grêmio Passo-Fundense de Letras (Atual Academia Passo-Fundense de Letras).

Em 1937, devido ao Golpe de Estado, foi preso juntamente com Celso Fiori, João Junqueira da Rocha, Eduardo Barreiro e outros acusados de comunistas. O Hospital de Caridade (atual Hospital da Cidade) foi fundado no dia 20/07/1914. Píndaro foi fundador e passou a fazer parte da diretoria, eleito em 20/12/1914, como 2º secretário. Por 57 anos fez parte da direção, com os seguintes cargos: De 1914 a 1915, 2º secretário; de 1916 a 1924, 1º secretário; de 1925 a 1936, Vice-Presidente; e, de 1937 a 1960, presidente. Ainda compôs a diretoria de 1961 a 1972, como Conselheiro Administrativo. Sua dedicação ao hospital foi algo de notável. Não pensava no lado financeiro, pois no início dos anos 40, deixou o Rotary, a Igreja Metodista a Maçonaria, e também fechou a torrefação de café.

Permaneceu como inspetor dos cursos comerciais, de onde tirava o seu sustento, já que no hospital seu trabalho era voluntário. Dedicava o restante do tempo livre diariamente ao hospital. Em 1917, foi sua a indicação para o hospital alugar uma casa afastada, a fim de tratar os doentes com a gripe espanhola, separados dos demais pacientes. Localizava-se a casa de madeira, à rua Gal. Osório, esquina com Gal. Neto, no atual Banco Sicredi, e era de propriedade de Oribe Marques. Funcionou até o início de 1919, com a erradicação da epidemia.

Durante suas gestões, construiu a maternidade, multiplicou a área construída com pavilhões para salas de cirurgia clínica e farmácia. Comprou uma granja para abastecimento de verduras, leite, frutas e carnes. Solicitou e recebeu verbas do Município, Estado e União, para diversas obras de ampliação e criação do curso de enfermagem em 1941. Píndaro Annes não completou sua última gestão na Diretoria do hospital. Nos primeiros dias de 1969, sentindo-se doente, foi residir em Porto Alegre. Ele faleceu em seguida, no dia 19 de fevereiro de 1969. Sua descendência familiar, quer por parte de pai, que de mãe, é composta por pessoas que tiveram participações muito marcantes na história de Passo Fundo.

Agradecimento: Para elaboração desta matéria, contei com a colaboração do amigo e ex-colega de ginásio, professor Beraci Porto, pesquisador e historiador.

(Francisco Mello Garcia (Xiko Garcia) é compositor, poeta e escritor. Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Noce Te Ipson

Quando o impulso do desejo der sinal
ainda no mais fundo de tua Alma
suspende a volúpia do ato final,
contempla seu evoluir, com serenidade e calma.

Então assistirás ao seu crescer
até alcançar o ponto crucial
e depois o seu lento fenecer
até extinguir-se, afinal.

Mas não te iludas co' aparente liberdade!
Estás ainda apenas no início
da eterna busca da Verdade,
pois reconhecê-la exige amor, coragem, sacrifício.

Tantos impulsos e conflitos ainda brotarão
e o sentido de cada um terá de decifrar.
Deverás estar desperto, prestar toda a atenção,
pois é muito fácil a gente se enganar.

A alma está envolta numa teia escura.
Troca o Bem pelo Mal, vê no mal um bem.
Por isso submete tudo à experiência pura
e não cedas ao que aparentemente te convém.

Exercita, desenvolve o novo modo de pensar;
evita que a consciência flua assim a esmo.
Com todo o vigor do Espírito não cesses de buscar,
mais que tudo, o conhecimento de ti mesmo.

No caminho...

Não há promessa de felicidade
nem do não vivido amor.
Sim, ajuda na busca da verdade
que liberta da subjetiva dor.

Não há promessa de florida estrada.
Em verdade, espinhoso é o caminho.
Mesmo tendo ajuda na jornada,
o trabalho será feito sempre sozinho.

Na senda que conduz ao almo interior
há fantasmas tenebrosos difíceis de encarar
e se precisa muita coragem, muito amor,
humildade para a verdade reconhecer e aceitar.

Muitas vezes haverá o impulso de fugir,
de tudo como está, deixar ficar,
mas se se quer ser livre, se deve persistir
até que o alvo se possa finalmente alcançar.

Haverá momentos em que se odiará o auxiliante
quando dor e medo forem difíceis suportar.
Quem auxilia será acusado de causante
e o auxiliado negar-se-á a escutar.

Haverá protestos irados, ou raivosos, veementes
de privação da liberdade de expressão,
mas o auxiliante sendo espírito-alma-reconhecente
acolhe o auxiliado em amor e compaixão.



Contexto histórico-cultural da Batalha do Pulador



(ILUSTRAÇÃO: OTELO RIBEIRO)

ANA CAROLINA MARTINS DA SILVA

A década 2001-2010 foi decretada, pela ONU, como a Década Internacional da Cultura de Paz e Não-Violência para as crianças do mundo. E paz pressupõe um conjunto de valores, atitudes, tradições, comportamentos e estilos de vida que se baseiam, entre outros, no respeito à vida, ao ser humano e à sua dignidade; no combate à violência por meio da educação, do diálogo e da cooperação; e na adesão aos princípios da liberdade, justiça, solidariedade e tolerância, buscando a compreensão entre os povos, entre as

comunidades e entre as pessoas.

Diante disso, unindo meu compromisso com a comunidade de Passo-Fundo - que tão bem tem me acolhido nestes meus 20 anos de permanência (cheguei aqui em 1986), - de resgatar aspectos histórico-culturais de um de seus momentos mais importantes, a Batalha de Passo Fundo, ocorrida nos campos do Pulador, devo orientar minha fala para a paz, colocando esta paz como aquela que um indivíduo sente, quando encontra consigo mesmo, com sua identidade, seu eu.

Ontem, neste mesmo palco, entre os

palestrantes que aludiam a aspectos do contexto histórico-político da Revolução de 1893, o prof. NEI D'AVILA a qualificava como "um choque ideológico entre elites". falava que era a hora de analisar a história sob o filtro da verdade e não sob o filtro de visões partidárias. Referiu-se à guerra civil de 1893 como uma "luta vergonhosa e fratricida", que além de ferir fisicamente os homens, tinha como objetivo, feri-los moralmente. A professora Fátima Roessler lembrou que, sobretudo, aqueles homens matavam e morriam por amor. O professor Ernesto Cassol, analisando a Revolução

Federalista, localizou o motivo de todo o processo de violência, motivo esse, fundado em raízes econômicas. Não eram homens em luta apenas, eram projetos econômicos distintos que se digladiavam, e os soldados, de ambos os lados, sim, muitos morriam por amor e morriam sem saber que estavam lutando e morrendo por terra e dinheiro que nunca lhes pertenceriam.

O professor Cassol mencionou firmemente esta questão agrária. E, se de um lado os latifundiários mandavam seus peões à morte para não pagar impostos, nem abrir mão de seus privilégios, de sua parte, o governo ditava uma Carta Constitucional que dizia ao operariado que “como ele jamais se apropriaria do poder, deveria vigiá-lo”.

Deste contexto vil, comentado ontem, percebi e comprovei o que minhas pesquisas vieram me mostrando ao longo da preparação deste texto: o povo do Rio Grande do Sul nunca esteve presente nesta guerra como protagonista, esteve como figuração. Lembro minha comunicação feita no primeiro Seminário que discutiu essa Revolução e cito os versos de Aparício Silva Rillo, quando faz 11 anos e quatro dias de sua morte: “Era no tempo das Revolução,/das guerra braba de ermão contra ermão/Dos lenço branco contra os lenço colorado,/dos mercenário contratado a patação.”

Onde estava o povo, suas crenças, suas manifestações culturais, suas manifestações artísticas, religiosas? Quem compunha este povo? Quem eram estas

pessoas que Júlio de Castilhos queria assentar em pequenas propriedades? Quais eram os traços humanos que sua constituição queria fixar no Rio Grande do Sul? Dos grupos tupi-guarani e jê, os chamados caingangues, quem seria a matriz? Onde foram parar seus costumes, a forma como faziam seus artesanatos, seu modo de vida? Sua língua? Contá a historiografia dos massacres sistemáticos que as nações indígenas sofreram. E tem sofrido. E sofrem, porém, agora, altivos! Podemos ver isso por palavras que ouvimos com respeito: Ventara, Votouro, Coroado, Kaingang, Tupi, Guaraní. Nomes que poderiam ter sido esmagados pela história, não apenas do Rio Grande do Sul, mas do Brasil, como: Terena, Krenak, Potiguara, Yanomami, entre outros. Em seu livro, *Passo Fundo, Terra de Passagem*, D'Ávila (1996 – págs. 68 a 72) diz que a maior parte da historiografia da época “(...) revela o papel marginal e negativo ocupado pelo indígena. Marginal, no sentido de que é colocado à margem, fora da sociedade. (...) O europeu ao conquistar e submeter é apresentado como a luz iluminando as trevas (...)”.

Toda a cultura indígena, portanto, é resumida a expressões como “agressiva, bárbara, hostil”, e os nativos são qualificados como “horda de celerados”, “selvagens”, “diabólicos” e que “infestavam as matas da região tornando-se obstáculo formidável ao avanço da civilização”. Os autores contam sobre “o facão, a borduna, o arco”, mas nada di-

zem sobre as mãos habilidosas que os construíram, sobre as tramas ou desenhos que os ornamentavam, sobre os padrões de cestaria, as flechas, a emplumação, encaixe e fixação nas flechas, sobre os acampamentos, os cerimoniais. A colonização no Rio Grande do Sul sufocou a arte dos indígenas e as sucessivas revoluções ajudaram a concretizar este desastre. Atualmente, muitos projetos são feitos de resgate deste material, o que se espera com muita ansiedade. Gostaria de ressaltar que, sendo este painel sobre aspectos histórico-culturais da Batalha acontecida no Pulador, faz-se necessário este registro sobre as irreparáveis perdas em termos de cultura indígena.

Já, sobre os habitantes brancos, caboclos, escravos e agregados, o registro da época os reúne sob o mesmo *poncho*, os que estavam contra ou a favor de Júlio de Castilhos. Sobre teatro, música, poesia, pouco se encontra nesta região. Fala-se em música dos clarins, nos cantos dos homens no campo de batalha, em alguns diários e poemas feitos no calor da luta, bailes, saraus, músicas na rua.

Andriotti, em seu texto: *Guerra, crime e cultura*, (1993 – págs. 44-45), diz que:

“No Rio Grande do Sul, nas últimas décadas do século 19 e do século 20, as manifestações mais evidentes desse sentimento eram literárias. Sendo as teatrais mais festivas e populares, suprimindo-se das produções européias cujas culturas fazem a tradição de todo o continente americano.”

Aqui, o historiador refere-se ao número de operetas espanholas, as zarzuelas, aos dramas e às comédias apresentados em Porto Alegre, cuja maioria foi encenada pela Companhia Dramática Italiana. Refere-se ainda a concertos e outros, como circo e ilusionismos. Enquanto no interior as cidades choravam, na Capital, só no período entre maio de 1893 e julho de 1894, aconteceram 48 grandes espetáculos de arte. Chamou-me a atenção a forma como ele se refere aos concertos e ao piano. Segundo o autor:

“Concertos instrumentais em salões ou teatros eram raros e pouco concorridos. Em residências, pelo contrário. Grande número delas possuía um piano, instrumento líder para qualquer tipo de Sarau.”

Esta referência ao piano, volta a aparecer na análise de Saraiva (1993 – págs.



Gumerindo Saraiva (terceiro sentado da esquerda para a direita) liderou as tropas maragatas nos combates contra os pica-paus na mais sangrenta das revoluções

53 a 65.) “Quanto à música urbana, praticada no seio das famílias, o instrumento principal era o piano”. Geralmente, tocado por moças da elite de então. Ora, sabemos que ainda hoje, o piano é um elemento altamente distintivo de classe social, como não o era em 1894. Saraiva, em seu estudo *Música popular* cita Busmeyer que constatou: “Muitas vezes ouve-se o som do piano em casas modestas onde não se podia esperar este nível de luxo”. A autora constata também os comentários de Angelo Dourado (1986), que abordam a música durante a Revolução de 1893, onde o som dos clarins era o mais ouvido. O cronista dizia ainda que, nas cidades e nos povoados, as pessoas aguardavam a coluna com músicas pelas ruas e que “Gumerindo, mesmo estando aborrecido, as-sobiava a ária camponesa”.

Há, na historiografia, a repetição de que o modelo era de uma sociedade em que a organização econômica, social e a política dominante poderiam ser caracterizadas como latifundiárias, pastoris, patriarcal-militares e escravocratas. As atividades como criação de gado e plantação de ervais traziam o nome dos donos, não do peão ou do plantador, geralmente caboclo ou mestiço, este que foi vitimado pela exclusão e o roubo de suas pequenas propriedades.

Diz D’Ávila (1996 – PÁG. 72-73) que estes descendentes de mamelucos e índias já tinham sido expulsos de suas terras, com documentos de posse concedidos pelo imperador, já tinham perdido o direito de colher livremente erva-mate, pois em 1850, os ervais públicos foram sendo privatizados, obrigando os coletores a entregarem parte da colheita ao proprietário. Inclusive, quando colhiam pinhão e outros frutos silvestres, parte ficava com o titular da posse. Sarte tinha uma máxima muito interessante. Dizia ele: “Fazer, e ao fazer, fazer-se”. Como ficou a cultura destes homens, mulheres e crianças? O que falavam enquanto faziam todo o processo do carijo? O que contavam? O que cantavam? Que pássaros conheciam? Que flores colhiam para suas namoradas? Com o que faziam música, se o piano era um artigo de elite? Os livros consultados da época, e acreditem, eu consultei muitos e bons, não mencionam isso. Se fôssemos nos pautar apenas pelo que ficou escrito, o elemento crioulo, o caboclo mestiço, o gaúcho, o negro (escravo ou livre), o mulato, o indígena, o cafuzo, estariam relegados aos termos “homens”, quan-

do se menciona o número dos mortos e a “mulheres”, quando se menciona a violência, o estupro, os saques, os serviços sexuais.

Prestes Guimarães, em seu livro *A Revolução Federalista em cima da Serra*, alvo de meus estudos e comunicação no segundo Seminário sobre a Batalha de 1894, no ano passado, consegue ser uma exceção. Em seu relato vai registrando a história em diferentes vozes. Com uma redação muito próxima às características gerais do romantismo, ressalta nos combates aspectos de heroísmo e valorização da natureza, faz uma exaltação à liberdade humana, contrapondo-a à guerra. Traz presentes os sentimentos das famílias, das mulheres, das crianças, dos índios, do próprio inimigo. A falta da etnia negra em sua obra, talvez fosse um constrangimento em relação à situação destas pessoas, pois ele mesmo, em 1884, havia liderado um movimento pela libertação dos escravos. Sua forma de contar a história está avante do seu tempo. A forma como escreveu seu livro, entre 1892 e 1895, só começou a ser estudada nos Estados Unidos, em 1960. Além disso, Prestes também fazia poesia. Diz Dourado, médico e cronista da coluna de Gumerindo:

“Pouco adiante estava Prestes Guimarães à espera da coluna dele, eu tinha de esperar a minha gente para mudar o meu cavalo. Deitamo-nos na grama e nossa conversa remontou às tristezas do exílio. Prestes Guimarães mostrou-me uns versos que escrevera no exílio, em Corrientes.”

As atividades culturais organizadas, iniciadas em fevereiro de 1883, em Passo Fundo, pelo Clube Literário “Amor à Instrução”, estão registradas em D’Ávila (1996 – pág. 107-108). Segundo ele, em pouco tempo de fundação, o clube contava com um quadro de cento e vinte sócios, todos do sexo masculino, embora esposas e filhas de sócios participassem de algumas atividades. Inicialmente o clube funcionou em prédios alugados, e em 1888 foi edificada a sede própria. O clube formou uma biblioteca com trezentos volumes. Gasparino Lucas Annes foi o primeiro presidente. Durante a revolução, o clube foi fechado e sua sede serviu de quartel, voltando a funcionar posteriormente.

Outro clube citado pelo escritor, foi um informal, frequentado pelos republicanos, apelidado de “Clube do Toco da Vela”, em função das reuniões aconte-

cerem na oficina do marceneiro Augusto Reichmann, à noite, e de serem julgados “tão pobretões que não tinham condições de comprar uma lâmparina”. “Desse clube de jovens letrados, surgiu em 1890, um semanário, O Eco da Verdade, primeiro jornal passo-fundense”, afirma o historiador. Essas atitudes culturais, a preocupação com a escolarização, as duas bandas de música (uma do partido liberal e a outra do republicano) foram destroçadas pela Revolução Federalista. Quanto à religião, diz-se que, embora em sua maioria católico, somando alguns protestantes, “o povo era pouco dado a devoções.”

Concluindo, retomo a decisão da ONU de transformar a década 2001-2010 num período-símbolo para se pensar a paz. Desde que o ser humano percebeu que podia criar, transformar e articular idéias, a maior parte deste talento tem sido usado para dominar, para matar, para fazer sofrer. Seminários como este são importantes, além de servir para sabermos o que aconteceu, para sabermos o que queremos que aconteça, daqui para frente. Que tipo de sociedade queremos? Uma que constrói arte ou que destrói museus? Uma que cria um clube de instrução ou uma que fecha escolas e queima livros? Quem nós queremos ser?

Sempre devemos nos perguntar isso, pois a história se constrói a cada dia e poderemos ser lembrados como assassinos, como seres cruéis, ou coletivamente, como um povo criativo, feliz, harmônico, saudável, com terra para morar, plantar e produzir seu sustento.

Disse Ernesto Che Guevara: “Os poderosos podem matar uma, duas, até três rosas, mas nunca deterão a primavera!”

Obrigada!

Pronunciamento feito no SEMINÁRIO 112 ANOS DA BATALHA DE PASSO FUNDO - Ocorrida em 27 de junho em 1894, no Pulador.

Bibliografia Citada

D’ÁVILA, Ney Eduardo Possapp, *Passo Fundo Terra de Passagem*. Passo Fundo: Aldeia Sul, 1996.

FLORES, Hilda Agnes Hübner (org.) *Revolução Federalista – Estudos*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1993.

(Ana Carolina Martins da Silva é professora universitária e de Ensino Médio, além de ser membro da Academia Passo-Fundense de Letras – Cad. 17, de Ernani Guaragna Fornari.)

Somos diferentes?

WELCI NASCIMENTO

O Rio Grande do Sul sempre sustentou ferrenhas lutas para demarcar terras e se manter no extremo sul do Brasil. Essas lutas foram travadas contra os interesses estrangeiros; e também contra seus próprios irmãos, quando se declarou República Rio-Grandense, libertando a província do regime monárquico. Por dez anos, a República fez valer suas idéias e uma nova bandeira foi desfraldada nas coxilhas rio-grandenses. Retornada a normalidade, o gaúcho foi chamado a participar da guerra contra o Paraguai, e muito sangue foi derramado. No final do século XIX, o Rio Grande sustentou uma das revoluções civis mais sangrentas: a Revolução Federalista. Grande parte da população gaúcha foi dizimada na luta fratricida entre pica-paus e maragatos. Em seguida, vieram as revoluções de 1923/24, 1930 e 1932.

Na primeira década do século 19, começam a chegar os primeiros imigrantes, alemães, depois os italianos e os poloneses... Passam a transmitir suas culturas, trazidas das suas terras. Ao mesmo tempo, assimilam os usos e costumes do povo gaúcho. Dessa mescla étnica surgiu o gaúcho de hoje, cheio

de sentimentos nativistas, orgulhoso de seu pago que, de pai para filho, de geração em geração, foram transmitidos, dando lugar à tradição.

Perante certos tipos de irmãos brasileiros, parece que somos diferentes. Não raro somos considerados gigantes no trabalho, empreendedores e progressistas. Será que essa diferença não decorre do nosso isolamento geográfico, pela natureza e formação do solo, pelo clima de alternâncias bruscas? O nosso linguajar e os nossos costumes, por exemplo, foram influenciados pelos espanhóis, portugueses, índios, negros e imigrantes, entrelaçados no mesmo meio ambiente. O destino geográfico colocou o Rio Grande do Sul no extremo sul, e deu-lhe o árduo papel de ser o eterno vanguardeiro das fronteiras e da nossa dignidade cívica.

Euclides da Cunha, o nervoso estilista tropical de *Os Sertões*, descreve o gaúcho e o aspecto notável de seu caráter, diferenciando-o

da população do Nordeste, desta maneira: "O gaúcho, o peleador valente é, certamente, inimitável". O poeta payador Jaime Caetano Braun disse: "o Rio Grande do Sul parece ser um país diferente do restante do Brasil". O governo imperial considerava o Rio Grande do Sul o "sentinela da pátria", uma vez que aqui se travavam os combates entre Portugal e Espanha, dos quais resultaram muitos países de língua espanhola e, somente um, de língua portuguesa. Dizem que o gaúcho é brasileiro de teimoso e que foi por opção que escolhemos uma nacionalidade. Bem que poderíamos ter sido argentinos ou uruguaios, se não defendêsemos as fronteiras, lutando em favor do Brasil.

(Welci Nascimento é professor e membro titular da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Teu dia

Passei no teu dia
e tu despertaste para a vida.
A tua voz eclipsou
a voz do pássaro,
o sussurro do mar,
o sopro da brisa.
Os nossos sonhos
se envolveram num abraço,
e os teus dias
também foram meus.

(22/03/1983)

O carinho

O carinho
como o ar
deveria envolver o mundo,
adoçando-o,
e envolvendo os homens,
amenizando-lhes as tristezas,
tornando os momentos de amor mais profundos.

(17/02/1999)

Igualdade

Amo a beleza
e a perfeição da natureza.
Amo essa força criadora
que nos deu a alma,
capaz de sentimentos tão diversos
entre os homens,
mas tão iguais
no desejo de ser feliz.

(24/07/1999)

No agora

No agora,
o que nos pertence
são as lembranças boas
e o minuto presente.
No presente, nossa vida,
na esperança, os sonhos.
O presente é nossa Ilha do Tesouro.

(19/09/2005)

Amanhã

Até quando o amanhã?
Estou vivendo o dia-a-dia.
Onde estão os acalentados sonhos?
A esperança vai-se aos poucos,
temo não realizá-los.
Até quando o amanhã?

(13/02/2001)

Passo Fundo - Minha Terra

Minha terra,
Passo Fundo é linda!
Com coxilhas ondulantes
clima inconstante,
ora frio,
ora quente
e logo após
brisa ou vento forte.
Não se parece
como uma linda mulher alta,
curvilínea e inconstante?
Creio
que por isso
ninguém resiste a ela
quando por aqui passa.
Vão ficando,
vão ficando,
terminam morando.
Tem tudo o que é bom:
uma ativa universidade,
sua APL - Academia de Letras,
provando
que seus filhos amam a cultura.
Feliz aniversário, Passo Fundo,
e nossa querida
Academia de Letras - APL.

(2006)

Vento Norte

Vento norte,
vento forte
que meu corpo faz tremer,
sou a jovem
que contigo vai correr.
Vento norte,
vento forte...
Ah! amigo de outros tempos,
não sou mais aquela jovem
que contigo ia correr!
Ia levando liberdade,
amizade
e colar de lindos sonhos.
Ah! vento norte,
vento forte
que meu corpo faz tremer
de frio e também de alma,
de saudades de viver.

(14/05/1985)

(Craci Dinarte pertence à Academia
Passo-Fundense de Letras.)

Obrigado

Você diz "Senhor",
outros também.
Um coro de vozes
ergue-se aos céus:
- Obrigado, Senhor,
pelo nascer do sol
que aquece a terra,
faz florescer a flor,
amadurece o trigo
que sacia a fome.
- Obrigado, Senhor,
pelo verde das árvores,
pela sombra que elas dão,
pelo fruto que alimenta,
pelo cantar dos pássaros
que alivia a tensão,
inspira ideais.
- Obrigado, Senhor,
pelos rios e mares que correm unidos,
formando oceanos,
onde nossos olhares se perdem.
- Obrigado, Senhor,
por teres nascido,
sugado leite do seio de Maria,
crescido,
ensinado
que maior que tudo
é ser rico de amor.

(27/03/1983)



Imagem: Acervo do Museu do Rio de Janeiro

Vida e obra de Euclides da Cunha

DILSE PICCIN CORTEZE

Euclides da Cunha nasceu em 20 de janeiro de 1866, na fazenda Saudade, no município de Cantagalo, estado do Rio de Janeiro. Morreu no bairro da Piedade, aos 42 anos, assassinado pelo jovem cabo Dilermando Reis, amante de sua mulher, Ana Maria Cunha, filha do Coronel Sólton Ribeiro, importante personalidade da República.

A vida de Euclides da Cunha foi marcada pela tragédia. Órfão de mãe aos 3 anos de idade, foi entregue aos cuidados de vários parentes. Do Rio de Janeiro foi para Salvador e depois para São Paulo. Sua vida era feita de diferentes casas, bairros e afetos entrecortados; sua mente, uma sucessão de múltiplas paisagens. Composições que só ajudariam o geógrafo, o sociólogo e o antropólogo surpreendente que ele se revelaria anos mais tarde.

Desde muito cedo Euclides da Cunha foi tido como gênio por seus contemporâneos. Sua mente lúcida impressionava. Apesar do temperamento arreado e turbulento, sempre soube preservar as amizades. Foi amigo de intelectuais e de

gente poderosa, como o barão do Rio Branco. Mas nunca conheceu o afeto feminino.

Um homem de personalidade obsessiva e passional, assim foi o escritor Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha. Levou uma vida errante e aventureira. Muitas vezes como jornalista, outras como engenheiro e militar, viajou por todo o país. Escreveu dois livros de ensaios, *Contrastes e Confrontos*, de 1907; *À Margem da História*, de 1909, e um relatório técnico, *Peru versus Bolívia*, de 1907. Mas sua grandeza como escritor deve-se a *Os Sertões*.

Até a Campanha de Canudos, Euclides da Cunha foi um defensor incondicional do novo regime. Sua história se confunde em muitos momentos com a própria história da República. No Colégio Aquino, onde cursou o secundário, foi aluno do grande mentor republicano, Benjamim Constant. Logo depois, Euclides ingressou no Exército - onde chegou a tenente - e também na Escola Militar do Rio de Janeiro, que formava engenheiros para a construção de estradas, portos e pontes.

O Exército, influenciado pelo positivismo de Augusto Comte, se organizava enquanto classe. Ainda não era republicano como conjunto, mas Euclides

da Cunha, sim. Ainda em 1888, num ato de rebeldia, o escritor lançou sua espada aos pés do Ministro da Guerra, um monarquista. Foi preso e expulso das fileiras militares. Logo depois, quando foi proclamada a República, esse ato o transformou em herói. Euclides da Cunha fazia parte de uma elite militar que se impôs depois da Guerra do Paraguai. Nomes como Marechal Floriano Peixoto e General Moreira César passavam a fazer história. Estariam entre os responsáveis pela implantação do novo regime.

Republicano apaixonado, o escritor desembarcou no dia 7 de setembro de 1897, em Monte Santo - base da operação militar - ao lado do ministro da Guerra, General Machado Bittencourt. Pensava defender a República contra um levante bárbaro e monarquista. A quarta Campanha contra Canudos estava no final. E Euclides da Cunha jamais seria o mesmo. Caberia a ele questionar a República que se formava e ser um dos maiores críticos do Exército Brasileiro. Euclides da Cunha foi cobrir o evento, como enviado de guerra. O livro *Os Sertões* nasceu de uma reportagem sobre a Guerra de Canudos para o jornal *O Estado de São Paulo*.

Para compreender a revolta de Canudos, era necessário que o sertão viesse à tona, numa nova tradução. Foi essa a grande proeza do jornalista e engenheiro militar Euclides da Cunha, ao publicar seu livro *Os Sertões*, em 1902. Uma obra contundente, que destruiu o sonho brasileiro da República e da civilização branca europeizada.

Ao tentar compreender a psicologia

do sertanejo, Euclides da Cunha fez um ensaio revelador sobre a formação do homem brasileiro. Desmitificou o pensamento vigente entre as elites do período, de que somente os brancos de origem européia eram legítimos representantes da Nação. Mostrou que não existe no país raça branca pura, mas uma infinidade de combinações multirraciais. Previu um destino trágico para o Brasil, se o país continuasse a não levar em conta as diversas raças que o formaram. Mostrou que o Brasil tinha contradições e diferenças étnicas e culturais extremas. Concluiu que havia uma necessidade imperiosa de se inventar uma raça. Caso contrário, o Brasil seria candidato a desaparecer.

Em Canudos, ao acompanhar a luta de perto, Euclides da Cunha logo percebeu que a guerra tinha como razões aparentes o fanatismo religioso, o messianis-



mo e o sebastianismo sertanejos. Suas razões profundas eram o latifúndio, o coronelismo, a servidão, o isolamento cultural e a dureza do meio.

Toda a sua obra é marcada por suas viagens. Além do nordeste, visitou o norte do Brasil, onde chefiou a comissão brasileira que atuava na demarcação das fronteiras. Conheceu de perto, e num curto intervalo de tempo, o "in-

ferno verde da Amazônia" e o "saara vermelho" do sertão e da seca nordestina. Foi um dos primeiros escritores brasileiros a mostrar a miséria e o isolamento a que estava condenada parte dessas populações. Desenvolveu uma literatura das massas marginalizadas do país, sem confissões ou excessos emocionais.

Ele foi o primeiro escritor brasileiro a diagnosticar o subdesenvolvimento do Brasil, referindo-se à existência de dois países contraditórios: o do litoral e o do sertão. Canudos resultou do confronto entre esses dois Brasis, distintos entre si no espaço e no tempo, pelo atraso de séculos em que vivia mergulhada a sociedade rural.

(Dilse Piccin Corteze é historiadora, professora da rede particular de ensino e membro da academia Passo-Fundense de Letras.)



Comício de espíritos

ANA CAROLINA MARTINS DA SILVA

Costumo dizer para meus alunos que eu não poderia ser outra coisa que não fosse professora, pois eu nasci em uma escola. Meu pai era professor de uma escola agrícola em São Borja e, em 1964, nasci em uma casinha que ficava no pátio da escola. Nasci à força – diga-se de passagem. Minha mãe conta que era um frio de rachar e que a parteira passou à noite em função, me puxando e eu agarradinha a uma das costelas de minha mãe. Talvez soubesse de algumas coisas que me esperavam neste mundo de Deus. Nasci junto com a ditadura militar no Brasil. Bem, mas eu falava sobre ser professora de dentro para fora. Adoro quando encontro meus alunos, crescidos, realizados na vida, parece que a coisa é comigo. É pessoal.

Outro dia me aconteceu algo muito bom. Foi quando minha irmã, que mora em Porto Alegre, me mandou um mail com um recado: “Os Angüeras estão com uma página na internet. Saiu na Zero Hora uma reportagem sobre o Zé Bicca.” Para quem não conhece os Angüeras, visitar a página é uma boa pedida, quem conhece sabe que é um dos Grupos Amadores de Arte mais importantes do RS. Miguel Bicca, Zé Bicca, Apparício Silva Rillo, Mário Barbará Dornelles, nomes que, para quem é de São Borja, são ditos em pé, são alguns dos nomes importantes dos Angüeras. Pois, acessei a página. Isso foi em maio. Desde lá, tenho passado por uma experiência que apenas o amor mais profundo pode explicar. Os Angüeras foram os Beatles da minha geração. Eu acho que nunca coleí pôster na parede porque eles nunca o fizeram. Um dia, levei umas poesias minhas para o Rillo ler. Nunca tremi tanto na minha vida. Olhos e mãos. Olhos e mãos. É a imagem mais marcante que tenho dele, pois era isso que me dava. Com os olhos na ponta do nariz, me olhava por cima e ia falando sobre os poemas, corrigin-

do, mandava fazer de novo. Para mim, era John Lennon! Era John Lennon. Fui tomada de um amor. A poesia saía e se desdobrava e ele colocava aquilo que faltava e depois saía na Folha de São Borja. Eu só pensava nisso. Muito tempo se passou, vim para Passo Fundo e perdi o contato com Silva Rillo. Continuei achando que era poeta e escrevendo coisas. Disse isso na página dos Angüeras. Deixei poemas e recados. E foi de lá que me fez contato, Lucas Bicca. Entendendo seu sobrenome aqui como adjetivo, lembrando a qualidade da pessoa de sua mãe: Magda Bicca e da pessoa de seu pai: Zé Bicca.

Ainda tenho umas fotografias que ti-



rei da sua turminha de quarta-série, no Colégio das Irmãs, em São Borja. Como eu era feliz. Aquelas crianças tinham a mesma paixão que eu pela alegria, pela vida, pelas histórias. Tenho uma fotografia com eles vestida à caipira! Era isso que eu era. A palavra caipira, vem do tupi, significa tímido, envergonhado.

Quando fiz meu exílio voluntário, estas coisas ficaram em minha memória. Do Rillo, os olhos, por sobre os óculos, as mãos, finas e brancas, escrevendo no papel, é uma coisa que ele me disse: “Ana Carolina, tu não és uma poetisa. A palavra poetisa te deprecia, vou te chamar de poeta!” Não sei se ele falou de verdade, ou se por cortesia. Não sei se ele falou para mim e para todos os outros poetas que o procuravam mostrando suas criações. Mas eu nunca mais esqueci e, longe de casa, quando eu me parava em nada, perante esse mundo enorme, cheio de maldade, morte, corrupção, destruição da natureza, quando eu pensava que aqui não era lugar para mim, eu pensava: “Ana

Carolina, não te deprecia, tu és uma poeta”. Vou a São Borja, periodicamente, ver meus pais. Nos últimos três anos, fui tão rapidamente que não pude ir ver o Rio Uruguai.

Por que conto isso, sobre o Lucas? Porque me chegou pelo correio um presente dele: Comício de Espíritos. Um bilhete curto, assinado “Do eterno aluno”. Lucas, como te explicar? Paulo Freire diz que “Ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, as pessoas se educam no coletivo”.

Parei tudo e assisti: *Comício dos Espíritos*: o documentário sobre o 32º Festival da Barranca. É inacreditável isso. Desde que fui até o site dos Angüeras estou vivendo a poesia. Estou voltando para São Borja dentro de mim e dentro desta São Borja que em mim se descortina, estou voltando para dentro de mim.

Assistir o DVD me trouxe uma porção de emoções. Ver o Rio Uruguai, aquela função de acampamento, (eu e meus irmãos crescemos pescando com meu pai, mesmo depois de adultos e casados, quando nos reuníamos em um grupo maior, já avisávamos para o meu pai, arruma uma pescaria para nós. E quando chegávamos, ele tinha feito um caniço para cada neto.)

Comício dos Espíritos é um excelente trabalho, um excelente registro de um momento cultural fundamental para o Rio Grande do Sul, mais do que isso, ele está bonito e bem feito, soma os depoimentos com os cenários, tudo compõe texto. Tudo verdadeiro, a lua, a chuva, o rio, a natureza toda como protagonista. A barranca do rio como protagonista. Sem vaidades, com franqueza. O documentário feito por Lucas Bicca e Maurício Coppetti é franco, claro, muito bonito. Estes jovens fizeram uma obra de arte, porque só a arte de verdade pode fazer isso, trazer a emoção dos livros, das músicas, da amizade, como se estivessemos ali. Acho que o trabalho é fundamental por registrar a trajetória dos Angüeras que, com humildade, foram os artistas mais completos que já surgiram neste estado e que continuam, num tempo de violenta globalização e descaracterização e marketing, fazendo arte, sem olhar para a câmera, antes disso, olhando para os amigos e para o rio.

Visite: www.angueras.com.br

São Borja

São Borja - barco de toco
solene, perene.
No passo, o sol – barca e porto
Céu preto e laranja pras bandas
Do rio.
São Borja,
Retorno eterno e minha mãe de mel e água.
Memória viva da vida do Rio Grande do Sul.
Passado que não passou,
ficou,
fluiu.

São Borja, ser tua é ser diferente.
De ser de toda gente.
É ter um a mais para contar.
É um saber *escutar* – assuntando na beira do Uruguai.

São Borja, costeira, me perdoa, mãe missioneira.

Perdoa e acolhe a saudade de tua filha que partiu.
Fui buscar fogo, minha mãe adorada, mas, que nada,
O fogo era a vida aprontada me esperando do outro lado da ponte
Do Icamaquã.

Uma vida de armadilhas e grilhões, alegrias e solidões.
Uma vida, minha São Borja, que nunca mais me largou.
Espero um dia,
Quando desta libertada, possa eu descansar no teu ventre,
Voltada para ti.
Ser purificada por tuas vertentes,
Assimilada pelo teu barro vermelho,
Comunhão.

Espero que um dia, quando eu ganhar alforria,
Eu possa voltar
Com o tal fogo que fui buscar congelado no meu coração.
Para depositá-lo todo dentro de ti,
Como meu derradeiro pedido de perdão.

Exílio que não medi.
Exílio que não percebi.
Exílio que nunca mais acabou.

(Ana Carolina Martins da Silva é membro da Academia
Passo-Fundense de Letras, Cadeira nº 17, de Ernani Guaragna Fornari.)



Primícias



BETÂNIA ROTA DE
CAMARGO (6 ANOS)

A cachoeira escorre
e bate nas pedras.
Criança sorrindo,
sua mãe a seu lado,
sua mãe a cantar.
O sol enfeitando,
o arco-íris também.
As flores se abrindo
as borboletas a voar.

Os moranguinhos
são vermelhinhos
e cheios de pintinhas.

A festa era no jardim.
A princesa convidou a rosa,
a orquídea e a margarida.
Que festa maravilhosa!

Na roda das frutas,
vai a maçã vermelha,
vai uma pera doce
e um melão gigante.

O abacaxi faz cócega
Numa laranja ao lado.
Também tem um mamão
Rechonchudo e grandão.

O coelhinho saiu da toca
e encontrou seu amiguinho.
Eles foram para a praça
tocar violão.
Pom-pom-pom-pom.
O coelhinho olhou para cima
e disse: eh!
A Páscoa chegou
e a cidade sorriu.
O coelhinho mais uma vez
fez bom-bom, bom-bom...

Revolução Federalista ao alcance de todos

PAULO MONTEIRO

Os estudos sobre a Revolução Federalista que, logo depois do golpe republicano de 15 de novembro de 1889, ensanguentou o Rio Grande do Sul, têm apresentado grandes novidades nos últimos anos. E o Memorial do Ministério Público do Estado do Rio Grande do Sul, que realiza um trabalho importante no sentido de preservar a memória gaúcha, ao editar ou reeditar obras fundamentais para o entendimento da história sul-rio-grandense, tem contribuído para esse resgate histórico.

Graças à bonomia do jornalista Flávio Antonio Damiani, tive a oportunidade de receber, ler e divulgar em artigos jornalísticos, os dois volumes com os diários de Francisco da Silva Tavares e João Nunes da Silva Tavares, o General Joca Tavares, veterano da Revolução Farroupilha e da Guerra contra o Paraguai, que foi, ao menos nominalmente, o grande comandante militar dos Exércitos Libertadores, durante a Revolução Federalista, reunidos em dois tomos, sob o título comum de *Diários da Revolução de 1893*, além de *Os Crimes da Ditadura - A História Contada pelo Dragão*, de Rafael Cabeda e Rodolpho Costa, e *Acontecimentos Políticos do Rio Grande do Sul - Partes I e II*, de Gustavo Moritz. Flávio Damiani, que foi meu companheiro no Grupo Literário "Nova Geração", que ele costuma chamar de "A sociedade dos poetas vivos de Passo Fundo", e cúmplice em letras enviadas para festivais de música nativista, naquelas décadas de 1970 e 1980, continua sendo o mesmo e generoso amigo de sempre.

Para nós, passo-fundenses, as publicações do Memorial trazem muitas surpresas, pois a Revolução Federalista aqui começou, com as escaramuças entre os liberais de Antônio Ferreira Prestes Guimarães e os conservadores, transformados em cristãos novos da República. Motivos econômicos e estratégicos transferiram o epicentro re-



Francisco da Silva Tavares e família

volucionário para a fronteira. O líder liberal passo-fundense exilou-se, mas grupos armados mantiveram viva a contestação à ditadura positivista, que se firmava, inflada pelos adesistas de sempre. Como tenho afirmado, com documentos, em palestras proferidas e em textos impressos, a violência política era uma prática generalizada em Passo Fundo. E foi nesse terreno fértil que a explosão revolucionária - como voltaria a acontecer em 1923 - teve nossa terra como o ponto de erupção.

1. Diários da Revolução de 1893

A publicação dos *Diários da Revolução de 1893*, pelo Memorial do Ministério Público, traz novas informações sobre a "revolução da degola" e seus líderes máximos, entre os quais, Prestes Guimarães. São dois tomos. O primeiro acolhe o *Diário da Revolução Rio-Grandense (1892-1895)*, elaborado por Francisco da Silva Tavares (1844-1901), o negociador enviado ao Rio de Janeiro para acertar a paz com o governo central. O segundo, *Diário da Revolução, 1893 a 1895*, é de seu irmão, João Nunes da Silva Tavares (1818-1906), o Joca Tavares, comandante militar da invasão, veterano da Revolução Farroupilha e da Guerra contra

o Paraguai. Foi o primeiro general federalista. Os outros, como Gomercindo Saraiva, Luiz Alves de Oliveira Salgado e Prestes Guimarães, foram aclamados ou promovidos ao generalato no decorrer do movimento armado.

A Introdução, de Coralio Bragança Cabeda e Gunter Axt (*Diários...*, I, págs. 15 a 71), mais do que apresentar os dois tomos, resume a história da revolução. Contribui para o entendimento dos *Diários* e da própria insubordinação.

Advogado formado pela "Faculdade de Direito de São Paulo, dita do Largo São Francisco", Francisco da Silva Tavares foi deputado provincial (1883-1888), que acumulou com as funções de deputado geral (federal), entre 1886 e 1889, representando o Partido Conservador. Aderiu à República a 8 de junho de 1889, seguido por seu irmão, Joca Tavares, que renunciou ao título de Barão de Itaqui, a 19 daquele mês.

Como nota Gunter Axt (*Diários...*, I, p. 47-48), Joca reuniu "correspondências trocadas entre o General, o Conselheiro Gaspar Silveira Martins e o Almirante Saldanha da Gama, principais líderes da Revolução Federalista. Já "O Diário de Francisco é bem mais opinativo e reflexivo". Desejou melhorar a forma do trabalho, não concluindo o projeto.

Joca Tavares (*Diários, II...*, p.21), a 13 de março de 1893, oficiou ao coronel Davi Martins, comandante da 1ª Divisão do Exército Revolucionário, para que “cientificasse as forças sob seu comando, e aprovando a sua indicação do Coronel Antônio Ferreira Prestes Guimarães para seu substituto, no caso se agravassem os seus incômodos de saúde. E ao coronel Prestes Guimarães, ordenando que lhe comunicasse logo que lhe fosse passado o comando da Divisão, do Coronel David, para ser retificado o ato”. Logo adiante (págs. 22-24) aparece o segundo manifesto federalista, com a assinatura dos principais comandantes, entre eles o coronel passo-fundense. A 17 de março, recebia correspondência em que Prestes Guimarães comunicava ter assumido o comando da 1ª Divisão. A 11 de abril, cumprimentava o coronel serrano, “louvando o seu ato de abnegação e patriotismo, por ter passado o comando da 1ª Divisão ao Coronel Salgado e agradecendo, em nome do Exército Libertador, os serviços por ele prestados durante o tempo de seu comando”. Confia que fora dele, continuaria a prestá-los, pois que eram de valor inestimável à causa.

Foi sob o comando de Prestes Guimarães, (*Diários...*, II, 29-30), a 27 de março de 1893, que a 1ª Divisão venceu o Combate da Jararaca, em que o tenente-coronel Joaquim Tomás de Santos Filho caiu prisioneiro. Foi a primeira vitória de Prestes sobre o comandante pica-pau, a segunda aconteceria a 8 de junho do ano seguinte, no Combate dos Três Passos, em Passo Fundo, em que a Brigada Santos Filho e toda a Divisão do Norte, sob o comando do general Francisco Rodrigues Lima, foi derrotada pela cavalaria serrana.

Joca Tavares preserva um documento importante. É uma carta de Pedro Nunes da Silva Tavares (*Diários, II...*, págs. 319-322), expedida de Rivera a 29 de junho de 1895, narrando a morte do almirante Saldanha da Gama, no combate de Campo Osório, a 24 daquele mês, e outra vitória de Prestes Guimarães sobre a Divisão do Norte. “Dias antes do combate de 24 a que estou me referindo – conta Pedro –, o Almirante recebeu do Coronel Prestes Guimarães a seguinte comunicação: Moli-



na auxiliado pelas forças de Pinheiro Machado invadiram a capital de Corrientes, sitiando o palácio do governo, este escapou-se, digo, Presidente escapou-se e foi dar no acampamento de Prestes Guimarães, pedindo proteção. Reunindo-se a este e mais patriotas, voltaram à Capital e atacaram os revolucionários, derrotando-os completamente, aprisionando muitos oficiais da força de Pinheiro Machado e General Lima, tomando todo o armamento e munições, e um canhão de tiro rápido”.

A informação enriquece a biografia de Prestes Guimarães, ao falar sobre a invasão da Argentina, por forças sob o comando de um senador brasileiro, e a defesa do governo de Corrientes pelos exilados gaúchos, liderados pelo comandante do Exército Libertador Serrano. É reforçada a importância, como comandante militar, do “major do Passo Fundo”, como era tratado pejorativamente pelos castilhistas.

Os *Diários* documentam as dificuldades enfrentadas pelos revolucionários. Faltava de tudo: armas, munições, alimentos, roupas. Aclaram as divisões entre os federalistas. Mostram comandantes agindo como puros caudilhos, não prestando contas a ninguém, como se cada um fizesse sua revolução pessoal.

Os *Diários* apresentam documentos sobre o Combate de Rio Negro (26, 27 e 28 de dezembro de 1893) e a degola dos vencidos, que mereceria a “vingança” de Boi Preto (5.4.1894). Francisco da Silva Tavares (*Diários...*, I, p. 146) informa

que os pica-paus tiveram cerca de 700 prisioneiros e “mais de 200 mortos, e muitos que foram exalar o último suspiro nos matos próximos, muitos feridos e mais de 200 cavalos mortos”. O “exalar o último suspiro nos matos próximos” é expressão eufemística para a degola. Os revolucionários somaram cerca de 30 mortos, inclusive majores e capitães, e uns 40 feridos.

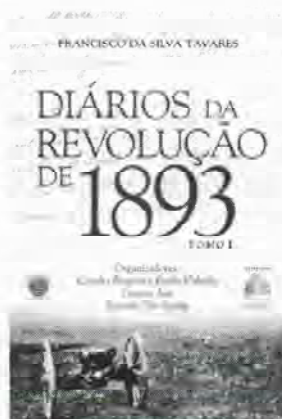
A maior documentação sobre Rio Negro, porém, quem apresenta é Joca Tavares (*Diários...*, II, págs. 73 a 93). O general David Martins, que comandou a ação fala em mais de 900 prisioneiros, aproximadamente 400 mortos, 140 feridos, “na sua maioria gente do governo”, estes seriam “de 90 a 100, mais ou menos” (Id., págs. 73 a 76). O número de mortos é muito próximo do de prisioneiros degolados, que se atribui a um único degolador, “o negro Adão Latorre”.

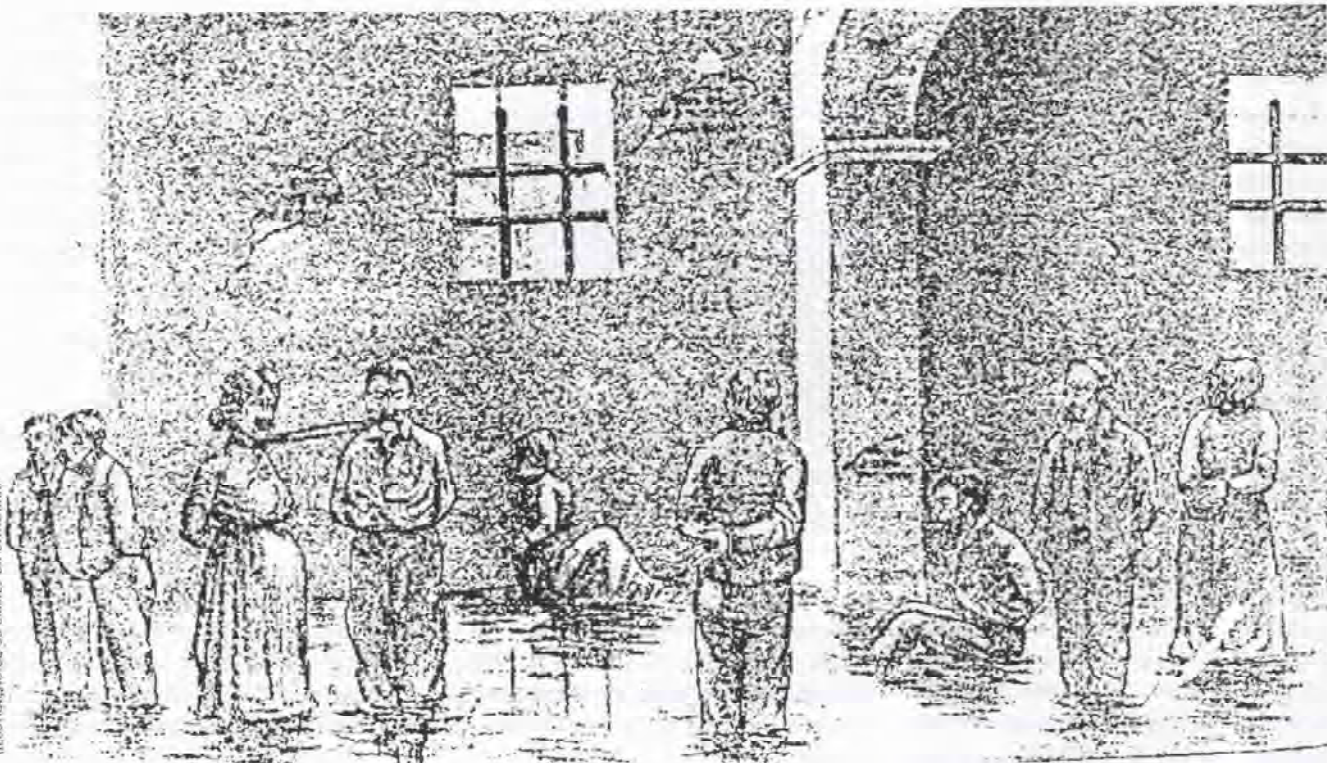
Em nota, ao iniciar a narração do Combate do Rio Negro, Joca Tavares (Ib., p. 72) faz a defesa de suas forças. As baixas do inimigo – segundo ele – atingiram de 280 a 300 homens. Os vencedores encontraram, em um banhado, 15 companheiros degolados pelo “famigerado assassino Cândido Garcia, das forças governistas”. Defende-se da afirmativa, lembrando a “hecatombe do Boi Preto, onde, sem haver guerra, degolaram impunemente duzentos e muitos federalistas em um só dia. No Rio Negro, foram passados pelas armas somente os ladrões e assassinos de maior nomeada, já denunciados em documento público e oficial, pelo General João B. da Silva Telles, e em número de 23”. Estes, cumprindo ordens de Júlio de Castilhos, “matavam a todos os adversários que encontravam, e quando a vítima era de posição social, ou influência política, trucidavam o cadáver, mandando as orelhas de presente ao seu Chefe”.

Pela riqueza de informações que apresentam e a proeminência que seus autores tiveram na direção da “revolução da degola”, os *Diários da Revolução de 1893*, de Joca Tavares e Francisco da Silva Tavares, entraram para o rol das obras indispensáveis ao entendimento da história do Rio Grande do Sul. Ninguém, sem ler esses documentos, pode falar sobre o passado gaúcho, em especial a Revolução Federalista e o castilhismo.

2. Os Crimes da Ditadura

Os Crimes da Ditadura - A História Contada Pelo Dragão, de Rafael Cabe-





da e Rodolpho Costa, teve a primeira edição em 1902, na cidade de Rivera, Uruguai, onde Rafael Cabeda, um dos comandantes da Revolução Federalista na Fronteira Oeste, mantinha O Maragato. Surgiu a partir de respostas a questionário distribuído com o jornal, que seria destruído no ano seguinte. Para calar o periódico oposicionista, o coronel João Francisco Pereira de Souza, mais conhecido como “Hiena do Caty”, com a conivência de autoridades uruguaias, invadiria aquele país.

O livro de Rafael Cabeda e Rodolpho Costa, ainda mais que o *Acontecimentos Políticos do Rio Grande do Sul*, de Gustavo Moritz, é uma verdadeira raridade bibliográfica. Do livro não se conhece um exemplar inteiro, tal a perseguição que mereceu dos governantes da época em que foi publicado, e apresenta muitas informações sobre as violências praticadas contra os opositores à ditadura castilista em Passo Fundo. Agora, graças ao Ministério Público do Rio Grande do Sul, e a uma equipe liderada pelos incansáveis pesquisadores, Gunter Axt, Coralia Bragança Pardo Cabeda e Ricardo Vaz Seelig, estão ao alcance daqueles que se preocupam

com a história gaúcha.

Lembro, a seguir, alguns exemplos de violências ocorridas em Passo Fundo, documentadas em *Os Crimes da Ditadura - A História Contada pelo Dragão*.

A 4 de junho de 1896, após a pacificação do Estado, “o estimado cidadão Palmeira” (José Antônio de Souza), um dos comandantes revolucionários em Passo Fundo, que cuidava de uma roça no local conhecido como Varzinha, foi atacado por um grupo do governo, tendo sido mortos dois companheiros seus. Apresentou-se ao vice-intendente de Alfredo Chaves (atual Veranópolis), pedindo garantias de vida. Poucos dias depois

acabou morto e seu “cadáver foi, em seguida, *charqueado*” (p. 95). Palmeira era odiado pelos pica-paus. A história oral conservou dele a imagem de homem feroz. Conta-se que chegou a matar crianças de colo, filhas de adversários. Aliás, narra-se que uma das formas mais terríveis empregadas por carrascos de ambos os lados, para humilhar seus adversários era atirar recém-nascidos para

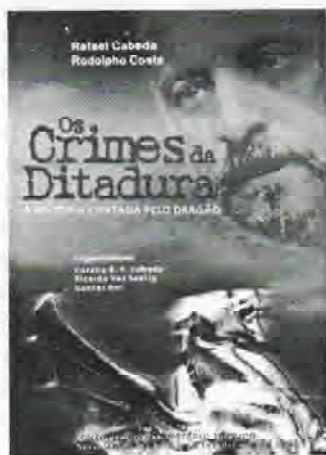
o alto e apará-los na ponta da lança.

No dia 15 de novembro de 1898, no centro de Passo Fundo (ed. cit., p. 136),

o capitão federalista, Sylvio Alves de Rezende, e seu primo, José Alves de Rezende, foram assaltados e mortos, “traíçoeiramente”, por cinco “bandidos”, bem armados. “Os bandidos não foram presos, apesar de conhecidos: dias depois passeavam pelas ruas da cidade, alardeando ainda seu crime”. Os “bandidos” saquearam o cadáver do capitão maragato, levando 600\$, relógio e objetos de valor.

Sylvio Alves de Rezende deu proteção às forças do coronel Veríssimo Ignácio da Veiga, e os Combates do Passo do Cruz (dois confrontos contra forças diferentes), travados a 20 de dezembro de 1893, com vitórias dos maragatos, foram próximos de sua casa, onde a própria Brigada Militar foi derrotada.

A 20 de novembro de 1899, quando reingressava no solo pátrio, em Santana do Livramento, o general passofundense, Antônio Ferreira Prestes Guimarães, foi atacado e ferido a arma de fogo e arma branca, pelos legalistas, Juvêncio Torres e Pedro Castanho. Prestes Guimarães resistiu, sendo socorrido por Rafael Cabeda, que se achava perto do local. Outros atentados em Passo Fundo são narrados da página 163 a 165, entre os quais os praticados por *corrientinos* que, contratados pelos líderes republicanos locais, assolaram o município, em 1892, e as perseguições contra o “capitalista”, Antônio José da Silva Loureiro, o Barão.



3. Acontecimentos Políticos do Rio Grande do Sul

Já *Acontecimentos Políticos do Rio Grande do Sul - Partes I e II*, de Gustavo Moritz, em sua primeira parte, é a reedição de um livro impresso em 1939, que trazia a indicação de "1º volume", agora enriquecida com textos inéditos. Reúne dezenas de artigos daquele veterano jornalista, divulgados em sua origem pelo *Correio do Povo*.

Gustavo Moritz, catarinense, contemporâneo da Revolução de 1893, é também um escritor identificado com o federalismo. Seus artigos guardam o estilo jornalístico, mesmo o autor valendo-se de ampla bibliografia, jornais e documentos contemporâneos dos fatos. As declarações que transcreve, muitas de raridade extrema, com a difusão proporcionada por esta reedição, contribuirão bastante para que certas "verdades", espalhadas por pesquisadores apressados, sejam revistas.

Uma dessas "verdades" é, com certeza, a influência exacerbada que tem sido conferida ao positivismo, nos pri-

meiros anos da República. Ao comprovar o engrossamento das hostes republicanas com os velhos conservadores do Império, Gustavo Moritz desmancha castelos de areia ideológica.

Ao longo da obra (439 páginas de texto), os instrumentos probantes da época, sempre ilustrados pelos pertinentes comentários do jornalista, ocupam espaço privilegiado. Esclarecem pontos obscuros sobre os primeiros governos gaúchos do período republicano, mostrando acontecimentos intra-muros. Trata-se de um verdadeiro trabalho de investigação. Jornalista, que desempenhou quase todas as funções na redação do *Correio do Povo*, seus artigos são o modelo do que pode significar o jornalismo cultural bem feito.

Exemplo desses testemunhos oficiais é a ordem do dia, de Gomercindo Saraiva, sobre a Batalha do Pulador (págs. 387-389), contando 88 federalistas mortos e 382 legalistas, segundo "parte do coronel Veríssimo da Veiga", e lembrando o Combate dos Três Passos (6 de junho de 1894). Trata-se

de uma notícia escrita logo depois da batalha, ainda com dados incompletos. Veríssimo, em informação posterior, registrada por Angelo Dourado, em *Voluntários do Martírio*, acrescentaria o número de mortos para 1014, encontrados no campo de batalha.

Gustavo Moritz, com *Acontecimentos Políticos do Rio Grande do Sul*, dá uma demonstração do quanto é valioso o jornalismo cultural, quando praticado por pessoas esclarecidas. A divulgação, em volume, dos artigos escritos entre meados da década de 1930 e 1945, com toda a certeza, merecerá a atenção de historiadores, de jornalistas e de todos aqueles que se preocupam com a história do Rio Grande do Sul, sem a carnavalização patrocinada por certas "escolas de samba de bombachas", como costumava repetir o "payador" Noel Guarani.

(Paulo Monteiro é membro titular da Academia Passo-Fundense de Letras, pertence à Academia Literária Gaúcha e a diversas entidades culturais do Brasil e do exterior.)

Poesia

PEDRO QUADROS DU BOIS

Tempos de determinações

porque havia o tempo da chegada
a estrela guia
como estrela
imóvel
inominado espírito
que antecede
a entrega

ao fundo o vulto espreita
em altas árvores
o galho esgarça
e o corpo cai
atraídos átomos

em pensamentos

o enforcado na recusa da espera
as horas de esforços
entrecruzadas vias
com que afoga o ânimo
em bebidas

razões para o desencanto
o espanto da descoberta
em deuses ofertados
de negações primeiras
e únicas formas
espalhadas

bosques da minha infância
e as frutas verdes consumidas
o orvalho deslizando os pés
incontidos no ataque
e na fuga

avisto o encontro
o canto se faz pequeno e fraco
na voz que se repete em ecos

os lamentos não servirão
de esteio esteira ou rasteiras
razões inoportunas e desfeitas
na seriedade do espelho refletindo
a vida determinada.

Plátanos

verdes campos
diferenciados em matizes
vistos da torre da matriz

platinados campos
de verões violáceos
em vontades
expressadas
nos cristais

mãos sobre a amurada
corpos fixados
no verde longe perto
em que o futuro

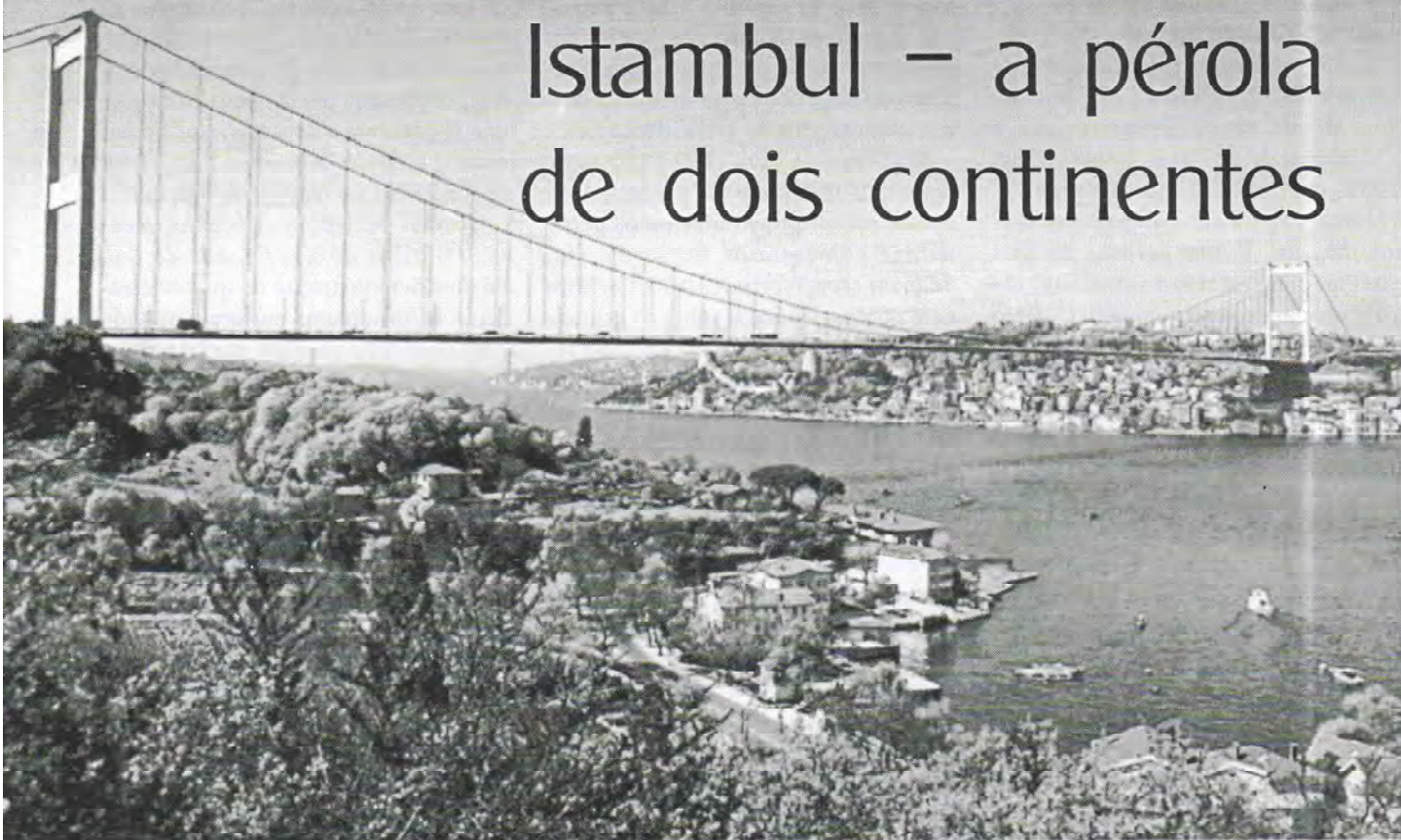
reflete o salão
onde acontece o encontro

sei do encontro dos deuses
doentes em significados
de orvalhos ralos
e os pés presos
aos barros empedrados
dos caminhos

o plátano longe
refulge o solstício
e o equinócio
do engano de ser estrangeiro.



Istambul – a pérola de dois continentes



ALBERTO ANTONIO REBONATTO

Istambul é a única metrópole assentada em dois continentes, Ásia e Europa, separados pelo estreito de Bósforo, um canal natural que liga o mar de Mármara ao mar Negro, com cerca de 31 quilômetros de comprimento e 660 metros de largura, em sua parte mais estreita. Duas pontes unem os lados asiático e europeu da cidade. A mais antiga, a de Atatürk, foi inaugurada em 1973 e a mais moderna, a de Mehmet, em 1988. Ambas suportam um tráfego de mais de 450 mil veículos e de cerca de 1 milhão e cem mil pessoas por dia.

Poucos lugares no mundo podem se orgulhar tanto de sua história como Istambul. Não é que o acervo cultural e histórico de outras cidades seja menor ou menos importante. É que os povos que a dominaram deixaram marcas de sua passagem que ainda impressionam, seja no aspecto arquitetônico, seja no cultural, religioso ou étnico.

A ocupação humana de Istambul remonta à Idade do Bronze. Para fins históricos, no entanto, nos reportamos ao século VI a.C., quando os habitantes de Mégara, cidade situada nas proximidades do Istmo de Corinto, liderados por Byzas, se estabeleceram na região. O

nome Bizâncio deriva daquele chefe megarense. Depois vieram conquistadores persas, atenienses, espartanos e galeses, até chegarem os romanos, que mantiveram um longo domínio. Trocaram até o nome da cidade, que passou a se chamar Constantinopla, em homenagem ao Imperador Constantino, e chegou a ser a segunda capital do Império Romano. Com a cisão deste, passou a ser a capital do Império Romano do Oriente. Por longo período continuou como capital do Império Bizantino. Após o assédio de árabes, genoveses, venezianos e latinos, retornou ao domínio grego e, finalmente, no século XIV, foi conquistada pelos turcos e se tornou a capital do Império Otomano, e recebeu o nome de Istambul. Com a anexação do Egito pelos otomanos, se tornou a sede do califato e o centro do mundo muçulmano. A cidade teve 36 sultões, até que Atatürk, o reunificador da Turquia, proclamou a república e transferiu a capital política para Ancara.

Istambul jamais perdeu sua identidade como capital da arte bizantina e como uma das capitais religiosas do mundo. Tanto é que, com a divisão da Igreja Católica, o cristianismo do Oriente elegeu Istambul como sede do patriarcado da Igreja Ortodoxa.

Apesar dos séculos que separaram o

domínio romano da conquista otomana, ainda podemos admirar muitas obras deixadas pelos romanos. Dentre elas, citamos as famosas Murallas de Constantinopla, erguidas pelos imperadores Constantino, o Grande, e Teodósio II, ainda visíveis em boa parte de sua extensão, que originariamente tinha 14 quilômetros, inúmeras portas e muitas torres de proteção e observação.

A antiga Catedral de Santa Sofia, (o nome Santa Sofia não tem conotação com qualquer santa cristã. Significa Divina Sabedoria. Por causa disso é que, embora construída por cristãos, continuou com o mesmo nome quando mesquita e museu, sob o domínio dos turcos, que em sua quase totalidade são islâmicos) hoje museu de Santa Sofia, é, sem sombra de dúvidas, a mais importante obra arquitetônica da era bizantina. Erguida em sua forma atual pelo Imperador Justiniano, foi igreja por 916 anos, mesquita por 481 anos e, desde 1935, é museu. Conta a lenda que o imperador Justiniano tinha pretensão de construir um templo maior que o de Jerusalém, erguido por Salomão e que, depois de pronto, teria exclamado orgulhoso: "Salomão, te superei." Ainda hoje, se igreja fosse, seria a quarta com maior área coberta do mundo, perdendo apenas para a de São Paulo, em Lon-

dres, São Pedro, em Roma e Il Duomo, em Milão. Mede 5750 metros quadrados de área, e sua cúpula, uma das 5 mais altas do mundo, atinge 55,6 metros. Luxuosíssima, nela encontramos mármore da Antioquia, granito retirado do ginásio do porto de Éfeso, colunas do templo de Apolo, do Líbano, e ladrilhos e telhas da ilha de Rodas. Foi erguida em 5 anos e 10 meses e nela trabalharam mais de cem mil operários. A responsabilidade da construção recaiu sobre Anthemio de Tralles e Isidoro de Mileto.

O Imperador Justiniano também se notabilizou pela Cisterna De Yerebatan. Embora sua arquitetura se assemelhe mais a uma catedral do que a um reservatório de água, é o maior e o mais importante entre os sessenta construídos na época bizantina. Com uma área de 10 mil metros quadrados, comporta 80 mil metros cúbicos de água. Seu teto mede 8 metros de altura e é sustentado por 336 colunas, distribuídas em 12 fileiras de 28 colunas cada uma. A distância entre uma coluna e outra é de 4 metros. Sua construção data do ano de 532 d.C. O armazenamento de água era comum na região, devido à escassez do produto e ao péssimo costume de envenenar as nascentes na época das guerras. Hoje a visitação é aberta ao público, em passarelas especialmente construídas, ao som de belas músicas e com sugestivo visual de luzes. Anteriormente o acesso era por barcos.

Iniciado pelo Imperador Sétimo Severo e inaugurado por Constantino, o Grande, o Hipódromo Romano também é um belo legado. Em forma retangular, medindo 400 x 150 metros, perde em tamanho apenas para o Circo Máximo de Roma. Destinado à prática de esportes, foi, também, palco dos principais acontecimentos da história bizantina. Em seu interior ainda se pode admirar o obelisco egípcio com mais de 3.500 anos, trazido do templo de Karnack, em Luxor. Todo em granito rosa, pesa cerca de 300 toneladas e sua altura é de 20 metros. Originalmente, media 32,5 metros, mas 12,5 metros foram cortados para que pudesse ser transportado. De Delfos, Constantino também trouxe a coluna de serpentes, das quais hoje se pode ver tão somente o corpo, de vez que as cabeças foram saqueadas e se encontram, uma no Museu Britânico, outra no Museu de Istambul e a terceira desaparecida.

No Hipódromo, também a Coluna de Constantino, com seus 32 metros de al-



tura, merece ser destacada. Toda em pedra, cobre e bronze, foi saqueada ao tempo das Cruzadas e parcialmente destruída pelo terremoto de 1894.

No final do século XIV, vieram os otomanos e lá permanecem até os dias atuais. Primeiro, com seus sultões, seus palácios e suas mesquitas. Modernamente, com sua República. Foram eles que lhe deram o nome de Istambul. Ao que parece, os turcos vieram para ficar.

Nada menos do que 2800 mesquitas estão em pleno funcionamento na cidade, com seus magníficos minaretes apontando para o alto, sempre a convocar os fiéis para as cinco orações diárias. Seria imperdoável não visitar e não referir a mais famosa delas, a MESQUITA AZUL, mandada construir durante o reinado do Sultão Ahmet I. É a maior e a mais suntuosa de Istambul. É a única de toda a Turquia e de todo o mundo islâmico que possui 6 minaretes, perdendo apenas para a de Meca, que possui sete. Consta que Ahmet I mandou acrescentar mais um minarete na Mesquita Sagrada de Meca para demonstrar que esta era superior à sua. A Mesquita Azul possui cinco entradas principais e 260 janelas. Em anexo foi construído também um

complexo sócio-religioso, que compreendia, entre outras coisas, um centro comercial de artesanato, uma escola islâmica, uma fonte, um abrigo para peregrinos, além de magníficos jardins. Sua cúpula de 23,5 metros de diâmetro e 43 metros de altura, encima a nave central, que mede 51 x 53 metros. Do lado de fora se encontra o belíssimo jardim e a fonte para a ablução dos crentes.

Dentre os palácios, destacamos o de Topkapi, que era a sede administrativa do Império Otomano. Cinco quilômetros de muralhas o rodeiam e suas dimensões, entre construções e jardins, são de tal natureza que comportariam dois estados do Vaticano e a metade do Principado de Mônaco. No palácio viviam 5 mil pessoas que recebiam, por sua vez, cerca de 5 mil visitantes por dia. Suas cozinhas preparavam em média 20 mil refeições diárias. Só o harém do palácio possui 300 quartos, 46 banheiros, 8 salas de banhos turcos, 4 cozinhas, 2 mesquitas, 6 dispensas, uma piscina e um hospital. Inacessível ao mundo exterior, todas as necessidades eram supridas no próprio harém. Somente a família do Sultão e alguns serviçais, normalmente eunucos, a ele tinham acesso, além dos



“A esperança na sarjeta”...

XIKO GARCIA

Eu nasci ao natural,
Não sou bebê de proveta,
Não sou clone de ninguém
Nem saí de outra gaveta,
O que mostro sou o autor
Não me baseio em xereta,
Meu sucesso anda lento
Igual desfile de carreta.
Quem gosta abre sorrisos
Ciumento mostra careta.
Mesmo assim eu vou chegando
Sem propina e sem gorjeta,
Sempre passado pra trás
Por quem rege a opereta,
Desses que a mentira um dia
Erra a bunda da banquetta.
Bunda é o que mais promove
As estrelas de veneta.
Basta... um pouco de sorte
E posar bem pra uma luneta,
Nem precisa usar a cara,
Ela que encare a faceta.
Uma coisa é se ter cara
Bem outra é ser um careta,
O Bin Laden esconde a dele
Nas cavernas ou na mureta,
Porém se o terror tem cara
Faz da dele a silhueta,

O Bush mostra demais
É um cara de “Busheta”...
Esse cara ninguém tolhe
Nem impede que se meta,
Faz bobagens, não assume,
Outro... que se comprometa.
Sempre encontra uma razão
Mesmo usando a baioneta,
Resolve tudo no chumbo
E põe a culpa na espoleta,
O Sadam se achava o cara
Mas resvalou na prancheta,
O mundo com esses caras
Quando é claro está violeta,
Se logo não mudar de cara
É só trocando de planeta,
Se a terra não é o inferno
Mas aqui sobra... capeta...

Sou gaúcho do Rio Grande
Que sabe o que é roseta,
Na grama e de pé descalço,
Faz um são usar muleta,
E na espora de um ginete
Faz bagual chupar chupeta.
Sinônimo de mamadeira
Que pro político é teta,
E pra conseguir uma boa

Anote na caderneta,
Faça o que muitos já fazem
Minta, enrole e prometa,

Isso rende muita grana
Grana branca e grana preta,
Dá pra freqüentar cassinos
Jogar carta e na roleta,
Apreciar strip-teases
Belos rabos de cometa,
É a arte que mostra bem
Onde vai a maçaneta...
Também dá pra degustar
Caviar, lagosta e chuleta,
Passar por autoridade
Ter continência e corneta,
Mas a conta do país
Afunda mais que valeta.
E como é democracia
Eu me atraco na caneta.
Mas o sucesso que é bom...
Sinto, é marca na paleta.
Mas um dia há de chegar
Pra quem não entra em mutreta,
Esse é um registro que faço
Antes que o fim me arremeta,
Escrevo por distração
Não levem ao pé da letra.
“Assim mantenho a esperança
Sem deixar ir pra sarjeta”...

(Francisco Mello Garcia (Xiko Garcia) é compositor, poeta e escritor. Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

O ensino da história: preocupação com uma história revisada

DILSE PICCIN CORTEZE

Após vários anos atuando no magistério, Ensino Básico, pudemos ver as lacunas que existem quanto ao ensino da História nas escolas de modo geral. Entre elas: os livros didáticos continuam a repetir conceitos antigos, mitológicos, tendenciosos, preocupados em manter as coisas como estão. Igualmente a formação de professores de história por universidades carentes de uma reforma nos currículos, deixa os cursos de licenciatura aquém do desejado.

Como professora pesquisadora, sentimos que é nossa obrigação contribuir para que o ensino da História nas escolas seja mais eficiente e atinja os objetivos aos quais a disciplina se propõe. Nesse sentido, procuramos levantar alguns dos problemas do ensino da História: pesquisar, debater, levar para as escolas, voltar a debater os resultados, e assim tornar a História mais prazerosa para professores e alunos.

1. O Grupo de Estudos "História e Realidade"

O grupo "História e Realidade" é formado por professoras de História da rede particular e pública, com atuação na Educação Básica e Superior. As componentes do grupo possuem formação em História, Especialização e Mestrado pela

Universidade de Passo Fundo. O grupo surgiu da necessidade que sentimos em continuar os estudos e pesquisas iniciados na Universidade, e para suprir algumas deficiências da História oficial ensinada nas escolas, nas quais atuamos. Assim, o primeiro encontro foi em 12 de junho de 2003 e, desde essa data, o grupo mudou sua temática de estudo com o ingresso de novos elementos.

2. O estudo da História e da Cultura Afro-Brasileira

A preocupação inicial do grupo foi com a Lei Federal n.º 10639, de 09/01/2003, sancionada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), tornando obrigatória a inclusão, no currículo das escolas de Ensino Básico, oficiais e particulares, do estudo da História e da Cultura Afro-Brasileira.

A preocupação era como trabalharíamos e auxiliaríamos nossas colegas a desenvolver este conteúdo multidisciplinar, nas escolas. A lei propunha que fosse incluída nos calendários escolares a data de 20 de novembro, como o Dia da Consciência Negra.

Procuramos reunir bibliografias e produções recentes sobre o assunto e, após muitas leituras e discussões, tentamos resgatar a contribuição da raça negra nas áreas sócio/econômico e político-cultural, no cenário brasileiro. Ressaltamos a figura de Zumbi, bem como sua atuação

no Quilombo dos Palmares, como líder de uma comunidade de resistência à escravidão. Debates sobre o mito da "democracia racial", sobre os remanescentes de quilombos, a questão de cotas para negros nas universidades e a condição do negro no Brasil atual.

Dessas leituras e discussões nasceu um texto que recebeu o nome: "Negro: protagonista invisível", publicado nos jornais locais, "O Nacional" e "Diário da Manhã". Além disso, o grupo transformou os estudos em projetos de trabalho desenvolvidos em sala de aula junto aos alunos. Os educandos fizeram leituras sobre o assunto, entrevistas, pesquisas em jornais, viram filmes, assistiram a palestras e redigiram textos. Com esse projeto, foi possível associar a teoria à prática pedagógica, provocando discussões e crescimento em toda a comunidade escolar.

3. As tradições gaúchas

Discutindo o problema do negro, do escravo do Rio Grande do Sul, chegamos aos temas: Revolução Farroupilha; heróis anônimos, como o negro e a mulher; o tradicionalismo e o gauchismo; circunstâncias históricas da criação do MTG; e a criação do primeiro CTG do Rio Grande do Sul.

Com a aproximação das festividades da Semana Farroupilha, nos preocupamos com a abordagem deste assunto, repetido ano após ano em toda a

O ensino da história: preocupação com uma história revisada

DILSE PICCIN CORTEZE

Após vários anos atuando no magistério, Ensino Básico, pudemos ver as lacunas que existem quanto ao ensino da História nas escolas de modo geral. Entre elas: os livros didáticos continuam a repetir conceitos antigos, mitológicos, tendenciosos, preocupados em manter as coisas como estão. Igualmente a formação de professores de história por universidades carentes de uma reforma nos currículos, deixa os cursos de licenciatura aquém do desejado.

Como professora pesquisadora, sentimos que é nossa obrigação contribuir para que o ensino da História nas escolas seja mais eficiente e atinja os objetivos aos quais a disciplina se propõe. Nesse sentido, procuramos levantar alguns dos problemas do ensino da História: pesquisar, debater, levar para as escolas, voltar a debater os resultados, e assim tornar a História mais prazerosa para professores e alunos.

1. O Grupo de Estudos "História e Realidade"

O grupo "História e Realidade" é formado por professoras de História da rede particular e pública, com atuação na Educação Básica e Superior. As componentes do grupo possuem formação em História, Especialização e Mestrado pela

Universidade de Passo Fundo. O grupo surgiu da necessidade que sentimos em continuar os estudos e pesquisas iniciados na Universidade, e para suprir algumas deficiências da História oficial ensinada nas escolas, nas quais atuamos. Assim, o primeiro encontro foi em 12 de junho de 2003 e, desde essa data, o grupo mudou sua temática de estudo com o ingresso de novos elementos.

2. O estudo da História e da Cultura Afro-Brasileira

A preocupação inicial do grupo foi com a Lei Federal n.º 10639, de 09/01/2003, sancionada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), tornando obrigatória a inclusão, no currículo das escolas de Ensino Básico, oficiais e particulares, do estudo da História e da Cultura Afro-Brasileira.

A preocupação era como trabalharíamos e auxiliaríamos nossas colegas a desenvolver este conteúdo multidisciplinar, nas escolas. A lei propunha que fosse incluída nos calendários escolares a data de 20 de novembro, como o Dia da Consciência Negra.

Procuramos reunir bibliografias e produções recentes sobre o assunto e, após muitas leituras e discussões, tentamos resgatar a contribuição da raça negra nas áreas sócio/econômico e político-cultural, no cenário brasileiro. Ressaltamos a figura de Zumbi, bem como sua atuação

no Quilombo dos Palmares, como líder de uma comunidade de resistência à escravidão. Debates sobre o mito da "democracia racial", sobre os remanescentes de quilombos, a questão de cotas para negros nas universidades e a condição do negro no Brasil atual.

Dessas leituras e discussões nasceu um texto que recebeu o nome: "Negro: protagonista invisível", publicado nos jornais locais, "O Nacional" e "Diário da Manhã". Além disso, o grupo transformou os estudos em projetos de trabalho desenvolvidos em sala de aula junto aos alunos. Os educandos fizeram leituras sobre o assunto, entrevistas, pesquisas em jornais, viram filmes, assistiram a palestras e redigiram textos. Com esse projeto, foi possível associar a teoria à prática pedagógica, provocando discussões e crescimento em toda a comunidade escolar.

3. As tradições gaúchas

Discutindo o problema do negro, do escravo do Rio Grande do Sul, chegamos aos temas: Revolução Farroupilha; heróis anônimos, como o negro e a mulher; o tradicionalismo e o gauchismo; circunstâncias históricas da criação do MTG; e a criação do primeiro CTG do Rio Grande do Sul.

Com a aproximação das festividades da Semana Farroupilha, nos preocupamos com a abordagem deste assunto, repetido ano após ano em toda a

sociedade sulina, bem como a maneira alienada utilizada nas comemorações em geral.

Nosso objetivo principal era nos prepararmos para o mês de setembro comemorar a Revolução Farroupilha e, por conseguinte, o Dia do Gaúcho. Para festejar esta data acontecem muitos eventos em nossa cidade, assim como em todo o Estado. Há grandes desfiles, cavalcadas, mateadas, rondas, bailes com escolha de prendas, gaúchos, poesias tradicionalistas, a imprensa toda se movimenta com publicações e comentários, as escolas fazem o hasteamento da bandeira e cantar o Hino do Rio Grande do Sul, alguns alunos usam pilchas, enfim, toda a cidade se colore com as cores verde, amarelo e vermelho. Era o ano de 2003 e o MTG idealizou as comemorações deste ano, considerando propício o lema "O soldado farrapo, o herói anônimo".

Os questionamentos giraram em torno dos temas: Quem era este herói anônimo? Onde está a origem do termo "gaúcho", símbolo da identidade regional e desses festejos? Como surgiram os CTGs e tudo o que é cultuado pelo MTG?

Falando em tradicionalismo gaúcho, nota-se uma exclusão das demais culturas do Estado. Onde ficam as tantas manifestações culturais dos diferentes grupos étnicos como os negros, os índios e os imigrantes de diferentes países do mundo? E a fusão destas diferentes manifestações, ocorrida na convivência pacífica ou não, entre tais grupos? Será que o gaúcho, da forma como é representado oficialmente, contempla as múltiplas manifestações culturais do habitante de nosso Estado? Podemos reduzir o nosso folclore apenas ao modo como os tradicionalistas dos CTGs divulgam?

Portanto, falar em herói anônimo nos leva a refletir sobre os tantos soldados rio-grandenses, os peões, escravos e índios que desempenharam papel importante durante a Revolução Farroupilha; sobre o processo de construção da atual imagem criada para o habitante do Rio Grande do Sul.

A construção da identidade regional, expressada na figura do gaúcho, foi uma invenção da elite dominante, e carrega no seu bojo uma série de peculiaridades regionais, valores e interesses que, aos

poucos, foram fazendo parte do imaginário local e tornando-se essa forma representativa do gaúcho, enquanto figura típica de uma determinada região.

Trata-se de uma imagem em certo sentido emblemática e diferenciada, pois é identificável a uma figura mítica - o gaúcho - com a pretensão de diferenciá-lo do povo brasileiro, embora ele seja parte desse povo. Percebemos assim a necessidade de discutir com mais intensidade este tema tão presente no cotidiano sul-rio-grandense.

Uma discussão importante pode ser conduzida pela crítica, pois há duas interpretações que tiveram importância na cultura historiográfica: a que defende o tradicionalismo, e a que se coloca numa posição crítica a ele. Um outro elemento a se pensar é o próprio conceito de cultura, uma vez que ambas as posições referidas tendem a cooperar com um certo reducionismo do mesmo.



Levamos o debate deste tema para nossas escolas, provocamos discussões e críticas com toda a comunidade escolar: pais, alunos, professores e funcionários; proferimos palestras em várias escolas da cidade de Passo Fundo; participamos de debates em programas radiofônicos locais; e encaminhamos textos que foram publicados em jornais de circulação regional, com o título: "A construção da identidade do gaúcho", e "Soldado farrapo, o herói anônimo".

Para discutirmos o tema da Revolução Farroupilha, do tradicionalismo, gauchismo, CTG, MTG, e da identidade, usamos vasta bibliografia, com tendências diferentes de pensamento, onde podemos verificar várias interpretações sobre o assunto. Dentre estas, podemos destacar: BERTHES, Roland. *Mitologias*. CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem: a elite política imperial*. FREITAS, Décio. *O mito da Revolução Farroupilha*. GOLIN, Tau. *Bento Gonçalves: herói ladrão*. GOULART, Jorge Salis. *A formação do Rio Grande do Sul*. GUAZZELI, Cezar Augusto Barcelos. *A construção literária do gaúcho: do fora-da-lei ao peão do campo*. GUTTFELD, Ieda. *A historiografia rio-grandense*. HOSBAWM, Eric e RANGER, Terence (Orgs.). *A invenção das tradições*. KOTHE, Flávio Rene. *O herói*. LEITMAN, Spencer L. *Negros farrapos: hipocrisia racial no sul do Brasil no séc. XIX*. LESSA, Luis Carlos Barbosa. *Nativismo: um fenômeno social gaúcho*. MACIEL, Maria Eunice. *A atualização do passado*. OTERO, Loiva Felix (Orgs.). *RS: 200 anos definindo espaços na história nacional*. ; MAESTRI, Mario. *Guerra Farroupilha: História e Mito*. OLIVEN, Ruben George. *O processo de construção da identidade gaúcha*. "O Tempo e o Vento" conta e faz a história dos gaúchos; PADOIN, Maria Medianeira. *A Revolução Farroupilha no contexto de construção do Estado Nacional brasileiro*.

(Dilse Corteze é Mestra em História Regional pelo PPGH da UPF. É autora de: *Ulysses na América: história, historiografia e mitos da imigração italiana no RS [1875-1914]*. [Passo Fundo: EdUPF, 2002]. Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Eu vi o Diabo

SANTO CLAUDINO VERZELETI

Nos idos de 1943, mais precisamente no mês de fevereiro, quando morava na Linha Garibaldina, interior da localidade de Rondinha, saí à procura de melancias no meio de um mandiocal. Após a safra sempre há as temporonas. Era a minha esperança.

Tomei o caminho que conduzia à roça, em uma estrada de chão batido que terminava no morro, com plantações de cana e mandioca, nos dois lados da estrada.

Andava de um lado para outro, investigando, e na expectativa de encontrar alguma redondinha que me saciasse o desejo e a sede.

Todo o meu pensamento se concentrava nas melancias e o impulso me fazia andar mais e mais, pois, com a caminhada, crescia também a gula.

O calor era insuportável no meio do mandiocal. E o silêncio, absoluto, sem uma viva alma para puxar uma prosa. Ouvia-se somente o barulho das folhas da mandioca e da cana, roçando umas

nas outras pela ação do vento.

Cansado de andar de lá pra cá, sentei-me sobre uma pedra por alguns momentos...

Mas logo logo dei continuidade à empreitada e cheio de vigor, pois a sede era intensa e o calor a fazia aumentar.

O local não ficava muito longe da casa paterna, junto a um parreiral protegido por uma cerca de palanques e arame farpado.

Determinado, eu vagava sem rumo, na incansável busca da angúria (melancia). Suava como uma bica jorrando água, pois havia passado mais de uma hora, e a minha busca resultava infrutífera, embora ainda com esperança.

Em dado momento, resolvi ultrapassar um valo e passar para o outro lado da estrada, que conduzia à roça e ao morro. Após andar um tempo entre os talos da cana de açúcar, resolvi voltar novamente à estrada.

Quando saí do canavial, ouvi um barulho estranho roçando as folhas da cana. De repente, surgiu entre elas uma cabeça com dois pequenos chifres, a qual avançou para a barranca, na minha direção...

Em dois segundos, passou-me pelo pensamento uma idéia terrível: Era o diabo! O mesmo que se encontrava no quadro da sala em nossa casa, um quadro que a Igreja mandara distribuir a todos os seus fiéis, a fim de coibir os maus pensamentos e as más obras.

Saí em disparada, em direção à casa. Como um relâmpago, pulei a cerca de arame farpado, não sei como, sem me ferir, gritando e chamando pela mãe. Em situação de desespero, só sabia gritar: O diabo! O diabo! Eu vi! Está lá!... — e apontava o local a todos que me cercaram: o pai, a mãe e os irmãos, que vieram ao meu encontro correndo e perguntando o que houve. Eu não conseguia nem mesmo respirar, pois correria uns 150 metros da roça até a casa. Imediatamente, o pai e os irmãos foram até o suposto local. Examinaram, olharam, escutaram, mas nada viram nem perceberam, a não ser uma terneira solta no meio do canavial, junto à estrada e sobre o barranco.

As minhas pernas tremiam, e por um bom tempo achei que não me manteria de pé. A mãe se apressou em alcançar-me uma caneca d'água, enquanto os irmãos começaram a me gozar: Che paúra,

caro de dió! (Que medo este teu, filho de Deus!)

Mas eu vi o diabo de verdade! – exclamava ainda tremendo.

Neste meio de tempo o pai retornou, contando a história verdadeira. Tratava-se de uma novilha e não havia diabo nenhum. Enquanto isso, atordoado pela inesperada visão, sentei na varanda da casa, todo sem jeito e deveras encabulado. Que cagaço! Que sensação desagradável! Mas também, que lição de vida! Tudo por causa daquele quadro pendurado na sala... Era tão assustador que fazia a gente criar imagens estranhas no cérebro, acreditando piamente que tudo era verdade...

Hoje os nossos pensamentos são outros. As idéias amadureceram, assentando-se num patamar superior. O quadro... pura enganação para os fracos de espírito... A minha inocência atingia apenas nove anos de idade, e fora criado em pleno mato, só preocupado em ajudar os pais nas lides diárias. E a disciplina era rígida. Todas as noites rezávamos o terço em família, ajoelhados, com muita devoção e respeito.

Foi a mãe quem nos ensinou o primeiro catecismo, ainda em italiano. Quando me senti preparado, fui prestar os exames da Primeira Comunhão, com o Padre Alfredo, em Rondinha. Viajamos, a mamãe e eu, numa égua longa, durante três horas. Eu trotava feliz, pois sabia de cor e salteado o livrinho de orações e a doutrina.

Tivemos de aguardar algum tempo até o padre chamar-nos para a entrevista. De imediato, foi perguntando o que eu pretendia, por que motivo me encontrava ali. Foi minha mãe quem respondeu: Eu trouxe o Santo, meu filho mais velho, para o exame da Primeira Comunhão! O sacerdote nos mandou entrar e a mãe lhe alcançou o livrinho já surrado no qual aprendi as regras da vida cristã.

Ele examinou e folhou o tal livro e, olhando para ela, foi logo falando: Não serve! Não se aceita mais o catecismo em língua italiana, agora é só em português. É claro que ela retornou para casa amargurada e triste. Quantas noites de sono e sberloni (tapinhas leves), para que eu não dormisse, enquanto me dava aulas de catecismo!

Mais um ano de sacrifício e esforço. Enfim, depois desse prazo, a resposta do padre foi satisfatória: Agora sim! – falou o mensageiro de Deus. – É, de fato, ele sabe! – respondeu orgulhosa minha mãe.

No ano seguinte, recebi a Primeira Eucaristia, levando como padrinho o senhor Luiz Tartaro, casado com dona Catharina Verzeletti. Lembro que era um belo dia de sol. Com um grupo de meninos e meninas, vestidos a caráter, recebi as bênçãos do Senhor e, do padrinho, um colar de grostoli, como era costume na época. A partir daquele dia deixei de temer o diabo, pois Deus estava comigo...

As várias faces do demônio

Aproveito a motivação provocada pela passagem de minha infância descrita acima, para expor o meu ponto-de-vista sobre o diabo, também conhecido por Demônio, Tinhoso, Demo, Piedoso, Rabudo, Lúcifer, Chifrudo, Dalmon, Arimã, Behal, Asmadeu, Astaroth, Nergal, Realberth, Belzebu, Leviatan, Pazuzu e ainda outros nomes esquisitos.

Rebuscando as experiências da vida, encontrei descrições do que o diabo significa para diversos povos, e descobri que equivale sobretudo a dinheiro, inveja, ciúme e luxúria.

O Demo católico, por sua vez, é tudo o que fascina e aguça nossos impulsos. A corporificação do diabo cristão serve para coibir o sexo, considerado a sua principal armadilha.

Para o povo hebreu, Behal era sinônimo de ira, luxúria, Deus na tempestade, enquanto Astaroth era tido como tesoureiro do inferno. Já Negal, comandava a política, para os sumérios. Baalberith era líder dos querubins, os secretários de Lúcifer, que é também conhecido como Capeta, Cão, Renegado, Coisa Ruim, Sujo e Satanás.

Belzebu estimulava o orgulho e a heresia. Considerado o príncipe dos demônios, ao lado de Leviatan.

Pazuzu, o rei dos espíritos malignos, comandava a disputa Homem/Deus, por meio das tentações e do pecado.

Tentarei explicar a seguir como age o diabo no mundo.

Enquanto o homem e a mulher, em seus sonhos, tentam saciar seu espírito com prazeres e apelos luxuriantes, os seus demônios íntimos irão satisfazer seus corpos.

A origem do demônio coincide com a aurora do ser humano. E reside nele, que é portador do Bem e do Mal.

No espírito do homem, o Bem e o Mal se apresentam casados, tudo dependendo dos atos e fatos praticados por suas fraquezas, virtudes e impulsos.

Todos os demônios do mundo foram

criados pelos *homens da montanha*, quando começaram a viver em grupos organizados. Protegidos por muralhas de soldados, desfrutavam a vida com orgias e heresias. Atribuíam-se o fim especial de ditar regras de conduta *aos homens da planície*, e subjugá-los de acordo com seus interesses.

O diabo vivia na montanha e era sinônimo de castigo, fogo ardente, calor e temor, enquanto na planície o homem organizado trabalhava para seu sustento e criação da família, com união e respeito a Deus.

Foram as lutas, o ciúme, a inveja, a luxúria, a desagregação familiar e outras atitudes nocivas do homem que propiciaram o surgimento e crescimento do diabo. Foi ele próprio que criou os diabos, ao tomar conhecimento de que o povo estava se desviando da verdade suprema, e o fez com o intuito de reprimir seus atos pecaminosos.

Foi assim que o diabo adquiriu força e conquistou o respeito da humanidade existente.

O homem é considerado o Y (Ypsilon) da vida.

A parte inferior, isto é, o tronco do Ypsilon, representa o próprio homem. Enquanto os traços esquerdo e direito no vértice da letra, representam o caminho a ser escolhido por ele: o da esquerda é o Mal, e o da direita, o Bem.

Conforme o caminho escolhido, sua tendência será de segui-lo até o fim, consumando a opção. Poderá ainda haver dúvida e hesitação, mas em ambos os casos irá consumá-lo. Os dois caminhos obedecem ao mesmo rito.

Uma vez tomada a decisão, por prazer, por autodefesa, por vingança ou auto-estima, o homem agirá até o final do intento. Impulsionado pela força do cérebro e estimulado pelos fluidos do prazer, da dor, da alegria, acabará também por consumir o ato, exorcizando-se até o êxtase.

O diabo está dentro de nós, pronunciando-se segundo a ação a ser efetivada, por impulsos elétricos do cérebro de cada um.

Quando o cérebro ordena a produção de certas enzimas – sai da frente! –, porque o Demo vai agir, por bem ou por mal, segundo o ambiente.

O homem poderá ser pacífico ou violento, dependendo das circunstâncias e dos fatos. Uns são mais lentos, outros mais ágeis, nessa atuação. Cada caso é um caso ou... um diabo. E cada um tem o diabo que merece... O mundo está cheio

de tentações, umas oferecendo mais prazer do que outras. Quanto mais difíceis, mais rudes e agressivas, mais vigorosamente age o diabo para alcançar seus objetivos.

Alguns levam muito tempo para concluir e realizar seus propósitos. E, ao alcançá-los, agem com vigor e violência.

O Demônio continua até hoje em evidência, sendo a personificação do mal e inimigo de Deus.

A Igreja Católica mantém o dogma com firmeza. Para ela, o diabo é um ser (homem) bem real, embora em carne e osso, uma vez que se trata de um espírito do mal, suficientemente poderoso para encarnar no corpo de uma pessoa e se apossar dela.

Incorporando-se ao espírito do homem, se tornará mais fácil alcançar o que pretende.

Cansamos de ouvir da boca do povo: *Ele era como um anjo, não tinha coragem de matar uma mosca*. Entretanto, matou, trucidou, naquele momento de inversão do sistema de seus neurônios.

O caminho a ser trilhado, segundo a sua possessão, provoca um distúrbio físico ou mental que o fará tomar uma decisão para o Bem ou para o Mal.

Incorporar a palavra de Deus, especialmente as respostas que Jesus deu a Satanás, durante os desafios no deserto, será sempre algo surpreendente.

Aqui estão a chave e o segredo da salvação de cada um de nós. Ao surgirem pensamentos contrários à nossa índole, temos que desviar a tentação e interromper a ação do pensamento com outras ações, enveredando por um novo caminho, praticando um ato contrário e rezando.

Jesus foi submetido como homem a muitas tentações. Todavia, a força interior e a capacidade intelectual de mudar de rumo fez dele um espírito perfeito, capaz de ludibriar as tentações e seguir em frente, sem entregar-se a elas.

Antes de tomar uma decisão ou realizar um negócio, convém contar até dez, repetir o procedimento, consultar o seu *ypsilon* e decidir sem egoísmo.

Sobretudo, quando as tentações subjugarem o seu âmago, não duvide de que o diabo existe, e de que ele é... você. Somos todos vulneráveis, enquanto ele é inteligente e astuto. Seja vigilante e forte contra o seu próprio espírito.

Como ser concreto, o diabo não existe. Ele só está presente em nossos distúrbios mentais e nossas fantasias.

Na Idade Média, ele teve grande des-

taque. Quantos foram condenados à fogueira, sem causa, em nome da Cruz, pelo mau espírito daqueles que se intitulavam justos.

O homem criava regras para os outros, submetendo gente inocente ao suplício do fogo.

Na era da globalização, homem e diabo se complementam, e realizam seus propósitos sob o manto da liberdade.

O diabo, que era dotado do dom de anjo, foi expulso do paraíso e sepultado no inferno (a Terra). O melhor lugar de se viver é nesta galáxia, pois, enquanto o ser humano conviver com o temor de que o diabo existe, ele respeitará o próximo como a si próprio.

O inferno e o céu são aqui mesmo. Aqui se vive e se desfruta de todas as riquezas da terra e paga-se caro pelas diabruras que se faz.

Ele, o diabo, está dentro de nós. Convivemos com ele desde o nosso nascimento, uma vez que se transmite aos descendentes no momento da fecundação.

Homem e diabo são unos. O Demo age quando a ação do homem se torna agressiva aos outros.

Foi o medo enfrentado pelos homens que inventou o Demônio, talvez para ludibriar a si mesmo e tentar esconder suas fraquezas. A astúcia e a inteligência deles produzem imagens através de uma enzima do cérebro, que tudo vê e prevê.

Quando a natureza criou o homem, deu-lhe a razão, para guiar seus passos livremente.

As forças da natureza no início viviam em ebulição e, com o passar do tempo, purificaram o espírito e aperfeiçoaram o ente humano.

Com a evolução, aconteceu a divisão entre o Bem e o Mal. A razão falou mais alto e o homem começou a pensar e criar imagens e sonhos.

Com isso, tornou-se capaz de distinguir as injúrias, maldições, pragas, raivas, e usá-las como forma de livrar-se de si e dos outros, embora, na realidade, ele seja um pobre terráqueo, produto da terra (natureza), que logo o tomará de volta.

Se ele produzir bons frutos, estes irão povoar o globo. Da mesma forma, será má a produção dos maus.

O prêmio das boas ações é serem registradas no livro dos justos e lembradas pelos sucessores. E, revelando-se a vida uma constante cobrança de boas ações pela sociedade, é necessário uma

admirável capacidade para corresponder a essa expectativa.

Sendo a natureza sábia, pois que tudo dá e tudo tira, segundo o comportamento do homem, se houver da parte dele desconhecimento sobre o meio em que vive, a vingança da natureza não tardará. Pelo mau uso do meio, ela produzirá fogo e vendavais que farão o homem sucumbir.

Portanto, antes de ficarmos admirando o céu e suspirando por ele é melhor que contemplemos a terra e nos integremos a ela.

Produtos do meio, fazemos parte da terra e a ela retornaremos, infalivelmente. Só o espírito escapará, quando a massa corporal se extinguir.

Quanto à violência, é inerente ao ser mortal e pode variar de uma pessoa a outra, segundo seu comportamento, mais ou menos agressivo.

A repressão, por sua vez, se encontra encravada no cérebro, tudo dependendo do grau de lesões que o psicopata apresenta.

Há mais de trinta mil anos que o homem sentiu necessidade de criar rituais, com o objetivo de chamar seus espíritos. Era uma necessidade espiritual do homem primitivo.

As figuras pintadas nas cavernas existentes pelo mundo provam que, para concretizar seus sonhos, os humanos inventaram outro ser à sua semelhança: nada mais nada menos que o diabo. Este, para saciar seus instintos e acalmar os ataques malignos, invoca os espíritos. Daí terem as pessoas se ocupado sempre com os espíritos dos deuses, invocando, em certas circunstâncias, o próprio uso de drogas, para melhor comunicar-se com eles. A fim de satisfazer seu ego, se utiliza de todos os meios a seu alcance.

Todo homem é um Xamã: indivíduo dotado de poderes sobrenaturais, capaz de ter visões fantásticas, além da comunicação com as divindades que reverencia. E, para conseguir seus objetivos, busca na natureza os meios que o fazem atingir o transe.

Da mesma forma, acredita-se no poder das plantas, com igual finalidade: levar o cérebro a viajar para outras dimensões.

De acordo com inúmeros relatos conhecidos, as plantas possuem forças sobrenaturais que curam até males físicos e psíquicos. Ouve-se que certas ervas conseguem operar milagres, propiciar vãos mágicos, viagens a outros pla-

nos do universo, bem como transportar o indivíduo para o além.

Já os primeiros habitantes do planeta demonstravam arraigada predileção ao culto do espírito. A imaginação fértil, quase sempre estimulada pelas ervas e plantas, aguçou seu pensamento. E foi com o intuito de apaziguar os espíritos (semelhantes ao diabo), que se tornaram Pajés, Xamãs, utilizando-se do transe para comunicar-se com os mortos.

No passado, a comunicação entre os indivíduos era mais próxima e direta, proporcionando apaziguamento do espírito. Isso fazia com que se sentissem mais seguros, fortes e protegidos.

Desde que desceu da árvore, o ser humano teve necessidade de relacionar-se com os demais, o que fez com que seu cérebro em evolução desenvolvesse imagens mentais e criasse figuras do desconhecido.

Enquanto viviam em grupo, os homens satisfaziam-se com a convivência. Viver em sociedade representava uma necessidade pessoal ou dos próprios grupos.

Nos dias atuais, apesar de todos os meios de comunicação disponíveis, eles se mantêm distantes uns dos outros, e até se esquecem de quem lhe é familiar.

Nenhuma sociedade jamais conseguiu viver sem a presença do Demônio. Como temos dito, ele convive entre nós. O próprio Papa João Paulo II reconheceu essa verdade, quando disse que *"o Demônio trabalha para que o mal, desde o começo, se desenvolva no próprio homem, nos sistemas e nas relações inter-humanas, entre as classes sociais e as Nações"*.

A bíblia também destaca o Belzebu, no Novo Testamento, que é a base da doutrina cristã. Nela há mais citações do Mal que do Bem. Mais referências a Satã que a Deus.

A teoria do Evangelismo admite que o Mal reside nas entranhas do ser humano, como a sombra *junguiana*, e contesta a existência do maligno.

Para o Judaísmo, o Bem e o Mal procedem ambos de impulsos humanos. Na elite judaica, muitos rabinos acusaram Jesus de promover seus milagres *sob o poder de Belzebu*.

No Espiritismo, o Mal é visto como uma contingência da experiência evolu-

tiva e das vivências terrenas de cada pessoa, e cede ao bem à medida que os espíritos se depuram através de sucessivas reencarnações.

Já no Budismo, o mal é resultado da mente inquieta ante a ilusão do eu e ante a ilusão das formas do mundo material.

Daimon, em grego, significa espírito, mas a palavra foi ampliada e deturpada no catolicismo, conforme afirmam seus adversários.

Nos tempos modernos, Jeffrey Burton Russel afirma que o mundo está perdendo o senso do mal: *"Sem o senso do mal, e sem temer o mal, a civilização pode*



desagregar-se e ir, sem trocadilhos, direto para o inferno".

Conclui-se daí que o Tinhoso deve voltar a agir sobre os entes humanos, para contrabalançar com o Bem. Possuidor que é de ambos os espíritos, cabe ao homem a decisão final sobre o caminho a escolher.

Devemos lembrar ainda que a doutrina judaica desconhecia o diabo, ao passo que a Igreja Católica adotou a crença nele e a implantou nos seus fiéis, amedrontando-os com o castigo pelos seus pecados. E como a pregação narra que ele nasceu no deserto, a única maneira de expulsá-lo é através do exorcismo.

Deus é deus e diabo ao mesmo tempo...

A essência do espírito

O pensador e escritor Frei Leonardo Boff salienta que *"o espírito está em todas as coisas e todas as coisas estão no*

espírito".

O homem aprendeu a ler o universo, no qual tudo transmite mensagens. Tal como o Xamã, que entra em transe para ter acesso às energias cósmicas, e, através de sons, ritos e danças torna-as benéficas para os seres humanos. Cada ser possui sua dimensão xamânica que, uma vez desperta, ajuda-o a sintonizar-se com o equilíbrio dinâmico de todas as coisas.

O citado Frei destaca que o espírito seria a parte imortal, inteligente, capaz da transcendência. Convive por um determinado tempo com a outra parte, mortal, pesada e opaca. A morte separa uma da outra, com destinos diferentes: o espírito vai para o além, a eternidade; e o corpo, para o aquí, o pó cósmico.

Em sua essência, o indivíduo busca a liberdade. Ele pertence ao quadro cronológico. Representa a expressão mais alta da vida que, por sua vez, é sustentada pelo restante do universo.

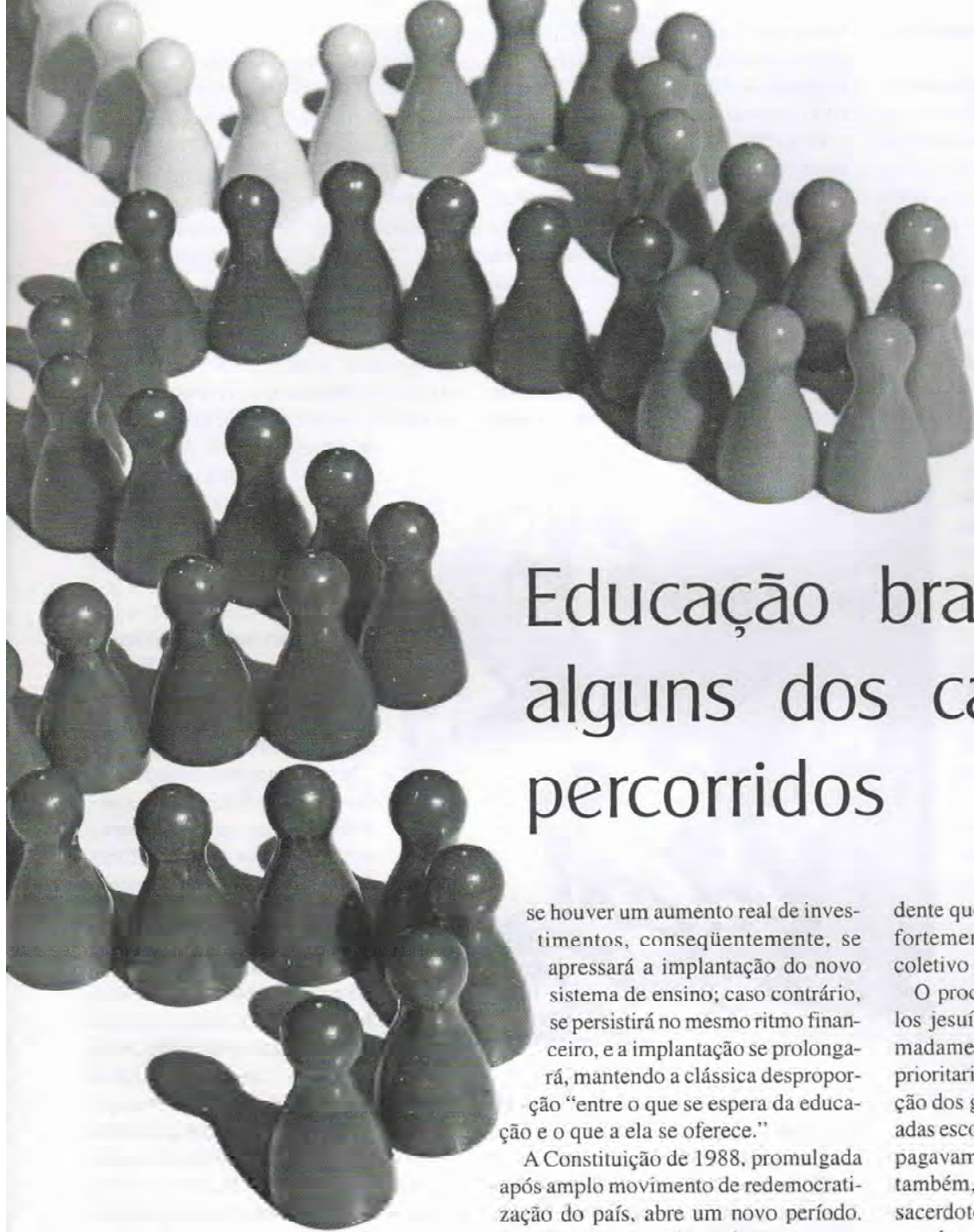
No uso da razão, o espírito da montanha se diferencia daquele da planície, isto é, do humano. A diferença entre o espírito da montanha e o humano não é de princípio, mas de grau. O princípio funciona em ambos, embora de forma diferente.

Segundo Boff, a singularidade do espírito humano é ser reflexivo e auto-consciente. Pelo espírito nos sentimos inseridos no Todo, a partir da parte, que é o corpo animado e, por isso, portador da mente.

No nível reflexo, espírito significa subjetividade que se abre ao outro, se comunica e assim se autotranscende, gestando uma comunhão aberta, até com a suprema Alteridade. Assim define o autor este processo: *"A vida consciente, aberta ao todo, livre, criativa, marcada pela amorosidade e o cuidado – eis o que é, conscientemente, o espírito humano"*.

Com o desmoronamento da montanha, o homem aprendeu a conviver harmonicamente, e com os mesmos direitos, na evolução da humanidade.

(Santo Claudino Verzeleti é membro da Academia Passo-Fundense de Letras e da Academia de Ciências Contábeis do RS; Coordenador do Grupo Pró-Memória de Passo Fundo.)



Educação brasileira: alguns dos caminhos percorridos

DILSE PICCIN CORTEZE

Se a educação jesuítica, confessional e catequizadora foi a única existente no Brasil durante os dois primeiros séculos de colonização exploradora, os avanços em termos de diferentes linhas pedagógicas não mudou significativamente a situação da política educacional brasileira, que continua subordinada aos interesses daqueles que a estabelecem. Um real aperfeiçoamento do sistema educacional brasileiro está condicionado a alternativas da política financeira no setor, ou seja,

se houver um aumento real de investimentos, conseqüentemente, se apressará a implantação do novo sistema de ensino; caso contrário, se persistirá no mesmo ritmo financeiro, e a implantação se prolongará, mantendo a clássica desproporção “entre o que se espera da educação e o que a ela se oferece.”

A Constituição de 1988, promulgada após amplo movimento de redemocratização do país, abre um novo período. Ampliam-se consideravelmente as responsabilidades do Poder Público para com a educação, dando origem ao novo movimento de reforma que está em curso atualmente.

A estrutura européia da educação brasileira

Analisar o contexto educacional brasileiro da atualidade exige a tarefa inicial de recuperação de aspectos da nossa história da educação, desde a missão dos jesuítas que aqui aportaram, em 1549, juntamente com o primeiro governador geral, Tomé de Souza, a fim de construirmos um referencial dialógico com a evolução da política educacional no Brasil, recordando que fomos colônia de exploração, povoada com o exce-

dente que a Europa rejeitou e isto ficou fortemente marcado no inconsciente coletivo do nosso povo.

O processo educacional iniciado pelos jesuítas, que perdurou por aproximadamente duzentos anos, dirigia-se prioritariamente à catequização e instrução dos gentios e, para tanto, foram criadas escolas de primeiras letras, que propagavam os ideais católicos. Criaram, também, colégios destinados a formar sacerdotes, bem como preparar para os estudos superiores jovens que não buscavam a vida sacerdotal. Dessa forma, os padres da Companhia de Jesus possuíam total poder no setor educacional, que desde o início esteve voltado para interesses de exploração e enriquecimento de uma minoria, de uma elite carregada de privilégios, em detrimento da maioria da população.

Quando o Marquês de Pombal, em 1759, expulsou os jesuítas de Portugal e de todos os seus domínios, destruiu completamente a organização educacional existente em terras brasileiras. Sua pretensão era tornar laico o ensino, colocando-o a serviço dos interesses civis e políticos da Coroa Portuguesa. No entanto, como não se contava com in-

fra-estrutura e professores especializados, ficou uma grande lacuna nos serviços educacionais, cuja solução posteriormente encontrada foi instituir aulas régias, avulsas, sustentadas por um novo imposto colonial, o "subsídio literário". Essas aulas deviam suprir as disciplinas antes oferecidas nos extintos colégios. Através delas, a mesma reduzida parcela da população colonial continuava se preparando para estudos posteriores na Europa.

Sem sistematização, sem frequência definida, sem pessoal docente em quantidade e qualidade suficientes, a instrução no país foi drasticamente limitada, até 1799, quando as licenças para docentes passaram a ser concedidas pelo vice-rei.

Com a vinda de D. João VI para o Brasil, em 1808, houve investimentos no ensino técnico e no superior; foram criadas a Academia da Marinha e a Academia Militar, para atender as necessidades de defesa militar do reino. No entanto, a educação do povo, com estudos primários e médios, ficou esquecida. Durante todo o período colonial houve poucos e localizados avanços educacionais, com criação de algumas salas e graus.

Após a Independência, em nome dos princípios liberais e democráticos, são redigidos planos visando nova política no campo da instrução popular, mas, na prática, pouco se concretiza. Com o Ato Adicional de 1834 houve a criação de sistemas paralelos de ensino em cada província, numa tentativa de solucionar questões que eram centralizadas pela Coroa anteriormente. Começa-se a ter uma preocupação com o ensino básico, continuando o poder central responsável pelo ensino superior. Tal medida em pouco alterou o quadro do ensino elementar, pois a verba destinada às províncias, para custeio da instrução pública, era ínfima, insuficiente para fazer frente a tais responsabilidades. Em consequência, algumas raras escolas particulares sediadas na Corte e nas grandes cidades ofereciam ensino primário mais rico e consistente que o ministrado nas escolas públicas.

Foi criada, na cidade do Rio de Janeiro, a Inspeção Geral da Instrução Primária e Secundária, órgão ligado ao Ministério do Império e destinado a fiscalizar e orientar o ensino público e particular nos níveis primário e médio. Mas o panorama geral do ensino elementar continua ruim, e tem como uma das causas a

falta de pessoal docente habilitado. Surgiram então, por iniciativa dos governos provinciais, as primeiras escolas normais das províncias, mas o nível era muito baixo.

Em 1837, visando nortear a iniciativa das províncias, foi criado na Corte o Colégio de Pedro II, como estabelecimento modelo dos estudos secundários, pois ainda eram mantidas aulas avulsas e descontextualizadas, ou seja, justaposição de aulas ministradas em liceus,

finais por disciplina, equivalentes, para fins de matrícula nos cursos superiores, aos exames gerais.

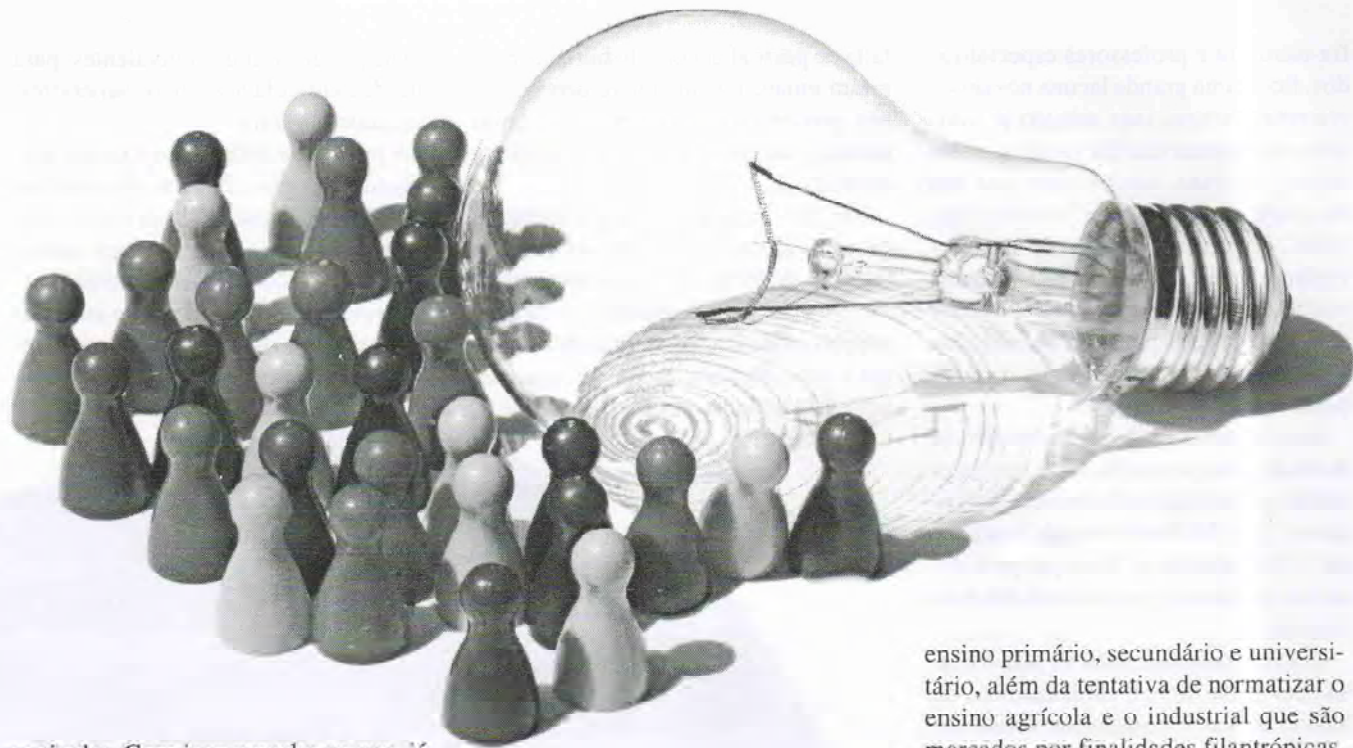
A influência nefasta dos exames parcelados de preparatórios fez-se sentir no próprio colégio padrão, pois muitos alunos apressavam o ingresso nos cursos superiores, recorrendo aos exames parcelados. Em 1888 aboliram-se as matrículas avulsas, os exames vagos e a frequência livre no Colégio de Pedro II.



que constituíram os primórdios da elaboração de um currículo em nosso país. Os liceus provinciais, no entanto, não tiveram as mesmas prerrogativas para matrícula em qualquer curso superior, independentemente de novos exames junto às faculdades. Consequentemente, seus alunos tinham que se submeter aos exames parcelados dos preparatórios fixados nos estatutos.

O Colégio de Pedro II passou a admitir matrículas avulsas e instituiu exames

A equiparação, ou seja, o reconhecimento dos graus conferidos pelos liceus provinciais que adotassem a estrutura e os planos de estudos do Colégio de Pedro II, medida que fora reivindicada em quase todos os projetos de reforma dos últimos anos de Império, veio consagrar e regulamentar a interferência do poder central no ensino secundário provincial. Também era solicitada concessão de auxílio financeiro a escolas erigidas pelos Poderes Provinciais e pela iniciativa



particular. Com isso percebe-se que, já àquela época, tendia-se a reconhecer aos Poderes Gerais o direito de fixar diretrizes para a instrução em todo o território nacional.

Na década de 1850, Couto Ferraz reformulou todo o ensino na Corte e a instrução superior no Império, mas não criou Escola Normal na Capital do país, optando por formar professores em exercício, sob a supervisão de mestres experientes. HILSDORF, Maria Lucia Spedo. *História da Educação Brasileira: Leituras*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.)

Apesar das iniciativas de alguns teóricos e magistrados da época, a educação brasileira caminhava muito lentamente e com pouca evolução enquanto política educacional; o ensino elementar era qualitativamente deficiente e quantitativamente precário. O ensino secundário beneficiava apenas diminuta parcela da população que buscava o ensino superior. Foram criadas condições de expansão da rede privada, procurando, dessa forma, suprir as graves lacunas do ensino público provincial. No entanto, o Império legou à República uma tarefa imensa a ser cumprida no setor da instrução pública, agregando-se a tal tarefa a necessidade de instalação do ensino técnico comercial, agrícola e industrial, que praticamente inexistia no Brasil.

Pode-se dizer que, desde o Império, com toda a precariedade dos serviços educativos, já se percebe uma dicotomia no ensino que espelhava a realidade da sociedade, ou seja, ensino prope-

dêutico para as elites e ensino profissional para as classes pobres.

Na República, embora se mantivessem essas dicotomias, o ensino técnico avançou. No geral, a educação continuou refletindo as contradições da sociedade.

O ensino secundário passa a subordinar-se diretamente ao controle da União, através do instrumento da equiparação. A Administração Federal continuou a manter apenas o Colégio de Pedro II, como estabelecimento de ensino secundário modelo de organização para os equiparados e, até 1930, tal nível de ensino permaneceu praticamente entregue à iniciativa particular.

A instrução primária, a profissional, o ensino normal, ficaram inteiramente subordinados à iniciativa e possibilidades econômicas dos estados, da mesma forma que se subordinavam às províncias, no Império. Dada a inexistência de instrução básica comum, considerada necessária à formação da consciência nacional, vários projetos de lei são elaborados nesse sentido. Por exemplo, em 1890, logo após a República, foi criado o Ministério da Instrução Pública, Correios e Telégrafos, que durou pouco mais de um ano (HILSDORF, Maria Lucia Spedo. *História da Educação Brasileira: Leituras*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005).

No período da República, esboça-se um novo perfil educacional, através de leis, decretos, e atos institucionais que estabelecem critérios e diretrizes para o

ensino primário, secundário e universitário, além da tentativa de normatizar o ensino agrícola e o industrial que são marcados por finalidades filantrópicas, destinando-se prioritariamente aos órfãos e desvalidos.

Marco importante para o Ensino Industrial foi o Decreto Federal nº. 7.566/1909, determinando a criação de uma escola de aprendizes artífices, destinada a ministrar o ensino profissional primário, subordinada ao Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, em cada capital de Estado.

A qualificação para exames preparatórios, com estudos irregulares e assistemáticos, bem como a preponderância da finalidade propedêutica sobre a formativa, continuava a funcionar como alternativa da escolarização secundária regular, tanto no ensino público como no particular, até a reforma de ensino organizada por João Luiz Alves, em 1925, que instituiu a obrigatoriedade de seriação e aprovação nas matérias de cada ano, para promoção ao seguinte, eliminando os exames preparatórios. Houve, entretanto, nova prorrogação de tais exames.

Nas décadas de 1920 e 1930 surgia a idéia de Plano Nacional de Educação, com órgãos específicos tentando criar uma linha de diretrizes curriculares. Em 1924, criou-se a Associação Brasileira de Educação (ABE), contribuindo para a formação de nova consciência educacional, referente ao papel do Estado na educação, à necessidade de expandir a escola pública, à exigência de uma política nacional de educação, com o Poder Central exercendo papel de coordenador, orientador e supletivo na incrementação de ensino em âmbito nacional.

Várias dessas idéias consubstanciaram-se em proposições do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, em 1932, e em dispositivos da Constituição de 1924 (Cf. MENESES, João Gualberto de Carvalho e outros. *Estrutura e Funcionamento da Educação Básica*. São Paulo: Pioneira Tomson Learning, 2004. p. 210).

Getúlio Vargas e a educação nacional

A Revolução de 1930 caracterizava a passagem progressiva de uma sociedade artesanal, pré-capitalista e agrário-comercial para a urbano-industrial, implementando profundas transformações sociais, alterando o "status quo" da mulher, aumentando e diversificando a classe média, formada prioritariamente por pessoas ligadas ao processo produtivo. Tais pessoas buscavam o mesmo modelo de escola da elite, visando a conquista de melhores posições na estrutura social. Em consequência, a política educacional não buscava ajustar a organização escolar à nova e heterogênea clientela, acarretando altos índices de evasão e repetência.

Com o fim das oligarquias e o esvaziamento do regionalismo, o Estado passava a ter ação mais intervencionista em todos os setores, inclusive na organização do ensino em todo o território nacional, criando o Ministério de Educação e Saúde Pública, em 1930, e, em 1931, o Conselho Nacional de Educação, órgão consultivo destinado a assessorar o ministro Francisco Campos, que promoveu a reforma do ensino secundário (Decreto nº 19.890, de 18/04/31), dando a todos os estabelecimentos dessa modalidade a oportunidade de se equipararem ao Colégio Federal Pedro II, superando definitivamente os exames parcelados, e estabelecendo currículo seriado, frequência obrigatória, divisão do curso em dois ciclos e ampliação do mesmo para sete anos.

Em 1961, a lei 4024 (Lei de Diretrizes e Bases) e em 1971, a lei 5692, começam a criar um perfil nacional para a educação, estimulando a organização de currículos, planejamento e autonomia das escolas.

Em 1988, com a Constituição Cidadã, iniciava-se uma nova etapa, caracterizada pela reorganização do ensino em bases mais democráticas, que culminava, em 1996, com a aprovação da

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394, a qual criava condições para a institucionalização dos Parâmetros Curriculares Nacionais, visando organizar e direcionar o Plano Nacional de Educação.

Na verdade, desde o início, a política educacional demonstra que a aprendizagem, o conhecimento e crescimento do indivíduo estão sempre ancorados no que o Estado deseja e impõe. Assim, o poder prevalece e a educação fica em segundo plano.

(Dilse Corteze é Mestra em História Regional pelo PPGH da UPF, desde 2002. Pós-graduada em Metodologia do Ensino e Metodologia da Pesquisa, pela UPF, em 1986. Graduada em História na UPF em 1983. É autora de *Ullisses va in America: história, historiografia e mitos da imigração italiana no RS [1875-1914]*. [Passo Fundo: EdiUPF, 2002] Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Poesia

JUREMA CARPES DO VALLE

Poema

As palavras fluem rápidas
Para a folha alva
Escrevo versos brancos e livres
Com a singeleza
De quem colhe folhas campestres
E a liberdade
Dos pássaros em voo
Nada me preocupa
A não ser minha imagem.

Transcendência

Eu tenho sede
Eu tenho fome.

Como explicar-te?
Nem eu sei.

Sim. Eu tenho sede
Eu tenho fome
De Infinito.

Aspiração

Que eu seja idealista
Sem que a realidade me escape
E durante a minha jornada
Apesar das pedras do caminho
Consiga semear sempre
Esperança, muita esperança.

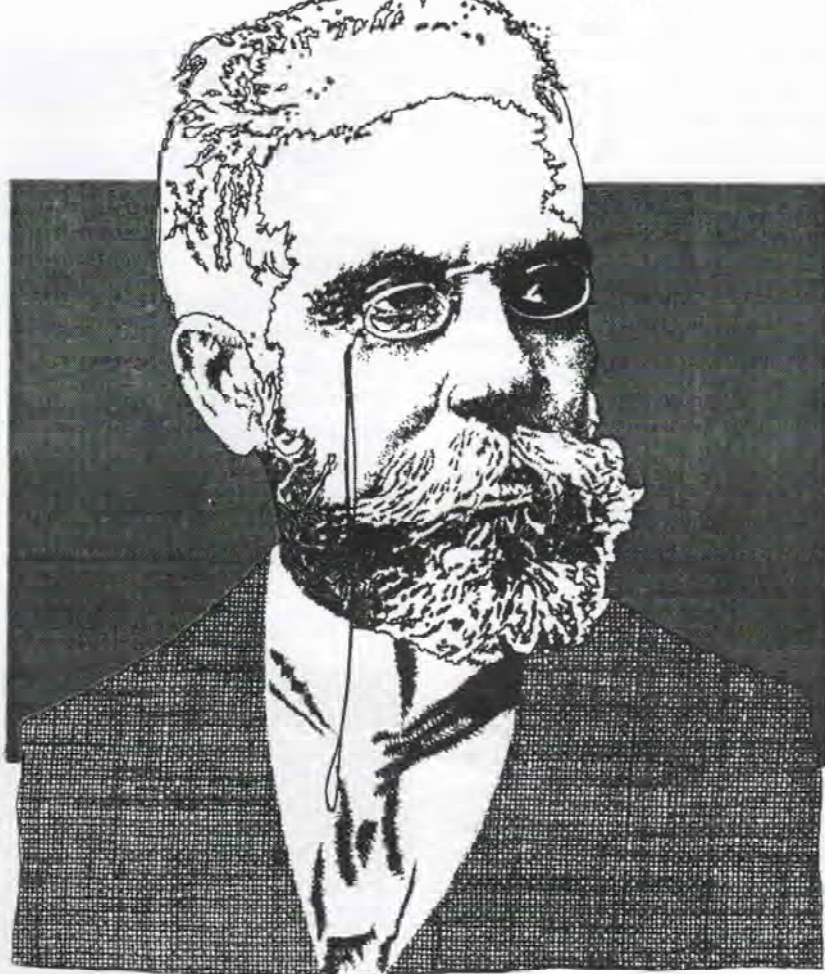
Reflexão

De azul marinho
Tingiu-se do céu o manto
Salpicado de estrelas
Que encanto!

Olho, ou melhor, contemplo.
Porque olhando
Muitas vezes apenas se divisa.
É material o olhar
Enquanto o contemplar
É espiritual, transcendental.
O ideal seria se pudéssemos
Sempre contemplar
Não apenas a natureza
Mas os outros que nos cercam.

(Jurema Carpes do Valle é professora, bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais e membro atuante da Academia Passo-Fundense de Letras.)





Machado de Assis um mestre da literatura

ALBERTO ANTONIO REBONATTO

E escrever sobre o principal vulto da nossa Literatura não é tarefa fácil. A dificuldade não está na pesquisa, que apresenta uma gama enorme de opções, mas na abordagem de qualquer fato novo, porque quase tudo já foi visto e estudado.

Para se ter uma idéia do que foi pesquisado e escrito sobre o autor, basta dizer que, além dos inúmeros textos esparsos em jornais e revistas, nada menos do que 20 autores produziram biografias e ensaios sobre sua vida e sua obra.

Alguns não se limitaram a um único trabalho. Raymundo Magalhães Júnior, por exemplo, em 1955, publicou "*Machado de Assis desconhecido*". Em 1958, "*Ao Redor de Machado de Assis: pesquisas e interpretações*" e "*Machado*

de Assis, funcionário público: no Império e na República". Em 1972, "*A Juventude de Machado de Assis*". E, em 1981, "*Vida e obra de Machado de Assis*", em quatro volumes, contrariando, inclusive, biógrafos anteriores, para, segundo afirma no prefácio do volume primeiro, "*evocar, com maior rigor cronológico e com mais ampla documentação, a vida e a obra de Machado de Assis e o meio em que desenvolveu sua atividade*."

Também Josué Montello produziu diversos compêndios. Assim é que, em 1972, publicou "*Machado de Assis*"; em 1986, "*O Presidente Machado de Assis*"; em 1997, "*Memórias Póstumas de Machado de Assis*" e, em 1998, "*Os inimigos de Machado de Assis*". Outros autores igualmente dedicaram mais do que um trabalho à vida e à obra do grande Mestre.

Em 1975, a Comissão Machado de

Assis, instituída pelo Ministério da Educação e Cultura, e encabeçada pelo Presidente da Academia Brasileira de Letras, organizou e publicou as edições críticas de obras de Machado de Assis, em 15 volumes.

A Academia Brasileira de Letras é chamada a *Casa de Machado de Assis* e, em seu Centro Cultural foi criado, em 1999, o espaço Machado de Assis, destinado à pesquisa e ao estudo do universo machadiano, com a utilização dos recursos da técnica moderna e acessível ao público interessado. São apenas alguns exemplos da importância do escritor no mundo das letras e do grande interesse que desperta entre a intelectualidade brasileira.

Dados biográficos

Neto de escravo alforriado, filho do mulato pintor de paredes, Francisco José de Assis, e da portuguesa, Maria Leopoldina Machado de Assis, de afazeres domésticos, segundo alguns, e lavadeira, segunda a maioria, Joaquim Maria Machado de Assis nasceu no Morro do Livramento, subúrbios do Rio de Janeiro, em 21 de junho de 1839.

Bem cedo perdeu a mãe e a irmã. Mais tarde, perdeu o pai que havia se casado em segundas núpcias com Maria Inês, irmã de Maria Leopoldina. Menino pobre, epilético, gago e mal nutrido, tinha todos os predicados para se tornar um desconhecido.

Sem recursos para freqüentar bons colégios, teve pouca ou nenhuma escolaridade. Alguns referem que freqüentou escola pública. Se o fez, não foi com a regularidade necessária. O que se sabe é que, quando contava quatorze anos de idade, sua madrastra Maria Inês foi trabalhar como doceira num colégio do bairro e levou junto o enteado. Vendendo doces, contatava com alunos e professores. Não está afastada a hipótese de que tenha freqüentado algumas aulas nas horas de folga. Consta, também, que conheceu uma senhora francesa, dona de padaria, cujo fofeiro o iniciou no ensino do francês. Um padre amigo, de nome Silveira Sarmiento, lhe ministrou gratuitamente aulas de francês e latim.

Sua madrinha, Maria José Mendonça Barroso, proprietária da Quinta do Livramento, onde seus pais foram agregados, foi a fada boa que orientou sua meninice. Além de auxílio material, lhe propiciou a oportunidade de conhecer pessoas influentes.

Dotado de uma vontade férrea e de

um desejo imenso de ser alguém, não mediu esforços para superar as enormes dificuldades que se antepuseram a seus sonhos. Se pode defini-lo como pessoa esforçada, meticulosa, autodidata e metódica. Só dessa maneira poderia amearhar o cabedal de conhecimentos que adquiriu freqüentando bibliotecas públicas. E foram essas qualidades que encantaram o incentivador de novos talentos, do Rio de Janeiro, chamado Francisco de Paula Brito, dono de livraria e tipografia, e do jornal "A Marmota Fluminense", onde costumavam se reunir representantes da intelectualidade carioca.

O poema "Ela", primeiro trabalho conhecido do escritor, foi publicado em 12.01.1855, naquele jornal, onde Machado passaria a assinar uma crônica semanal e a integrar seu corpo redatorial. Foi no mesmo jornal que começou a relacionar-se com Manoel de Macedo, José de Alencar, Gonçalves Dias e, principalmente, Manoel Antonio de Almeida, então Diretor da Imprensa Nacional, que lhe ofereceu o emprego de aprendiz de tipógrafo. Tinha então 17 anos de idade. Incentivado por seus amigos, continuou escrevendo, e seus trabalhos passaram a ser publicados por outros jornais do Rio de Janeiro. E, produzindo poemas e crônicas, foi formatando seu estilo sutil e preciso e sua ironia amarga e sarcástica, marca constante nos seus contos e romances.

Sabedor que era das dificuldades em sobreviver com a literatura, deu especial atenção à carreira burocrática. Começou como funcionário do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras, no posto de primeiro oficial da Secretaria do Estado. Mais tarde foi promovido a chefe de Seção. Ocupou, ainda, o cargo de Diretor da Diretoria do Comércio do mesmo Ministério, e Diretor Geral da Viação, além de secretário de diversos ministros. Por Decreto do Imperador, tornou-se Oficial da Ordem da Rosa, em 1888. Em 1896, ajudou a fundar a Academia Brasileira de Letras, e, no início do ano seguinte, foi eleito seu primeiro presidente, cargo que, por méritos e por deferência de seus confrades, exerceu em caráter perpétuo até o fim de seus dias.

Velho amigo e admirador de José de Alencar, que morrera cerca de 20 anos antes da fundação da ABL, escolheu o grande romancista cearense para seu patrono. Ocupou a cadeira n.º 23.

Conheceu Carolina de Novais, portuguesa, mais velha do que ele, com quem

se casou em 12 de novembro de 1869.

Contrariamente ao amor ficcional dos personagens de seus livros, viveu com ela na mais perfeita harmonia, durante 35 anos. Ela faleceu em 1904. Em uma das cartas que lhe dirigiu, Machado escreveu:

"Tu não te pareces com as mulheres vulgares que tenho conhecido. Espírito e coração como os teus são prendas raras. Como te não amaria eu?"

Carolina não se limitou ao papel de esposa e companheira amorosa. Foi também sua incentivadora e inspiradora. Quase toda a obra machadiana foi construída durante a convivência com Carolina. A ela dedicou o sempre louvado soneto "A carolina", uma de suas poe-

Não esperou muito. Apenas 4 anos. Faleceu em 29 de setembro de 1908. O jornal Correio da Manhã, em sua edição de 30 de setembro do mesmo ano, registrou:

"Perde a nossa língua um dos seus mais vigorosos e profundos escritores. Com ele desaparece a mais leve e a mais encantadora de nossas prosas, a mais completa e a mais perfeita das organizações literárias que possuímos."

Rui Barbosa, à beira do túmulo, proclamou:

"Ninguém na língua portuguesa tinha prosado à moda de Frei Luiz de Souza, e cantado à maneira de Luiz de Camões, como o poeta de Crisálidas e o novelista de Helena e de A mão e a luva."



sias mais conhecidas.

A grande perda e a enorme saudade que carregaria da eterna amada, se expressam na primeira estrofe daquele soneto:

*"Querida, ao pé do leito derradeiro
Em que descansas dessa longa vida
venho aqui e virei, pobre querida,
Trazer-te o coração do companheiro".*

Ainda sobre Carolina, escreveu:

"Foi-se a melhor parte da minha vida, e aqui estou só no mundo.... Aqui me fico, por ora, na mesma casa, no mesmo aposento, com os mesmos adornos seus. Tudo me lembra a minha meiga Carolina. Como estou à beira do eterno aposento, não gastarei tempo em recordá-la. Irei vê-la, ela me esperará".

Obra Machadiana

A obra de Machado de Assis abrange quase todos os gêneros literários. Compreende poesia, peças teatrais, romance, crônicas e contos. Escreveu sobre tudo o que ocorria na vida fluminense. Apesar do conteúdo universal de suas histórias, viveu circunscrito ao Rio de Janeiro e a algumas cidades próximas. Lúcia Miguel Pereira, ao analisar os personagens machadianos, assim escreve:

"Suas criaturas, largamente humanas, evidenciando em suas relações a irremediável solidão dos seres perdidos num mundo cognoscível, são ao mesmo tempo tipicamente brasileiras, cariocas, traindo em todos os seus gestos o ambiente em que viviam."

Seu primeiro volume foi impresso em 1861, na tipografia de Paula Brito. E foi

uma obra teatral chamada *"Queda que as mulheres têm para os tolos"*. É uma comédia e ele figura como tradutor.

Seu primeiro livro de poesias, *"Crisálidas"*, saiu em 1864. Seu primeiro romance, *"Ressurreição"*, foi publicado em 1872.

Seu legado literário é imenso: QUATRO volumes de poesias; NOVE obras teatrais; NOVE romances e muitos contos, reunidos em SETE volumes.

É considerado por muitos o maior escritor brasileiro e, se forem levados em conta somente os gêneros conto e romance, um dos grandes do mundo.

Seus romances, *Dom Casmurro* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, foram traduzidos para o alemão, espanhol, francês, inglês, italiano, servo-croata e o primeiro, ainda, para o polonês, romeno, sueco, tcheco e estoniano. E o segundo, para o dinamarquês e o holandês. Outros romances também foram vertidos para vários idiomas.

Alguns dos seus trabalhos foram adaptados para a televisão, teatro e cinema.

Críticos do mundo inteiro vêm estudando ou estudaram sua obra. Entre eles, podemos citar o francês Anatole France, os italianos Giuseppe Alpi e Eduardo Bizzari e os norte-americanos John Gledson e Susan Sontag, somente para mencionar alguns. No Brasil, além de estudado e criticado pelas mentes mais brilhantes, é referência para muitos escritores.

Penso que foi no conto que Machado de Assis se sublimou, talvez encantado com o mais novo gênero da literatura mundial. Segundo Arthur Voss, o *"conto, como gênero literário, data de século e meio."* Ou, ironia à parte, Machado praticou a própria conceituação irônica do conto: *"o conto leva sobre o romance, se ambos forem medíocres, a vantagem da brevidade"*

Em toda a sua trajetória literária, sempre valorizou mais a análise do que a ação dos seus personagens. Interessou-se na avaliação psicológica e buscou, obstinadamente, compreender e transmitir as verdadeiras razões e os principais mecanismos que comandam as ações humanas.

Suas histórias são tão pródigas em reflexões quanto pobres em ações. Algumas de suas reflexões ganharam notoriedade, seja pela profundidade da filosofia, seja pela ironia, uma constante em quase tudo o que escreveu. À guisa de curiosidade, transcrevemos umas que



nos chamaram a atenção:

"A primeira condição de quem escreve é não aborrecer."

"Não é a ocasião que faz o ladrão; é o furto. O ladrão já nasce feito."

"O que distingue o homem do cão é a faculdade de fazer com que uma noite não se pareça com a outra."

"O trabalho é honesto, mas há outras ocupações pouco menos honestas e muito mais lucrativas."

Outra característica machadiana é o seu extraordinário poder descritivo, seja no estudo psicológico dos personagens, seja na descrição das coisas simples do cotidiano. Vejamos, por exemplo, como ele descreve uma loja humilde de subúrbio, que compra e vende quase tudo:

"A loja era escura, atulhada de coisas velhas, tortas, rotas, enxovalhadas, enferrujadas, que se acham em tais casas, tudo naquela meia desordem própria do negócio. Essa mistura, posto que banal, era interessante. Panelas sem tampas, tampas sem panela, botões, sapatos, fechaduras, uma saia preta, chapéus de palha e de pêlo, caixilhos, binóculos, meias casacas, um florete, um cão empalhado, um par de chinelas, luvas, vasos sem nome, dragonas, uma bolsa de veludo, dois cabides, um bodoque, um termômetro, cadeiras, um retrato litografado pelo finado Sisson, um gamão, duas máscaras de arame para o carnaval que há de vir, tudo isso

e o mais que eu não vi ou não me ficou na memória." (Do conto: *Idéias de canário.*)

As situações vividas pela maioria dos personagens de Machado de Assis contrastam tanto com sua vida privada que chamam a atenção pelo seu antagonismo. Por exemplo, o amor praticado com Carolina encontra pouca ou nenhuma ressonância com o ficcional vivido pelas criaturas da sua imaginação.

Outro traço marcante em suas criações é o ingrediente fúnebre, presente em boa parte de seus contos. Na série *reliquias da casa velha*, podemos destacar, por exemplo, *"Marcha Fúnebre"*, em que o deputado Cordovil se deleita numa espécie de alegria mórbida ao fazer um jogo com a morte, chegando até a desejá-la; e em *"Conto de escola"*, em que um menino, pela primeira vez, toma contato com a morte. No compêndio *Várias histórias*, a característica assoma em diversos personagens, como quando relata a vida de *Quintília*, moça formosa e rica de *"A Desejada das Gentes"*, que sempre adia o casamento e, quando o aceita, morre nos braços do noivo; na vida de *Maria Luiza*, de *"A causa Secreta"*, que morre de tuberculose, vítima do sadismo do marido; e na história de *Valongo*, de *"O Enfermeiro"*, que asfixia o doente para tornar-se seu herdeiro.

Nada, no entanto, se compara à dedicatória do romance *Memórias Póstu-*

mas de Brás Cubas:

"Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver dedico como saudosa lembrança, estas Memórias Póstumas."

O pessimismo radical também foi uma constante, tanto em sua obra como em sua vida. Para justificá-lo, houve uma infância e uma adolescência difíceis, e um perpétuo preconceito por sua ascendência negra. O que, convenhamos, não é pouco. Penso, no entanto, que poderia ser amenizado pela sua trajetória vitoriosa, tanto na vida privada como na atividade profissional. E, contrariamente a muitos que só obtiveram reconhecimento pós-morte, Machado contou com a admiração de seus contemporâneos, que não lhe pouparam merecidos elogios. O grande Ruy Barbosa, por exemplo, sempre o tratava como MESTRE.

Dai a razão porque muitos críticos estranham o seu radicalismo pessimista, como Afrânio Coutinho, que considera o pessimismo machadiano mais radical que o de Pascal, *porquanto, a despeito de apontar a contradição essencial da natureza humana, concepção barroca para a qual o homem é atraído pelos dois infinitos do nada e do absoluto, Pascal ainda alimentava uma grande esperança otimista na vida futura. Pascal não acreditava no homem e odiava a vida, porém tinha confiança em Deus. Ao passo que Machado não confia no*

homem, não ama a vida e nem espera nenhuma bem-aventurança futura". Tanto é que, lúcido, recusa o conforto da religião no leito da morte.

Outra acusação que lhe é imputada é a de ignorar a escravidão e a questão racial, apesar de ser neto de escravo. Mas, se bem observado, e de acordo com críticos mais modernos, Machado a repudia à sua maneira. Não faz dela um cavalo de batalha, mas a encara como um triste acontecimento decorrente da condição humana. À sua moda, denunciou a escravidão ao torpedear a idéia muito em voga na época da "bondade dos brancos", como acentuou em crônica publicada em 19 de maio de 1888, logo após a proclamação da Lei Áurea, ironizando justamente "a bondade dos brancos".

Arnaldo Nogueira Júnior, no projeto "Releituras" faz a seguinte análise:

"Dizem os críticos que Machado era urbano, aristocrata, cosmopolita, reservado e clínico, ignorou questões sociais como a Independência do Brasil e a abolição da escravidão. Passou ao longe do nacionalismo, tendo ambientado suas histórias sempre no Rio, como se não houvesse outro lugar... A galeria de tipos e personagens que criou revela o autor como um mestre da observação psicológica.... Sua obra divide-se em duas fases, uma romântica e outra parnasiano-realista, quan-

do desenvolveu inconfundível estilo desiludido, sarcástico e amargo. O domínio da linguagem é sutil e o estilo é preciso, reticente."

Por maior que seja a verbosidade dos críticos e por mais contundentes que possam parecer as observações dos estudiosos, é inegável que Machado foi um expoente da literatura. E, como outros gênios, sofreu contestações e críticas, quase sempre comuns a quem se destaca. Os motivos são os mais diversos. Algumas vezes nem existem motivos. No caso de Machado foi pela dubiedade e pela ironia. Nada, no entanto, suficiente para macular o brilho e o valor da sua obra. Para aquilatar sua importância no mundo das letras, o site da Internet Wikipédia, que se autodenomina "uma enciclopédia livre e gratuita", editada em diversos idiomas, informa que o crítico norte-americano Harold Bloom considera Machado de Assis um dos cem maiores gênios da literatura de todos os tempos, ao lado de nomes como Dante, Cervantes e Shakespeare.

Para encerrar, não tenho qualquer dúvida em afirmar que Machado foi e continua sendo uma das maiores expressões literárias do nosso país, senão a maior, e um dos grandes nomes da literatura mundial.

(Alberto Antonio Rebonatto pertence à Academia Passo-Fundense de Letras.)

Poesia

SIMONE MÜLLER CARDOSO

A ti, meu pequeno mundo

Nasci.

A ti, meu pequeno mundo, m entreguei, cheio de curiosidade.

Tua mão me ajudou a levantar.

Tua voz calma me acalentou.

Tua mão segura ajudou a me conduzir.

Cresci, um pouco, e compreendi as palavras que tu me ensinaste, junto com a serenidade do teu sorriso.

Cresci, um tanto mais e, entre as bonecas, tentava repetir tudo o que aprendi contigo.

Quando abandonei a infância e entrei na adolescência, aprendi a imitar-te nos teus gestos de maturidade.

Sempre quis compreender como é que alguém tem tanto amor para dar e espalhar, nos atos mais simples da vida.

Teu amor significou muitas renúncias.

Sem ti nada seria minha existência.

És a presença da ternura.

És a seguidora de meus passos.

És aquela que resolve as minhas dúvidas.

És a minha escola de vida.

És meu tudo e muito mais:

És minha amada mãe!



(Simone Müller Cardoso é psicóloga e membro correspondente da APL.)

Rio Pardo heróico

VERÍSSIMO DA FONSECA

Gentilmente oferecido pelo Presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil e do Instituto de História do Rio Grande do Sul, Cel. Cláudio Moreira Bento, acaba de ser disponibilizado, na Biblioteca da Universidade de Passo Fundo e na Biblioteca Municipal, o livro *Escolas Militares de Rio Pardo/1859-1911*, de sua autoria e do Cel. Luiz Ernani Caminha Giorgis.

É uma obra histórica que nos leva à emoção, pelo carinho com que foi escrita; à reflexão sobre o amor à Pátria de uma geração que muito amou o Rio Grande Heróico, e a ele se dedicou e por ele lutou durante o período histórico mais crítico da conquista do Rio Grande de São Pedro.

Rio Pardo é o berço onde o Rio Grande criança foi aquecido, forja de homens que temperou o caráter dos rio-grandenses, escola de meninos de cujos bancos levantaram-se em vôo de águia para cumprir a missão de construir pátria. Meninos que se banharam nas águas do rio Pardo e beberam da sabedoria, da disciplina, da renúncia e da abnegação nos bancos das escolas de Rio Pardo. E partiram. Partiram para o comando de tropas, do Exército, da Força Expedicionária Brasileira, ministérios, embaixadas, lideranças políticas, Presidência da República; moldaram a nação brasileira, construíram pátria, praticaram amor.

Onde estão os professores que prepararam esses meninos para ser o que foram? É próprio da História Universal lembrar e enaltecer os fatos de guerra, quando se mata e se morre defendendo interesses, e esquecer as pessoas que ensinam, educam, constroem. Nenhuma escola brasileira teve tanta importância e influência no Brasil quanto as de Rio Pardo. Dentro dos meus limitados conhecimentos sobre elas, tenho Rio Pardo como a maior escola do Brasil formadora de estadistas e educadora de um povo. Foram a disciplina inculcada pelos comandos militares, o exemplo de um corpo social estabelecido por ilustres famílias ao mesmo tempo rígidas, abertas e avançadas para os padrões da época. E do ensino acadêmico preparatório

para a carreira militar é que saíram gerações de homens ilustres, que influenciaram o Brasil, desde a fundação até 1990. Estas gerações não mais estão presentes em nossos dias. O caráter do gaúcho atual não foi moldado pelo tipo social de antanho, ou na hospitalidade indígena pré-histórica, mas pelos professores e comandantes de Rio Pardo e pelas damas da sociedade: o professor preparou, o comandante disciplinou, a mulher educou.

Educação escolar, disciplina na vida e educação social é a grande herança partilhada com as gerações que um dia aqui chegaram, construíram lar, assumiram a identidade cultural e inda assumem hoje, em qualquer chão sempre gaúcho, para a grandeza do Brasil.

Com a chegada a Rio Pardo de Gomes Freire de Andrade, governador do Rio de Janeiro e vice-rei de Portugal, o coração do Brasil passou a pulsar na confluência do rio Pardo com o rio Jacuí. O braço firme e a mão amiga dos dragões de Rio Pardo conquistaram toda a gauchada da época e com ela tornou-se inextinguível. E com a construção da Tranqueira do Rio Pardo, deu início à conquista do território atual e à expansão da fronteira entre Portugal e Espanha, até acidentes geográficos relevantes e indiscutíveis. "Conspícuos", conforme está no Tratado. De acampamento em acampamento, durante o avanço conquistador, surgia uma população castrense. Foi em torno de castros que se deu a conquista do Rio Grande heróico. Valeu-lhe o título de civilização castrense, dada por seu ilustre filho, professor Dante de Laytano.

Com o Tratado de Madri, em 1750, que determinava a permuta da Colônia portuguesa do Santíssimo Sacramento pelo território ocupado pelas missões jesuíticas da Província do Paraguai, teve início a luta diplomática que, lamentavelmente, culminou com um episódio de sangue, alheio e contra a vontade dos portugueses.

Portugal concordou em entregar a Colônia com todas as suas riquezas materiais e o direito de opção aos cidadãos que lá moravam.

Na iminência da perda das missões, na Espanha, os jesuítas movimentaram-se e conseguiram substituir o Go-

vernador de Buenos Aires, D. José Andonaegui, por D. Pedro Ceballos, fervoroso adepto de Loiola e contrário à entrega do território missioneiro aos portugueses.

Mas Ceballos já chegou tarde a Buenos Aires. No campo, comandando a comissão encarregada da demarcação das fronteiras entre as terras pertencentes à Espanha e Portugal, estavam Gomes Freire de Andrade, governador do Rio de Janeiro, Joaquim Viana, Governador de Montevidéu e Andonaegui, como comandante dos exércitos, cargo que pertencia à Espanha pelo Tratado. Valdelírios era o comissário da execução do Tratado. A força militar sob o comando do General Andonaegui, partiu para cumprir a demarcação. Valdelírios permaneceu em Buenos Aires.

D. Pedro Ceballos ignora a ordem real e ordena a Nicolás Nhenguiru, corregedor da missão jesuítica de Concepción, antepor-se às forças comandadas pelos seus compatriotas [Os índios das missões espanholas tinham obrigação de prestar serviço militar ao governo e recebiam soldo. Portanto, eram soldados em combate a serviço da Espanha].

Consta no Relatório de Gomes Freire de Andrade: No dia 10 de fevereiro de 1756, os índios se postaram diante dos exércitos quase a tiro de mosquete. E mais adiante: *O governador de Montevidéu preveniu ao nosso general que tanto que o exército castelhano desse fogo a uma peça, fizesse o mesmo a nossa artilharia...*

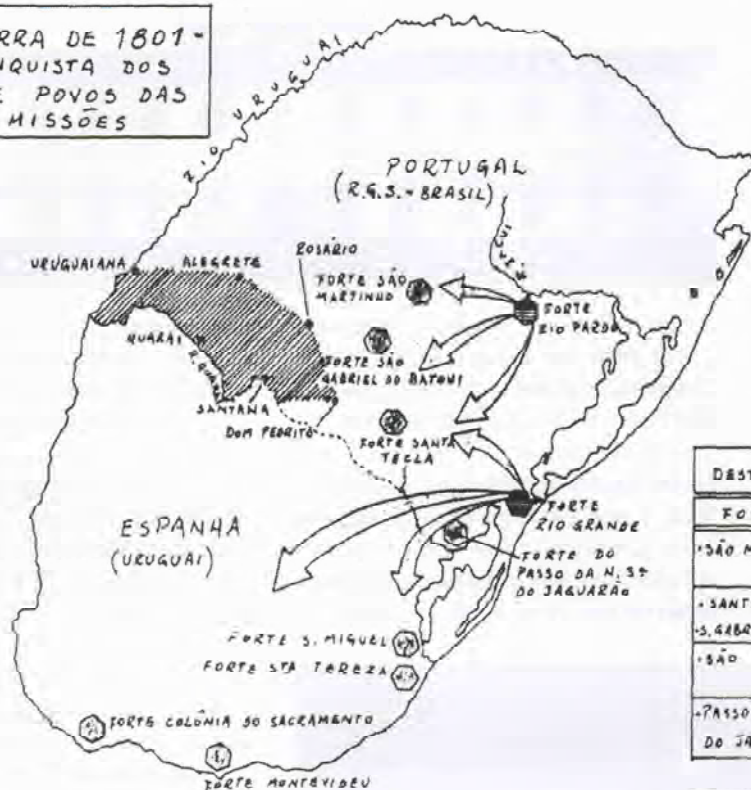
Comandou o ataque o Governador Joaquim Viana. ... e começando o ataque às duas horas da tarde se concluiu às três e dez minutos.

D. Pedro Ceballos conseguira seu intento: evitar a demarcação e impor sua autoridade sobre Val de Lirios.

Após este sangrento encontro, denominado pela História de Caibaté, Gomes Freire de Andrade retornou a Rio Pardo, onde permaneceu até 1759, aguardando o novo comissário espanhol para continuar a demarcação, que não veio, e Gomes Freire retornou ao Rio de Janeiro.

A partir de então, Rio Pardo "serviu de marco lusitano do interior do Rio Grande do Sul, como Rio Grande o foi do Litoral, além de haver desempenhado relevante papel geopolítico, como

**GUERRA DE 1801 -
- CONQUISTA DOS
SETE POVOS DAS
MISSÕES**



CONVENÇÕES	
	- FORTES PORTUGUESES
	- FORTES ESPANHÓIS
	- ATAQUE PORTUGUÊS AOS FORTES ESPANHÓIS
	- DISTRITO DE ENTRE RIOS
	- RIOS TOMADOS DOS ESPANHÓIS PELO EXÉRCITO PACIFICADOR EM 1812

DESTRUIÇÃO DOS FORTES ESPANHÓIS	
FORTES	MOTIVOS
SÃO MARTINHO	IMPEDIA ACESSO ÀS MISSÕES
SANTA TECLA	IMPEDIA AVANÇO PORTUGUÊS PARA O OESTE
S. GABRIEL DO BATÓVI	IMPEDIA AVANÇO PORTUGUÊS PARA O LITORAL
SÃO MIGUEL	IMPEDIA O AVANÇO PORTUGUÊS PARA O SUL
PASSO DA M. S. DO JAGUARÃO	IMPEDIA O AVANÇO PORTUGUÊS PARA O SUL

pesquisa: PEDRO ARI VERÍSSIMO DA FONSECA
DESENHO: FERNANDO HÄHNEL

base de partida e de apoio à expansão portuguesa sob a campanha rio-grandense e sobre os povos das missões, até a calha do rio Uruguai” (M. Bento et Caminha).

Decidido a manter o Território do Rio Grande de São Pedro em poder da Espanha, enquanto a discussão diplomática seguia na Europa, Ceballos preparou seus exércitos e partiu para a expulsão dos portugueses do sul do Brasil. Em 1763, à frente do exército da maior potência mundial da época, a Espanha, conquistou os fortes de São Miguel e de Santa Tereza, no Chuí, e dali partiu para a conquista da cidade do Rio Grande, conquistando-a em 24 de abril de 1763. D. Pedro Ceballos atravessou o canal e estabeleceu base de partida para uma penetração mais profunda.

Rio Pardo, um minúsculo pontinho no mapa do Brasil, permaneceu em pé.

Em 1771, Portugal transfere para Rio Pardo o Ten. Gen. Graduado Patrício Corrêa da Câmara, como oficial a serviço da Coroa na fronteira do Rio Pardo, e depois comandante dos Dragões de Rio Pardo. Patrício, antes de chegar a Rio Pardo como capitão havia servido, desde os 14 anos, na Europa, Ásia e África. Planejou e executou as ações militares da conquista definitiva do atual território do Rio Grande do Sul. Patrício casou-se em Rio Pardo e teve 15 filhos.

Em 1774, o mexicano Vértiz e Salcedo,

então Governador de Buenos Aires, ordenou a conquista de Rio Pardo e a anexação definitiva do território em disputa para a Espanha.

Falto de recursos para enfrentar Salcedo, o governo do Rio de Janeiro ordena a José Marcelino de Figueiredo organizar pequenas patrulhas e manter constantes ataques e emboscada às forças invasoras. Para execução da ordem, foi nomeado o Brigadeiro Rafael Pinto Bandeira, o primeiro rio-grandense a atingir o posto de oficial general na área do comando militar do Sul. Em Rio Pardo, nasce o que a História denominou Guerra à Gaúcha. Foi tal o estrago provocado por Rafael ao exército em marcha, que esse foi obrigado a buscar refúgio na Vila de Rio Grande, área sob o domínio espanhol.

A invasão praticada por Vértiz y Salcedo teve tal repercussão em Portugal que o Marquês de Pombal determinou ao Ten. Gen. Henrique Böhn, Inspetor Geral do Exército Português no Brasil: “estudar o terreno no Rio Grande, ocupá-lo vantajosamente e manter a paz, se possível. Do contrário, atacar sem descanso, até não existir um castelhano no Rio Grande”. O que foi feito.

Em 1775, os dragões de Rio Pardo arrasaram a Fortaleza de São Martinho, que bloqueava o acesso às Missões.

Em 1776, Patrício Corrêa da Câmara e

Rafael Pinto Bandeira, comandando uma força composta pelos dragões, milicianos e aventureiros, auxiliados pelos estancieiros, partiram da Fortaleza de Rio Pardo, varreram os espanhóis da campanha do sul e arrasaram a fortaleza espanhola de Santa Tecla.

Detalhe a observar: mais tarde, o Ten. Gen. Bento Corrêa da Câmara, filho de Patrício, tornou-se genro de José Ferreira de Brito, ex-secretário de Pombal.

Em 1801, ano em que a Espanha declarou guerra a Portugal, Patrício ordenou a José Borges do Canto a diligência da conquista definitiva do território que fora ocupado pelos Sete Povos das Missões paraguaias, até 1767, quando foram expulsos do Reino da Espanha. José Borges do Canto, executor da diligência, assim relatou a seu superior: “Achei-me em São Martinho, para a diligência que me determinou, com 40 homens”. Sobre o episódio, escrevem Bento et Caminha: “No interior das muralhas foi planejada pelo valoroso Coronel de Dragões, Patrício Corrêa da Câmara, a conquista definitiva do território dos Sete Povos das Missões, em 1801, e mais os territórios onde hoje se localizam as cidades de São Gabriel (fundada em 1801 pelo, mais tarde, Visconde de São Gabriel), Cacequi, D. Pedrito, Bagé, Formigueiro, Caçapava do Sul e Lavras do Sul”.

A reconquista de Rio Grande, determinada pelo Marquês de Pombal, conhecida como a Guerra da Restauração (1775-1778), foi comandada de Rio Pardo.

Em 1848, foi fundada a primeira das três escolas militares de ensino preparatório de Rio Pardo, que perdurou até 1911.

Histórico do prédio do Centro de Cultura Regional de Rio Pardo - Antiga Escola Militar de 1848 a 2005

A escola preparatória abrigava 600 alunos.

Rio Pardo, centro geográfico-militar de onde foi executada a geopolítica de Portugal ao sul do Brasil, sede da escola preparatória onde deram os pri-

meiros passos os futuros generais do Brasil, ninho de águias que garantiu a conquista, a posse e o povoamento de São Pedro do Rio Grande, tem um tão grande número de brasileiros que tiveram papéis decisivos na vida brasileira, e que em alguma fase de suas vidas por lá passaram, que é impossível citá-los neste trabalho de apresentação de um livro, a não ser como al-

guns exemplos, além dos nome já mencionados: Castelo Branco, Eurico Gaspar Dutra, Deodoro da Fonseca, Getúlio Vargas, Setembrino de Carvalho, Mascarenhas de Moraes, Bertoldo Klinger, Góis de Monteiro, Emílio Lúcio Esteves, Plácido de Castro, Sena Madureira, Marechal Câmara e muitos outros, saídos de um colégio que contava com 600 alunos. Com tão importante educandário, Rio Pardo não poderia deixar de influenciar também nos costumes da sociedade da época: Cezimbra Jacques, patrono do Movimento Tradicionalista Gaúcho, foi professor em Rio Pardo; o Gen. Bertoldo Klinger deixou-nos preciosa informação sobre os costumes da juventude riopardense: "No final do século XIX e início do século XX, estavam em voga calças largas, apertadas na boca, denominadas calças balão ou bombachas. Consta a origem das mesmas ser militar, resultado de uma compra, da França, de bombacha para uso militar na Guerra do Paraguai: as mesmas estavam estocadas para uma guerra na Criméia, que não houve.

Pairando sobre tudo e sobre todos, a figura da ilustre dama riopardense, D. Maria Adelaide Andrade Neves Meireles, em cuja mesa de jantar foi obrigatória a presença de todas as pessoas ilustres que passaram por Rio Pardo.

Rio Pardo foi a base de partida nas guerras de 1801, 1812, 1816 e 1820.

Vale lembrar que em Rio Pardo fora construída a fortaleza jesuítica, para impedir possível investida portuguesa. Esta fortaleza foi conquistada por Raposo Tavares no ano de 1635-1636, e dela partiu a expulsão de todas as missões jesuíticas paraguaias para a margem direita do Rio Uruguai.

É uma longa e bela história, a história das Escolas Militares de Rio Pardo - 1859-1911.

(Pedro Ari Veríssimo da Fonseca é médico e pertence à APL.)

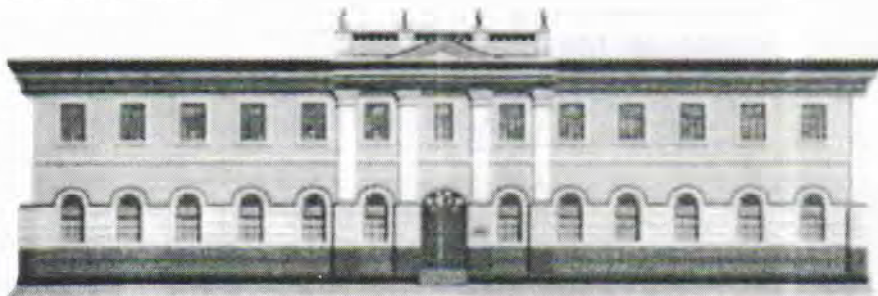


Foto tirada em 1923, no Solar de D. Maria Adelaide em Rio Pardo, na época da pacificação da Revolução de 1923, vendo-se, no 1º plano, da esquerda para a direita, o Gen Setembrino de Carvalho, Ministro da Guerra, D. Maria Adelaide, seu filho Gen Eurico (Comandante da 3ª RM) e o Capitão Euclides Figueiredo, assessor do Gen Setembrino. Estes dois oficiais, Setembrino e Euclides são, ambos, ligados à criação do Dia do Soldado, no ano seguinte, na data de aniversário do Duque de Caxias. O Gen Setembrino era sogro do sobrinho de D. Maria Adelaide, o Gen Div Francisco Ramos de Andrade Neves (foto obtida pelo Cel Caminha junto à família Andrade Neves).

Serei eu?

Serei eu a mostrar-lhe o caminho certo a ser seguido?
 Serei eu a saber compreendê-lo?
 Serei eu a falar o sim, o não, o talvez?
 Serei eu a justificar os seus erros?
 Serei eu a despertá-lo dos seus sonhos?
 Serei sempre eu?
 E você?
 Serei sempre eu a colocá-lo na realidade, pois só se sonha quanto se dorme.
 Acorde!
 Viva!
 Ame!
 Não engane a si próprio, saiba agir cautelosamente, procurando não esbarrar e cair.
 Não serei mais eu, será você...

(Fevereiro de 1978)



Docemente

Ó meigo semblante de poeta,
 num mundo que violenta
 nossos nobres sentimentos!
 Ó terno Quintana,
 da rua da Praia,
 do Hotel Presidente!
 Sempre lembrado
 em todas as gerações,
 por todas as pessoas sensíveis.
 Ó arte de escrever, minuciosamente, um caminho para os sonhos!
 Doce é ver, esse rosto vivido, esses olhos experientes,
 cheios de poesia.
 Ó Mário silente,
 de toda a Porto Alegre,
 de todo o Brasil,
 em todos os corações!
 Certeza de lembrança eterna.
 Ó figura cálida que estampa bondade!
 Docemente, devoto-lhe, toda a admiração.

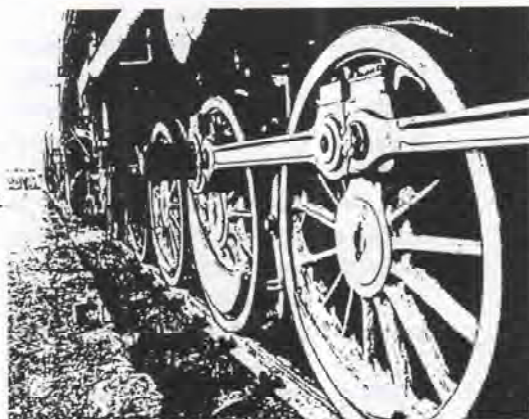
(Do livro *Uma Gota de Vida*, prefaciado por Mario Quintana, em 1982)



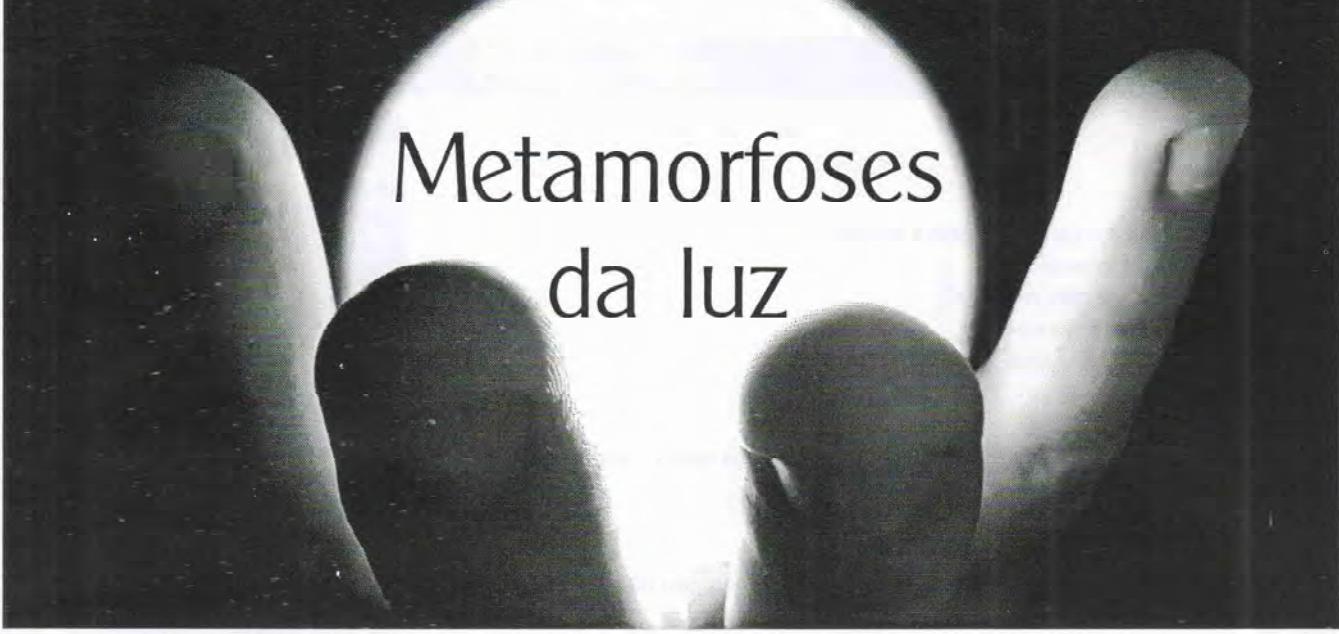
Mario Quintana e Simone

A estação

A estação solitária.
 Um trem partindo.
 Um aceno.
 Uma lágrima.
 Uma dor.
 Uma saudade que penetra bem lá no íntimo.
 Uma rosa sendo despetalada e jogada no chão.
 Um murmúrio mal soado.
 Uma figura presa sobre um banco avista o trem partir, sem ter coragem de se levantar.
 Um gesto.
 Um dilema.
 Um ruído.
 Um último adeus que se perderá nas estradas, deixando um beijo em cada lágrima.
 Um olhar ferido.
 Um olhar desprezado.
 Uma inexplicável sensação de ter perdido parte de sua própria pessoa.
 Levanta. Caminha. Desperta no rosto um sorriso amargo.
 Mas é um sorriso.
 A estação recebeu uma dádiva: o amor.



(Simone Müller Cardoso é Psicóloga, membro correspondente da Academia Passo-Fundense de Letras, residente em Montenegro.)



Metamorfoses da luz

GETULIO VARGAS ZAUZA

O tema desenvolvido a seguir é uma reformulação de um artigo publicado há vários anos, no jornal "O Nacional". O título no plural é devido a se tratar-se de várias modificações metamorfoses específicas, e não da metamorfose da luz como conceito geral, que abrange tudo o que é, foi e virá a ser.

Quando o tema foi elaborado para publicação, não havia espaço para uma consideração mais ampla e profunda. Até mesmo porque há certa diferença entre leitores de jornal e de uma revista destinada especificamente à publicação de literatura.

Na forma original, eu digo que, se as considerações não fossem totalmente verdadeiras, "totalmente verdadeiras", o foram por uma questão de modéstia. No entanto, agora afirmo que são totalmente verdadeiras, mesmo sendo muito limitadas as explicações.

Agora, no que concerne à metamorfose da luz solar, ou ainda à Luz-todo-modo (Luz considerada conceitualmente), à extensão da sua virtuança (influência, poder gerador) na geração de tudo quanto acontece no planeta Terra e no Cosmos, é bem difícil conceber, para quem sofreu uma determinância da aspecção materialística, no seu processo formativo (ou deformativo), na educação.

Nós aprendemos a conceber a luz solar apenas como é ensinado na Física clássica. Posteriormente, com o advento da Física quântica, e com a teoria da relatividade, em que Einstein afirma que

matéria é energia condensada, foi levantada a questão de como a energia pode condensar-se.

Ora, toda matéria apresenta um certo teor de energia. De onde provém a energia da matéria (inorgânica)? Aí é preciso admitir a pré-existência da energia que é a geradora da matéria. Mas, se a energia é capaz de gerar a matéria, tanto inorgânica como orgânica, em todos os aspectos nos quais se apresentou, se apresenta e se apresentará, que são tão variados e difíceis de entender, então ela (a energia) tem necessariamente que ser possuidora, ou é ela mesma uma suprema Inteligência, ou deve ser a potência de um Ser superior (Deus).

Deixando de lado as hipóteses dos cientistas oficiais, podemos considerar a luz, primeiramente, de um ponto de vista tanto factual como pensamental (filosófico). Aquilo que nós percebemos com a visão são superfícies e cores, sendo que cores são propriamente sombra, e a cor ou sombra mais tênue é a passagem da energia (invisível) da luz pela camada gasosa da atmosfera. Podemos apenas dizer que percebemos o efeito da luz sobre os corpos, no caso, sua incidência sobre e através de corpúsculos.

Saindo um pouco fora dos temas psicológicos e educacionais, gostaria de fazer algumas considerações sobre o tema proposto. Elas poderão parecer, pelo menos em parte, fantasiosas, mas, mesmo não sendo totalmente verdadeiras, servirão talvez para desfazimento da imaginação, se não do leitor, pelo menos da minha.

Acredito que os leitores, como sabentes de certas verdades básicas da Ciência, em especial da Botânica, sabem ser

a nossa existência biológica completamente dependente das plantas.

Dependemos delas: 1- no oxigênio para nossa respiração; 2 - nos complementos básicos para a nutrição, quer seja a nossa, quer a dos animais utilizados na nossa alimentação.

Assim sendo, as plantas produzem o "substratum" de todos os processos de nutrição. Então vejamos. Elas produzem: 1- alimentos energéticos (amido, açúcares); 2- alimentos lipídicos (gorduras vegetais); 3 - proteínas (alimentos plásticos); 4 - vitaminas; 5 - sais orgânicos; 6- princípios ativos, usados na medicina e tantas outras coisas mais.

A substância da nossa consideração de hoje é o AMIDO.

Pois bem. Sabemos que, para formar-se o amido, são necessários basicamente os seguintes fatores:

1. Clorofila (substância de coloração verde encontrada nas folhas e nos caules novos), contida nos corpúsculos denominados cloroplastos;
2. água, absorvida pelas raízes e conduzida às folhas através do caule;
3. gás carbônico (CO₂), absorvido pelas folhas, através de aberturas pequenas, os estômatos;
4. nutrientes minerais;
5. e finalmente a luz.

Sem a presença da luz não se processa a formação do AMIDO, pois este é gerado no processo da fotossíntese.

Sabe-se que a fotossíntese é um processo bioquímico endo-ergônico, isto é, para se realizar, necessita de calor, e o absorve retendo-o nas moléculas da substância sintetizada.

No caso de síntese do amido, este calor necessário deve ser obrigatoriamente

te oriundo da luz.

É aqui o momento em que desejamos iniciar nossa consideração sobre metamorfose da luz (transformação).

Ora, nós sabemos ser a molécula de AMIDO portadora da energia absorvida da luz. No processo da digestão, ela é desdobrada em moléculas menores, até chegar à molécula de glicose. A glicose penetra na corrente circulatória, indo ser metabolizada e catabolizada no interior das células. Af, finalmente a glicose é desdobrada nas substâncias originais, água e gás carbônico, libertando a energia calorífica nela retida.

Nosso interesse começa agora.

Qual o destino, ou o emprego, dessa energia no ser humano? Primeiro, ela é empregada na forma de calor destinado à manutenção da temperatura corporal e funções biológicas; segundo, numa forma mais sutil, podemos pensar na atuação dessa energia para servir de base aos processos afetivos (emocionais), pois sabemos ser necessária a energia provinda da glicose, para manter ou aumentar a boa disposição e o entusiasmo para todas as atividades.

Uma pessoa com falta de glicose no organismo sente-se desanimada, incapaz de expressar e talvez mesmo de ter sentimentos positivos.

Assim, poderíamos pensar o entusiasmo como uma forma de manifestação da luz solar transformada em energia anímica.

Em terceiro lugar, sabemos não ser possível manter um processo de pensar normal, sem a base biológica, mantida pelo calor provindo da energia da luz aprisionada na molécula do amido. Ainda mais, sem entusiasmo também é impossível manter um pensar enérgico.

Daí percebemos o ato de pensar como um processo dependente da energia da luz.

Ora, o ato de pensar pode ser comparado com aquele de iluminar coisas, e processos que se desenrolam na escuridão ou no luscofusco da luz crepuscular.

O pensar corresponde a um feixe de luz lançado sobre os acontecimentos em nossa consciência, seja na consciência clara, na crepuscular ou na inconsciente.

Afinal, com o pensar, e só com ele, nós iluminamos os fatos para se tornarem SABER.

Assim poderíamos pensar a luz solar se metamorfoseando. Primeiro, em energia de calor dentro da molécula de ami-

do; segundo, sendo libertada como calor orgânico, para manter a temperatura necessária aos processos biológicos; terceiro, sendo base ao entusiasmo necessário para sustentar os processos anímicos, ainda como calor; quarto, alcançando-se ao estado de luz mais sublime, espiritual, no PENSAR.

Considerando ainda que a forma como o ser humano obteve o conhecimento em diferentes épocas evolutivas, sempre dependeu do estado de desenvolvimento da consciência, pois quem leu sobre a história da Filosofia sabe muito bem que pensar, como se faz em nossa idade de tempo, começou a ser possível apenas há mais ou menos 600 a. C., com Pherekydes de Tiros (Siros), e se consolidou com Aristóteles. Assim podemos pensar que a forma como pensamos hoje não seja a última, pois já há pessoas que desenvolveram suas consciências e podem suplantar a atual.

A nova forma de pensar é fundamentalmente diversa da atual, que foi descrita e publicada na **Revista Água da Fonte**, da Academia Passo-Fundense de Letras (ano 1, n.º 2, pág. 98, novembro 2004), sob o título "Fenomenologia do atual hábito de pensar".

Atualmente, ainda se acredita tanto na Filosofia como nas outras ciências, que os conceitos são arranjos subjetivos que o "espírito" humano constrói, para explicar os fenômenos, e que, portanto, eles nada têm a haver com a realidade, a coisa em si, segundo Emmanuel Kant, o último grande teorista do reconhecer, antes de Rudolf Steiner (Linhas Gerundo de uma Teoria de Reconhecimento da aspecção de Mundo de Goethe, com particular respecção a Schiller), traduzido por Frederico Mueller, sob o título *O método científico de Goethe*, que é um exame experiencial do Pensar. É uma observação do próprio Pensar substantivo, como ele comparece na consciência e como se processa, sem partir de

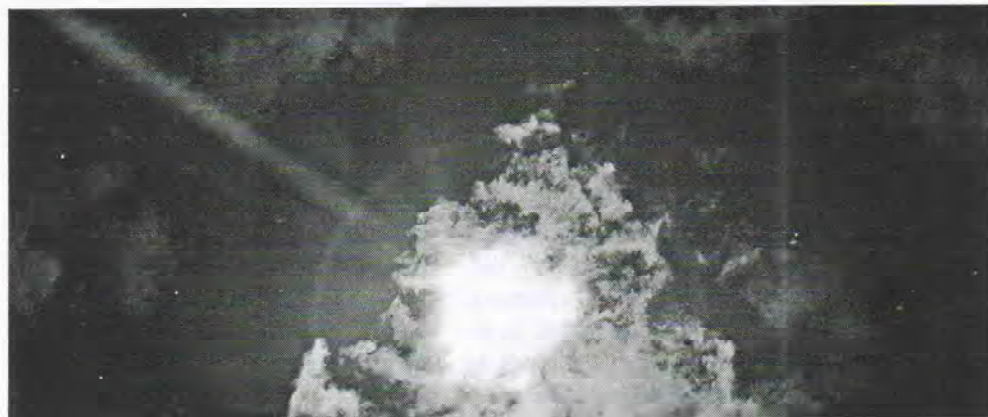
qualquer pressuposição, isto é, o ponto de partida é pensar o Pensar mesmo.

Quando se ultrapassa os limites do modo de pensar habitual, a consciência se desprende da sua condição espacial-temporal e se alça ao mundo dos conceitos vivos. Então se apreende aquele elemento procurado no fenômeno que está nele, mas que, devido à constituição de nossa organização psíquica, parece estar separado. Esta separação não pertence ao fenômeno. É nossa consciência que faz a cisão. O conceito, a essência do fenômeno, tem a mesma origem que nós temos. Nós somos também fenômeno, apenas somos o mais complexo de todos, daí que o conceito de homem temos que encontrar em nós mesmo (auto reconhecimento).

É necessário que se tenha a coragem de dizer a verdade, isto é, que todas as coisas (inclusive nós, seres humanos) têm origem numa força primordial que, se o leitor quiser, pode chamar de Criador, Deus, ou como deseje. A palavra não garante nada, ela é apenas portadora de um sentido, um significado, que nosso Espírito, ou nosso Pensar, quer comunicar. O conceito que Jaz no fenômeno já está em nosso Espírito. O pensamento que podemos elaborar e pronunciar tem a mesma natureza do conceito do objeto. A dificuldade está em superar a condição espaço-temporal da consciência, mas isto já é possível.

Concluindo, podemos dizer que todo ato de Pensar é um efeito da Luz, pois é pensando que iluminamos os enigmas que se nos propõem durante a existência terrena. Assim sendo, nós processamos, em nossa organização total, a metamorfose da Luz solar, tanto no aspecto da Física, quanto no espiritual.

(Cetulio Vargas Zauza é psicólogo-clínico e pertence à Academia Passo-Fundense de Letras.)





O número 88

GILBERTO R. CUNHA

São histórias de vida (e de morte, também), de abnegação e egoísmo, de colaboração e rivalidade e, especialmente, de muita maledicência nos meios científicos, que estão por trás da descoberta do elemento químico que ocupa a posição de número atômico 88 (o Rádio) na tabela periódica concebida por Dmitri Mendeleiev. Estamos nos referindo, especificamente, à vida e à obra de Marya Salomee Sklodowska, que entrou para a história da ciência como Madame Curie.

Marya Sklodowska nasceu em 7 de novembro de 1867, em uma Polônia sob dominação russa. Era a mais nova dos cinco filhos de um casal de professores: Wladyslaw Sklodowska e Bronisłwa Boguski. A mãe, vitimada pela tuberculose, viveu afastada da família e, após longos períodos em sanatórios, acabou morrendo aos 42 anos, em 1878. Os Sklodowskas, apesar das limitações impostas pelos russos, cultuavam um ambiente familiar marcado pela intelectualidade, preservação da cultura e de valores poloneses. Os filhos do professor Wladyslaw se destacavam na escola. Todos seguiriam profissões eruditas (com exceção de Zosia que morreu aos 12 anos, vítima de tifo). A Universidade de Varsóvia, na época, era restrita aos homens. A fim de prosseguir os estudos, as irmãs Bronya e Marya planejavam se mudar para Paris. Bronya foi primeiro.

Para ajudar a custear a estada de Bronya em Paris, estudando medicina na Sorbonne, Marya começou, aos 17 anos, a trabalhar como governanta na casa dos Zorawski. Nessa época, sofreria uma grande decepção, ao se apaixonar por Casimir Zorawski, filho do patrão. Pensava que seria correspondida, mas Casimir não teve coragem de afrontar o pai. Com este episódio, passou a sofrer de um mal que a acompanharia pelo resto da vida: períodos de depressão profunda. Por sugestão de Bronya, Marya se mudaria para Paris, visando a dar continuidade ao acalentado sonho de estudar na Sorbonne.

Em 1891, aos 23 anos, Marya chega a Paris e matricula-se na Escola de Ciências da Sorbonne. Como um sinal de que começava uma nova vida, ela assinou o formulário de matrícula não com o nome polonês, Marya, mas com o equivalente francês, Marie. Num universo de dois mil estudantes, era uma da 23 mulheres do curso. Apesar das dificuldades financeiras, procurou um ambiente mais adequado para se dedicar integralmente aos estudos, e resolveu não morar com a irmã Bronya, passando a viver em quartos alugados no Quartier Latin. Dois anos depois, em 1893, seria a primeira mulher a receber um diploma de Física pela Sorbonne (no ano seguinte receberia o de Matemática). Começou a quebrar uma série de tabus, num ambiente científico predominantemente dominado por homens: primeira mulher agraciada com o Prêmio Nobel (em duas ocasiões, inclu-

sive), primeira mulher a se tornar professora na Sorbonne e primeira mulher a ser aceita na Academia Francesa de Medicina. Mas, para chegar a tudo isso, houve um longo caminho a ser trilhado.

Na época, como estudante da Sorbonne, Marie teve oportunidade de conviver com os grandes nomes da ciência na França. Com Gabriel Lipmann (Prêmio Nobel em 1908, pela invenção da fotografia colorida), Paul Appel (que se tornaria reitor da instituição) e o famoso matemático, físico e filósofo Henri Poincaré, por exemplo. Foi trabalhando no laboratório de Gabriel Lipmann que Marie travou contato com Pierre Curie, que era professor na Escola de Física e Química Industrial da Cidade de Paris (EPCI). Apesar do contar com certa notoriedade, pelos seus conhecimentos em magnetismo e eletricidade, Pierre Curie sobressaía-se pela humildade. Seu salário não era dos melhores e nem seu laboratório era dos mais equipados. De qualquer forma, ambos se sentiram atraídos pelos interesses comuns na investigação científica e pela inteligência.

Apesar da relutância de Marie, que, depois da decepção amorosa com Casimir Zorawski, decidira que não se deixaria dominar pela paixão, ela acabou cedendo à insistência de Pierre Curie, e os dois se casaram em 26 de julho de 1895. Pierre estimulou Marie a prosseguir seus estudos, na busca do doutoramento pela Sorbonne. Nesse meio tempo, em 12 de setembro de 1897, nasceu a primeira filha do casal: Irène (que se tornaria uma

cientista conceituada, também agraciada com o Prêmio Nobel).

Em 1897, Antoine-Henri Becquerel, quarta geração de uma dinastia de cientistas franceses, comunicou à Academia de Ciência a descoberta dos “raios Becquerel”, que se diferenciavam dos raios X. Henri Becquerel havia estudado na conceituada École Polytechnique. Era diretor do Museu de História Natural, onde sucedeu ao avô e ao pai. Tinha um grande senso de poder, trajava impecavelmente (dizem que trocava sua camisa de linho engomada duas vezes ao dia), e destoava por completo da humildade de Pierre e Marie.

Em 1903, Pierre Curie e Henri Becquerel foram indicados para o Prêmio Nobel de Física, pela descoberta da radioatividade. O nome de Marie, inicialmente, não constava da carta de indicação assinada por cientistas influentes. Acabaria sendo incluído, por pressão de Pierre e de outros nomes da comunidade científica. Especulou-se que Becquerel influenciara os cientistas que assinaram a indicação, para que a participação dele na descoberta da radioatividade fosse

aumentada na citada carta. Na sessão de entrega do prêmio, em 10 de dezembro de 1903, os Curies não compareceram à cerimônia na Suécia. Henri Becquerel apareceu sozinho e recebeu a maior parte dos créditos, nos discursos oficiais. O prêmio foi dividido: 70 mil francos-ouro para Becquerel e 70 mil francos-ouro para Pierre e Marie, como se os dois fossem uma única pessoa. De fato, os Curies não compareceram devido a mais uma das recorrentes crises de depressão que acometia Marie. Eles viajariam a Suécia em 1905 (16 meses após). Na ocasião, a palavra para discurso na cerimônia foi dada somente a Pierre (fato que é visto, hoje, como mais um preconceito da comunidade científica da época contra as mulheres).

A fama trouxe recompensas ao casal Curie. Pierre virou membro da Academia de Ciência (ele havia culpado Becquerel pelos fracassos em tentativas anteriores de ingresso. O cientista humilde que parecia não ligar para a fama também tinha as suas fragilidades) e recebeu uma cátedra na Sorbonne, com salário de 10 mil francos ao ano. A descoberta do rá-

dio, anunciada pelos Curies na revista *Comptes rendus*, situando-o no número 88 da tabela de Mendeleiev, e suas propriedades físicas diferenciadas, criou um ambiente de grande apelo de mídia e comoção pública, propício à exploração da boa fé das pessoas e ao charlatanismo. Surgiram roupas que brilhavam no escuro; drogas milagrosas, envolvendo diluições minúsculas de rádio em chás; tônicos, cremes faciais (Tho-Radia), dentífricos, bebidas com sais de rádio (Radithor), que curariam desde câncer de estômago até doenças mentais; além de serem estimulantes sexuais. O rádio tornou-se um ícone da sociedade de consumo da época. Baseado na celebridade do casal vencedor do Nobel, Armet De Lisle, um homem de negócios, associou-se com os Curies na construção de uma fábrica para produzir sais de rádio. A moda do rádio traria grandes benefícios financeiros a De Lisle e aos Curies.

Um trágico acidente, envolvendo uma carroça puxada por dois percherões, numa quarta-feira chuvosa (18 de abril de 1906), tirou a vida de Pierre Curie, que



teve seu crânio esmagado, aos 49 anos, quando se dirigia para o escritório da revista *Comptes rendus*, para corrigir as provas do seu novo artigo científico. Com a morte de Pierre, Marie adentra em um silêncio profundo, tornando-se uma mulher cada vez mais irritada e movida pela obrigação. Inicia a escrever um diário (que tem 23 páginas) em que Pierre Curie, possivelmente sob influência da filosofia espírita (o médium italiano Eusápia Paladino gozava de grande prestígio no meio da intelectualidade francesa da época), parece estar presente. Em maio de 1906, ela, aos 39 anos, e duas filhas (Irène com nove anos e Eve com 14 meses), assume como professora da cátedra criada para o seu falecido marido. Torna-se a primeira mulher a ocupar esta posição na Sorbonne. Na aula inaugural, em 5 de novembro de 1906, a expectativa do público era grande. No horário exato, salão cheio de pessoas, surgiu uma Marie impassível que, sem demonstrar maiores emoções, iniciou sua fala no ponto exato em que Pierre Curie terminara a conferência anterior. Com a colaboração de André Debierne, que seria seu fiel ajudante ao longo de 40 anos, o laboratório de Marie se dedica a pesquisas médicas, biológicas e industriais. Torna-se a principal instituição a lidar com a produção e certificação do rádio.

Irène era a filha favorita, se destacava nos estudos (matemática, física e química). Eve demonstrava habilidades artísticas, especialmente musicais. O pai de Pierre ajudava Marie na criação das filhas, mas acabou morrendo cinco anos depois do filho. Buscando mais tranquilidade, elas se mudaram para uma casa em Sceaux, que é mantida até os dias atuais pelos netos dos Curies.

Em 1910, num jantar na casa de amigos, surge uma “nova” Marie. Pela primeira vez, desde a morte de Pierre, ela deixara de lado as roupas pretas e o ar de tristeza que caracterizaram o período de luto. Às vésperas de ser indicada para o seu segundo Prêmio Nobel (desta vez em química), Marie dá os ares de uma mulher apaixonada. Está vivendo um romance secreto com Paul Langevin, físico e matemático brilhante, cinco anos mais jovem que ela e casado.

Em 1911, a divulgação na imprensa francesa das cartas que Marie Curie escreveu para o físico e matemático Paul Langevin, que davam a entender que os dois haviam-se tornados amantes, foi o estopim de um episódio que ficou co-

nhecido por “o grande escândalo”. Vem a público uma Marie apaixonada, que se mostra insensível e pragmática, a ponto de insinuar formas de como o seu amante poderia se livrar da esposa. Langevin mostra-se ambivalente, não abandona a esposa e nem deixa de se encontrar com Marie. Ela, no meio de muitas decepções, se candidata a uma vaga na Academia de Ciência da França. Sofre preconceitos por ser mulher e estrangeira (inclusive das mulheres francesas, que viam nela uma ameaça à feminilidade) e acaba sendo derrotada.

Foi durante a Conferência Solvay de 1911, em Bruxelas, que Marie recebeu um telegrama da Comissão do Nobel, anunciando que ela havia sido ganhadora de um segundo prêmio, desta vez em química (pela descoberta do polônio e do rádio). Quase simultaneamente, um outro telegrama informava que a



mulher de Paul, Jeanne Langevin, havia entregue as suas cartas à imprensa. Marie deixa a conferência antes do final. Retorna a Paris e enfrenta um ambiente de grande hostilidade. Foi acusada de ser uma destruidora de lares, uma sedutora polonesa, uma judia. Sua casa foi cercada e apedrejada. As pessoas, num xenofobismo explícito, instigavam para que ela deixasse a França. Com essa história, Paul Langevin abandona a esposa, mas não por muito tempo. Passados três anos, os Langevins reconciliam-se. Paul arruma uma outra amante (teve um filho com uma ex-aluna). Muitos anos depois, ele pediria emprego no laboratório de Marie e acabaria sendo atendido.

Em dezembro de 1911, Marie, aparentemente não abalada com o escândalo, comparece à cerimônia de entrega do Nobel. No seu pronunciamento, dá destaque ao isolamento do rádio como um

sal puro, como tendo sido um trabalho exclusivamente dela. Depois, cai na mais sombria depressão, a ponto de querer se matar. Encontra apoio nos velhos amigos da Sorbonne. Viaja para a Inglaterra e é ajudada na sua recuperação pela ativista inglesa dos direitos das mulheres, Hertha Ayrton.

No ambiente científico da época discutia-se o padrão do rádio. Ernest Rutherford foi indicado como mediador, para que Marie fornecesse a amostra do seu isolado. Ela, num primeiro momento, se nega a ceder. Foi criticada por isso. Até o famoso William Thomsom, o Lorde Kelvin, então com 82 anos, insinuou que o rádio de Madame Curie não seria um elemento, mas sim um composto de hélio. Na verdade, Lorde Kelvin estava errado. Ela isolou o rádio como um metal puro, definindo com precisão a sua massa atômica em 226,45 (o valor aceito atualmente é 226,025), e colocando-o na posição 88 da tabela periódica de Mendeleiev. Em 1910, Marie escrevera um tratado sobre radioatividade (em 2 volumes), relatando a história inicial desta ciência, que foi criticado por Rutherford, dizendo que ela incluiu informações em demasia sobre o assunto. Finalmente, em 1913, atendendo ao pedido de Rutherford, que cumpriu a promessa de que a unidade de medida se chamaria Curie, ela entregou 21,99 mg de cloreto de rádio, para servir como padrão do rádio, ao escritório de peso e padrões em Sèvres.

A construção do Laboratório Curie, junto ao Instituto Pasteur, começaria em 1914. Em 3 de agosto daquele ano, a Alemanha decretou guerra à França. A guarda do rádio, como um tesouro nacional, tornou-se imperativa. Superando o escândalo do caso amoroso com Langevin, Marie se envolve no esforço de guerra, criando as unidades móveis de raios X (Les Petites Curie) para ajudar os feridos na frente de batalha. Nessa época, passa a contar com a colaboração da filha Irène, que se torna sua ajudante e seria a sua sucessora no laboratório.

Com o fim da guerra, começa a se formar o mito de Madame Curie. Os jornais, que antes a difamaram, passaram a dar destaque aos procedimentos de raios X idealizados por ela. Anunciavam em manchete: “Curie cura o câncer!”. Em 1921, estimulada pela americana Marie Mattingly Meloney (Missy), Madame Curie vai aos Estados Unidos para arrecadar fundos para o



seu laboratório. Recebe uma ampla cobertura da imprensa local. Viaja pelo país para receber homenagens em universidades. As mulheres americanas se envolvem numa campanha para conseguir US\$ 100 mil para que ela pudesse comprar 1 (um) g de rádio.

O mito da Madame Curie, a cientista que venceu trabalhando em um "galpão velho e miserável", se consolidou nos anos 1920. Por conveniência, ela colaborou para isso, quando se deixou levar pela campanha de arrecadação de fundos para seu laboratório, que foi conduzida pela americana Marie Mattingly Meloney (Missy). Na viagem aos Estados Unidos, em 1921, com ampla divulgação de mídia, conseguiu apoio das mulheres americanas para arrecadar 100 mil US\$, com o objetivo de comprar 1 (um) g de rádio para o seu laboratório, que estava envolvido em estudos de combate ao câncer. Também firmou contrato para escrever uma biografia de Pierre Curie, recebendo 50 mil US\$ de adiantamento. Por sugestão de Missy, a obra foi publicada somente em inglês. A introdução de 27 páginas, assinada por Missy, trata exclusivamente de Marie, exagerando fatos e fortalecendo a lenda.

Nessa época (anos 1920), Madame Curie começou a sentir os primeiros sintomas de uma vida dedicada aos estudos em radioatividade, sem maiores cui-

dados de proteção. Resolveu passar o bastão, que envolvia o comando do seu laboratório e do Instituto Curie junto à cátedra da Sorbonne, para a filha Irène. Em vida, Marie Curie foi ganhadora de muitos prêmios (dois Nobéis, inclusive), medalhas de honra, títulos honoríficos, doutorados *honoris causa*, por universidades do mundo todo, além de ter participado como membro de diversas sociedades e academias científicas.

Madame Curie teve seus últimos momentos de lucidez na manhã de 3 de julho de 1934. Em seguida, iniciou-se um processo de agonia, com gemidos de dor e queixumes vagos. Sem pronunciar nomes de ninguém, parecia afastada dos humanos e ainda preocupada com o trabalho no laboratório. O seu coração parou de bater ao amanhecer do dia 4 de julho, aos 67 anos. Junto dela, segurando sua mão, estava a filha Eve Curie, que escreveu a biografia da mãe *Madame Curie*. No Brasil, o livro foi traduzido por Monteiro Lobato e publicado pela Companhia Editora Nacional, no começo dos anos 1940. O doutor Tobé redigiu a ordem do dia: "Madame Curie faleceu em Sancellemoz, a 4 de julho de 1934, de anemia perniciosa de marcha rápida, febril. A medula óssea não reagiu, provavelmente por estar alterada por um longo acúmulo de radiações." Numa sexta-feira, 6 de julho de 1934, Madame Curie foi enterrada discretamente, por

parentes e amigos, no cemitério de Sceaux. Seu caixão desceu sobre o de Pierre Curie.

Marie não viveu tempo suficiente para ver a segunda mulher ganhadora de um Prêmio Nobel, casualmente a sua filha Irène. Em 1925, o físico Frédéric Joliot, que fora recomendado por Paul Langevin, começou a trabalhar no laboratório de Marie. A taciturna Irène (e também poderosa, pois era a chefe do laboratório), dois anos depois, se casou com o sorridente Frédéric Joliot. Muitos julgaram (inclusive Marie, que costumava a se referir a ele como o homem que casou com Irène) que aquele era um casamento de conveniência. De fato não era. Frédéric Joliot demonstrou ser um cientista excepcional. Quebrando os padrões da época, tanto Irène quanto Frédéric passaram a assinar Joliot-Curie. O casal Joliot-Curie, repetindo Pierre e Marie, foram ganhadores do prêmio Nobel de Física de 1935, pela descoberta da radioatividade artificial.

O destino de Irène e Frédéric seguiria o de Marie. Uma trajetória repleta de êxitos científicos e uma morte em circunstâncias parecidas. Irène faleceu aos 59 anos, em 1956, de leucemia provocada pela exposição a substâncias radioativas. Dois anos depois, morreu Frédéric, também vítima do que ele, em uma tirada de humor-negro, chamou de "a nossa doença profissional".

Os restos mortais de Pierre e Marie permaneceram em Sceaux, até o dia 20 de abril de 1995, quando em pomposa cerimônia comandada pelo presidente Francois Mitterrand foram transladados para o Panthéon, a fim de se juntarem a imortais franceses como Jean-Jacques Rousseau, Émile Zola, Victor Hugo, Voltaire e, o pivô do "grande escândalo", Paul Langevin. Marie foi o centro do discurso de Mitterrand, destacando a luta para ser reconhecida pelas habilidades intelectuais, em uma sociedade que reservava essas atividades para os homens. Ironicamente, enquanto Francois Mitterrand fazia o seu discurso, os presentes podiam ler, acima de sua cabeça, a inscrição na fachada do Panthéon: "Aos grandes homens, a pátria agradecida".

(P.S.: Para quem quiser saber mais, sugere-se a leitura dos seguintes livros: "Madame Curie", de Eve Curie, e "Gênio obsessivo", de Barbara Goldsmith. Este texto foi baseado neles.)

Cisne

Desliza
no lago
o azul
da canção...

Afago
de cisne
roçando
a paixão!

Vida

Pulo
de gato.

Um trato
no tempo.

Subindo
a rampa
do vento.

Rescaldo

O ciúme
queima
o afeto.

Emudo
o afeto
seca.

Em cinza
acaba
tudo.

Saciedade

Pingam
meus sonhos
sobre a alma.

Lava-se
a alma
de suspiros.

Alvejam
os suspiros
sua sede.

Superação

Es-pi-ca-ça-da
a pomba
rompe o véu
e c—a—i...

Em dor
prostrada
ainda sonha
com o céu
e v—a—i...

Mãe

Nuvem
raio
chuva.

Gérmem
galho
fruta.

Poema

Relâmpagos
que riscam
o céu.

Anjos
que escrevem
versos
ao léu.

Trocadilhos

Doidos
os rumores
que defloram
as flores.

Falsos
os radares
que espionam
os mares.

Livres
os laços
que germinam
abraços.

Puros
os beijos
que amamentam
desejos.

Noite

Desço a
es
ca
da
ri
a
do
so
no

nos braços
lassos
de Morfeu.

Melodias

O rouxinol assobia
na janela.

Uma escala
de sons musicais.

Tempo novo
e tempo velho
se saudando
se abraçando.

Ópera
balada
madrigal.

Falseta

Pés de
chumbo.
Boca
torta.
Riso
sujo.
Alma
morta.

Dicotomia

Basta um canto
para o pranto
se esgotar...

Basta um santo
para o canto
despontar...

Carestia

A fome
tilinta
no bolso
vazio.

Mastiga
o ruído
do rouco
sonido.

Tá magra.
E com frio.

(Helena Rotta de
Camargo, Academia
Passo-Fundense de Letras.)

Revolta dos Motoqueiros



PAULO MONTEIRO

O passo-fundense Leandro Malósi Dóro, depois de consagrado como caricaturista, estreou como escritor em fins do ano passado. Fê-lo com *Revolta dos Motoqueiros*, uma "ficção baseada na realidade". Tive o privilégio de ler os originais antes que lhes fosse dada a forma de livro e disse ao próprio autor que publicasse como estava.

Todo escritor que leve a sério seu ofício é "um torturado da forma", ainda mais quem andou participado de oficinas literárias. Transferir para o leitor o caráter de "ministrador de oficina" é tão inevitável quanto temerário. Daí, a preocupação de Leandro com a obra o mais perto possível da perfeição.

"Homens, sois deuses" - gravou um dos escritores neotestamentários. Deus não somos, apenas "deuses". Toda forma de arte carrega a falibilidade e a condenação à morte, como qualquer um de nós, falazes demiurgos. Então, toda obra artística é falível e perecível. Tudo isso pode ser resumido em quatro palavras: não existe obra perfeita. Buscar a perfeição, como fim último, é autocondenar-se ao ineditismo eterno.

Leandro Dóro parte de um fato real, uma revolta que estremeceu Passo Fundo entre os dias 5 e 15 de fevereiro de 1979.

Tudo começou ao entardecer daquele

5 de fevereiro, quando o motoqueiro Clodoaldo Teixeira fugiu a uma abordagem de três brigadianos, foi perseguido e morto por um deles. O caso revoltou os vizinhos, levou os motoqueiros da cidade e região à fúria, partindo para o confronto com a polícia militar.

No dia 6, a Brigada Militar espalhou homens, armas e cães no centro de Passo Fundo. Ao entardecer, depois do sepultamento de Clodoaldo, 10 mil pessoas encurralaram os brigadianos no comando regional, quase em frente ao prédio da Academia Passo-Fundense de Letras. Eles reagiram à bala, matando Adão Faustino e ferindo Pedro Carlos Santos e Jocely Joaquim Macedo, que faleceria alguns dias depois. O conflito só não foi pior porque o Exército se meteu entre os grupos beligerantes.

Os fatos ganharam repercussão. "A turma do deixa disso" entrou em ação e, no dia 8, quando do enterro de Adão Faustino, apenas seis motoqueiros estiveram no cemitério. Uma passeata, marcada para o dia 11, foi suspensa através de acordo entre o Moto Clube e a Brigada Militar. Dias depois, quando Jocely faleceu, a "revolta" servia para fanfarronadas e piadas.

Reza a "ficção" que Gustavo trabalhava como mecânico de motos, morava na Rua Lava-Pés e foi perseguido e morto por três brigadianos. Rodrigo, o presidente do Moto Clube, seu amigo de infância, namorava Mariane, filha do major comandante do Exército. Vivia um dilema, em tendo menor poder aquisitivo do que ela. O militar preferia que a filha namorasse um rapaz mais rico. Este era um mau-caráter, que chegava a prevalecer-se da situação criada, para atentar contra o rival.

Mariane, num caso de "amor bandido", ficou ao lado de Rodrigo durante a "revolta", que ele tentava conduzir como um simples protesto. Perdeu o controle, mas, num acordo com o major, ajudou a extinção do movimento. Ganhou a confiança do militar e mudou-se com ela e o amigo Rafael para Porto Alegre. Rafael apaixonou-se por Luciane, que namorava Gustavo.

Cada vez mais o hibridismo e a indiferenciação toma conta dos gêneros literários. Difícil classificar *Revolta dos Motoqueiros*. Conto não é. Também não "é uma fábula heróica, que trata de pessoas e de coisas fabulosas", tratando "em linguagem excelsa e elevada o que nunca aconteceu nem é provável que aconteça". Está mais perto de "uma pintura da vida e dos costumes tirada da realidade e da época em que se escreve", fazendo "um relato corrente das coisas conforme se passam todos os dias perante os nossos olhos, tal como podem acontecer a um amigo nosso ou a nós próprios", segundo o comparativo de S. P. Jones, citado por Vitor Manuel de Aguiar e Silva, em sua clássica *Teoria da Literatura*.

O que faz e diferencia a arte literária é a amplificação praticamente inexistente na *Revolta dos Motoqueiros*. Com isso aproxima a "ficção" da "realidade".

Como leitor privilegiado e contemporâneo do *leit motiv* do livro, afirmo que Leandro Malósi Dóro foi muito feliz em sua estréia literária, tanto que na vida real como na ficção, os mortos acabam sendo esquecidos pelos vivos. "Tudo continua como dantes no reino de Abrantes". E ponto final.

(Paulo Monteiro é membro titular da Academia Passo-Fundense de Letras.)



O professor e o menino burrinho

GETULIO VARGAS ZAUZA

Lá pelo ano de 1963, eu trabalhava como psicólogo escolar no Ginásio de Iniciação Agrícola, de regime de internato. Nessa época, não havia lá um Serviço de Orientação Educacional. Como psicólogo, me competia atender os problemas psicológicos dos alunos, referentes a dificuldades de aprendizagem, a problemas disciplinares e dar alguma orientação metodológica aos professores que necessitassem e solicitassem.

Além das funções citadas, ainda coordenava uma equipe de professores que atuavam na área disciplinar. Todos eram formados técnicos agrícolas. Uns cursavam Agronomia, outros Veterinária e ainda outros, Administração de Empresas.

Como não houvesse grandes problemas disciplinares, pois os educandos provinham quase só do interior do Estado, meus auxiliares ocupavam a maior parte do tempo com alunos necessitados de reforço, na aprendizagem de certas matérias.

Aconteceu, em certo momento, tantos eram os que procuravam auxílio, que quase tínhamos uma segunda escola funcionando dentro do ginásio. Como, naquela época, era muito difícil analisar com o professor questões pedagógicas, especialmente no domínio da metodologia de ensino, a situação era preocupante, e eu não via uma

solução para o problema.

Como que providencialmente, surgiu um problema significativo, o qual me obrigou a refletir sobre o caso: nas duas turmas do segundo ano ginasial, na primeira sabatina (era assim que se chamava cada prova mensal), oitenta por cento (80%) dos educandos alcançaram nota inferior à exigida para aprovação na disciplina de Ciências Naturais. O professor era competente na matéria e muito exigente.

Aconteceu uma avalanche de educandos apavorados pedindo ajuda. A equipe não tinha condições, nem de tempo nem de espaço de ajudar tantos.

Diante de tal situação, prometi-lhes que estudaria uma solução durante o fim de semana. E assim o fiz. Eu era licenciado em História Natural, além de pós-graduado em Psicologia. Refleti sobre o assunto. Pensei em como a ciência progrediu por degraus. Como um conhecimento adquirido apóia a descoberta de outro conhecimento, etc. Pensei também que o processo de aprendizagem baseia-se no mesmo princípio do avanço do conhecimento. É uma espécie de recapitulação, em que se percorre o mesmo caminho, apenas abreviado em tempo e conteúdo. A aquisição de um conhecimento sólido é como a construção de uma escada, que tem de ser sólida. Seu apoio não pode ter lacunas nem podem faltar degraus. Assim é o estudo, tem que ser metódico, sistemático e

consistente.

Eu, apesar de já ser pós-graduado, durante tantos anos de estudo, ninguém me havia ensinado como estudar. Refletindo sobre essa falha, ocorreu-me que, quando preenchíamos uma ficha em que é solicitada nossa profissão, só estudamos, declaramos como profissão: "estudante". Esta é, no entanto, a única profissão que exercemos sem havê-la aprendido, nunca nos ensinaram como exercê-la. Isso me soou como uma coisa absurda, porque a maioria das profissões, para exercê-las devemos antes aprendê-las e para tanto, estudá-las.

Para criar um roteiro fácil de ser compreendido pelos alunos, imaginei-me como um pesquisador de Botânica Sistemática (eu mesmo era professor de Fisiologia Vegetal na PUC/RS), com a missão de estudar toda a flora de uma região limitada.

Naturalmente, um botânico sistemático já conhece muitas das plantas da área a ser pesquisada, já teve contato com aquela vegetação, mas muitas plantas lhe são desconhecidas. Portanto, se faz necessário percorrer minuciosamente todo o território em causa, colher as plantas e etiquetá-las para posterior estudo e classificação, e descrevê-las, formando finalmente um texto completo.

Assim entendi como deveria ser um método de estudo, no caso, elaborado para estudantes dos níveis ginasial e colegial, como a seguir se expões.

Método de estudo

A palavra "método" deriva do idioma grego: meta, alvo ou objetivo que se quer alcançar, mais odos (meta + odos), caminho que deve ser percorrido.

Em todo processo de estudo devem ser seguidas as seguintes etapas:

I – Contato com a matéria objeto do estudo. Normalmente, isso se faz assistindo à exposição do professor, ou então ante um texto, do qual se faz uma leitura para tomada de conhecimento.

II – Leitura do texto para levantamento das dificuldades de compreensão, sublinhando e numerando os vocábulos cujo sentido não sabemos, ou não temos certeza do seu significado, ou ainda sublinhando parágrafos cujo conceito deve ser investigado.

III – No caso de vocábulos desconhecidos, ou mal conhecidos, fazer um vocabulário com o sentido específico que eles têm na área do conhecimento sobre a qual está se tratando; quando se tratar de dúvida conceitual de um parágrafo, analisar profundamente o mesmo até tê-lo compreendido bem (reconhecido).

IV – Leitura de todo o texto para sua compreensão total.

V – Sintetizar o texto para poder fixar o conteúdo essencial e não memorizar todo o texto simplesmente.

VI – Realizar a fixação do conteúdo essencial, pelos diversos recursos de fixação da aprendizagem, visual, motor e auditivo.

VII – Utilização do conhecimento adquirido. No caso dos estudantes, os exames.

A seguir reuni os alunos, em grupos de três e expliquei-lhes como o sistema deveria ser utilizado, para que a aprendizagem acontecesse no menor tempo possível, com o maior rendimento e duração do conhecimento do conteúdo em causa, tendo eles prometido fazer tudo como fora estabelecido.

Não comuniquei nada ao professor para evitar interferência nos resultados, pois se tratava de uma experiência pedagógica. O resultado foi surpreendente. Os alunos orientados alcançaram notas superiores aos outros que haviam obtido notas de aprovação.

Aconteceu que alunos de outras séries e matérias passaram a procurar o método que havia dado tão bom resultado para os colegas. Entre os novos demandantes, procurou-me um jovem que não conseguia aprender matemática e sempre tirava notas baixas.

Eu havia elaborado um método inicialmente destinado ao estudo de Ciências Naturais, mas que tinha dado certo para outros ramos do conhecimento. Pensei então que também deveria funcionar para matemática.

Pedi ao aluno que aguardasse a segunda-feira, para que no fim de semana (era sexta-feira) eu pudesse pensar em como fazer para aplicá-lo nessa matéria. Na segunda-feira, chamei-o a meu gabinete e propuz-lhe a seguinte história imaginária: "Digamos que tu moras no alto de uma montanha e necessites de ir à vila adquirir materiais necessários para realizar determinados objetivos teus. De tua casa até a vila existe somente um caminho, e como é longe, não podes ir a pé. De um dos lados da estrada, o terreno é íngreme, e do outro, além de ser íngreme, há muitos precipícios, não há como passar por outro lugar.

Digamos que lá pelo primeiro terço do

caminho encontres um obstáculo intransponível, uma grande árvore caída sobre a estrada. Como farias para ir adiante? "Passaria por cima", respondeu ele. Eu disse-lhe: "Mas tu vais com uma condução, como farias para tanto?" – "Eu removeria a árvore" – disse-me, empurrando-a para o lado,

- Com que força? - perguntei

- É, então eu teria que voltar e buscar ferramentas para cortá-la.

- Sim, mas não procurarias verificar se as ferramentas estão em boas condições, bem afiadas?

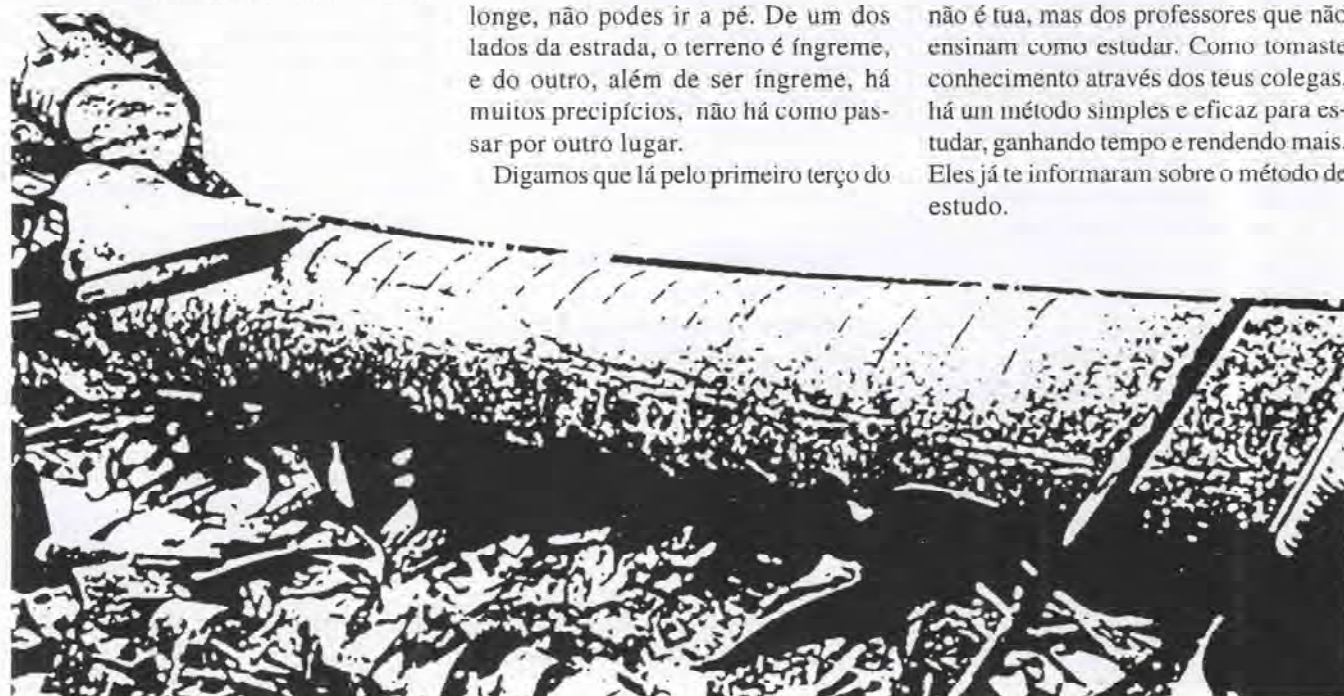
- Claro, isso seria necessário.

- Então com ferramentas adequadas seria possível remover o obstáculo e seguir viagem, podendo assim realizar o teu objetivo?

- Sim.

Como podes compreender, sempre na vida surgirão dificuldades, que teremos que enfrentar e esforçar-nos para resolvê-las. Os obstáculos devem ser encarados como desafios para nossa inteligência, nossa força de vontade e persistência. Diante deles devemos parar, refletir e procurar o melhor meio de removê-los. Se não houver desafios, não haverá nada novo e nada a aprender. Assim, nós teríamos que permanecer naquilo que já conhecemos e não haveria progresso.

Agora, a tua dificuldade para aprender Matemática será resolvida se tu aplicares o mesmo raciocínio utilizado na história da árvore caída no caminho. Tu querias passar por cima. Pois é assim que muitos estudantes fazem, exatamente como tu fizeste. É claro que a culpa não é tua, mas dos professores que não ensinam como estudar. Como tomaste conhecimento através dos teus colegas, há um método simples e eficaz para estudar, ganhando tempo e rendendo mais. Eles já te informaram sobre o método de estudo.



Suponhamos que tu tenhas que resolver uma questão sobre frações ordinárias, em que entram as quatro operações. Tu deves saber todas as regras e operações para a soma, subtração, multiplicação e divisão. Caso tu não saibas as regras para a soma, ficarás empacado e não adianta só saber as seguintes regras e operações. Se assim for é sinal que tu passaste por cima do pré-requisito.

A Matemática pode ser considerada, para efeito de compreensão do que estamos analisando, a um mecanismo, digamos, em que hajam sete engrenagens. Se faltar um dente ou mesmo houver um defeito num dente da quarta engrenagem, o mecanismo não funcionará. É necessário conhecer todas as regras, e a significação de cada palavra. Basta não saber o sentido de apenas uma palavra para não poder ir adiante. Aliás, isso é válido para todas as matérias e em qualquer nível de estudo. Assim sendo, penso que compreendeste que deves fazer um exame rigoroso do teu conhecimento e encontrar as lacunas. Deves rever toda a matéria antecedente e, lá onde houver falhas, deves reestudar essas opera-

ções, pois necessitarás delas até o mais alto nível de estudo. Não se pode passar por cima de nada.

No caso de ter dúvidas sobre como deves proceder podes procurar —me sempre que necessitares. O método de estudo é o mesmo dado aos teus colegas. No mais é fazer como foi explicado.

Após essa conversa, o menino agradeceu e prometeu seguir a orientação. No dia seguinte, conversei com o professor de Matemática e informei-lhe que havia orientado o jovem quanto a um método de estudo geral e aplicado à sua matéria, e que pedia que não houvesse nenhuma facilitação, porque eu desejava testar o método com a Matemática e o seu empenho. O professor falou-me com as seguintes palavras: “Dr. Zauza, esse aluno é um menino muito bonzinho, mas é muito burrinho.”

Eu respondi-lhe que estava tudo bem que o menino fosse burrinho, mas assim mesmo eu queria fazer a experiência.

No fim do mês vieram as sabatinas e o resultado é que o menino alcançou a nota oito. Nos meses seguintes obteve notas maiores. O professor não me falou nada. Ficou tudo como se nada houves-

se sido feito e falado.

No ano seguinte, fui cedido para o Instituto Sta. Luzia, escola em regime de internato para deficientes visuais e não tive mais contato com o jovem, embora tenha voltado ao Ginásio de Iniciação Agrícola para realizar um treinamento para um grupo de professores.

Passados alguns anos, não lembro quantos, um dia, quando eu passava em frente à Faculdade de Arquitetura da UFRGS, encontrei meu ex-orientado. Eu quis saber o que ele havia feito nesses anos. Foi então que me contou estar cursando Matemática na Faculdade de Filosofia e ao mesmo tempo Engenharia na mesma Universidade e que já estava se encaminhando para, tão logo concluísse a graduação nas duas Faculdades, especializar-se em Cálculo.

Foi nosso último encontro, mas senti-me feliz por ter conseguido ajudar um menino muito bonzinho, porém muito burrinho vir, a ser matemático e engenheiro.

(Getúlio Vargas Zauza é psicólogo-clínico e pertence à Academia Passo-Fundense de Letras.)

“A vida antes da vida”...

XIKO GARCIA

A vida já tem disputa
antes de ser iniciada,
é uma grande maratona
para nela ser chegada,
basta alguém ser o primeiro
pra que seja fecundada,
quem sobra morre aos milhões
em pleno leito da estrada,
é a primeira derrota
que tem que ser acatada...

Essa parada eu ganhei
das meninas e a piada,
com certeza essa turma
saiu mais atrasada,
como a vaga era só uma
cheguei antes na jogada,
isto me valeu a vida,
vida por muitos sonhada,
às vezes o sonho é tanto
que acaba virando em nada...

Ninguém recebe medalha
no final desta corrida,
espermatozoides sabem
que a disputa é concorrida,
essa turma toda corre
querendo chegar na vida,
não tem pódio nem troféu
e nem bandeira estendida,
os gêmeos provam que as honras
às vezes são divididas.

Destes milhões que partiram
fui eu quem chegou sozinho,
a vida nem sempre é rosas
mesmo sendo tem espinhos,
às vezes se tem dinheiro
falta paz, saúde ou carinho,
vivemos por algum tempo
sendo água ou sendo vinho,
todo o dia a gente parte
nem... fica-se no caminho...

Por isto hoje eu concluo
sou um grande maratonista,
tive a vida por troféu
nessa primeira conquista,
de algum modo Deus me disse
“vais enfrentar outras pistas.”
Atrás de mim corre a morte
ela é muito egoísta,
sabe que vence a todos
basta que o sujeito exista,
um dia vai me vencer
não creio que ela desista,
quando ela vem não pergunta
se é atleta ou cientista,
nem se o cara tem dinheiro
se é entusiasta ou pessimista,
por enquanto estou vencendo
ainda consto na lista,
e já é um grande prêmio
ser visto por vossas vistas...
pois a vida é uma arte
que faz da gente o artista...
Sei que sou nesse teatro
platéia e protagonista...

(Francisco Mello Garcia (Xiko Garcia) é compositor, poeta e escritor.
Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Foi ontem?

O ontem e o hoje se encontram no agora,
registrando parte da nossa história,
buscando incessantemente o AMANHÃ,
prosseguindo na bela, desafiadora
e fantástica jornada da Vida.

E na magia inexorável do tempo,
parece que o passado, o presente e o futuro se fundem.

Foi ontem???

Filas

Que vão e que vêm...
Duplas, triplas,
Pequenas, curvas,
Retilíneas...

Filas:
Seres que vão e que vêm...
Pensamentos, devaneios,
Esperanças.
Sonhos pequenos, majestosos,
Coloridos, encantadores.

Filas:
Encontros, conversas,
Silêncio, receios.
Abraços,
Olhares furtivos,
Confiança, desconfiança.

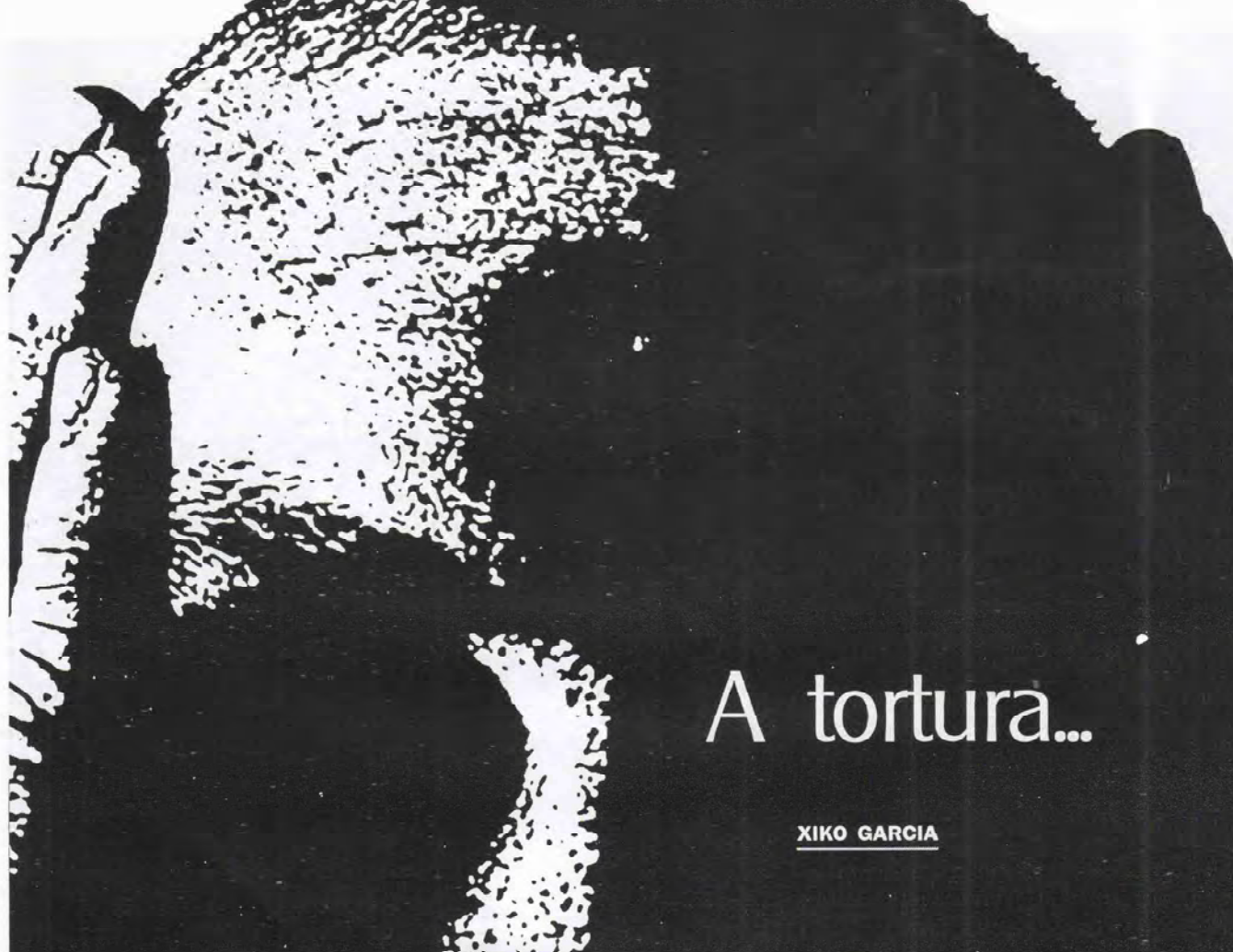
Filas:
Castelos, mansões,
Conforto,
Sabedoria, conhecimento,
Crescimento.

Filas:
Alimentos, subsistência,
Poder, sedução.

Filas:
Início, expectativa,
Ascensão,
Substituição.

Filas:
Recomeço,
amanhecer,
entardecer,
anoitecer.

Filas...
Que vão e que vêm...



A tortura...

XIKO GARCIA

Não venham me perguntar
O que vai ser nosso futuro,
Se pra viver o presente
Desde piá eu me torturo...

Sempre enfrentando inflação
Ganhar pouco e pagar juro,
Essa luz pelo que sobe
Muitos vão ficar no escuro...

A própria água que bebemos
Já tem cheiro e não é puro,
E todas dores que sinto
Com o que ganho não curo...

É imposto sobre imposto
No que como e escrituro,
Pra pagar os que legislam
O fiscal e o dedo duro...

Mais um bando de figuras
Que o emprego é obscuro,
É isso o que mais se encontra
Tem verde, podre e maduro...

Não venham me perguntar...

Ladrão tem de todo tipo
Não adianta fazer muro,
Meu carro já foi levado
Não me pagam o seguro...

Me socorri da justiça
Hoje sei o que depuro,
Leis que até me garantiam
Bem no fim todas têm furo.

Mandei um vizinho a Marte
Tem rabo e pensa que é suro,
A mulher só me enche aquilo,
Pra esvaziar fico em apuro...

Saco cheio dessa forma
Eu nem sei onde pinduro,
como pra tudo tem jeito
sempre é ele que eu procuro...

Não venham me perguntar...

Por ser parte dessa massa
Vejo, sofro e me amarguro,
Entre quem aceita isto
Sem querer eu me misturo...

O bom senso virou mau,
Como bom eu não censuro,
O respeito é um moribundo
Ou defunto prematuro...

Sem querer já sou um velho
Só nisso que não me apuro...
Por ver tudo andando assim
Já nem eu mesmo me aturo.

Como a idade tem um peso
Que pra sempre não seguro.
Antes que me dê um infarto,
Eu imploro peço e juro...

Não venham me perguntar
O que vai ser nosso futuro,
Se pra viver o presente
Desde piá eu me torturo...

(Francisco Mello Garcia (Xiko Garcia) é compositor, poeta e escritor. Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



A descendente de italianos faz doce de uva no tacho, no pátio de casa. O vapor adocicado emana pelos edifícios que cercam a já mofada casa de madeira. Seus descendentes comprarão doce de uva para recordar aquelas tardes em que, no início da vida, viam-na naquela labuta. Fazer doce de uva é para quem tem pátio no coração.

Que é um intelectual?



GILBERTO R. CUNHA

Não é o exercício de profissões (aparentemente) eruditas, nem o privilégio de usufruir de titulações acadêmicas elevadas (ou cargos), que asseguram a um indivíduo o grau de intelectual. Tampouco servem os estereótipos dos bancos escolares (óculos fundo de garrafa e ares de c.d.f.). E muito menos as definições dicionarizadas: “pessoa que tem gosto predominante ou inclinação pelas coisas do espírito, da inteligência”. Em tempos de criticismo à intelectualidade brasileira, cabe a indagação: afinal, que é um intelectual? Quem é esse raro espécime? Talvez só não menos raro que um *Oryx leucoryx* (antílope do deserto que inspirou o mito do unicórnio e que se tornou virtualmente extinto no começo dos anos 1960).

Não sou eu quem afirma, e sim Edgar Morin (em *Meus Demônios*), que um indivíduo só se torna um intelectual a partir do momento em que é capaz de tratar, de maneira não especializada e além do seu campo profissional restrito, por meio de ensaios (gênero híbrido entre filosofia, literatura, jornalismo e sociologia), textos em revistas ou artigos de opinião em jornais, dos problemas humanos, morais, filosóficos e políticos. Ou seja: os rótulos de “professor”, “pesquisador”, “sociólogo”, “cientista político”, “escritor”, “crítico literário”, “juiz de direito”, “procurador”, “advogado”, “médico”, etc., que costumam estar apensos aos nomes de pessoas, geral-

mente acompanhados de titulações acadêmicas adicionais, não dizem absolutamente nada quanto ao exercício da intelectualidade. Dizem meramente o que representam: o exercício de funções. Há que superar a profissão nas idéias, para alguém ser merecedor da designação de intelectual.

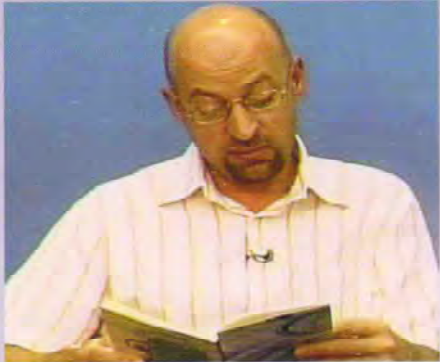
A missão do intelectual é trazer à tona reflexões sobre o mundo, a vida, o ser humano e a sociedade de modo geral. Servindo quase como uma espécie de consciência da humanidade (mas sem exageros). O seu principal papel é combater as forças que prejudicam a reflexão, a análise crítica dos fatos e levam ao erro. É a grande ameaça ao exercício da intelectualidade é a especialização, o tecnicismo e a profissionalização (também muito necessários), que não raro, quando fora dos seus domínios, grassam na cabeça de técnicos e cientistas não mais que idéias vazias e superficiais, em se tratando de pensar abstratamente a sociedade (especialmente no diagnóstico político). Mas, o pior de tudo é o espírito de corpo que costuma reinar absoluto no seio das disciplinas científicas, em que o especialista (ou pretensão) se julga proprietário do domínio (físico, técnico, ético e cultural), acreditando ocupar o centro do mundo, e passando a atacar aqueles que imagina como competidores, à semelhança do instinto territorial dos animais irracionais. Sintetiza assim o mito do perseguidor-perseguido.

Ninguém ignora que há também a casta dos intelectuais, cuja corporação, em nome do espírito de grupo, costuma

manifestar o seu próprio conformismo, defendendo idéias ou fatos que, em essência, podem não ser totalmente defensáveis. Existe neste caso uma competição não-confessa em busca da glória e do reconhecimento dos pares, uma espécie de obsessão pela admiração da crítica, que, a exemplo da seleção darwiniana, tende a reduzir a biodiversidade intelectual. Há ainda aqueles que, na dependência do sistema de produção cultural vigente, professam apenas idéias de consumo de massa. Ou os que se julgam o soberano juiz de todas as coisas, não prestando atenção nos discursos alheios ou sendo incapazes de ouvir um argumento sem deformá-lo, considerando ignorantes todos os que não possuem a sua cultura. Portanto, não se trata, de maneira alguma, de uma comunidade que esteja imune a críticas (e a erros também). Acima de tudo, porque é indiscutível que o erro é o risco permanente do conhecimento e do pensamento.

O grande dilema do homem é não empobrecer a autocrítica e saber evitar o egocentrismo intelectual. Eu, por exemplo, tenho muito claras minhas carências intelectuais. Como oriundo das ciências agrárias, nas quais, sem que muitos (e importantes atores) se dêem conta, triunfou (e insiste em persistir) o pensamento do paradigma científico positivista, cotidianamente, luto para “matar” Auguste Comte.

(Gilberto R. Cunha é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Realização:



Apoio:



Fundada em
7 de Abril de 1938

Av. Brasil Centro, 792
Sede Própria
Passo Fundo, RS



Literatura Local



CÂMARA DE VEREADORES
PASSO FUNDO - RS

Sexta e Domingo
canal 16 / Net

